

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO PROFISSIONAL EM REDE**  
**NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

**MARIA ISABEL ANDRADE DE ALMEIDA SANTOS**

**DIÁLOGOS ENTRE SABERES: CONECTANDO A REALIDADE DAS CASAS DE**  
**FARINHA AO ENSINO DE LITERATURA PARA REFLETIR SOBRE QUESTÕES**  
**AMBIENTAIS**

**MARIA ISABEL ANDRADE DE ALMEIDA SANTOS**

**DIÁLOGOS ENTRE SABERES: CONECTANDO A REALIDADE DAS CASAS DE  
FARINHA AO ENSINO DE LITERATURA PARA REFLETIR SOBRE QUESTÕES  
AMBIENTAIS**

**Discente:** Maria Isabel Andrade de Almeida Santos  
**Orientador:** Prof. Dr. Jaldemir Santana Batista  
Bezerra  
**Linha de Pesquisa:** Ambiente e Sociedade

**São Cristóvão – SE  
2026**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237d Santos, Maria Isabel Andrade de Almeida.  
Diálogos entre saberes: conectando a realidade das casas de farinha ao ensino de literatura para refletir sobre questões ambientais / Maria Isabel Andrade de Almeida Santos; orientador Jaldemir Santana Batista Bezerra. – São Cristóvão, SE, 2026.  
270 f.; il.

Dissertação (mestrado em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais) – Universidade Federal de Sergipe, 2026.

1. Educação ambiental. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3. Sabedoria. 4. Pedagogia crítica. 5. Cultura. I. Bezerra, Jaldemir Santana Batista, orient. II. Título.

CDU 502:37




PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. JOSÉ ALOÍSIO DE CAMPUS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS  
AMBIENTAIS (PROFCIAMB)




Ata da Sessão de Defesa de Dissertação de  
MARIA ISABEL ANDRADE DE ALMEIDA SANTOS

Ao vigésimo quinto dia do mês de fevereiro de dois mil e vinte e seis, com início às 09:15 horas, realizou-se na sala 08 - didática III, a sessão pública de defesa de dissertação da aluna Maria Isabel Andrade De Almeida Santos, sob o título: "DIÁLOGOS ENTRE SABERES: CONECTANDO A REALIDADE DAS CASAS DE FARINHA AO ENSINO DE LITERATURA PARA REFLETIR SOBRE QUESTÕES AMBIENTAIS", presidida pelo orientador da aluna, o Prof. Dr. Jaldemir Santana Batista Bezerra, que por sua vez passou à palavra a candidata para proceder à apresentação do seu trabalho. Logo após, a primeira examinadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elaine Ferreira Lima arguiu a candidata que teve igual período para a sua defesa. O mesmo aconteceu com a segunda examinadora, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosana De Oliveira Santos Batista, o fato se repetiu com a terceira examinadora, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Katinei Santos Costa. Em seguida, o Prof. Dr. Jaldemir Santana Batista Bezerra, orientador da aluna, teceu comentários sobre o trabalho apresentado. Encerrados os trabalhos, a banca examinadora retirou-se do recinto para deliberar. A mesma decidiu **APROVAR** o trabalho de dissertação, considerando que o mesmo atende aos requisitos da Instrução Normativa nº 01/2018 do PROFCIAMB/UFS. Nada mais havendo a tratar, eu, Jaldemir Santana Batista Bezerra, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada, será assinada por mim, pela banca examinadora e pela aluna.


Cidade Universitária "Prof. José Aloísio de Campos", 25 de fevereiro de 2026.

Documento assinado digitalmente  
 JALDEMIR SANTANA BATISTA BEZERRA  
Data: 25/02/2026 17:05:06-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof. Dr. Jaldemir Santana Batista Bezerra  
- Orientador/Presidente -

Documento assinado digitalmente  
 ELAINE RODRIGUES FERREIRA LIMA  
Data: 26/02/2026 17:09:20-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elaine Ferreira Lima  
-1º Examinadora Externa-

Documento assinado digitalmente  
 ROSANA DE OLIVEIRA SANTOS BATISTA  
Data: 26/02/2026 16:41:58-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosana de Oliveira Santos Batista  
-1º Examinadora Interna-

Documento assinado digitalmente  
 KATINEI SANTOS COSTA  
Data: 26/02/2026 16:55:19-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Katinei Santos Costa  
- 2º Examinadora Interna -

Documento assinado digitalmente  
 MARIA ISABEL ANDRADE DE ALMEIDA SANTOS  
Data: 25/02/2026 18:22:09-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Maria Isabel Andrade De Almeida Santos  
-Discente-

## RESUMO

A conexão entre os saberes é uma fonte valiosa de reflexão pedagógica para pensar situações complexas, como as questões ambientais. Diante da relevância de formar cidadãos conscientes e comprometidos com o outro, com o cosmo e com a realidade que os cerca, este trabalho traz em seu bojo a seguinte questão problema: Como os estudantes do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro puderam reconhecer suas identidades com valorização de suas raízes a partir da observação do cotidiano das casas de farinha e de seu diálogo com ensino de Literatura? Para cogitar acerca dessa questão, o projeto propôs analisar como a observação da realidade dos trabalhadores da casa de farinha e a conexão com o ensino de Literatura podem atuar como potencial pedagógico na formação da identidade e na consciência ambiental dos estudantes do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro, no município de São Domingos/SE. A abordagem valorizou os saberes regionais e buscou integrar cultura, território e meio ambiente a partir das casas de farinha, já que elas são marcos vivos da história, da cultura e da economia local e constituem um ponto de partida privilegiado para que os estudantes reconhecessem, nas práticas cotidianas do seu território, o entrelaçamento entre literatura, identidade e meio ambiente. Este estudo utilizou uma abordagem metodológica qualitativa, centrada no método ativo com foco na pedagogia de problematização que prima pela eficácia do processo de ensino-aprendizagem. Para esse intuito, foi realizada uma observação da realidade dos trabalhadores de uma casa de farinha do município em questão, bem como uma análise dialógica dessa realidade com o conteúdo de obras literárias pelos discentes da referida instituição. Essa proposta buscou proporcionar uma compreensão mais profunda da situação e promover uma reflexão crítica sobre a realidade local. Além disso, refletiu-se sobre como a vivência dos trabalhadores da casa de farinha pode dialogar com a literatura e como o fazer pedagógico, centrado em leituras de obras regionalistas (poesia e prosa), pode incentivar os estudantes a mergulharem no universo literário por meio de dramatizações, declamação de poemas de sua própria autoria, dança, monólogos e seminários, promovendo aprendizagem significativa e a formação de agentes transformadores da sua realidade. Espera-se que este estudo contribua para uma melhor compreensão de como a observação da realidade local e o diálogo com o ensino de literatura podem ser utilizados quer como método pedagógico para análise das questões socioambientais, quer como subsídios para a elaboração de estratégias de ensino mais eficazes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Educação Ambiental; Ensino de Literatura; Casas de Farinha.

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>27</b>
<b>2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>35</b>
2.1 A Tríade Linguagem-Identidade-Cultura na Formação do Sujeito à Luz da Obra Vidas Secas .....	35
2.2 Por Uma Educação Para Além do Capital: Interstícios Entre “Os Corumbas” e os Imaginários Sociais das Casas De Farinha de São Domingos - SE.....	43
2.3 Literatura E Educação: Diálogos Transdisciplinares em Saberes Ambientais.....	54
2.4 Saberes E Fazeres Pedagógicos: Lugar da Manifestação do Ser Autopoiético .....	61
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>66</b>
3.1 Observação da Realidade.....	66
3.2 Diálogos em Construção: entre Registros e Vivências .....	72
3.3 Pontos-chave .....	77
3.4 Teorização .....	78
3.5 Hipóteses de Solução .....	79
3.6 Aplicação à Realidade.....	80
3.7 Procedimentos Éticos e Legais da Pesquisa.....	82
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>83</b>
4.1 Considerações Referentes ao Campo.....	85
4.2 Ressignificando olhares e ambientes: cartografias dos sujeitos e percursos da leitura do Ser(tão).....	89
4.3 Interstícios da Aprendizagem em Movimento: a leitura como potencial da revelação da vida.....	104
<b>5 PRODUTO EDUCACIONAL .....</b>	<b>121</b>
5.1 Produto Educacional 01: Livro .....	122
5.2 Produto Educacional 02: Vídeo-Documentário .....	126
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>128</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICE 01: EXTENSÃO DA PESQUISA .....</b>	<b>137</b>
<b>APÊNDICE 02: ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....</b>	<b>150</b>
<b>APÊNDICE 03: REGISTROS FOTOGRÁFICOS DO SARAU LITERÁRIO.....</b>	<b>151</b>
<b>APÊNDICE 04: ESTADO DA ARTE.....</b>	<b>154</b>
<b>APÊNDICE 05: RELATÓRIO DOS SEMINÁRIOS.....</b>	<b>160</b>

<b>ANEXO 01: PRODUTO DA DISSERTAÇÃO .....</b>	<b>164</b>
<b>ANEXO 02: PARECER DO CEP .....</b>	<b>165</b>

## APRESENTAÇÃO

### **Caminho Etnográfico: Eucasafarinha, Euleitura, Euprofessoradeliteratura<sup>1</sup>**

Pelos idos de minha tenra infância, lembro-me de meu pai, todas as manhãs chamando-nos, a mim e aos meus irmãos para juntos, tecermos a teia da vida, ajudando nos trabalhos e nas atividades manuais da feitura da farinha de mandioca. Tudo começa na roça que não ficava aos redores de minha casa. Era localizada no povoado Periperi no município de São Domingos/SE, onde o vento, os pássaros, as árvores frutíferas (jaqueira, coqueiro e os pés-de-dicuri) dividiam espaço com o plantio da mandioca. A ida para lá se configurava em um momento de descontração, pois íamos, às vezes, em uma carroça ou sobre o lombo de um cavalo. Tudo era muito divertido.

No caminho, os galopes do cavalo nos levavam às alturas. Parecia que éramos personagens daqueles desenhos animados “*Peterpan*”. Respirávamos aventura e inalávamos o ar puro, vislumbrávamos o verde da estrada entre as subidas e descidas que tínhamos que atravessar para chegarmos ao tão esperado destino, à malhada do Periperi.

Ao chegarmos lá, meu pai convidávamos para encher os cestos de mandioca e colocá-los na carroça de burro. Antes, porém, tínhamos um momento de descanso às sombras da jaqueira. Aquela árvore frondosa parecia nos acariciar e nos abraçar com seus galhos que lambiam o chão e nos convidava para subir em seu tronco e nos divertir em meio às folhagens verdes. De repente, a voz de meu pai! Era o convite para o retorno. O sol já não estava ameno. O calor, a poeira da estrada, os passos firmes e a voz imponente de meu pai para guiar o burro que se esforçava para transportar toda aquela carga sobre seu lombo. Mesmo assim, estava disposto a enfrentar aquela longa estrada entrecortada pelas várias roças paralelas à rodagem de barro avermelhado.

Enquanto isso nos divertíamos em cima da carroça cheia de mandioca. Tudo era motivo de alegria: o vai-e-vem da carroça em meio aos buracos da estrada de barro, as brincadeiras de meus irmãos buscando acertar se o burro daria conta de subir a ladeira “do taboca” ou se tínhamos que descer. Era uma festa todos aqueles momentos. Por vezes, ouvíamos o instalar da correia de couro no lombo do burro. As mãos de meu pai marcadas pela idade, pelo sol e pelo trabalho duro seguravam aquele instrumento disciplinador. O pobre animal, em meio aos gritos

---

<sup>1</sup> A fim de que as subjetividades e as territorialidades da pesquisadora entrassem em cena, fez-se necessário que os relatos etnográficos fossem inscritos em 1ª pessoa, já que se pretendem reveladores das mais profundas memórias do seu deixar-se Ser.

e ao instalar da correia parecia receber uma carga de energia. Inflava o peito, ganhava fôlego para continuar a sofrida caminhada. Para nós, essa ocasião era apenas diversão.

Pobre burro, enquanto labutava com o peso da carga, parecíamos seus algozes, pois ríamos de tudo: do seu galope cansado, do ringido da carroça em meio aos buracos da estrada de chão, dos gritos de meu pai para apressar os passos daquele pobre animal de carga, subindo aquela ladeira que parecia interminável. E nós? De cima da carroça, contemplávamos as áreas verdes de pastos que se avizinhavam à casa de farinha de meu pai. Estava breve a chegada.

A subida íngreme. O esforço do burro. A voz nervosa de meu pai aos gritos ressoava insistente. Era como se temesse que aquele animal não concentrasse todas as suas forças para lançá-las naquela subida derradeira, antes da chegada ao destino – a casa de farinha, lugar do meu outrora, de meu aconchego primeiro e de minha tenra realização. Onde minhas memórias proféticas foram testemunhadas pelas mandiocas.

Enfim, a chegada! Para o burro, alívio. Para meus irmãos, desencanto, pois ao descerem da carroça, literalmente, teriam que colocar as mãos na massa. Fazer o descarrego de toda mandioca. Colocá-las em seu destino derradeiro antes de se transformar em farinha. Para mim, ah... para mim, começaria o segundo momento da festa! Sabia que depois que elas, as mandiocas, fossem armazenadas e arrumadas naquele espaço próximo da porta de entrada que ficava na direção do banco do motor, onde seriam raladas, e de frente para o forno de barro, para se transformar em alimento, seriam minhas companheiras, espectadoras íntimas de meus desejos.

Todas as memórias estão muito vivas em meu ser: o instalar da faca das raspadeiras, o carregar dos cestos para levá-las para a ralagem e o escorrer daquela massa molhada para ser colocada na prensa manual. Enquanto tudo isso acontecia, meu pai do lado de fora da casa de farinha que ficara para o sol poente, preparava a lenha que aqueceria o forno para torrar a farinha.

Ficava observando tudo: como cada pedaço de pau seco era colocado naquele orifício aberto. De repente, a fumaça emergia de súbito daquele espaço e a chama avermelhada ganhava vida. Era o forno à lenha, o responsável por transformar a massa fria em farinha quentinha. Ele ficara mais reluzente à medida que a luz do sol insistia em bater na parede de tijolos. Um artesanato incrível se realizara, sob os meus olhos.

Todos esses espaços permanecem vivos dentro das minhas memórias afetivas. Para Tuan (1977), eles são lugares onde experiências, histórias e valores adquirem significado à medida que o convívio é celebrado entre os trabalhadores da casa de farinha. A intimidade que atravessa

esses locais de convivência faz com que as lembranças da minha infância se desenhem, ganhando vida e cor por meio da linguagem metalinguística de meu ser.

Porém, o que mais me deixava entusiasmada era a chegada daquela carroçada de mandioca, porque aumentara meu desejo de se revestir da professora. Isso acontecia, quase sempre às segundas-feiras à tarde. Gostava de vislumbrar aquelas mandiocas juntas por dois motivos: primeiro porque, durante muitas tardes, foram minhas companheiras do processo de ensino-aprendizagem. Como estudava pela manhã, a casa de farinha era, também, um dos meus locais preferidos para construir conhecimento.

Os ensinamentos que recebia na escola eram todos grafados com carvão ou com sobras do giz nas paredes, que ficavam ao lado do forno de barro, daquela casa de farinha. Confesso que trazia o giz, às vezes, sem permissão (como era frequente, alguns dias passava na direção e informava a diretora que estava levando as sobras do giz). Apesar de ser sobras, recebia orientações em casa de que não deveria pegar nada de ninguém (nem que fosse as sobras do giz de uma sala de aula que seria jogado no lixo) mas, para mim, tinha um valor inenarrável. Trazia-o em minha mochilinha de plástico como se carregasse um troféu.

Como vinha a pé, mal via a hora de chegar a casa para senti-lo em minhas mãos e vê-lo se transformando em letras nas paredes da casa de farinha. Elas eram rebocadas, mas não eram pintadas. Por isso, tanto o carvão quanto os pedacinhos de giz, para minha tristeza, logo chegavam ao fim. Contudo, a alegria daquela menina de repetir em alto e bom tom tudo que ouvira da professora Aparecida, era muito maior: lecionar para as mandiocas. Elas foram “testemunhas oculares”, “espectadoras” de um sonho que se transformara em desejo e hoje aquela menina, como uma flor desabrochou.

Meu pai mal sabia que aquela menina, aquela casa de farinha e aquelas mandiocas, principalmente, elas, foram metáforas de uma realidade, paulatinamente, modificada pelo chão de uma sala de aula que tivera como extensão a casa de farinha, do povoado Gameleira, carinhosamente, o qual chamo “Taboca”. Mal sabia que todos esses acontecimentos, um dia saltaria da memória e passaria a fazer parte dos inscritos que contemplam uma outra felicidade: a de reviver e eternizar in memoriam o responsável pela construção de uma vida alicerçada em valores que se traduzem em plenitude e abundância.

Assim como as borboletas, na incerteza do tempo e do espaço e todos os acasos a que estão sujeitas, passam por seu processo de metamorfose, alçam voos para garantir sua sobrevivência Almeida (2012), também, a menina, filha de pais analfabetos, quebrou paradigmas, transformou-se em uma professora apaixonada por seu ofício. Uma mulher que encara sua profissão como missão de uma vida que vale a pena ser vivida, mesmo que as

dificuldades da vida insistam em perseverar no barco de sua existência. Por isso, foi além e, hoje, está em uma Universidade Pública Federal na Defesa de seu Mestrado.

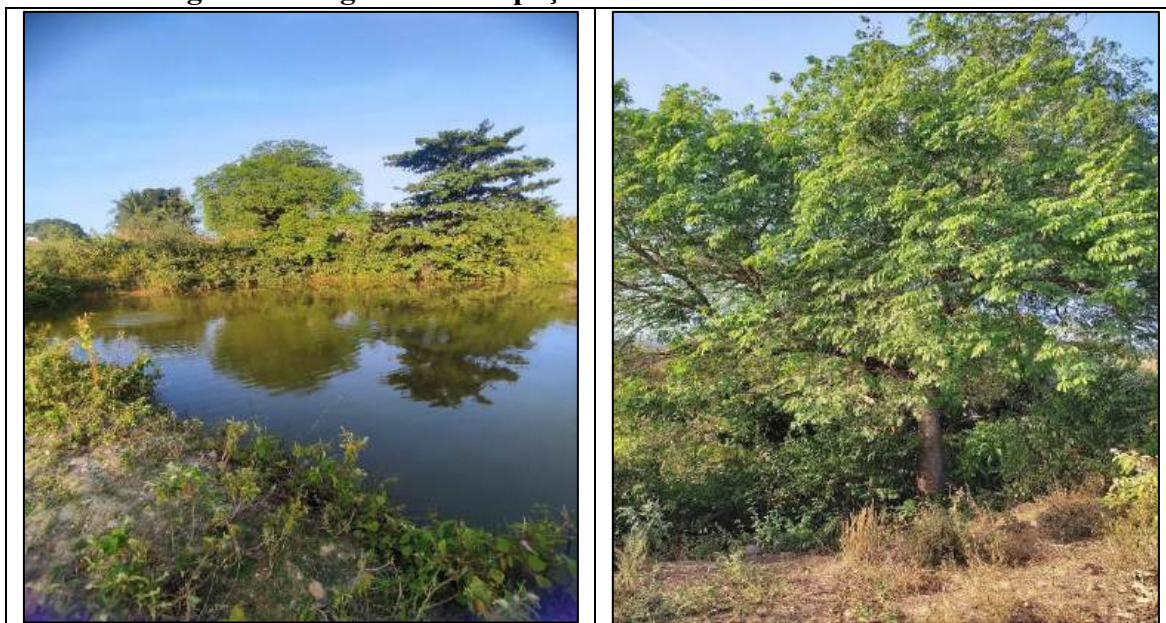
Em segundo lugar, apesar de ser ainda uma criança, sempre gostei de estar no meio das pessoas de mais idade. Vem a minha memória as vozes de dona Conceição (uma senhorinha que trabalhava raspando mandioca), pedindo para que eu tivesse cuidado com a faca para não me ferir. Participar daquele momento foi para mim, construção de vida e aprendizado que se reverberou até o presente momento.

Ouvi as conversas das mulheres raspadeiras de mandioca, ao tempo em que ajudava a levar a mandioca descascada para ser ralada, também admirava aquele processo de transformação da mandioca em uma massa molhada e macia que ao sair do motor, era depositada em coxos, para depois ser imprensada e, em seguida, ralada e colocada para torrar no forno à lenha. O trabalho de transformar a mandioca em farinha era artesanal. Todas as cenas me encantavam.

Pois bem, os espaços que rodeavam o forno eram os lugares preferidos para que pudesse externar todos os sonhos, junto a elas. Meu espaço contemplativo da construção do saber, pois ao ficar em uma posição privilegiada, já que as laterais do forno ficavam, aproximadamente, a um metro de altura do chão, possibilitava-me ficar ali, nas alturas de minha realização. Ao contemplar essas lembranças afetivas, percebo o quanto minha infância foi repleta de aprendizados.

Nosso amanhecer, antes de irmos à escola, iniciava na casa de farinha. Nossa casa de farinha era um lugar de realizações de sonhos. Para mim, um ambiente mágico. Apesar de ser pequena, era aconchegante. Lá, além dos trabalhadores, havia todos os instrumentos necessários para a feitura da farinha: motor para ralar a mandioca, a prensa para enxugar a massa ralada, o forno para torá-la e transformá-la em farinha e a peneira para, enfim, deixá-la pronta para o consumo.

Aquela casa de farinha foi construída em um lugar estratégico: a frente voltada para a estrada que dava acesso à São Domingos (de seu lado direito) e à cidade de Campo do Brito (do esquerdo). À esquerda, ficava também a casa onde morávamos. Entre elas, o quintal das galinhas, que se encarregavam de anunciar para nós o amanhecer que insistia em derramar os raios de sol nas folhas das árvores que ficavam ao redor de nossa casa. À direita, além do espaço dedicado à criação de gado, estava um riacho de água minante, onde bananeiras, goiabeiras, pitombeira e pés de bambu contribuíam para tornar nossa infância ainda mais fantástica. Esse espaço, apesar de algumas modificações, ainda permanece jorrando vida. Como se pode constatar por meio das fotos.

**Imagem 01: Registros do Espaço onde minha infância se fazia abundante**

**Fonte:** autoria própria, 2025.

Aquele minante corria para um lago que ficava a poucos metros da nascente. Suas águas eram tão límpidas que conseguíamos ver nosso reflexo. Elas nos convidavam a mergulhar e sentir aquela água fria lavar não só o corpo, mas também a alma. Saíamos dali energizados. Era uma festa! Pena durar pouco! Nosso pai, logo nos chamava para a lida da casa de farinha: uns colocariam a mandioca para ralar, outros iriam pegar lenha para ajudar acender o fogo do forno que torraria a farinha. Enquanto fazíamos essa dinâmica, as mulheres cuidavam de raspar a mandioca para dar celeridade ao processo.

Geograficamente, a casa de farinha era localizada em Gameleira, povoado do município de Campo do Brito/SE, situado a aproximadamente 10 km da sede da cidade, destaca-se pela sua tranquilidade e pelo ambiente rural típico do interior sergipano. A região é caracterizada por suas paisagens naturais, com vegetação típica da caatinga, que se mistura com áreas de cultivo agrícola, sobretudo, da cultura de subsistência (feijão, milho, amendoim e, é claro, da manaíba que dá origem à mandioca).

Essa cultura de subsistência atravessara gerações. Por isso, ir à roça com nosso pai se configurava em lançar mão de algo muito maior: a preservação de nossa cultura, de nossa identidade, nossas territorialidades e subjetividades. O mundo inteiro dentro daquele pequeno espaço onde se alicerçava e se delineava a construção natural de nossa vida. Uma construção que se dera no contato com a natureza que não fora corrompida pela tecnização da qual fala Milton Santos (1994). Afinal, aos seus olhos (de meu pai), a cultura deveria ser transmitida e nossas territorialidades deveriam ser preservadas.

Mal sabia que os ensinamentos de um homem que nunca frequentara os bancos de uma escola dialogavam com o que afirma Bauman (2012) quando reitera que a cultura se estabelece no encontro do humano (de suas subjetividades) com o mundo onde está inserido. Por isso seu caráter subjetivo, já que se propõe independente de suas objetividades, ultrapassa o viés individualista e desemboca na representação da práxis humana, envolta às circunstâncias sociais.

**Imagem 02:** Foto do meu pai



**Fonte:** autoria própria, 2025.

A feitura da farinha se dava sob a coordenação de meu pai aos trabalhadores que o ajudava em todo processo artesanal. Esse conhecimento considerado para Almeida (2010), como tradicional, apesar de ser visto como inferior, ainda é considerado como funcional para as populações humanas, já que tem como referência os saberes advindos de gerações passadas. Contudo, ainda segundo a autora, o ponto da maturidade e do diálogo que faz crescer e transformar o meio social seja por meio da ciência seja por meio do conhecimento tradicional, encontra-se no entendimento de que ambos partem de lugares diferentes, mas com objetivos que se entrelaçam: servir à população que o busca.

Meu pai não era alfabetizado, mas sua sabedoria transcendia o universo letrado. Lembro-me, exatamente, quando pedia minha ajuda para peneirar a farinha que saía do forno, já que a tecnologia ainda não chegara ao campo. Essa memória, mesmo que há muito anos, é latente em meu ser, pois aquela ação não se configurava em trabalho, mas em um momento de transformação em mão dupla: a mandioca que há pouco era extraída do solo, agora se transformara em alimento e sustento da minha família e de tantas outras que trabalhavam na casa de farinha artesanal de meu pai. Depois desse processo era ensacada e levada para ser comercializada tanto na feira de Itabaiana que fica a uns 23 km de nossa localidade, quanto na Capital do Estado Aracaju, um pouco mais de 80Km de distância.

Foi nesse cenário que cresci. Além da casa de farinha, também elegi um lugar preferido para apreciar as leituras que gostava de realizar: a mangueira que ainda hoje se encontra no mesmo lugar, porém, robusta, adulta, assim como a garota que fazia de seus galhos lugar de reinvenção. Como afirma Cecília Meireles: “a vida só é possível sendo reinventada”. mesmo sem saber, ao subir naquela mangueira, parecia transcender todos os obstáculos que estavam por vir: a passagem de meu pai e as muitas vozes que insistiam em dizer que filho órfão deve trabalhar para ajudar nas despesas.

Mas não me intimidei. Não deixei aquelas vozes me roubarem de mim. Ao subir na mangueira, adentrara ao seu universo acolhedor. Era como se me abraçasse. Sentia-me segura. Éramos íntimas, amicíssimas. Era sobre seus galhos, em meio às folhagens, o meu lugar preferido, desta vez, para estudar, para compreender e para discernir as muitas vozes (dos vizinhos e dos parentes mais próximos, dizendo que não deveria estudar) que rodeavam meu imaginário. O meu ser cultural Leff (2016). Aqui, acreditava que ouviria a voz de meu pai dizendo que deveria estudar para ser gente! Isso, ser Gente!! Por isso teria que transcender, reinventar-me.

Ser gente. Ideal simbólico proferido por meu pai. Um homem de 1m80cm de altura, de pele morena, cabelos castanhos, de olhar muito decidido, passos firmes. Pai de 12 filhos (8 filhos da 1ª mulher que faleceu; e 4 da minha mãe). Trabalhador, honesto, hospitaleiro, gostava muito de ajudar e de acolher as pessoas.

Era um ser humano incrível. Não media esforços para ajudar as pessoas que dele precisassem. Dono de um coração gigante. Nossa casa parecia uma pensão. Ainda era uma garota, mas me lembro como se fosse hoje. Todas às quartas-feiras, ele ia à Itabaiana (cidade do agreste sergipano que fica à 22 km do povoado) comprava peixe, charque, feto de boi, entre outras coisas para alimentar muitos pedintes que vinham da cidade de Lagarto/SE. Muitos deles dormiam na casa de farinha, mas Dudu, uma criança mais ou menos de minha idade, dormia na cama comigo.

Ele me ensinou que não devemos fazer acepção de pessoas e que o dia de amanhã é mistério, por isso devemos ser Gente que cuida de gente, independente de quem seja. As pessoas o chamavam por Jovino do Taboca. Esse lado da humanidade de meu pai, para mim, é o retrato da transcendência que faz o bem sem olhar a quem. Sua sensibilidade, seu olhar atento para perceber as necessidades do outro, levou-me a ter e ser grata por tudo que o TUDO permitiu viver e aprender com ele os valores de uma existência plena. Vivi ao seu lado 14 anos, mas o suficiente para que as sementes lançadas no terreno de meu coração, enraizassem e se tornassem árvores frondosas e frutíferas.

Sua voz, enfaticamente, ressoa até hoje em minhas memórias fatigadas que não pretendem como sugeri Carlos Drummond de Andrade “cantar um mundo caduco, nem um futuro”, apenas reiterar o quanto me faz bem recordar um fragmento de um tempo imprescindível para construção de meu edifício humano. Meu pai, um homem que não conheceu o mundo acadêmico, mas era dotado de valores humanos, sensibilidade e sabedoria essenciais para que seus imaginários sociais alicerçassem os pilares para ser quem sou. Ele havia atravessado em uma manhã de sábado.

Parafrazeando Drummond sua passagem, trouxe-me a prefiguração de que “no meio do caminho tinha uma pedra”. De fato, algumas pedras se fizeram presentes insistentemente, a saber: sua voz calou-se, o amanhecer já não tinha o mesmo brilho, o cantar dos galos que teciam o amanhecer já não era como antes. A dor e a saudade fizeram morada na casa apertada de meu coração que já não pulsava como outrora. Mas, no fundo, uma esperança me impulsionava: olhar para o alto e buscar forças dentro de mim. Sua voz ecoava “nasceu para ser Gente!” Para tal, precisaria ressignificar o momento. Daí mais uma vez Cecília Meireles vem à tona “Mas a vida, a vida, a vida, a vida só é possível reinventada”. Aprender a conviver com as dificuldades e entender que os desafios contribuem para que o recomeço aconteça.

Depois de sua travessia, subir na mangueira e estudar era a certeza de que o futuro que parecia perigoso, não tinha nenhum poder sobre mim, mesmo que a própria razão de estar vivo se configurasse em perigo, como reitera João Guimarães Rosa em Grande Sertão: Veredas “viver é perigoso”. Porém, a contemplação da natureza vista de cima daquela mangueira retirava as algemas da perda e da angústia, libertava-me de toda peia. Aquela manhã meio cinza do dia 15 de dezembro, o dia de sua eternidade, deixou para mim, apesar da dor, que ser Gente, é aprender a superar a noite escura e contemplar a vida que brota da experiência e das memórias trazidas pelo nascer e renascer das manhãs: acordar para ser Gente!

**Imagem 03: Revivendo minhas memórias**



**Fonte:** autoria própria, 2025.

Apesar da ausência física de quem me protegia, de quem me fazia mergulhar para águas mais profundas, a sua voz se transfigurava à época e se transfigura em meus dias em força e alento. Hoje, percebo o quanto sua travessia se presentifica por meio do mergulhar dentro de meu ser cultural e me faz enxergar que a presença física é a mais insignificante das presenças, pois todos os valores que me ensinou representam a abundância e a plenitude da existência humana que se realizam em mim em cada amanhecer. Por isso, os versos de Drummond, mais uma vez, por meio de seu eu lírico ratifica que devo seguir “de mãos dadas com o tempo presente e a vida presente”, buscando nas lembranças afetivas todas as experiências que me impulsionam para viver a plenitude que outrora recebera da vida simples e abundante.

**Imagem 04: Euprofessoradeliteratura: entrelinhas da subjetividade**



**Fonte:** autoria própria, 2025

Esses registros evidenciam a paixão do fazer pedagógico que transborda as paredes de uma sala de aula e vai ao encontro do poder transformador que a leitura tem, contribuindo para que professores e alunos se unam, se compreendam e se encantem com o mundo mágico da arte. Isso porque a educação é espaço/ ambiente/lugar de transformação. Entre o objetivo, o subjetivo e o abstrato o delinear da vida acontece via leitura de mundos, a começar pelo nosso.

Segue um poema de minha autoria, “Euprofessoradeliteratura” escrita para abertura do Sarau Literário: “A arte que Movimenta a vida”.

Diante dessas memórias, parafraseio Padre Antônio Vieira quando diz que o tempo é o senhor da vida: tudo cura. Tudo suporta. Tudo destrói e tudo realiza. De fato, ele tinha razão. O tempo em minha vida é atemporal. Lá na minha infância, aquela mangueira, o ambiente natural, o cantar dos pássaros, a brisa leve, as vozes de minha mãe a me chamar. Tudo! Exatamente, tudo! convergiu para que depois de tantos janeiros estivesse aqui sendo uma quebra de paradigma. Uma professora de Língua Portuguesa apaixonada por seu ofício que transborda as subjetividades e as territorialidades de um tempo que se eternizou na vida e nas entrelinhas de seu ser.

### **Cordel Literário**

Estudante caminheiro,  
o caminho se faz caminhando  
Estudar em meio a esse mundão  
Estudar em meio a esse sertão  
Não é tarefa fácil não.

Mas, ouvi dizer que a leitura  
É o meio pelo qual se interpreta  
Os Signos do mundo!  
E que no sertão, a leitura  
É caminho para redenção.

Estudante caminheiro,  
o caminho se faz caminhando  
Deixe agora que lhe diga  
Que a leitura é o meio  
Para se transformar a vida.

Vamos gritar aos quatro ventos:  
Que a leitura lida  
Traz sentimento, emoção  
E ressuscita a vida...

Estudante caminheiro,  
o caminho se faz caminhando  
A leitura lida  
Transforma ambientes  
Molda espaços  
E dá brilho à vida.

Estudante caminheiro,  
o caminho se faz caminhando  
Seja no sertão ou na cidade  
Mas, como a arte é espetáculo vivo da vida  
Viva o Sarau Literário!  
Lugar da arte e de revelação da vida...

**Fonte:** autoria própria, 2025

Esses versos reverberam o quanto a leitura transformou meu ser professora, meu ser pessoa humana, deixe-me Ser. Todos os momentos que trago vivos em minhas memórias são sementes lançadas no terreno fértil da minha infância e adolescência por meio das leituras realizadas e do contato com o meio físico. Por isso, acredito no fazer pedagógico que valoriza a leitura, a produção, a expressão e o contato com o meio físico e social. O transitar por essas realidades cria sensações e significados que se eternizam na existência.

Para Bartoly (2012) transitar entre o objetivo (a mangueira e o ambiente natural), o subjetivo (as sensações, memórias e lembranças relacionadas ao espaço geográfico) e o abstrato (os significados que se dá ao lugar) contribuíram para que minha infância se organizasse e se ressignificasse mediante uma perspectiva geográfica de um ambiente tanto físico e material, quanto cheio de memórias afetivas e subjetividades de um tempo marcado pelas cartografias da geografia humanística e da crítica. Em mim, ambas se eternizam na localização de minhas territorialidades.

Aquela menina que ensinava mandiocas, estudava em cima da mangueira e filha de pais analfabetos não se deixou abater pelas vozes que diziam que filhos de pais não letrados deveriam apenas casar, cuidar da casa e ter filhos. Pois bem... Casei, tive filhos, estudei e aqui estou: fruto da quebra de um paradigma familiar. Deixei-me ser.

Compreendi que a vida, conforme nossas atitudes e decisões se encarrega de colocar cada coisa em seu devido lugar. É claro que não é fácil. Conforme Guimarães Rosa, “é preciso ter coragem”. Carece de esforço, de resiliência, de determinação. Segundo Drummond em seu poema Receita de Ano Novo, “é dentro de você que o Ano Novo cochila e espera desde sempre”. Para mim, o ano novo se transfigurava a cada dia, quando em meio às realidades contraditórias, sentia que deveria reorganizar os espaços subjetivos do meu lugar, do meu ser.

Todas as vezes que sentia falta do seu aconchego, o *Ano-Novo* renascia em mim, metaforicamente, por meio da lembrança: “acorda, levanta para ser gente”. E assim a vida foi me ensinando a viver, sentindo a ausência de sua presença física, mas sua sensibilidade, amor, compaixão e solidariedade vivem em mim de forma tão intrínseca e intensa que se transfiguram na mais infinita leveza que inspira paz. A paz que não está ausente de problemas, mas que, como o cacto, floresce mesmo em meio aos ventos fortes que sopram do Leste. A imagem seguinte demonstra meu florescer, mesmo em meio a dor de sua ausência, inspirando-me a ser cheia de vida: segue a imagem que expressa a força insistente do cacto que, de certa forma, inspirou-me a resistir a todos os ventos fortes, pois meu pai me ensinou que, assim como cacto, devemos crescer para baixo.

### Imagem 06: Florescer



Fonte: autoria própria, 2025.

### Sentindo a casa de farinha em seu fazer cultural

Antes que o sol estenda seus raios dourados sobre as estradas de terra empoeirada, ouve-se os passos firmes e determinados das raspadeiras de mandioca indo à casa de farinha. Juntas testemunham o sol nascente que aquece a vida ao tempo em que faz cair o orvalho, mesmo que tímido, beirando as folhas das árvores daquele espaço, onde a tradição se faz voz. Um lugar de encontro de diversos olhares, rostos, idades e histórias que se unem em prol de um mesmo objetivo: produzir farinha de mandioca de qualidade e de forma artesanal.

Um lugar onde as mãos se entrelaçam, onde os trabalhadores seguem de mãos dadas para tecer o fio da existência, que alimentam gerações e nutrem a esperança, como sugere Carlos Drummond de Andrade. Um espaço onde se vive a tradição artesanal da farinha de mandioca e a cultura com os anseios e desejos de uma comunidade que perpetua no agora da vida, a dinâmica do cuidado e do amor que se unem nesse fazer cultural.

Aspecto corroborativo com o que sugere Leff (2016, p.340), ao salientar que “[...] Os imaginários são mundos de vida produzidos e instaurados pela vida das pessoas em seu "fazer-se o mundo" um mundo a partir de si e para si anterior a objetivação do mundo [...]”. Na visão de Carlos (2017), esse lugar é o espaço vivido e sentido, é o palco para as experiências cotidianas em que se entrelaçam a produção da vida e da existência dos seres humanos.

Daí a casa de farinha ser um lugar de suma importância para a comunidade rural. Neste texto, descrevo minha visita à casa de farinha e analiso as práticas socioculturais, socioambientais e socioeconômicas envolvidas em sua produção. Além disso, busco salientar como vão se habituando aos processos de modernização que historicamente vem dissolvendo as marcas do ser cultural e de sua ancestralidade, mas também mostro que, pela via dos

processos coletivos desses imaginários, emergem a força, a potencialidade e a resistência que brotam da compreensão de seus modos de vida e de sobrevivência em prol da reconstrução de mundos sustentáveis de vida e dos modos de vida de ser e estar no mundo

O processo de arrancar mandioca é um trabalho que exige força, habilidade e paciência. A mandioca é arrancada, com um movimento suave, revelando seu tesouro, escondido na terra quente. As mãos fortes e calejadas dos trabalhadores que antes da aurora preparam o fio da vida, com resiliência, agarram a terra, em busca da raiz que se esconde, preciosa e secreta. Geralmente, esse trabalho é realizado pelos homens, enquanto as mulheres esperam as companheiras do ofício da vida (as mandiocas) para começarem a desenhar a raiz pura da existência na casa de farinha.

A casa de farinha visitada está localizada em uma área rural, no povoado Mulungu que fica a cerca de 2Km da cidade de São Domingos/SE. Em seus arredores, a plantação de mandioca já havia sido arrancada e se transformado em farinha. Além de seu plantio, observou-se que tanto a criação de gado quanto as árvores frutíferas como mangueira, cajueiro, coqueiros, entre outras, fazem parte dos arredores daquele espaço de trabalho artesanal, o que contribui para tornar o ambiente vivo e alegre.

#### Registros da visita à casa de farinha



Fonte: autoria própria, 2025.

O local é simples e acolhedor, onde as várias histórias, principalmente, das mulheres se entrelaçam com o som do motor que transforma as mandiocas em uma massa macia, molhada e amarelada. Além disso, outro aspecto de encher os olhos foi perceber o desenrolar de todo aquele processo harmonioso entre seres animados e inanimados. As conversas e gargalhadas dos humanos em sintonia com o som das máquinas que ralam a mandioca e o desenrolar do som do forno que, teimosamente, insiste em girar como em calhas de roda. Uma verdadeira

fábrica artesanal, onde o tecer o fio da vida faz pairar no ar o cheiro fresco da farinha quentinha assando no forno.

Ademais, percebi que a casa de farinha é um local de encontro e troca de experiências entre os trabalhadores e a comunidade, o que fortalece laços sociais e culturais. A produção da farinha de mandioca é um processo que envolve habilidades e conhecimentos tradicionais, com tarefas divididas entre homens e mulheres. Todos participam do processo de produção: os homens são responsáveis pelo plantio, transporte e condução das máquinas (seja para ralar a mandioca, enxugar a massa ou colocá-la no forno para torrar). Às mulheres, cabe o ofício de raspar a mandioca, na certeza de que sua tarefa preserva a tradição da produção da farinha artesanal, mas desconhece que as consequências de seu fazer podem ocasionar danos ambientais.

Para tornar esse lugar ainda mais convidativo, os primeiros raios de sol, mesmo que timidamente, iluminavam e aqueciam as trabalhadeiras da casa de farinha, à medida que refletiam nas mandiocas que se encontravam arrumadas de forma ordinária, conforme organização daquele estabelecimento. Cada raspadeira, dispunha de um quantitativo de mandioca para descascar. Enquanto descascavam, o gado que se encontrava perto dali, ficava aos mugidos, como se soubesse que aquelas raspas fresquinhas serviriam de alimento e nutrição.

Durante a visita, observei o processo de produção da farinha, desde a colheita da mandioca até a moagem e torrefação. Em diálogo com o proprietário do estabelecimento, notei o quanto os aspectos socioculturais e socioambientais estão presentes na realização dessa prática por meio do ensinamento e das técnicas que são passadas de geração a geração. Apesar de toda problemática ambiental em voga, já que o processo de desenvolvimento econômico chegara ao campo, a simplicidade e o desejo de continuar produzindo cultura prevalecem nos imaginários de todos aqueles que necessitam dessa prática para permanecer dando sentido à vida e à razão de ser.

Conforme o autor da *Aposta pela Vida*, os imaginários sociais surgem nesse contexto de crise ambiental, como fonte e reservatório de vida, como esperança que aposta na humanidade para erguer o futuro tendo em vista a sustentabilidade e as condições de existência na terra. Para tal, busca superar o desassossego causado por esse processo de crise, buscando, por meio do diálogo entre os saberes assenhorar-se dos processos culturais e identitários dos modos de vida dos povos para a construção da sustentabilidade planetária no por vir da eminência da vida.

Essa dinâmica é cada vez mais enfática: quanto mais o conhecimento científico se distancia do saber da vida, mais o ser humano se aproxima dos imaginários para orientar sua

existência, buscando ressignificar suas identidades e produzir realidades de vida intrínsecas ao ser cultural. Assim, os imaginários sociais da sustentabilidade se inscrevem na raiz do ser cultural, que busca o diálogo entre os diferentes saberes e questiona as formas de ser e estar no mundo.

Antes, seus pais utilizavam técnicas tradicionais equipamentos manuais para produzir a farinha de mandioca, desde o momento da retirada do solo (os homens arrancavam à mão, colocavam nas carroças de burro com cestos e transportavam para localidade pela estrada de chão). Ao chegar à casa de farinha, todo processo de raspagem, moagem até a torragem era realizada no forno à lenha. Tudo muito simples e sustentável. Hoje, o dono da casa de farinha, apesar de não ter conhecimentos acadêmicos, de ser um homem do campo, rompeu o véu do tempo e acompanhou as exigências oriundas dos tempos modernos.

Para além da compreensão do mundo, os imaginários sociais correspondem a uma “tomada de consciência” no sentido de perceber profundamente as questões que atravessam seu cotidiano para, a partir disso, criar predisposição para responder aos apelos da modernidade de forma responsável e consciente. Por isso, a manipueira, líquido extraído da mandioca, na casa de farinha visitada é armazenada por três dias em caixas d’água para depois servir seja de alimento para o gado ou como fertilizante para a terra. É perceptível o quanto a sabedoria e a informação foram transformadas em conhecimento necessário à vida, portanto pertinente, Morin (2003).

Diante disso, percebi que, mesmo em meio, a simplicidade e humildade do dono da casa de farinha, sua atitude converge para contribuir com a transformação humana e social das pessoas que trabalham com ele naquele espaço onde o saber ambiental brota da prática cotidiana, Leff (2001) do fazer farinha da raiz de mandioca, cultura que tece o fio da vida de muitas famílias que dali retiram seu sustento. Sobre essa realidade Almeida afirma:

Um dos grandes desafios do nosso século é saber ler bem um mundo imerso na incerteza. É saber escolher e tratar informações; é transformar informações em conhecimento pertinente, aquele que está inserido num contexto, como ensina Edgar Morin; é exercitar, aprender e ensinar uma ecologia das ideias e da ação; é compreender sabedorias antigas, que nem por isso estão mortas, porque ainda falam do essencial que permanece; é facilitar a emergência de novas sabedorias (Morin, 2010, p.4).

Ainda segundo esse pensamento, está em voga a reconstrução de uma ecologia dos conhecimentos no que tange ao diálogo entre as ideias do passado com as de hoje. Desta forma, o processo de conhecimento não-científico não significa petrificação do passado nem negação do presente. Vê-se que o conhecimento tradicional, visto como inferior, ainda é considerado

como funcional para as populações humanas, já que tem como referência os saberes advindos de gerações passadas, o que acaba, constituindo-se como ciência.

Diante dessa realidade, os imaginários (da sustentabilidade e do bem viver) passam a ser vistos como fonte de vida diante de uma humanidade que busca vida fora da vida, Leff (2016). Eles emergem tanto como forma de resistência ao modelo de vida fundamentado nas bases da racionalidade científica, quanto como meios que viabilizam mecanismos discursivos, seja para que os povos tenham os seus direitos de ser e estar no mundo, seja como possibilidades que conduzam a humanidade rumo à sustentabilidade da existência no planeta.

Mariga (2006) em consonância com a Agenda 21, reitera que a educação ambiental tem um caráter transformador seja na educação formal ou informal. Isso acontece quando há uma relação intrínseca entre teoria e prática, pensamento e ação, tendo em vista uma visão crítica da realidade onde se vive e o que se busca efetivar por meio das ações desenvolvidas, almejando um desenvolvimento sustentável. Tendo em vista essa dinâmica, a educação tem um papel fundamental no que tange à sensibilização e à motivação da comunidade para que atue em seu meio de forma participativa, buscando alternativas para melhorar as condições de vida no meio onde está inserido.

Melhorar as condições de vida<sup>2</sup>. Aspecto atemporal na dinâmica das relações trabalhistas. Essa motivação levou-me a voltar no túnel do tempo e adentrar ao universo da casa de farinha onde a minha infância foi delineada. Aquele ambiente ameno onde tudo ao seu redor era composto seja pelos sons da carroça de burro, seja pelo do motor ralando mandioca, ou pelos sons vibrantes e rugidos do gado no curral que ficava ao lado daquele espaço construtor de minhas mais férteis lembranças.

Além dessa orquestra regida pela forma mais natural da vida, os falatórios dos homens e mulheres, os sorrisos, a contação dos casos e de lendas como a mula-sem-cabeça, caipora e bicho papão iam fazendo de minha infância um emaranhado de vivências inesquecíveis. Essas lendas povoavam minha mente e me faziam mergulhar na dinâmica daquele mundo fantasioso onde eu também era uma personagem da docência tenra que almejava o ofício de construir saberes em contato com o cotidiano encarnado na raiz do ser cultural. Eis o ambiente humano sendo moldado pela autopoiese transbordante de imaginação.

Contudo, como em Dom Quixote de La Mancha a realidade sobrepõe a fantasia. Por isso, a situação trabalhista estava ali posta. Os trabalhadores de meu pai, também naquela época,

---

<sup>2</sup> Os quatro primeiros períodos foram escritos à moda Graciliano Ramos: linguagem substantivada (seca). Quis demonstrar que a educação é o meio pelo qual há transformação de mundos e de realidades que almejam melhores condições de existência. Assim o fiz.

não eram valorizados, posto que não dispunham da legalidade dos direitos, segundo preconizam as leis do trabalho. O ideal capitalista imperava, ainda que de forma incipiente. Lá, todo processo de fazer farinha era manual a começar pela prática de arrancar mandioca na malhada, transportar em carroças de burro ou em caçoás, bem como toda a fabricação era feita às custas das mãos calejadas daqueles que precisavam nutrir o corpo e a alma dos seus familiares.

O tempo passou. A força bruta e o aspecto calejado das mãos que preparavam a farinha de forma braçal ganhou um novo tom com direito à travessia em ritmo e cor. O primeiro, em aspecto da celeridade (tecnologia); o segundo, em relação aos aspectos estruturais da casa de farinha (alvenaria, revestimento de piso, além de forro no teto). Fato observado na casa de farinha supracitada.

Como o tempo tudo supera, na casa de farinha em análise, observei nas falas do dono que, para acompanhar o mercado, teve que se adaptar às exigências sociais. Por isso, seu ambiente de trabalho está munido de equipamentos eletroeletrônicos, a saber: raladeira, peneiradeira, preenseira e forno. Nesse sentido, a tecnologia contribuiu para aumentar a produção de farinha em menos tempo, o que proporciona uma melhor lucratividade para o dono. Contudo, o mesmo não acontece com as mulheres que raspam a mandioca, pois ganham R\$ 1,00 por cada quilo descascado. A situação das mulheres é um pouco contraditória. Enquanto a tecnologia ajuda a aumentar a produção e o lucro, elas continuam com uma remuneração muito baixa pelo trabalho pesado que realizam.

Em diálogo com as raspadeiras, verifiquei que para conseguirem raspar uma quantidade maior da mandioca e assim aumentar o valor a ser recebido, saem de casa antes das 04h da manhã para tecer o fio da vida. Realidade cantada por João Cabral de Melo Neto no poema “tecendo a manhã”. Nele o eu lírico ao abordar que “um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos”, retrata a vida cotidiana dos trabalhadores, sobretudo, mulheres que, antes do raiar do sol, vão à casa de farinha, rompendo o véu da madrugada e anunciando a chegada da aurora que desponta simultaneamente com aquelas mulheres que trazem na palma das mãos a esperança, às vezes nua, às vezes cega, de um futuro promissor para seus filhos, posto que, para muitas famílias, esse trabalho é a única fonte de renda.

Ao observar esse fato, notei uma realidade contraditória: de um lado, o desenvolvimento que chegou ao campo pela via da tecnologia e favoreceu melhores condições ao proprietário, haja vista que a dinâmica de seu trabalho foi potencializada por meio da modernização de sua casa de farinha. O que proporciona armazenar sua produção e criar gado para alimentá-lo com a raspa e com a manipueira (depois de três dias de descanso); de outro, o aspecto

socioeconômico de seus trabalhadores continua defasado, pois vendem sua força de trabalho, diariamente, para conseguir, a muito custo, o sustento de suas famílias.

Tal dinâmica, para Loureiro (2006) dialoga com a perspectiva da educação ambiental holística que preza pela harmonia e pela superação por completo dos conflitos sociais. Por esta feita, ignora tanto as contradições históricas existentes na sociedade, quanto desconhece os riscos já que defendem os valores hegemônicos por via simplificada, unilateral, individual, favorecendo à ideologia dominante, em que o “Eu” ganha força, voz e vez. Enquanto o dono da casa de farinha melhora suas condições socioeconômicas, os trabalhadores continuam vendendo sua força de trabalho de forma naturalizada.

Com isso, os processos que encabeçam a dinâmica dialógica de se buscar coletivamente o que é melhor para vida de todos, no sentido de valorizar os processos culturais, históricos, sociais e ambientais, ficam em segundo plano. Logo, não problematizam a realidade nem trazem para o seio social propostas que direcionem a construção de conhecimento e do bem-estar coletivo.

A partir disso, observei que as condições de exploração do trabalho persistem. Não importa o século. É atemporal. O que está em voga são as relações de poder que evidenciam o sistema capitalista, de forma velada, por meio de relação de subordinação entre o dono de uma casa de farinha e de seus trabalhadores que quase sempre são vizinhos, amigos e familiares. Percebi como as relações de existência no capitalismo são intrinsecamente desiguais e contraditórias. Isso porque, o discurso de que todos devem ter acesso ao mínimo de dignidade, converte-se em um discurso alienante, posto que o capital ao visar o lucro lança mão da produção de mais-valor e demais bens de consumo.

Para a epistemologia crítica, a necessidade de expansão, de produção de mais-valor aspira à reprodução do crescimento econômico. Tal situação contribui de forma exacerbada para que quanto mais crescimento econômico, mais desenvolvimento capitalista, mais dependência do trabalho assalariado, mais a força do trabalho se transforma em mercadoria.

Para elucidar tal realidade, Amando Fontes em *Os Corumbas*, traz à tona a relação de exploração do trabalho, no início do século XX. A referida obra enfatiza o quão o proletariado é submetido não só às péssimas condições de trabalho, mas também o quanto são obrigados a desenvolverem suas funções laborais em carga horárias exorbitantes sem que haja remuneração para as horas extras. É notório o quanto as relações sociais na referida obra são mediadas pelo contrato social (Carneiro, 2022) em que o ser do outro é aniquilado (no sentido de coisificação), já que o que importa neste processo é o excedente da força do trabalho que faz girar o capital, a renda.

Daí a dinâmica de exploração/dominação para que o ser do outro (neste caso o dono da casa de farinha) continue em evidência no meio social capitalista. O que gera efeito de normalidade na dinâmica das relações sociais, uma vez que o trabalhador considera legal tal desenvolvimento econômico, já que continua desenvolvendo suas atividades laborais, mesmo que esteja sendo explorado. Fato observado na realidade pesquisada, principalmente, no que tange ao trabalho de descascar mandioca efetuado pelas mulheres que acordam pela madrugada para tecer o fio da existência.

Segundo Loureiro (2015), para superar essa situação, é necessário o engajamento coletivo dos trabalhadores que são atravessados por essa prática social caracterizada pelas relações de exploração e dominação do sistema capitalista, que prioriza o lucro em detrimento da valorização da vida do outro. É preciso uma "ação intencional na práxis, no movimento teórico-prático de produção de novos caminhos em nossa história". Conforme o pensamento crítico, lutar por justiça social significa superar as formas de dominação impostas pelos mecanismos capitalistas e assegurar uma construção cultural que viabilize relações com a natureza que não a reduzam à objetificação, à coisificação.

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa intitulada “diálogos entre saberes: conectando a realidade das casas de farinha ao ensino de literatura para refletir sobre questões ambientais” foi realizada com o objetivo de analisar como a observação da realidade dos trabalhadores da casa de farinha e a conexão com o ensino de Literatura podem atuar como potencial pedagógico na formação da identidade e consciência ambiental dos estudantes do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro, no município de São Domingos/SE.

Para tal, fez-se necessário, compreender a realidade sociocultural, socioambiental e laboral das casas de farinha do município de São Domingos/SE, considerando os saberes, práticas e formas de relação estabelecidas entre os trabalhadores e o ambiente; entender de que modo a observação dessa realidade, articulada ao ensino de Literatura, pode atuar como mediação pedagógica na construção da identidade dos estudantes do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro; mostrar como a relação homem/ambiente, evidenciada no contexto das casas de farinha, pode ser problematizada, construída e ressignificada por meio da interação entre saberes locais e textos literários; e descrever de que maneira o diálogo entre a realidade observada na casa de farinha e o ensino de Literatura pode contribuir para a ressignificação dos territórios de vida e dos imaginários sociais dos estudantes.

Isso porque a integração entre o meio físico e o meio social, entre o homem e a linguagem, constitui um aspecto central para a realização desta pesquisa, uma vez que a realidade das casas de farinha configura-se como um espaço de produção e circulação de saberes socioculturais e socioambientais. Nesse contexto, o trabalho pedagógico desenvolvido no ensino de Literatura (poesia ou prosa), por meio de apresentações de seminários, mesas redondas e dramatizações possibilita o diálogo entre saberes populares e saberes literários, potencializando o sentimento de pertença dos alunos no que concerne ao reconhecimento de sua cultura, à valorização de suas raízes e à ressignificação de seus territórios de vida. O que vai ao encontro da concepção do sujeito sociológico abordada por Hall (2006) ao afirmar que o homem assume a sua identidade interagindo com o meio em que vive.

Partindo desse pressuposto, observou-se que os imaginários sociais construídos no território de vida da maior parte da população de São Domingos/SE estão fortemente vinculados à agricultura de subsistência, tendo o funcionamento das casas de farinha como uma de suas principais bases econômicas e culturais. Nesse contexto, o processamento da mandioca envolve práticas tradicionais que produzem resíduos específicos, entre os quais se destaca a manipueira,

líquido extraído da raiz da mandioca. Quando descartada de forma inadequada, a manipueira configura-se como um problema socioambiental relevante, uma vez que pode ocasionar processos de degradação, desertificação e acidez do solo (EMPRAPA, 2009). Assim, o modo como esse resíduo é manejado revela tensões entre práticas culturais historicamente construídas e as demandas contemporâneas de cuidado ambiental, constituindo-se como elemento central para a problematização da relação homem/ambiente no âmbito das casas de farinha.

Conforme a perspectiva ambiental crítica enraizada no saber ambiental, essa prática cultural do manejo da manipueira pode ser ressignificada, tendo em vista a quebra de paradigmas para adentrar em um processo que integra “os princípios e valores que animam a ética ecologista, as sabedorias e práticas tradicionais do manejo dos recursos naturais e as ciências e técnicas que servem de suporte às estratégias do desenvolvimento sustentável” (Leff, 2001, p.150). Desta forma, constata-se que a quebra do paradigma consiste em adotar um novo olhar acerca da realidade experienciada (neste caso específico, o uso adequado da manipueira) no que tange à configuração de uma nova racionalidade ambiental no trato das relações sociedade-natureza.

Tendo em vista a problemática ambiental, a exemplo da desertificação e da acidificação do solo ocasionadas pelo descarte inadequado dos resíduos do processamento da mandioca, o projeto de ação pedagógica desenvolvido no âmbito desta pesquisa constituiu-se como um elemento relevante para a sensibilização tanto dos agricultores quanto dos estudantes participantes. Ao promover o diálogo entre os saberes tradicionais dos trabalhadores das casas de farinha e os saberes escolares mediados pelo ensino de Literatura, sobretudo, com o poema “*Tecendo amanhã*”, de João Cabral de Melo Neto, os participantes da pesquisa compreenderam e problematizaram o que experienciaram *in loco* com a dinâmica abordada no eu lírico do referido poema.

A partir dessa conexão, o projeto possibilitou a problematização das práticas relacionadas à feitura da farinha de mandioca e ao manejo da manipueira, demonstrando seu potencial para a preservação ambiental, a valorização cultural e o fortalecimento do imaginário coletivo. Desse modo, o processo de ensino-aprendizagem foi ampliado, na medida em que os alunos não só produziram conhecimento por meio de desenhos, HQ e poemas, mas também passaram a reconhecer esses saberes como constitutivos de sua identidade sociocultural e como práticas historicamente responsáveis pela subsistência de gerações de trabalhadores rurais.

Essa abordagem evidencia a importância da representação da identidade cultural na formação do indivíduo, uma vez que a ausência de práticas pedagógicas que considerem os saberes e as experiências do território pode comprometer o sentimento de pertencimento dos

educandos. Nesse sentido, o trabalho pedagógico que incorpora a observação da realidade das casas de farinha e promove o diálogo entre os saberes tradicionais ali produzidos e os saberes literários, expressos por meio da poesia e da prosa, configura-se como uma ferramenta significativa para o processo de ensino-aprendizagem. Tal articulação possibilitou a valorização das raízes culturais, o reconhecimento das identidades locais e a construção de sentidos que fortaleceram o vínculo de pertença dos alunos participantes, ao mesmo tempo em que ampliou sua compreensão crítica sobre o ambiente, a cultura e o lugar que ocupam no mundo.

Segundo Gerhardt e Silveira (2009), a fim de que o projeto de pesquisa contemplasse a eficácia e a eficiência desejadas, fez-se necessário, lançar mão da questão inicial. Ela foi o fio condutor para que o referido trabalho alcançasse os propósitos de “clareza”, “exequibilidade” e “persistência. Nesta perspectiva, ao articular a observação da realidade das casas de farinha ao ensino de Literatura, formulou-se a seguinte questão de pesquisa: de que modo a observação do cotidiano das casas de farinha, em diálogo com os saberes literários, pôde contribuir para que os estudantes do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro reconhecessem suas identidades e valorizassem suas raízes culturais?

Ao responder à questão de pesquisa, evidenciou-se que a observação da realidade das casas de farinha, articulada ao ensino de Literatura, constituiu-se como uma potente mediadora pedagógica para refletir sobre as questões ambientais, sobretudo, aquelas relacionadas à interação e à integração entre sujeito, o meio e a cultura. Nesse processo, o diálogo estabelecido entre os saberes tradicionais produzidos no cotidiano das casas de farinha e os saberes literários possibilitaram não apenas a problematização das práticas socioambientais, mas também o desencadeamento de processos de transformação, mudança e construção identitária dos estudantes.

Verificou-se que a experiência concreta dos imaginários sociais das casas de farinha e o contato com o universo literário envolveu os alunos de modo significativo, contribuindo para a ressignificação da relação sujeito-meio e para o fortalecimento do sentimento de pertença. Realidade possível, em virtude de um trabalho pedagógico fundamentado na articulação entre observação da realidade e sua conexão com o ensino de Literatura (poesia ou prosa). Tal dinâmica buscou conduzir o estudante a reconhecer-se como pessoa advinda do interior com seus valores, saberes e fazeres. Enfim, com seus imaginários sociais e culturais.

Ao se compreender a proposta de diálogos entre saberes, que articula a observação da realidade das casas de farinha ao ensino de Literatura como estratégia para a reflexão sobre as questões ambientais, ficou evidente a relevância de desenvolver práticas educativas ancoradas no cotidiano vivenciado pelos estudantes, tomando as casas de farinha como referência cultural

e simbólica. Nessa perspectiva, a articulação entre os saberes tradicionais produzidos nesse contexto e os saberes literários mediados pela escola possibilitaram a problematização das relações estabelecidas entre homem e natureza, bem como a compreensão de que tais relações se constroem e se ressignificam em um processo contínuo, sustentado por valores individuais e coletivos.

Esse aspecto foi observado na visita técnica realizada com aos alunos do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro em São Domingos/SE, em uma casa de farinha do povoado Mulungu, quando o dono do estabelecimento afirmou que “*estudos mostra que o descarte da manipueira quando realizado de forma inadequada pode causar danos ao solo, por isso[...], esse líquido passa três dias armazenado em caixas d’água[...] depois disso, serve de alimento para o gado e para fertilizante para o solo*”. A partir dessa observação e da interação com a realidade física e social, os participantes da pesquisa construíram conhecimento que se concretizou por meio de poemas e desenhos ilustrativos dessa percepção. Diante disso, compreendeu-se que o saber ambiental está nas pessoas e nos seus modos de vida (Leff, 2001).

Desse modo, o trabalho pedagógico desenvolvido a partir dessa dinâmica contribuiu significativamente para a formação da identidade e da sensibilização/consciência ambiental dos estudantes da referida Unidade de Ensino, seja ao promover processos de transformação e mudança de olhar sobre o lugar onde vivem, seja ao favorecer aprendizagens significativas ou estimular a valorização e o reconhecimento de suas raízes culturais como elementos constitutivos de sua identidade.

Daí a importância de se trabalhar com a metodologia centrada no Método Ativo, fundamentado na Metodologia de Problematização que tem como foco a eficiência do processo de ensino-aprendizagem. Fomentar essa dinâmica é contribuir para uma aprendizagem de caráter significativo, já que o educando é o sujeito da ação educativa. Por meio desse método, o aluno é levado a observar a realidade que o cerca; a identificar as situações-problema; a pesquisar e a organizar informações; a elaborar hipóteses acerca da problemática visualizada; e, por último, a aplicar os conhecimentos analisados e experienciados na realidade que os circunda (Barbel, 2011). Eis a eficiência e a eficácia dessa metodologia que busca na experiência e na ação ferramentas para interagir com meio onde está inserido e para construir conhecimento, objetivando transformar seu entorno (Freire, 1997).

No que se refere aos objetivos, a pesquisa caracteriza-se como de natureza descritiva e exploratória, uma vez que buscou sistematizar os dados coletados a partir da observação da realidade das casas de farinha e, posteriormente, promover sua análise sob uma abordagem qualitativa. Quanto aos procedimentos e técnicas de coleta de dados, estes se constituíram por

meio de registros fotográficos, da produção de poemas, desenhos e HQ elaborados pelos estudantes — fundamentados tanto na interação com o meio físico e social, quanto no contato com o universo literário —, bem como pela realização de dramatizações, apresentações de seminários, declamação de poemas e mesas redondas. Tais técnicas mostraram-se coerentes com os objetivos da pesquisa, na medida em que possibilitaram a compreensão, a interpretação e a problematização das experiências vivenciadas, evidenciando o diálogo entre saberes locais e saberes literários no processo de ensino-aprendizagem.

A feitura deste trabalho justificou-se, principalmente, porque, desde criança, mesmo sem saber, o cotidiano vivido na casa de farinha da professora pesquisadora fez com que ela fosse além das páginas da literatura. Na infância, esse ambiente era envolto por uma magia diária: as conversas das mulheres, os sons ora do motor ralando a mandioca, ora do canto das galinhas advindos do quintal que ficava na lateral do espaço onde se raspava mandioca, ora do barulho dos homens afirmando que a farinha estava no ponto. Tudo isso contribuiu para que, até hoje, essa dinâmica se reverberasse de forma positiva em sua existência.

Toda vivência naquele contexto, em que apenas as mandiocas testemunharam seu desejo de tornar-se professora, reverbera de maneira expressiva. Contudo, esse desejo, aos poucos, foi se tornando GIGANTE à medida que sua mãe, que nunca frequentara os bancos escolares, apesar de matriculá-la, não permitia que estudasse em casa. Para ela, estudar seria apenas na escola.

Diante dessa realidade, a mangueira era seu refúgio. Entre as folhagens verdes, lá se encontrava, seja para superar a partida de seu pai, seja para estudar ou para contemplar, das alturas, a sua sonhada docência. A partir daí, a tríade casa de farinha, mangueira e leitura foi, para ela, o consubstancial de uma paixão literal, como em "*A Felicidade Clandestina*" de Clarice Lispector, pois a cada página virada, muitas vezes de cima da mangueira, sonhava e se imaginava dando aulas para um grupo de pessoas! Sim, para pessoas!

Porém, ao ensinar para as mandiocas (pois seus irmãos não aguentavam sua conversa mastigada), ou ao estudar em cima da mangueira, sendo filha de pais analfabetos, não deu ouvido às vozes que diziam que filhos de pais não letrados deveriam apenas casar, cuidar da casa e ter filhos. Pois bem, casou, teve filhos, estudou, tornou-se professora e aqui está, cursando Mestrado. A única da família que tem nível superior. É fruto da quebra de um paradigma familiar: deixou-se ser, ou melhor, conseguiu superar os obstáculos, seja pelas lembranças positivas experienciadas no convívio com seu pai na lida da casa de farinha, seja pelas páginas da literatura que a faziam viajar sem sair de seu lugar.

Como a leitura pulsa desde sempre em suas veias, o desejo e interesse por essa temática foram aumentando, gradativamente, não só por meio de suas memórias de infância quando ajudava seu pai na dinâmica cotidiana de produzir cultura na feitura da farinha de mandioca, mas também pelas vezes que, ao sentir sua ausência, subia naquela mangueira, naquele ambiente privilegiado para se debruçar sobre suas leituras e para reafirmar em seu ser cultural que nasceu para ser Gente. Por isso, buscou mergulhar em águas mais profundas, entre memórias, leituras e o desejo de ser professora, que foram, para a pesquisadora, o despertar para o mundo e todas as interfaces que o compõem em seus aspectos socioculturais, sociopolíticos, socioeconômicos e socioambientais.

Essas lembranças, hoje, causam-lhe nostalgia de um tempo que permanece latente, vivo e pulsante do outrora que edificou seu ser. Isso porque essa construção se deu na liberdade primeira da criação e sustentação de seu ser pessoa, humana, Gente (no sentido de ser responsável, cuidar de si, do seu entorno e do cosmo). Além disso, as experiências cotidianas da casa de farinha (ajudar em todo processo desde a retirada da roça, chegada à casa de farinha, raspagem e produção) casaram com as leituras e análises realizadas, nesse cenário da construção do processo de ensino-aprendizagem, porque, paulatinamente, passou a dar aulas para as mandiocas, o que aumentou o desejo de relacionar essa atividade com o que era visto na escola.

Uma das obras que a fez retornar às origens foi "*Os Corumbas*" de Amando Fontes, pois sua abordagem trata de questões trabalhistas em que o operário é considerado pelo aspecto da mais-valia. Fato que a fez voltar às suas raízes, valorizá-las e se reconhecer, mesmo que não esteja mais morando no Taboca (nome de um riacho que faz divisa do município de São Domingos com Campo do Brito). Reconhece que todo esse legado cultural lhe proporcionou atravessar para um lugar favorável: a realização de um sonho, ser professora, cursar Mestrado em uma Universidade Pública, ainda que sua raiz seja do interior do interior.

Por isso, como professora de Língua Portuguesa e Literatura, pretende auscultar o mais profundo do ser do corpo discente, especificamente do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro, para que se reconheçam como parte daquele ambiente/lugar (do cotidiano das casas de farinha e das experiências com as leituras) e, assim, incentivá-los a observar suas realidades cotidianas, seu entorno, e relacionar suas experiências diárias com as leituras. A partir daí, refletir acerca do cuidado com o ambiente, com as pessoas (enquanto território humano) e, em especial, com seu lugar de origem, em suas múltiplas relações: consigo, com o outro e com tudo à sua volta.

Desta forma, buscou levá-los a relacionar seus valores, saberes e cultura às experiências oriundas da interação com o meio, a partir da realidade das casas de farinha (sobretudo o que diz respeito ao descarte da manipueira realizado de forma inadequada), e com as leituras

realizadas a partir do ensino de Literatura (poesia e prosa). Isso foi feito por meio de reflexões e debates em mesas redondas, dramatizações, apresentação de Seminário, elaboração de poesia, a partir da visita técnica a uma casa de farinha e da culminância do Sarau Literário.

Segundo Hall (2006), não se nasce com a identidade pronta e acabada, mas ela é formada e transformada em consonância com as representações culturais de que se faz parte. Motivo, aliás, condutor da realização deste trabalho de pesquisa, uma vez que tais situações despertaram o interesse em compreender de que modo a observação da realidade das casas de farinha, em diálogo com o ensino de Literatura, pode constituir-se como um potencial pedagógico para a reflexão acerca das questões ambientais.

Essa abordagem buscou promover uma reflexão crítica e um questionamento mais enfático sobre a realidade, permitindo que os estudantes desenvolvessem suas próprias perspectivas e opiniões, a partir do diálogo entre os saberes construídos em seu cotidiano e os saberes literários mediados pela escola. Os aspectos constitutivos da construção da identidade, da formação de valores e dos imaginários sociais, bem como a relação homem-natureza, estão contidos nas escalas que compõem os interstícios e as entrelinhas de suas experiências cotidianas.

Nesse contexto, a Literatura configura-se como um potente instrumento de mediação pedagógica para a reflexão sobre essas dimensões, ao permitir que os estudantes estabelecessem conexões entre suas realidades locais — como as práticas relacionadas às casas de farinha e o manejo da manipueira — e questões de alcance global, a exemplo dos impactos ambientais decorrentes do descarte inadequado desse resíduo. Assim, em consonância com Morin (2003), o ensino de Literatura, ao dialogar com os saberes locais, contribuiu para a ampliação da consciência ambiental e para a transformação dos modos de viver, ao favorecer uma compreensão mais complexa e integrada da realidade.

Assim o sendo, essa pesquisa, do ponto de vista científico, visa ampliar o corpus teórico do trabalho pedagógico, envolvendo a observação da realidade das casas de farinha, os saberes e fazeres do ensino de Literatura, relacionando-os à identidade e à cultura; do social, busca promover a interação entre corpos docente e discente, comunidade escolar e sua relação com o meio social. Fato que pode culminar na conscientização de que, por meio da educação, há transformação social e que esse movimento está a caminho da transformação e da reconstrução humana e social que dialoga com a dinâmica da questão socioambiental presente nas discussões de Leff, como se percebe nesta passagem:

A perspectiva ambiental do desenvolvimento oferece um enfoque global e integrador sobre a realidade social; é um olhar inquisidor que se lança a partir de um futuro possível sobre o processo histórico passado para abrir canais à reconstrução social. O ambientalismo é um movimento pela diversificação das condições de existência e dos projetos de vida dos povos (LEFF, 2001, p. 101).

Tendo em vista esse enfoque da reconstrução humana por meio da educação, vê-se que a contribuição deste trabalho, do ponto de vista social, tende a possibilitar uma tomada de consciência de uma sociedade mais justa e igualitária, por reconhecer, que a partir do diálogo entre os saberes (realidade das casas de farinha e o ensino de Literatura), a identidade se constrói na dinâmica transitória dos espaços sociais e que não resulta em enquadrar um grupo social em detrimento do outro. Essa percepção pode ajudar a compreender e a buscar melhores condições de existência.

Ademais, do ponto de vista político, esta pesquisa pretende deixar uma contribuição para a sociedade por meio de uma educação de qualidade e inclusiva para todas as idades, em conformidade com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Uma educação transformadora e libertadora que comungue com os princípios de preservação da vida e do respeito ao meio ambiente, como afirma Paulo Freire, já que se propõe como processo de construção da identidade cujas influências são oriundas das experiências de seus imaginários sociais, visualizadas e sentidas, sobretudo, no chão de uma sala de aula, onde a relação professor-aluno rompe com o paradigma de uma educação bancária e vai ao encontro do horizonte em que as tomadas de decisões atravessam o território/ambiente e vai ao encontro da reconstrução humana e social e, por que não dizer, socioambiental.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 A Tríade Linguagem-Identidade-Cultura na Formação do Sujeito à Luz da Obra *Vidas Secas*

Segundo Bauman (2012), a cultura pode ser entendida em três conceitos principais: diferencial, genérico e hierárquico. O caráter diferencial refere-se à diversidade e particularidade de cada cultura, destacando as diferenças entre elas. Já o caráter genérico abrange todas as expressões e manifestações humanas. Por outro lado, a hierárquica associa a cultura à educação, ao conhecimento acadêmico e à civilidade, criando uma hierarquia entre os que têm acesso a esses recursos e os que não têm.

Essa cultura hierárquica é caracterizada por ser hereditária, transmitida de geração em geração, e é confrontada por desigualdades socioeconômicas e relações de poder. Além disso, “a cultura” parte do ser humano e pode ser herdada ou adquirida, mas é influenciada pelas relações sociais e pode ser transformada em meio a essas relações.

Para além de ser transmitida de geração em geração, a cultura também é representada por meio da Literatura (refiro-me aqui a regionalista). Esse enfoque é perceptível à medida que a Literatura, de forma engajada, cumpre a função social seja ao retratar a vida cotidiana, as tradições e os costumes de uma região específica, seja ao utilizar linguagem e expressões regionais que podem dar autenticidade e cor local.

Por conseguinte, os personagens das obras regionalistas podem ser criados para refletir a identidade cultural da região. Além disso, as obras regionalistas podem revelar fatos históricos – como a Guerra de Canudos narrada por Euclides da Cunha em *Os Sertões* – ao expor a cultura de morte e mostrar como as relações de poder desumanizam e eliminam o ser do outro. Elas também funcionam como crítica social e política, abordando a luta por justiça, a desigualdade, bem como questões climáticas como a seca, a opressão e a marginalidade linguística.

Um exemplo latente dessa demonstração de cultura, encontra-se em nossa literatura na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos que é um exemplo contundente de como a literatura brasileira retrata as relações de poder e a opressão, seja pelos longos períodos de estiagem, seja pela chuva em demasia, ou ainda pela ausência de políticas públicas que deem condições de uma vida digna para muitos que sobrevivem no sertão nordestino.

A referida narrativa expõe a dura realidade da família de Fabiano e dos sertanejos, que são relegados a uma condição de pobreza e marginalização, sem perspectivas de mudança. A obra destaca como a sociedade brasileira, desde suas origens, é marcada por uma visão

hegemônica que valoriza certos grupos em detrimento de outros, perpetuando a desigualdade e a exclusão. Dessa forma, a literatura se torna um instrumento importante para questionar e desafiar essas estruturas de poder, promovendo uma reflexão crítica sobre a nossa história e a nossa realidade social.

Segundo Afrânio Coutinho (1997), desde o Romantismo o Brasil regional vem sendo valorizado de forma significativa. Vários aspectos contribuíram para que esse fato viesse à tona, entre eles, a aspiração de se tornar independente tanto na política quanto na cultura. Contudo, o regionalismo romântico e o realista são vistos e postos em prática de forma diferente. Isso porque escritores como José de Alencar<sup>3</sup> ao tempo em valoriza o pitoresco e a cor local, os seus personagens são idealizados segundo a cultura europeia. Em virtude disso, foi criticado por Franklin Távora<sup>4</sup>, que por sua vez, desvestiu-se do sentimentalismo e do idealismo e aborda em sua obra *O Cabeleira*, um regionalismo que valoriza a análise e a interpretação do nordeste brasileiro.

Partindo desse pressuposto, o regionalismo social encontrado nos escritores do século XX incorpora as tensões sociais do período vigente. Os modernistas não querem mais idealizar a natureza, mas denunciá-la, como é o caso de Rachel de Queiroz em “*O Quinze*”<sup>5</sup>, João Guimarães Rosa em “*Grande Sertão: Veredas*”<sup>6</sup>, João Cabral de Melo Neto em “*Morte e Vida Severina*”<sup>7</sup>, Amando Fontes em “*Os Corumbas*”<sup>8</sup> e Graciliano Ramos em “*Vidas Secas*”, a razão de ser deste trabalho.

---

<sup>3</sup> José de Alencar é um dos principais representantes do Romantismo brasileiro e suas obras são fundamentais para entender a literatura e a identidade nacional do século XIX. Suas obras trazem à tona o indígena como herói nacional, aborda temáticas relacionadas ao casamento por interesse como no romance *Senhora*, bem como em “*A Pata da Gazela*”, seu viés urbano.

<sup>4</sup> Franklin Távora foi um escritor e crítico literário brasileiro que defendeu a ideia de que a literatura brasileira deveria refletir a realidade regional e cultural do país. Ele criticou José de Alencar por suas obras, como “*O Guarani*” e “*Iracema*”, argumentando que, por serem escritas no Rio de Janeiro, não conseguiam capturar a essência e a autenticidade da realidade nordestina.

<sup>5</sup> “*O Quinze*” é uma obra de Rachel de Queiroz que retrata as paupérrimas condições de vida de uma família que sobrevivia em meio à seca do sertão, em 1915, em Quixadá, interior cearense. A autora denuncia a ausência de políticas públicas para mitigar tal situação.

<sup>6</sup> “*Grande Sertão: Veredas*” é uma obra de João Guimarães Rosa que explora o sertão sob diferentes perspectivas: a polifônica e multifacetada, a geográfica – que revela o solo seco – e a subjetiva, quando o narrador afirma que “o sertão é o mundo” e “está dentro da gente”. Nesse cenário, ele ressalta que “viver é perigoso”, sendo preciso coragem para atravessar a dinâmica da vida, permeada entre o bem e o mal.

<sup>7</sup> “*Morte e Vida Severina*”, obra emblemática de João Cabral de Melo Neto, evidencia a caminhada de Severino às margens do Rio Capibaribe, mostrando que os nordestinos “são iguais em tudo, na mesma cabeça grande e nas mesmas pernas finas que, a custo, se equilibram”. Além disso, retrata a desigualdade social e a penúria em que sobrevive parcela da população nordestina.

<sup>8</sup> “*Os Corumbas*” é uma obra de Amando Fontes que denuncia as questões trabalhistas do início do século XX. Traz à tona as questões de exploração e de mais-valia que tanto afligem os trabalhadores ainda hoje. Por isso, é tão atual.

Graciliano Ramos ao escrever *Vidas Secas*, buscou auscultar as nuances das vidas secas (sem perspectivas, sem rumo, sem horizonte à vista) representadas por Fabiano, Sinhá Vitória, O Menino mais Velho, O Menino mais Novo, a cachorra Baleia e o papagaio. Na obra, o meio e a linguagem se integram, já que o autor de São Bernardo, buscando manter o teor verossímil, apropria-se de um estilo substantivado, sem adjetivações, seco tal qual a aridez do solo (Castro, 1997).

Essa aridez revela, por assim dizer, a construção da identidade do homem sertanejo em meio à produção cultural que, segundo Bauman (2012), é reflexo da hereditariedade e da condição socioeconômica à qual foi relegada. Eis aí a identidade do homem não-urbano: bruto. Fato, que de acordo com o Hall (2006) não se nasce com a identidade pronta e acabada, mas ela é formada e transformada conforme o contato com o meio, com as relações sociais e as representações culturais das quais se faz parte. Desta forma, pode-se dizer que a família de Fabiano é o reflexo das injustiças sociais impostas pela “cultura” do homem “civilizado”.

O livro *Vidas Secas* é composto por treze contos que foram escritos de forma isolada, mas que mantém unidade textual, dada a intenção de seu escritor de trazer à tona a estrutura cíclica da narrativa que culmina com os períodos das secas e das chuvas torrenciais. Isso porque em sua estrutura, a obra termina como começa (capítulos Mudança e Fuga). No primeiro, os retirantes Fabiano, Sinhá Vitória, O Menino mais Velho e O Menino mais Novo, a cachorra Baleia e o papagaio peregrinam famintos em meio ao descampado, sertão a dentro, como se percebe no seguinte trecho:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. [...] Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás (Ramos, 2014, p. 10).

Já, no último, vê-se que, apesar de toda opressão sofrida em meio ao ambiente inóspito à sobrevivência, os retirantes não desistiram de ir ao encontro do sonho, por isso, partiram a procura de uma paragem segura para descansarem e se aliviarem de tamanha penúria. Contudo, no desenrolar da narrativa, mais uma vez, a família de retirantes se depara com a seca que fora anunciada pelo capítulo intitulado *Um mundo Coberto de Penas*.

Com efeito, para Morin (2003), teriam que aprender a conviver com as incertezas e a se lançarem rumo à aventura em busca de uma nova terra. De uma terra que não sabia onde e nem como era. Porém, entre o sonho de Sinhá Vitória e o estado de contentamento em que se encontrava Fabiano, partiram em fuga na esperança de conquistar melhores condições de vida

na cidade grande, onde eles velhinhos e as crianças estudando para terem uma vida diferente da deles. É o que se nota nesta passagem:

Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras que Sinhá Vitória, as palavras que sinhá Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande cheia, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como os cachorros inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela (Ramos, 2014, p. 128).

Entre os capítulos supracitados, há o período tão esperado pela família de retirantes nordestino: Inverno. Estrategicamente, o sétimo capítulo, justamente, para frisar a integração da obra com o aspecto natural e evidenciar que o período chuvoso no Nordeste, acontece cronologicamente no meio do ano. Porém, ao invés de, junto com a chuva, brotar a esperança de dias melhores, da realização do sonho de Sinhá Vitória, Fabiano e os seus são tomados por um desassossego inimaginável: a chuva tão desejada veio, mas junto com ela, a enchente que chegou com muita fúria, matando animais e arrastando troncos de árvores. Tal episódio contribuiu para que todos da família, sobretudo, Sinhá Vitória projetasse pensamentos atormentadores em relação às chuvas que insistiam em cair violentamente e em subir rumo aos juazeiros. A passagem abaixo ilustra parte do drama que atormentara a esposa de Fabiano:

A ventania arrancara sucupiras imburanas, ouve relâmpagos em demasia - e sinhá a Vitória se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas, enrolando nas cobertas. Mas aquela brutalidade findara de chofre, a chuva caíra, a cabeça da cheia aparecera afastando troncos e animais mortos. A água tinha subido, alcançado a ladeira, estava com vontade de chegar aos juazeiros do fim do pátio. Sinhá Vitória andava amedrontada. Seria possível que a água topasse os juazeiros? Se isto acontecesse, a casa seria invadida, os moradores teriam de subir o morro, viver uns dias no morro, como preás (Ramos, 2014, p. 128).

É notório que, além da opressão sofrida pelo Patrão e pelo Soldado Amarelo, representantes do poder hegemônico, também eram oprimidos pelas situações climáticas, uma vez que a seca os privava de viver dignamente e a chuva, que era tão esperada, também, deixava-os amargurados dada a intensidade com que visitara as terras do sertão nordestino.

Outro fator que ocasiona a opressão da família de Fabiano é encontrado nos capítulos *Contas e Cadeia*. Tanto naquele quanto neste, o protagonista é relegado à condição de incapaz, de um ser que, por não ter conhecimento acadêmico e se considerar um bruto, que só se dá bem com os animais, é marginalizado pelo patrão – representante da classe dominante – e em *Cadeia*, em que o soldado amarelo é reflexo da lei.

Em *Contas*, mesmo sendo bruto, reconhecia que Sinhá Vitória tinha miolo, por isso já ia acertar as contas com o Patrão ciente do que seria dele. Contudo, as contas realizadas por sua mulher, não condiziam com a do homem branco (patrão). O protagonista reconhecia que estava sendo roubado. “Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! Aquilo era safadeza. – Ladroeira”. Zangou-se. Não era possível aquela situação. Não era justo trabalhar como um escravo e não ter direito a sua carta de alforria. Devia ter erro nas contas do Patrão. Ele era bruto, sim Senhor, mas sua mulher tinha miolo:

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que ele era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar sua carta de alforria! (Ramos, 2014, p.94).

Diante do desabafo e indignação de Fabiano, o Patrão irritou-se. Acharia melhor que ele fosse procurar outra fazenda. A eloquência na voz do fazendeiro, fez com que Fabiano emudecesse e, cabisbaixo, acabrunhado, reconhecesse sua brutalidade, ignorância, afinal, sabia o seu lugar, o patrão tinha razão. Fato que o levou a pedir-lhe desculpas e a se explicar: não sabia ler, sua esposa tinha errado, como de costume, na feitura das contas:

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda. Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia seu lugar. O cabra. E ela puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhar as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra (Ramos, 2014, p.94/95).

Esse trecho traz à tona a marginalidade linguística presentificada na obra e reveladora da incapacidade de verbalizar seus pensamentos (não sabia ler, era bruto). Aspectos atrelados, devidamente, à aridez do solo sertanejo e gerador da intensa batalha de não ter condições de dizer o que pensa, de se defender e, quando o faz, é obrigado, pelas circunstâncias a calar-se, a aniquilar-se. Mesmo sabendo que suas contas estavam corretas, seu discurso foi desconsiderado em detrimento do, do Patrão, já que o deste último reflete a dominação, o poder instituído. Sobre isso, fala-nos Foucault:

[...] numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é o *interdito*. Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja (2019, p.02).

Vê-se que o discurso é controlado, selecionado, organizado e redistribuído conforme as intenções e os procedimentos do fazendeiro que almejava, por meio de suas práticas desonestas, continuar explorando as vidas secas. Realidade materializada por meio de seu discurso opressor e dominante. Outrossim, na referida obra, assim como o solo reflete aridez, improdutividade, também, a vida dos retirantes se encontra mal resolvida, mal projetada e inconstante. Para Afrânio Coutinho (1997), por eles não conseguirem exteriorizar seus pensamentos de acordo com os padrões linguísticos adequados à comunicação exigida socialmente, tornam-se a expressão concreta da incapacidade de interagir e de compreender o mundo que os cercam.

Para Santos (2007), tal situação revela o quão o Patrão de Fabiano está do lado da linha, isto é, do lado do pensamento ocidental, do poder hegemônico que busca tornar invisível a condição de vida da família de retirantes à medida que, pela exploração de seu trabalho, inviabiliza sua visibilidade social, já que almeja, cada vez mais, firmar-se sobre tal problemática e aniquilar e excluir todas as possibilidades de um viver conforme preconizam as leis que regem o país, independentemente do crivo oriundo do pensamento abissal.

A invisibilidade social de Fabiano contribuía mais e mais para que ele se autoconhecesse incapaz de se relacionar com as pessoas. Era um cabra. Dava-se bem com os animais. Preferia-os às pessoas. Gostava da companhia de Baleia, considerada como uma pessoa da família. No descampado, ele o cavalo eram um. Sua linguagem mirrada, composta por onomatopeias, fazia-o sentir-se bem com o universo árido e escasso das relações humanas. Fato notório na citação a seguir:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia (Ramos, 2014, p. 20).

Tal situação é reiterada no capítulo *Cadeia*. Nele, o protagonista foi à cidade para comprar querosene e chita, conforme Sinhá Vitória pedira, mas como considerou o preço alto, preferiu ir à bodega de seu Inácio. Lá foi convidado pelo soldado amarelo para jogar um trinta e um. Aceitou. Contudo, com pouco tempo de início do jogo, Fabiano, como não quisera mais jogar, saiu, pois pensou na reação de Sinhá Vitória. Porém, a autoridade irritou-se com Fabiano, mas ele seguiu. Não considerou importante a fala do Soldado que foi ao seu encontro: “espere aí, paisano, gritou o amarelo” (Ramos, 2014 p. 29). Por ter ido embora sem dar satisfação, foi insultado e acabou xingando a mãe da autoridade. Para ele, não era nada demais. Veja-se:

Natural, xingar a mãe de uma pessoa não tem nada, porque todo o mundo vê logo que a gente não tem a intenção de maltratar ninguém. Um ditério sem importância. O amarelo devia saber disso. Não sabia. Saiu com quatro pedras na mão, apitara. E Fabiano comera da banda podre (Ramos, 2014, p.105).

Em consequência disso, o protagonista levou uma surra do soldado e de seus subordinados. Passou a noite preso: “toca pra frente, berrou o cabo. Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu” (Ramos, 2014, p.31). Além da tortura física, foi torturado por vários pensamentos que insistiam em povoar sua memória afetiva. Ficou indignado. Como poderia acontecer uma coisa dessa com homem indefeso? Era justo ser maltratado pelo soldado amarelo? Não fez nada. Apenas não queria mais jogar.

Fabiano ouviu a ordem do cabo e obedeceu, mesmo sem entender o porquê de estar sendo levado para prisão. Percebe-se que o discurso utilizado pelo Soldado Amarelo é reflexo de um sistema opressor que mascara as relações sociais e procura assenhorar-se de toda situação de dominação (Foucault, 2019). Fato causador da angústia e do padecimento que assolara os pensamentos de Fabiano na cadeia.

Porque tinham feito aquilo? Era o que eu não podia entender. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. De repente um fuzuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir (Ramos, 2014, p. 31).

Mesmo diante de tamanha situação, Fabiano reconhecia que o Governo é quem manda. Já havia se acostumado com tantas situações causadoras de injustiças causadoras de violência. Chegara até acalmar conhecidos que passaram por situações adversas, como a escravidão, que levavam chicotadas, justificava que estar submisso ao Governo não é desfeita. Afinal, *Governo é governo*. “Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecimentos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações:- “tenham paciência. Apanhar do governo não é desfeita” (Ramos, 2014, p.33).

Gonçalves (2006) afirma que as relações de poder oriundas da cultura ocidental, buscam naturalizar situações como essa em que o oprimido acaba, por assim dizer, concordando e se acostumando com tal realidade. Para Foucault (2019), os sistemas de exclusão que atravessam a história, estão aliados ao poder e ao desejo. Assim seguem Fabiano e sua família sendo excluídos socialmente, submetidos à vontade daqueles que se assenhoram do poder econômico e, neste caso, sobretudo, do poder do discurso, para continuar marginalizando, excluindo e

naturalizando as relações de dominação entre os homens. Assim o sendo a neutralização dos direitos de uns, configura-se na manutenção da vida de outros.

Vale ressaltar que o autor de *Infância* evidencia na narrativa aspectos muito relevantes acerca da contradição existente entre o zoomorfismo e o antropomorfismo (Ribeiro, 2003). Tais fatores refletem, respectivamente, a animalização de Fabiano, o Menino mais Velho e o Menino mais novo; e a humanização da cachorra Baleia, que, mesmo sendo um animal raquítico, pensava grande, caçava para alimentar a família de retirantes que foi obrigada a se alimentar até mesmo do papagaio, durante a peregrinação pelo sertão.

Ao se tratar da animalização de personagens, vê-se que na Literatura brasileira isso já fora assinalado por escritores como Aluísio Azevedo em *O Cortiço*, quando comparava o comportamento de Rita Baiana ao de uma vaca. Em *Vidas Secas*, tal aspecto é evidenciado por meio das personagens Fabiano, o Menino mais velho e o Menino mais novo, sobretudo no que tange às questões da linguagem. Isso porque não se comunicavam claramente, mas com grunhidos e exclamações, utilizavam palavras monossilábicas, a mesma linguagem direcionada aos brutos:

[...] às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade, falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas (Ramos, 2014, p. 20).

Essas realidades dizem respeito à marginalidade linguística e à formação de uma identidade tal qual a integração das personagens ao meio. Assim como um ambiente inóspito, árido, seco, também, as personagens são mergulhadas nesse universo reificado. Um meio opressor, diminuidor das relações sociais. Um lugar onde a linguagem se configura de forma imediata com a consciência humana de um viver sem perspectivas, mas embalado pela curiosidade de transformar as palavras em coisas. Uma dinâmica experienciada pelo Menino mais velho quando se reportou a mãe, querendo saber o significado da palavra inferno, posto que encontrara nela uma beleza inexplicável, mas a falta de conhecimento da mãe, levou-a, ao invés de responder, pelo imediatismo do momento, dar-lhe um cascudo. Percebe-se aí o quão a linguagem se configura uma problemática em *Vidas Secas* (Bastos, *in* posfácio da obra).

A linguagem, é como se tem observado, um problema em *Vidas Secas*, a linguagem como consciência imediata do homem. Os personagens de *Vidas Secas* em sua existência quase “natural”, ganham a sua sobrevivência na luta direta com os elementos naturais, num estágio, dir-se-ia primitivo das forças produtivas (Bastos, 2005, p.133).

Nesse tocante, a linguagem está diretamente ligada à formação da identidade nordestina que, culturalmente, liga-se seja a questões socioambientais ou econômicas. Com efeito, a família de Fabiano representa o modo de viver mergulhado na perspectiva da genética nordestina considerada sem rumo e sem horizonte a vislumbrar, por isso resta-lhe o julgamento encontrado no solo da hereditariedade e da condição socioeconômica à qual foi relegado (Bauman, 2012).

Para Hall (2006), a identidade é formada tendo em vista a interação entre o eu e a sociedade. Em *Vidas Secas*, no caso da formação da identidade do Menino mais novo, observa-se o reflexo dessa cartografia, já que a criança queria ser igual ao pai. Almejava ser vaqueiro, andar a cavalo. Desta forma, internalizava em seu interior, aspectos do mundo exterior ao vislumbrar o comportamento de seu pai.

## **2.2 Por Uma Educação Para Além do Capital: Interstícios Entre “Os Corumbas” e os Imaginários Sociais das Casas De Farinha de São Domingos - SE**

Para Loureiro (2015), o processo de transformação social (relacionando-se, sobretudo, ao consumo de cultura pelo viés histórico) se dá não só pelas questões que estão atreladas aos fatores laborais, de mais-valia, e ao universo da linguagem (relacionando-se a vivências cotidianas), mas também a fatores que dizem respeito “à superação e à mediação social”. Tal aspecto está relacionado ao Estado, às suas estruturas e superestruturas (entendendo-se aqui a relação sociedade-trabalho), como às formas constitutivas dos imbricamentos históricos que envolvem as relações sociais de uma sociedade marcada pelo crescente consumo de mercadorias, pelo progresso econômico e tecnológico.

Loureiro, em diálogo com teóricos como Trein, analisa criticamente os aspectos da realidade e nos leva a refletir sobre as relações sociais que atravessam as cartografias do poder e a organização da sociedade. Incluir a dimensão ambiental na educação, portanto, é trazer à tona aspectos políticos, sociais e históricos, bem como a vinculação entre os seres humanos e a natureza mediada pelo trabalho.

Dentro dessa perspectiva, analisa-se as relações de poder que atravessam os imaginários sociais da família corumba e dos trabalhadores rurais das casas de farinha do município de São Domingos/SE, no tocante aos imbricamentos das relações de trabalho, tendo em vista que a ausência da educação voltada para a transformação e emancipação, conduz esses sujeitos a viver

conforme os ditames empregados pela ideologia da mais-valia.

Singer (1997) aborda essa problemática ao discutir como o capitalismo se organiza no corpo social, trazendo à tona aspectos como a exploração do trabalho e desigualdade econômica. Realidades perceptíveis no cotidiano dos trabalhadores da casa de farinha, que enfrentam condições precárias e remuneração injusta, contrastando com os ganhos do proprietário. Diante disso, faz-se necessário seja promover a conscientização/ sensibilização sobre os direitos dos trabalhadores ou mobilizar a comunidade para apoiar as causas trabalhistas.

A esse respeito, Loureiro (2015) afirma que o conhecimento possui caráter emancipatório, na medida em que, ao compreender o mundo, o ser humano amplia sua capacidade de agir sobre a realidade e de produzir cultura. Nessa perspectiva, a ação educativa deve orientar-se pela promoção da igualdade e pelo reconhecimento da diversidade.

Sob o prisma da epistemologia crítica, essa compreensão da realidade social encontra expressão na obra de Amando Fontes (1899-1967), romancista brasileiro do século XX cuja produção, vinculada ao romance social de vertente regionalista, evidencia as tensões e desigualdades que atravessam a experiência histórica brasileira. Em *Os Corumbas* (2003), traz à tona a relação de exploração, enfatizando o quão o proletariado é submetido não só às péssimas condições de trabalho, mas também o quanto são obrigados a desenvolverem suas funções laborais em carga horárias exorbitantes sem que haja remuneração para as horas extras. Vê-se o quanto as relações sociais nessa obra são mediadas pelo contrato social Carneiro<sup>9</sup> (2022) em que o ser do outro é aniquilado (no sentido de coisificação), já que o que importa neste processo é o excedente da força do trabalho que faz girar o capital, a renda. Como se percebe nesta passagem:

Proveio o descontentamento de haverem as fábricas estabelecido o trabalho noturno, sem, no entanto, aumentar o preço dos salários. Ultimamente elas já não podiam vencer, apenas com o serviço diurno, a enorme quantidade de encomendas que a cada instante lhes chegavam. Resolvem, então, fazer serões[...] (Fontes, 2003 p. 93).

Esse trecho de *Os Corumbas* é um exemplo histórico de literatura que denuncia a estrutura de extração de mais-valor presente nas fábricas do século XIX. No cenário sergipano, a Fábrica Têxtil do bairro Industrial de Aracaju elucidava esse processo: operários submetidos a jornadas extenuantes, salários ínfimos e quase nenhuma proteção. Ao escolher essa obra,

---

<sup>9</sup> Sueli Carneiro é uma filósofa ativista brasileira que escreve sobre as questões raciais e como o sistema opressor nega a legitimidade das formas de conhecimento dos povos dominado, reforçando hegemonia da cultura branca que aniquila o ser do outro.

buscou-se refletir acerca da permanência da lógica de exploração que continua presente nas casas de farinha contemporâneas, como na de São Domingos. Uma problemática questionada e descrita por Fontes que persiste até hoje na dinâmica das relações trabalhistas seja na cidade ou no campo.

Ressalta-se que o trabalho executado nas casas de farinha, apesar de ser realizado durante todo o ano, não é formalizado. As mulheres recebem por produção, por cada quilo de mandioca descascada, que equivale a R\$ 1,00, ou seja, um valor ínfimo para manter o sustento de sua família, posto que para ganhar, R\$ 100,00(cem reais) devem raspar 1.000 quilos da raiz da mandioca, que exige, além do esforço, saúde e resiliência.

Enquanto isso, o dono da casa de farinha, dialogando com a dinâmica do capital, armazena a farinha em sacos, cria gado, equipa a casa de farinha com instrumentos tecnológicos (forno, prensa, reladeira). Para Marx (2008), esse aspecto reitera a dinâmica imposta pelo sistema capitalista, onde o trabalho exige um desenvolvimento que acaba perpetuando a cultura de importar mandioca de outros estados, já que a produção de farinha com o plantio local é insuficiente para atender ao ritmo e às demandas do modelo de sociedade capitalista vigente.

Fomentar esse ritmo carece de mais hectares de terra para plantação, de mais transporte para fazer o traslado da mandioca e da farinha, de mais tecnologia para dar celeridade à produção e de mais pessoas para serem exploradas. Tudo isso gera danos ao planeta, posto que a problemática ambiental, conforme Layrargues (2022), é de caráter político e as relações de poder estão atreladas ao modo de produção capitalista e à forma como a sociedade está organizada.

Daí a dinâmica de exploração/ dominação para que o ser do outro (os expropriados de seus direitos socioambientais) continue sendo explorado pelo ideal do meio social capitalista. O que gera efeito contrário na dinâmica das relações sociais, uma vez que o trabalhador considera legal tal desenvolvimento econômico, mesmo que, para tal, esteja destruindo a fonte vital da vida, a natureza.

Para uma epistemologia crítica, o que pode ser definido como destrutivo é histórico, relativo a um modo específico de organização social que, contemporaneamente, necessita expandir mais-valor para se reproduzir. Necessidade essa que impõe o crescimento econômico linear mesmo diante das relações cíclicas da natureza. Que cria a dependência do trabalho assalariado à expansão econômica de mercado, levando o próprio trabalhador, por vezes, a se posicionar de modo contraditório favoravelmente ao desenvolvimento capitalista, mesmo que este seja a fonte de exploração e destruição da base de sua riqueza material e espiritual, a natureza (Loureiro, 2015 p. 170).

Constata-se, portanto, que historicamente “*a destruição da natureza e degradação da*

*vida humana são históricos*” Dentro do contexto do desenvolvimento do capitalismo, a produção de mais-valor e do acúmulo de capital são bandeiras erguidas em prol do desenvolvimento econômico. Tal primazia, historicamente, vem ocasionando, sobremaneira, a objetificação da vida e a destruição da natureza.

Ainda segundo esse pensamento, os processos educativos críticos são meios para mitigar essa crise ambiental, caracterizada como societária. Assim, para superar tal impasse, não há fórmulas nem respostas prontas, “mas ação intencional na práxis, no movimento teórico-prático de produção de novos caminhos em nossa história (Loureiro, 2006)”. Além disso, carece do engajamento coletivo junto aos trabalhadores que são atravessados por essa dinâmica social, caracterizada pelas relações de exploração e dominação do sistema capitalista, que prioriza em demasia o lucro em detrimento da vida humana e da sustentabilidade do planeta.

Daí continuará imergindo não só a destruição das condições de vida humana, mas também de outras espécies. Ademais, esse estilo de produção está diretamente ligado ao que Loureiro (2015) traduz como um movimento insustentável. A questão da degradação ambiental não é existencial. A problemática em que se encontra as condições ambientais não está relacionada à extinção da humanidade, mas ao modo como se utiliza os recursos naturais.

Vê-se que as relações de existência no capitalismo são intrinsecamente desiguais e contaditórias. Isso porque, o discurso de que todos devem ter acesso ao mínimo de dignidade, converte-se em um discurso alienante, posto que visando o capital ao lucro, como se dará a relação homem-natureza se a produção de mais-valor, de mais bens de consumo é extraído da natureza?

Conforme o pensamento crítico, lutar por justiça social está para além das práticas advindas do capitalismo que visa apenas ao lucro em detrimento das dimensões que envolvem o ser humano e a relação com os aspectos naturais. Significa tanto superar as formas de dominação impostas pelos mecanismos capitalistas, quanto assegurar construção cultural que viabiliza relações com a natureza que não a reduza à objetificação, à coisificação.

Para epistemologia crítica, a necessidade de expansão, de produção de mais-valor aspira à reprodução do crescimento econômico. Tal situação contribui de forma exarcebada para que quanto mais crescimento econômico, mais desenvolvimento capitalista, mais dependência do trabalho assalariado e, na escala da proporcionalidade, mais a força do trabalho se transforma em mercadoria.

Essa dinâmica foi verificada nos imaginários sociais da feitura da farinha no município de São Domingos/SE, onde o trabalho informal é a força motriz que alimenta o sistema capitalista daquele espaço. Esse aspecto, é perceptível por meio da poesia “*Tecendo o fio da*

*Vida*”, fruto da Ação Pedagógica. Foi produzido a partir do contato com os trabalhadores da casa de farinha do povoado Mulungu/SE, pelo aluno X, da 3ªC do CEER, no dia da visita técnica.

O referido aluno buscou retratar que, desde às 04h da manhã, quando as mulheres chegam “na madrugada fria, em silêncio[...] tecem o amanhacer, sem tempo de parar”. Por meio desses versos, nota-se, o quanto a realidade das mulheres raspadeiras de mandioca se assemelha a dos personagens do romance “*Os Corumbas*”. Apesar de estarem em séculos diferentes, historicamente, fica explícito que o processo de exploração e dominação é atemporal.

Historicamente, (*Os Corumbas*, Século XX e o poema *Tecendo o Fio da Vida*, do aluno X, XXI), evidencia-se a predominância dos processos hegemônicos de dominação por meio da mais-valia e o quanto as questões ambientais, abordadas pela literatura, potencializam o diálogo entre saberes. Essa interlocução permite refletir sobre os aspectos socioculturais, políticos e econômicos imbuídos na relação sociedade-natureza.

Nesse interstício, a Revolução Científica e Tecnológica pela qual o planeta está passando, altera a maneira de viver e compreender o hábitat. Daí emerge o contexto paradoxal: de um lado a inteligência artificial; de outro; pobreza, miséria e abandono (Penteado, 2023). A importância do diálogo entre os saberes, o questionamento do conhecimento do conhecimento, o bom senso, a consciência crítica, o aprender a conviver, a reconhecer a unidade na diversidade e complexidade em que se inscreve a condição humana serem elementos necessários, já que as guerras nos ensinaram, historicamente, que a força bruta não é o caminho (Morin, 2003).

Daí a necessidade de ampliar o campo de oportunidade e garantir o acesso à educação com o objetivo de atender as gerações atuais e de preservar a capacidade e as possibilidades das gerações futuras de atenderem as suas necessidades. Uma educação que corresponda ao desenvolvimento sustentável e que busque a preservação do direito à vida e o respeito às questões ambientais.

Para Penteado (2023), as questões que afligem o meio ambiente e ameaçam a vida na Terra têm levado a ciência a apontar, no século XXI, problemas que precisam ser resolvidos para preservar a vida no planeta. Esse fato é notório nos territórios das casas de farinha, especialmente, no que diz respeito à extração da manipueira, resíduo altamente tóxico gerado no processamento da mandioca.

Estudos mostram que esse líquido causa desertificação e acidez do solo quando descartado de forma inadequada. Na visita à casa de farinha, foi constatado que o proprietário faz o descarte do líquido extraído da mandioca conforme as normas estabelecidas para manter o equilíbrio ambiental. Esse equilíbrio gera renovação, significado e a certeza de que a cultura

da feitura da farinha de mandioca se eterniza na conexão dos saberes ambientais. É o que se percebe nos versos do poema: “*Produzindo o meu, o seu, o nosso Futuro*” do aluno Y, do CEER. Outra realidade perceptível na Ação Pedagógica realizada depois da visita técnica à casa de farinha em questão.

[...]de geração em geração/ permanece a tradição/ É das 4 horas da manhã /que começa a motivação [...]. Com a produção nas alturas/ estamos transportando nossa cultura/ [...] a manipueira em seu descanso/ espera 3 dias pelo avanço/ com essa produção doída/ temos surgido novas vidas (ALUNO YCEER).

Fica notório por meio desses versos que a interação com a realidade concreta é sentida, refletida, criada e recriada. Daí emerge a construção do ser autopoietico em que a construção do conhecimento se dá “de dentro para fora e de fora para dentro”. Dessa interação, Penteado (2023) reitera que o acesso à educação é um fator primordial para que a população lance mão do conhecimento, do saber e, portanto, das oportunidades oferecidas a todos de forma coletiva, que os impulsionam na busca de soluções organizadas, coletivas e não aleatórias, no oposto do “salve-se quem puder”. Diante disso, a escola surge como espaço ideal para promover não só a compreensão das questões ambientais, mas também a formação dessa consciência ambiental por meio da educação tão necessária para a preservação da vida no planeta.

Ainda conforme esse pensamento, vê-se, no entanto, que o acelerado avanço da produção do conhecimento científico se distancia cada vez mais do conhecimento da população. A má qualidade da educação e o baixo nível de escolaridade da população contribuem para manter a maioria da população na ignorância. Para resolver tal problemática, faz-se necessária a disseminação do conhecimento produzido pelas ciências sociais e o envolvimento de vários segmentos com esta causa: os especialistas, os políticos e a população. Todos, de forma, coletiva e organizada devem reivindicar a necessidade de qualificação da sociedade. Isso só acontecerá por meio do conhecimento do conhecimento de que fala Morin (2003).

Vale destacar que o conhecimento é uma forma de poder. No meio acadêmico, ele é construído a partir de práticas sociais e mediado pelas dinâmicas do capitalismo. Desta forma, pode-se dizer que os conhecimentos seja científico, tecnológico ou filosófico estão atrelados às realidades sociais, que servem a uma determinada classe social, já que são considerados verdades socialmente determinadas. Partindo desse pressuposto, nota-se que quanto mais o trabalho é transformado em mercadoria e a finalidade da produção social é “o mais-valor” (Loureiro, 2015), mais há supervalorização do conhecimento, desigualdade social e técnica das condições de trabalho.

Nesse sentido, a educação é mola propulsora para avançar do Estado mercantilista para

o Estado democrático de direito. A escola é um espaço, por excelência, onde o direito e os deveres dos professores e dos alunos podem se somar e desenvolver a formação de uma consciência ambiental pautada no ensino participativo que ultrapassa o modelo tradicional e vai ao encontro da ação-reflexão-ação para, com isso, organizar uma nova ação educativa que busque resolver os problemas que dizem respeito à vida.

Daí a relevância de alargar a visão de mundo e refletir acerca tanto da atuação do homem no meio ambiente, tendo em vista o seu modo capitalista, quanto acerca da maneira como se realiza o trabalho escolar, passando a ser formativo, já que o trabalho levará à organização coletiva para tomada de decisão e resolução de problemas socioambientais. Isso porque visa a transformar a informação em conhecimento que atravessa os muros da Escola e vai ao encontro da compreensão e da necessidade do diálogo com outras áreas do conhecimento. Neste processo, o professor ao organizar o seu saber fazer, conduz o aluno a ser ativo e a ser participativo e reflexivo.

Corroborando com essa dinâmica, Loureiro (2006) afirma que o pensamento complexo e a tradição dialética, de base freiriana, dão ênfase à uma educação de cunho transformador em que os processos dialéticos são de caráter cotidiano, permanente e coletivo. Além disso, enfatiza, também, a pedagogia do conflito com vistas a processos emancipatórios e de transformação social. Reitera que humanidade não é homogênea, por isso as condições de interação da sociedade com o ambiente, evidencia-se por meio do modo de vida e pelas experiências que cada povo tem com a natureza. Sua integração define as condições ambientais. Assim define-se a relação dialética, entre o homem-natureza em seu plano concreto.

Já a visão holística, tende a associar o ser humano ao viés integral e harmônico, limitando-o a pressupostos de existência preestabelecidas e determinadas, conforme as categorias hegemônicas. A educação ambiental holística preza pela harmonia e pela superação por completo dos conflitos sociais. Por esta feita, ignora tanto as contradições históricas existentes na sociedade, quanto desconhece os riscos já que defendem os *valores hegemônicos* por via simplificada, unilateral, individual, favorecendo à ideologia dominante, em que o “Eu” ganha força, voz e vez. Com isso, os processos que encabeçam a dinâmica dialógica de se buscar coletivamente o que é melhor para vida de todos, no sentido de valorizar os processos culturais, históricos, sociais e ambientais, fica em segundo plano. Logo não problematiza a realidade nem traz para o seio social propostas que direcionem a construção de conhecimento coletivo.

Porém, o viés emancipatório baseado no ato reflexivo e crítico almeja romper com o modelo de sociedade e de civilização que nos é imposto. Sabe-se que essa não é a única direção, mas busca meios que viabilizem caminhos propícios à vida planetária, que vislumbrem

possibilidades de vida em diferentes culturas e momentos históricos. O que se busca é o fortalecimento de padrões de sociedades adequados à justiça ambiental, que culminem com as ideias da justiça social.

A educação ambiental de cunho emancipatório e transformador ocasiona mudanças tanto individuais quanto coletivas, já que se quer prudente, intransigente e comprometida com as transformações sociais, pois suas ações são de caráter coletivo que visam à emancipação no que tange à mudança de vida e à transformação do mundo. Uma educação que aspira à libertação da alienação historicamente estabelecida, seja individual ou coletiva.

Dessa forma, o trabalho escolar impulsiona a formação de atitudes coletivas respaldadas no respeito à diferença e às decisões de um trabalho conjunto que se reflete a respeito do que já se sabe e vai ao encontro da construção constante do saber. Nessa construção, o professor é o coordenador das ações inerentes aos saberes, seja relacionado ao conhecimento científico, seja do senso comum ou cultural (Penteado, 2003).

Aí também experimenta a dimensão da incompletude, tendo em vista que o processo social de construção do saber é eterno inesgotável. Tal aspecto faz com que professor e aluno se debrucem sobre o objetivo de conhecimento, problematizem e busquem o porquê de tal informação para, a partir daí, criar condições que os levem a organizar as informações pertinentes acerca do objeto analisado.

Seguindo esse olhar, o que está em jogo é o direito à vida e à liberdade que são os maiores valores da humanidade. A vida não é propriedade de ninguém. Por isso, urge um novo modelo de representatividade, o da democracia participativa, já que o modelo atual não dá conta das diversas situações que dizem respeito à preservação da vida, do direito à educação, à saúde, alimentação e moradia.

Faz-se necessário, pois, uma reconstrução de valores que deem sentido e significado à vida em sua plenitude em que a dignidade e a liberdade sejam consideradas essenciais à espécie humana. Essa realidade virá à tona quando a escola participativa possibilitar a transformação da informação em conhecimento, buscando tanto a compreensão sócio-política, quanto a formação de uma consciência socioambiental que respeite a preservação da vida.

Vale ressaltar que as questões ecológicas devem ser tratadas por um viés sócio-político, já que a problemática ambiental afeta a vida no planeta. No entanto, muitos países ricos se opõem às soluções que não são economicamente viáveis para o seu modelo de produção biotecnológico, priorizando o lucro em detrimento das questões socioambientais.

Com isso, fica evidente que a busca de soluções para resolver as questões ambientais é dificultada, pois os países do Norte, a exemplo dos Estados Unidos, são os que mais emitem

gases de efeito estufa, sendo os maiores poluidores do planeta. Além disso, esses países priorizam o capital em detrimento da solução das causas ambientais e se recusam a aderir a acordos internacionais, como o Tratado da Biodiversidade.

Segundo Layrargues (2022), nesta esfera, o contexto socioambiental é analisado, tendo em vista a relação do humano com a natureza. Porém, percebe-se que essa relação antrópica não se configura como responsável pela crise ambiental que aí está posta. Para além dessa realidade, existem interesses de grupos sociais que buscam se apropriar da natureza e estabelecer seu poderio mascarado de progresso e desenvolvimento econômico.

Daí “A Ecologia Política” se debruçar sobre os aspectos históricos e socioeconômicos em suas diversas realidades *culturais e territoriais*. Para além das questões que envolvem a degradação ambiental, também analisa o acúmulo do capital oriundo, muitas vezes, das lutas pelo poder. Enquanto isso, os que não fazem parte dessa esfera hegemônica, além de perderem seus territórios, perdem também suas territorialidades, já que a natureza fora comprometida.

Ainda consoante esse pensamento, a Ecologia Política coloca-se a favor dos marginalizados, dos injustiçados e dos que sofrem todo tipo de desigualdade, dos expropriados de seus direitos de existência. Por essa razão, é considerada uma ciência subversiva, posto que não dialoga com a ideologia ambientalista que fundamenta seu discurso conforme a perspectiva do *Ambientalismo de Mercado*.

Nesta perspectiva, seria nula a cogitação da problemática ambiental pelo viés estrutural de caráter eurocêntrico e capitalista que estabelecem as relações de poder em que a ideologia hegemônica se fundamenta por meio da reprodução social, que para manter a ordem, mascara as relações sociais deixando transparecer que a crise ambiental é um problema de todos.

Daí surge a máxima de que cabe ao ser humano fazer a sua parte, por isso se deve conhecer para preservar. Para tal, lança mão do imaginário social, pelo viés da pedagogia dos deveres aliada ao modelo teórico conservador que prega a disciplina e a obediência, com o objetivo de manter tanto a ordem quanto de falsear a realidade, mascarando, dessa forma, a tragédia socioambiental.

Para Mariga (2006), a educação ambiental se dá em um processo de aprendizagem contínuo pautado em valores e respeito relacionados à condição humana e social. Por meio dela, busca-se a reflexão das práticas individuais e coletivas que devem dar as mãos com vistas à transformação *humana e social* tendo em vista a preservação do meio ambiente que se encontra assolado por profundas crises ambientais comprometedoras da vida no planeta.

Além disso, a educação ambiental proporciona formação visando à participação de comunidades locais para intervir e multiplicar ações que possam contribuir para mitigar

problemas ambientais de escala global. Isso porque, a disseminação do conhecimento em educação ambiental a partir da participação da comunidade contribui para gerar novas ações, modos de viver e valores sociais que levam à mudança de comportamento em relação à proteção do meio ambiental.

Em *Aposta pela Vida*, Leff (2016) ao se referir aos imaginários sociais, reitera que, para além da compreensão do mundo, o saber ambiental corresponde a uma “*tomada de consciência*” no que diz respeito aos problemas ambientais que atravessam seu cotidiano para, a partir disso, criar predisposição para responder aos apelos da modernidade de forma responsável e consciente.

Assim, os imaginários sociais da sustentabilidade se inscrevem na raiz do ser cultural que busca o diálogo entre os diferentes saberes e questiona as formas de ser e estar no mundo. Tal questionamento, é cada vez mais enfático, tendo em vista que quanto mais o conhecimento científico se distancia do saber da vida, mais resta ao humano se aproximar dos imaginários para orientar sua existência, buscando, para tal, ressignificar suas identidades e produzir realidades de vida intrínsecas ao ser cultural.

Mariga (2006) em consonância com a Agenda 21, reitera que a educação ambiental tem um caráter transformador, seja na educação formal ou informal. Isso acontece quando há uma relação intrínseca entre teoria e prática, pensamento e a ação, tendo em vista uma visão crítica da realidade onde se vive e o que se busca efetivar por meio das ações desenvolvidas, almejando um desenvolvimento sustentável. Ademais, segue abordando que o desenvolvimento sustentável se dá de forma contínua e que seu objetivo é atender as demandas dos tempos atuais, e garantir condições de vida para as gerações futuras.

Tendo em vista essa dinâmica, a educação tem um papel fundamental no que tange à sensibilização e à motivação da comunidade para que atue em seu meio de forma participativa, buscando alternativas para melhorar as condições de vida no meio onde está inserida, buscando qualidade de vida.

Malhadas (2001), citado por Mariga (2006), aponta três abordagens que envolve a integração transversal para educação ambiental: “educação no ambiente, educação sobre o ambiente e educação para o ambiente”. Essas abordagens podem ser interpretadas tendo em vista as vivências tanto individual quanto coletiva em relação ao modo de vida e as práticas desenvolvidas, levando-se em consideração a conscientização e a sensibilização para com as questões ambientais locais.

Essa transversalidade vai ao encontro de uma educação ambiental como elemento da cidadania que busca modificar a interação entre o homem e a natureza, aspirando, por esse viés,

atitudes e valores que comungem com a solidificação de uma vida que prima pela sustentabilidade do planeta. Leff (2011) esclarece que a interdisciplinaridade não se limita às instituições que dizem respeito aos processos e conhecimentos relacionados a práticas de ensino e de pesquisa, vai ao encontro, também, do diálogo entre várias áreas do saber científico e não científico, incluindo instituições e diversos atores sociais, governamentais e não governamentais comprometidos com a educação, com as questões ambientais e com o desenvolvimento de projetos e ações de caráter interdisciplinar.

Assim, a interdisciplinaridade ganha conotação multidisciplinar, já que há envolvimento de muitos profissionais de formações diferentes e não se limita a processos disciplinares, mas envolve habilidades e conhecimentos diversos. Eis aí a interdisciplinaridade evocada para romper com o paradigma da racionalidade científica e com a “superespecialização do conhecimento” com o objetivo da manutenção e da utilização dos recursos naturais de forma equilibrada.

Para Mariga (2006), os trabalhos desenvolvidos no âmbito escolar e fora dele sobre meio ambiente não estão sendo eficientes e eficazes, conforme o que preconiza a educação ambiental. Contudo, reitera que a escola é o espaço privilegiado para se debater acerca dos temas relacionados à problemática ambiental e à formação cidadã.

Por isso, a educação ambiental, para além de ser mais uma disciplina, deve fazer parte do meio educacional formal, como uma filosofia de educação contida em todas as disciplinas, buscando uma compreensão mais ampla da função da escola no contexto socioambiental da era planetária (Morin, 2003). Tal proposição, conforme a autora é justificável, já que os impasses que atravessam a problemática ambiental estão diretamente ligadas à fragmentação à qual foi conduzida a forma de se enxergar as coisas do mundo. Como consequência disso, vê-se o local e não se tem dimensão do global.

Conforme esse pensamento, na realidade escolar, o conhecimento é tratado de forma disciplinar e fragmentado. Assim cada profissional se apodera de sua parte e julga que seu saber é importante e não procura fazer relação com o todo. O conhecimento nunca é reflexo da realidade, mas sempre se traduz e se reconstrói a partir dos fenômenos de percepção que se tem de uma determinada situação. Toda percepção é reconstrução da realidade que comporta erros e ilusões (Morin, 2003). Desta forma, cada percepção da realidade é considerada conforme o ponto de vista de quem está analisando as circunstâncias.

Mariga (2006), esclarece que a educação ambiental nos processos de educação formal possibilita que a dinâmica pedagógica aconteça sob vários aspectos em que a difusão do conhecimento seja atravessada pela construção e desconstrução do conhecimento, pelo diálogo

entre ciência e senso comum e pela interação de vários sujeitos sociais envolvendo a participação política e cidadã. Por meio desse processo interacional a comunidade escolar imbuída das questões ambientais busca assenhorar-se da problemática de seu cotidiano para buscar de mãos dadas práticas de sustentabilidade.

Fomentar uma educação que tem como princípio libertar o ser humano de toda “peia”, a Ecologia Política, fundamentada no Materialismo Histórico Dialético e, em comunhão com a Pedagogia dos Direitos de origem freiriana, traz em seu bojo a discussão de que o modelo de sociedade baseado no sistema hegemônico estabelecido pelo viés capitalista, é insustentável.

Dentro dessa perspectiva, que se denominou anticapitalista e prima pela pedagogia dos direitos, e por uma educação para além do capital, almeja formar sujeitos pensantes, inconformados, o sujeito “ecopolítico”, que busque transformar as realidades de opressão e de injustiça socioambiental, estabelecidas pela crueldade de um sistema que aliena e conduz a humanidade à cegueira da subserviência, à invisibilidade e ao conformismo no que tange aos aspectos relacionados aos problemas de caráter socioambiental.

### **2.3 Literatura E Educação: Diálogos Transdisciplinares em Saberes Ambientais**

Falar sobre Literatura e Educação é refletir acerca da construção do conhecimento pertinente que valoriza o contexto, o global, o multidimensional e o complexo, Morin (2003). Fomentar essa construção é levar em consideração que o conhecimento não reflete a realidade. Ele se dá em meio à compreensão da complexidade que a era planetária impõe para a educação do século XXI, à integração do indivíduo/sociedade/espécie e a capacidade de reconhecer que a unidade e a diversidade são aspectos constitutivos da condição humana.

Reconhecer essa condição é entender que a educação para o século XXI reclama uma postura educacional que dialogue com a perspectiva do conhecimento que retire as cegueiras do educando e o leve a compreender, a relacionar e a refletir sobre diversas situações-problema que fazem parte de seu contexto, bem como o leve a questionar o conhecimento do conhecimento, a valorizar as experiências de vida e a dialogar com as tessituras sociais (Morin, 2003). Fato que faz com que o corpo discente considere que o saber ambiental que está nas pessoas, presentifica-se, conforme a relação e a integração com o meio físico e social Leff (2001).

A construção do conhecimento, a partir da conexão entre os saberes, desemboca no

princípio da transdisciplinaridade. Fomentar essa dinâmica para Piaget (1976), é possibilitar ao aprendiz o diálogo com o método interativo. Dinâmica presenciada pelo corpo discente do CEER quando estiveram em contato com os trabalhadores da casa de farinha, posto que, na interação com meio, construíram conhecimento ao elaborarem poesias belíssimas. Por meio desse contato, o corpo discente torna-se protagonista do processo de ensino aprendizagem, já que a interação com a realidade concreta modifica, amplia, cria e recria, constrói e reconstrói e incorpora novos significados à sua aprendizagem.

A construção do conhecimento alicerçada na literatura (análise de poesias, baseadas na observação da realidade da casa de farinha) possibilita a travessia da disciplinaridade à transdisciplinaridade, à medida que a aprendizagem passa a ser pertinente para o aluno. Isso porque, a conexão com o meio traz à tona suas subjetividades, seu potencial criador. Assim, as experiências aguçam a sensibilidade e novos significados para o aprendiz emergem dessa sintonia estabelecida com a realidade tocada, sentida, experienciada.

Durante a Ação Pedagógica realizada no Centro de Excelência Emeliano Ribeiro, em São Domingos/SE, os alunos analisaram aspectos socioculturais, socioeconômicos e socioambientais. Ao visitar a casa de farinha do povoado Mulungu, eles entraram em contato direto com o ambiente, dialogaram com os imaginários sociais do local e reconstruíram conhecimento ao produzir poesias sobre a dinâmica da produção de farinha, inspirando-se no poema “*Tecendo a manhã*”<sup>10</sup>, de João Cabral de Melo Neto.

Esse diálogo entre os saberes ambientais (considerando que esse saber também está nas pessoas) vai ao encontro da educação como práxis, do conhecimento emancipatório Loureiro (2015). Isso porque, a partir do momento que se compreende o mundo, o ser humano segue desenvolvendo suas atividades e produzindo cultura.

Desta forma, será capaz de mobilizar outros conhecimentos que possam ativar sua inteligência e, partir disso, entender que as partes têm a ver com o todo e o todo tem a ver com as partes; que o ser humano é um ser biológico, afetivo, racional, psíquico e social; que a sociedade está ligada às realidades histórica, econômica, sociológica, etc. Tudo tecido junto, Morin (2003). Daí a pertinência de uma educação que seja capaz de apreender as realidades em seu contexto de complexidade, que considera a unidade em sua diversidade.

---

<sup>10</sup> O poema “*Tecendo a manhã*” de João Cabral de Melo Neto, neste contexto, é utilizado metaforicamente para simbolizar que assim como um galo sozinho não anuncia a entrada dos raios do Sol que rasga o véu do tempo trazendo energia e esperança de um novo dia, também, os trabalhadores da casa de farinha não produzem cultura de forma isolada. Para a produção da farinha que se dá de forma artesanal, eles se dão as mãos desde o momento que a mandioca é retirada do solo, o transporte, a raspagem, a moagem, a secagem e, por fim, até o momento que é levada ao forno para se transformar em alimento.

Segundo Akiko Santos (2008), a complexidade e a transdisciplinaridade são oriundas do avanço do conhecimento e do processo de globalização. Seus conceitos divergem do modelo cartesiano, centrado na fragmentação do conhecimento, responsável pelo modo como as estruturas sociais e educacionais se organizam para modelar o pensamento dos sujeitos.

Diante dessa interface, tal teoria vem sugerir uma “religão” dos saberes que foram divididos para atender as estruturas educacionais que, na contemporaneidade, são insuficientes para a “compreensão significativa do conhecimento”, tendo em vista que não atraem nem atendem as expectativas dos alunos que se questionam acerca da pertinência desse ou daquele conteúdo.

Por isso, Libâneo (2001), ao desenvolver a teoria da complexidade, influenciada pela abordagem de Edgar Morin, insere-se na corrente holística, que se opõe ao modelo cartesiano e reflete a emergência da contemporaneidade. Isso porque considera o ser humano como um todo integrado e interconectado com o meio ambiente.

Daí ser caracterizada como um paradigma emergente para recuperar o elo perdido, Akiko (2008) ocasionado pelo fracionamento do conhecimento, as disjunções e a dicotomia das dualidades, a exemplo do sujeito/objeto; razão/emoção. Neste sentido, o modo de pensar é condicionado à articulação e à valorização do modelo dicotômico que ao dar ênfase à racionalidade em detrimento da subjetividade, fragmenta, e não considera a “articulação dos saberes disciplinares e o contexto”. O que impossibilita o corpo discente não só de desenvolver habilidades de pensamento crítico e resolução de problemas, mas também de contextualizar o conhecimento e torná-lo mais relevante e significativo.

A organização que predomina na prática do magistério é pautada nos princípios disseminados por Descartes (2025), que culminaram nos processos de fragmentação, disjunção e descontextualização, inviabilizando a relação entre as disciplinas e as áreas do conhecimento. Isso levou as instituições de ensino a organizarem seus fazeres pedagógicos em grades curriculares que dividem o conhecimento em blocos disciplinares descontextualizados. No entanto, apesar de se reconhecer que esse modelo possibilitou o acúmulo de conhecimento científico e tecnológico, é visível que uma nova dinâmica de relação com o conhecimento reclama a contextualização e o enredamento dessas relações, mediante o desenvolvimento científico (Akiko, 2008).

Conforme a autora, faz-se necessário novos princípios que atendam o paradigma emergente diante da nova dinâmica em que se encontra o desenvolvimento da ciência. Por isso, entre os novos princípios aponta: o holográfico, a transdisciplinaridade, complementaridade dos opostos, princípio da incerteza e o princípio de autopoiese. Assim, o princípio holográfico ao

propor a religação entre o todo e as partes, traz à tona o desafio para os professores, revelando a necessidade da busca do elo perdido por meio do princípio da transdisciplinaridade.

Este princípio está atrelado a superação da lógica do “sim” e do “não”, incluindo, desta maneira um terceiro termo em que o “é” se une ao “não é”, distinguindo, assim, outros níveis de realidade, daí não haver uma verdade absoluta, já que o terceiro termo inclui a dinâmica da relatividade em que a articulação dos contrários: sujeito/objeto; simplicidade/complexidade; unidade/diversidade abrem margem a um processo de compreensão mais abrangente da lógica estabelecida pelo paradigma disciplinar.

Nessa dinâmica, incluem-se os temas transversais, bem como as jornadas temáticas que, atravessam, por assim dizer, a linha disciplinar em que se firmou a epistemologia do conhecimento, já que proporcionam um diálogo entre os saberes. Ao permitir esse diálogo pela via da transversalidade, o conhecimento vai ao encontro da transdisciplinaridade. Tal fato permite a multidimensionalidade, da conexão entre os saberes e da distinção entre as várias realidades. Fomentar essa interface, é compreender que a transdisciplinaridade tem como base o conhecimento disciplinar. Daí não serem opostos, mas uma realidade complementar.

Essa relação de dependência em que um está no outro, leva à reflexão de que há necessidade de se reconhecer como parte do planeta, fragmentos de sóis que compuseram essa espécie e que cada um faz parte da sociedade, que, sem essa parte não existiria. Para Almeida (2010), somos parte do Cosmo e ao mesmo tempo estranhos a ele. Tal paradoxo é advindo das diversidades que compõem o ser humano (faz parte do cosmo, o cosmo está nele, mas possui suas singularidades). Aspectos que vão ao encontro da complexidade humana que, por sua vez, não é explicada por meio de um único olhar, mas por aspectos globais que dialogam com os vieses da realidade, da cultura e da diversidade.

Ainda de acordo com Morin (2003), a unidade e a complexidade humana podem ser analisadas de acordo com os vários conhecimentos dispersos nas ciências humanas, nas Ciências Sociais e na Literatura. Conforme seu olhar, a Literatura reflete a diversidade das relações em que o jovem está inserido, já que por meio de grandes obras literárias abordam-se os contextos históricos, culturais e o modo como se dão as relações humanas.

Por meio dessa abordagem, compreende-se que a literatura busca auscultar as realidades políticas discriminatórias como em *Os Sertões* de Euclides da Cunha; as de exploração da força de trabalho como em *Os Corumbas* de Amando Fontes; as de injustiça como em *Os Miseráveis* de Victor Hugo; as de introspecção e intimismo como em *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector; as de desigualdade social como em *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto; as de sobrevivência em meio aos desmandos governamentais como em o *Quinze* de

Raquel de Queiroz; e as de poder como em *Vida Secas* de Graciliano Ramos em que a luta pela sobrevivência é permeada pela opressão política e pelas situações climáticas oriundas, ora do Sol ora da chuva.

Nessas obras, mesmo em meio aos sofrimentos advindos de cada realidade e de cada contexto histórico, social, político e econômico, percebe-se que o entusiasmo pela vida brotava de suas crenças por melhores condições de existência, tendo em vista a condição planetária que os circundava. Percebe-se que das páginas da literatura brotam poesias que ressignificam as vidas. As prosas são oriundas das poesias que compõem a complexidade e a incompletude de vidas que representam muitas outras, seja no sertão baiano, cearense, pernambucano, sergipano, alagoano, seja em um país como a França, ou, ainda, em uma cidade como a do Rio de Janeiro.

Ademais, as obras literárias refletem os contextos históricos, culturais e o modo como se dão as relações humanas em contato com seus imaginários sociais. Para Morin (2003), o ser humano faz parte de uma tríade indissociável: indivíduo-sociedade-espécie. Assim, o indivíduo faz parte da sociedade e a sociedade está no indivíduo, tendo em vista que os elementos culturais o acompanham em suas atitudes e expressões.

Por meio dessa abordagem, compreende-se que a literatura busca auscultar as realidades intersubjetivas atravessadas pelo diálogo entre os saberes epistemológicos e o ambiental. Essa realidade é concretizada quando se questiona o conhecimento do conhecimento, quando o aluno passa a compreender e apreender que a construção do conhecimento se dá na interação com o meio físico e social. Reitera-se essa construção com a citação de trechos do poema *Tecendo o fio da vida*<sup>11</sup>, resultado dessa conexão entre os saberes. É o que se percebe nestas estrofes:

[...]  
 Cada raspada é história, memória, a brilhar  
 ciclos de vida, em silêncio a cantar.  
 com dedos precisos, mudam por vir,  
 na escuridão da noite, fazem um dia surgir

E quando o primeiro raio beijo amanhecer,  
 o campo resplandece no brilho de seu fazer.  
 São elas, as tecelãs de um novo renascer,  
 que, na luz e no esforço, fazem o dia crescer  
 (Aluno X da 3ª “C” do CEER)

---

<sup>11</sup> O poema “Tecendo o Fio da Vida” foi elaborado por um aluno do CEER quando participou da Ação Pedagógica realizada pela professora pesquisadora. Depois da visita à casa de farinha do povoado Mulungu, ao retornarmos ao Colégio, foi realizada uma discussão em mesa redonda acerca da dinâmica dos trabalhadores da casa de farinha que saem de casa para desenvolver suas funções trabalhistas às 4h da manhã. A pesquisadora trabalhou, na ocasião, o poema “Tecendo amanhã” de João Cabral de Melo Neto, a fim de que o conhecimento fosse sistematizado. A partir dele, veio à tona o diálogo entre os saberes (formal - o poema utilizado pela professora -, informal - o saber ambiental dos trabalhadores da casa de farinha - e o terceiro termo incluído - as subjetividades e inferências de cada olhar sobre as realidades física e social) na elaboração de poemas pelos alunos participantes da pesquisa, a exemplo deste que segue para análise.

Dos versos dessa poesia, além de emanar a luta pela sobrevivência permeada pela resiliência e pela determinação das mulheres trabalhadoras das casas de farinha que, ainda pela madrugada fria, tecem o fio da vida para sustentar suas famílias, reflete, também, acerca da pertinência do conhecimento nas tessituras do processo da transdisciplinaridade. Interface que visa à criação de uma nova ciência que dialogue com múltiplos processos materiais e imateriais, saberes subjugados de diferentes escalas e níveis, tendo em vista a complexidade do ambiente enquanto “processos de ressignificação do real, geradores de novas identidades em torno do saber” (Leff, 2011). Sob essa ótica, nota-se que os alunos criam, aprendem e refletem sobre suas experiências e podem transformar a forma como se veem e se relacionam com o mundo ao seu redor.

Destes versos, “*elas, de olhos atentos seguem a missão/mandioca em mãos, com ritmo e suor/criam o sustento, um trabalho maior*”, é notório o quanto o aluno captou a relação das raspadeiras de mandioca com seu contexto histórico, social, político e econômico, evidenciando a relação do indivíduo/sociedade/espécie, significando que, no convívio social, a construção das relações sociais é fundamentada na dinâmica de um depender do outro.

Nas páginas da literatura surgem poesias que ressignificam vidas, revelando a conexão entre saberes e apontando para uma educação capaz de dialogar com a complexidade e a transdisciplinaridade. Essa perspectiva exige que o conhecimento seja construído a partir de princípios transdisciplinares, superando o viés da disciplinaridade fragmentada. Ao refletir sobre as circunstâncias poéticas que se universalizam, a educação deve reconhecer que a identidade humana se forma na integração do todo (Morin, 2003), celebrando a diversidade ao mesmo tempo em que promove a unidade e a compreensão mútua, criando ambientes de aprendizagem inclusivos e acolhedores para todos.

As pesquisas desenvolvidas na modernidade têm apontado para uma nova forma de conceber e compreender o processo de aprendizagem. Nesse sentido, Maturana e Varela (1995) sustentam que a aprendizagem constitui um ato autopoietico, ou seja, a construção do conhecimento emerge das interações contínuas entre o indivíduo e o meio físico-social. Complementando essa perspectiva, Assmann (1998) destaca que esse processo ocorre de “dentro-para-fora” e de “fora-para-dentro”, colocando as emoções e as intuições em primeiro plano e valorizando a subjetividade ao lado – e não em detrimento – da objetividade típica da pedagogia tradicional.

Akiko (2011) reconhece que o homem passa a ser definido conforme os princípios holográficos de Bohn (1988), da Complementaridade dos opostos de Bohr (1961), da Incerteza

de Heisenberg (1963), da Transdisciplinaridade de Nicolescu (1999) e da Autopoiese de Maturana e Varela (1995). Tais princípios apontam, respectivamente, para a superação da descontextualização e da fragmentação oriundas do método cartesiano; para a superação das dualidades entre os pares binários ao considerar suas complementaridades; para evidenciar que a dinâmica da vida se dá por meio das incertezas; para a construção do saber articulado a partir de uma visão globalizada sem perder de vista os conceitos e a lógica, reconhecendo que não se opõe à disciplinaridade; e para a Autopoiese, significando que o conhecimento se dá a partir da relação do homem com as realidades interiores e exteriores. Esses princípios provocam mudança de paradigma nos sistemas educacionais, já que transgridem a lógica estabelecida.

Porém, essa quebra de paradigma carece de tempo para avaliar, para comprovar, para acomodar os novos conceitos, Akiko (2011). O trabalho do professor é, portanto, apresentar recursos para que, nesta travessia, cada um, conforme sua percepção, possa dialogar com os conceitos e, partir deles, construir e reconstruir conexões para, assim, enredar-se pela via da incerteza que ilustra os caminhos da vida.

Portanto, a metodologia de ensino/aprendizagem centrada no Projeto Transdisciplinar (que atravessa as realidades da multidisciplinaridade, da pluridisciplinaridade e da interdisciplinaridade) (Akiko; Santos, 2005), contém uma dinâmica envolvente para o corpo discente, já que ele passa de ser passivo a um ser ativo. Nessa dinâmica, é levado a pensar suas ações, a criar estratégias para realizá-las, interpretar, interagir com outros alunos que têm pontos de vista diferentes do seu, organizar e expressar seu aprendizado, enfim, o aluno é protagonista de seu próprio conhecimento. Aprende em contato com as realidades interiores e exteriores ao exercer sua autonomia de ser autopoietico e ao compreender que sua condição humana é atravessada pela complexidade da existência terrena, por isso o despertar para o cuidado consigo, com o ambiente e com o cosmo.

Reconhecer que o ser humano é atravessado pelas condições cósmica, física, terrestre e humana é compreender que o humano está no mundo e o mundo está no humano. A educação do futuro deve ensinar, pois, que pertencemos à espécie humana. Essa compreensão, um tanto complexa, deve alertar não só sobre a consciência da identidade terrena na era planetária, mas também sobre a necessidade de enfrentar as incertezas, superar os determinismos históricos, aprender a ser e a viver junto, respeitar a diversidade dos indivíduos, povos e culturas, tendo em vista que, enquanto cidadãos do mundo, caminham para o mesmo fim (Morin, 2003).

## 2.4 Saberes E Fazeres Pedagógicos: Lugar da Manifestação do Ser Autopoiético

“Ler é se encontrar com a vida” (Cereja, 2005, p. 08). Essa passagem, grafada no livro “*Ensino de Literatura*” (uma proposta dialógica para o trabalho com a Literatura), revela o verdadeiro significado da leitura: encontrar-se com a vida em seus diversos aspectos atemporais. Dentro dessa perspectiva, a leitura de textos literários traz à luz a reflexão acerca dos fatores socioculturais, socioeconômicos, sociopolíticos e socioambientais que estão imbricados nos contextos e intertextos das obras da Literatura Brasileira, seja em prosa ou em verso.

Contudo, conforme o autor supracitado, o ensino de Literatura no Ensino Médio, não tem cumprido o papel de levar o corpo discente a *se encontrar com a vida*. Isso porque se limita à historiografia da literatura (conhecimento de estilos literários, características, autores e obras). Para Cereja (2005), a leitura de obras literárias, sua reflexão e análise fica em segundo plano, já que o professor não adota em suas aulas o texto literário como um aspecto metodológico central para refletir acerca das questões socioambientais que os circunda, para aprender sobre a própria literatura e para desenvolver habilidades específicas de leitura e interpretação.

Outro ponto crítico, ao analisar a leitura nas turmas de Ensino Médio, é a falta de hábito de ler – tanto textos literários quanto não literários. Aspecto que reitera a ausência de competência leitora nos exames de cunho externo como Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), bem como nos programas de caráter nacional, a exemplo do Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica). A esse respeito, tem-se: “[...] diferentes instrumentos de avaliação, nacionais e estrangeiros, têm atestado o despreparo de nossos alunos quanto às capacidades leitoras. [...]”(Cereja, 2005, p. 10)”. Esses exames diagnosticaram que o baixo rendimento dos estudantes brasileiros, deve-se à falta da leitura compreensiva e fluente.

Mediante essa realidade, propõe-se um trabalho pedagógico voltado tanto para a reflexão sobre questões ambientais locais — a partir da vivência e da observação do trabalho nas casas de farinha — quanto para a leitura e análise de obras literárias. A partir dessas leituras, os alunos prepararam a apresentação de seminários, pensaram na criação de cenários conforme a análise da obra em questão e, em grupos, organizaram dramatizações, coreografias e a produção de poemas, de acordo com sua recepção de leitura.

Essa metodologia contribuiu para que os participantes da pesquisa, ao se depararem com questões socioambientais por vezes inóspitas, pudessem refletir sobre sua realidade e valorizar o contexto de seus imaginários sociais, almejando, por meio do universo escolar, transformar o

próprio entorno. Ao promover essa dinâmica, potencializa-se a participação dos estudantes nas aulas de Literatura, uma vez que, “seja debatendo textos literários, seja debatendo obras de leitura extraclasse ou apresentando seminários, os alunos declararam desejar participar do processo de construção do conhecimento” (Cereja, 2005, p. 34). Incentivar essa abordagem, portanto, vai ao encontro do que reitera Akiko Santos (2008), ao afirmar que a participação ativa no processo de construção do conhecimento possibilita ao corpo discente interagir de maneira significativa com o meio físico e social.

Daí a contemporaneidade reclamar uma postura educacional que comungue com o que propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais (2006), ao apontar a necessidade de posturas metodológicas voltadas para pesquisa, para a organização e seleção de informações, para argumentar e analisar situações-problema. Tais aspectos configuram-se como indicadores da formação do ser autopoietico, uma vez que a construção do conhecimento se efetiva por meio do diálogo, da troca de experiências e do contato com as dimensões objetiva e subjetiva da realidade.

Diante dessa interface, Edgar Morin (2003) evidencia não só a necessária tarefa da educação de ensinar a enfrentar as incertezas, haja vista que o desenho do futuro é um caminho imprevisível, mas também alertar sobre a necessidade de se ensinar a compreensão pela via das intersubjetividades, vencendo o egocentrismo e todos os obstáculos que se colocarem contrários à compreensão humana.

Corroborando com essa visão, (Lajolo, 1993, p.02) afirma que “ler é também interpretar os signos do mundo”. Interpretar. Compreender. Aprender a apreender. Ações que estão na contramão do ensino de Literatura de grande parte da realidade das escolas, já que os alunos, neste caso do Ensino Médio, são levados ao processo de memorização. Conforme pesquisa realizada pelo autor em questão, tal prática se limita ao que é abordado pelo livro didático (estilos literários, características e fragmentos de obras).

Essa sistematização não contribui para o desenvolvimento do senso crítico nos educandos, tampouco para a formação de habilidades e competências que favoreçam a liberdade de “inferências de sentidos” e, sobretudo, a construção do ser autopoietico por meio do conhecimento adquirido no ato de desbravar os textos literários. Tal processo é relevante, pois possibilita ao aluno criar e recriar significados, vivenciar a imersão textual e experimentar a catarse por meio de encenações teatrais. Essas experiências favorecem a emergência da novidade criadora e a constituição de múltiplos sentidos produzidos no ato de ler, nesse percurso pelo universo da literatura. Assim, tais práticas contribuem para o reconhecimento de si, para a transformação do eu e, conseqüentemente, para a valorização da própria identidade e

de suas raízes.

Morin (2003) traz esses aspectos ao abordar o conhecimento pertinente e a necessidade de superar os erros e as ilusões de uma educação que fragmenta e o reduz (neste caso, reduzir o ensino de Literatura à sua historicidade). Aponta, pois, a compreensão do contexto global, do aspecto multidimensional do ser humano e do viés complexo em que as relações são tecidas, para direcionar a busca do tão almejado conhecimento do conhecimento.

Contudo, em pesquisa realizada por Cereja (2005), em escolas públicas e particulares de São Paulo, a concretização do que propõe Edgar Morin parece se distanciar, sobremaneira, dos fazeres e saberes pedagógicos, tendo em vista um ensino de Literatura voltado para o dialogismo centrado na perspectiva não só da linguagem enquanto um sistema dinâmico e interativo (daí a interação do aluno com seu entorno), mas também no que diz respeito à sua essencialidade para a criação literária e para a compreensão do texto (Bakhtin, 1997).

Ainda segundo o autor dessa pesquisa, porém, há um fosso exorbitante entre o que se planeja e o que se efetiva em sala de aula. Isso porque grande parte dos professores, define sua metodologia pedagógica, conforme o que se cobra nos exames seja vestibular (na época da pesquisa), ou Enem (nos tempos atuais). Em virtude disso, a realidade do que os alunos veem em sala de aula, não condiz com o que é, efetivamente, visto nos processos avaliativos.

De acordo com esse pensamento, a afirmação de que os alunos não têm interesse pelos estudos e pela leitura não procede. Eles reiteram que não suportam aulas puramente expositivas e preferem aquelas que favorecem o dialogismo – entendido aqui como a oportunidade de experimentar, desenvolver e colocar em prática as questões problematizadas – ainda que isso implique maior nível de exigência e de trabalho. É o que se percebe neste trecho:

A despeito do senso comum de que os estudantes de hoje não gostam de estudar nem se interessam por projetos ou estudos complementares, a pesquisa mostra que o aluno, segundo ele declara, não suporta mais aulas unicamente expositivas, que o excluem do processo de aprendizagem. Sua preferência tem sido por aulas dialógicas, nas quais ele tem a voz e direito a construção do conhecimento, mesmo que isso implique maior trabalho e envolvimento de sua parte (Cereja, 2005, p.53).

Partindo dessa reflexão, pode-se avaliar que o ensino de Literatura voltado para o contato com a realidade experienciada, sobretudo, a partir de textos literários, faz toda diferença na vida do educando, como afirma:

[...] modos variados de abordagem da obra- pesquisas, seminários, debates, criações artísticas na forma de teatro, vídeo e músicas, produção de textos, desenvolvimento de projeto (...) geralmente estimulam mais os jovens do que a mera verificação da leitura por meio de provas (CEREJA, 2005, p.53).

Tudo isso favorece ao sucesso do processo de ensino-aprendizagem seja pelo contato com os livros, seja pelo incentivo do professor - meios potencializadores para a construção do ser autopoietico - uma vez que a interação dos estudantes com os universos cultural, social, econômico, político e artístico estabelecem conexões interdisciplinares que os envolvem de tal maneira que a teorização dá lugar à análise da realidade e de sua possível metamorfose,

Seguindo ainda as reflexões desse autor, percebe-se que o ensino de Literatura, é, para os alunos, considerado eficiente, já que permite o diálogo interdisciplinar com outras áreas do conhecimento e com outras linguagens, a exemplo da dança. Esse nexos com a realidade vivida e experienciada faz do estudante um construtor e reconstrutor desse processo. Daí são evidenciados o protagonismo estudantil e a concretude da práxis pedagógica que liberta e emancipa (Loureiro, 2006).

Assim o ambiente escolar torna-se responsável tanto pela formação de leitores proficientes quanto pela formação do despertar do público estudantil para pensar sobre si, sobre o meio que o cerca, a partir do diálogo entre os saberes - realidade local e texto literário. Por isso, o autor de *Ensino de Literatura* destaca a necessidade de profissionais capacitados para atuar em consonância com as exigências do tempo atual, a fim de possibilitar formação integral dos estudantes, como se verifica nesta passagem:

O profissional dos novos tempos deve ser qualificado não apenas quanto aos requisitos técnicos, mas também quanto à capacidade de se adaptar a novos contextos sociais e profissionais, de interagir e se comunicar com outras pessoas, de lidar com as tecnologias de ponta e de expressar uma visão democrática solidária e ética da vida em sociedade (CEREJA, 2005, p.111).

Dentro dessa perspectiva, os profissionais devem reconhecer que a vida em sociedade está imbricada por aspectos da cultura. Esse fenômeno está presente nos textos literários, uma vez que a visão não linear de sua historicidade rompe as barreiras do tempo e dialoga com a contemporaneidade. Isso porque “[...] os diálogos no âmbito da literatura e da cultura transcendem fronteiras geográficas e linguísticas” (CEREJA, 2005, p. 200). Corroborando com essa visão, Bakhtin (1997) afirma que as obras literárias não poderiam alcançar o futuro, se não bebessem dos aspectos culturais do passado.

É o que se pretende com o trabalho centrado tanto na observação da realidade do educando tendo em vista a cultura das casas de farinha, quanto na leitura de obras literárias que dialoguem com essa vivência. Essa dinâmica levou o corpo discente a refletir acerca dos desdobramentos de sua cultura para assim, valorizar-se, reconhecer-se como um ser humano capaz de transformar seu entorno.

Desta feita, os professores lançando mão dos aspectos diacrônicos e sincrônicos dos

quais falam Antônio Cândido (1918), Bakhtin (1997) e Cereja (2005) a respeito do ensino de Literatura cumprem a valorosa tarefa de libertar o texto literário de seu tempo histórico para deixá-lo “[...]ressoar e renascer aos olhos do leitor contemporâneo que procura compreender o presente com olhos no passado (CEREJA, 2005, p.195)”. Observou-se, pois, que o diálogo entre a realidade do educando e o trabalho com o texto literário — seja em prosa ou em verso —, ao ocupar lugar central nas aulas de Literatura, contribuiu para a formação de estudantes competentes, capazes de refletir, analisar e compreender as situações-problema que lhes são apresentadas.

Dessa forma, em meio à diacronia e à sincronia de sua existência, fez ressurgir o fio da vida pelo reconhecimento e o sentimento de pertença de quem se é, a partir da recepção e da reconstrução do deixar-se ser. Daí emergem a construção do conhecimento pertinente e a emancipação do protagonismo estudantil.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados para o alcance dos objetivos previamente delineados. A pesquisa fundamentou-se em uma abordagem ancorada no método ativo, articulando ação e investigação com vistas à resolução de problemas concretos. Tal perspectiva apoia-se nas contribuições teóricas de John Dewey (1938), Kurt Lewin (1946) e Paulo Freire (1970), que enfatizam a experiência, a reflexão crítica e a ação como elementos essenciais no processo de construção do conhecimento.

Para sustentar essa proposta, recorreu-se à Metodologia da Problematização, fundamentada no Método do Arco de Charles Maguerez (Barbel, 1998), cujo esquema foi sistematizado por Bordenave (1982). Essa metodologia organiza-se em cinco etapas interdependentes: (1) Observação da Realidade; (2) Identificação dos Pontos-Chave; (3) Teorização; (4) Formulação de Hipóteses de Solução; e (5) Aplicação à Realidade. Tais etapas orientaram o desenvolvimento da pesquisa, promovendo uma relação dialética entre teoria e prática, com vistas à transformação da realidade investigada.

#### 3.1 Observação da Realidade

Segundo Paulo Freire (1997), o conhecimento não se transmite, se constrói. Essa construção se dá na relação com o meio. Todos os aspectos biológico, físico e social, simultaneamente, contribuem para que a aprendizagem aconteça, pois tudo que está ao redor do aluno é percebido e transformado em conhecimento. É o que se percebe neste trecho:

O conhecimento resulta do enredamento dos aspectos do físico, do biológico e do social, considerados inseparáveis e simultâneos. Tudo o que existe no ambiente influencia o ser, que o capta e integra no processo mental de interação e construção. Nesse caso, impõe-se a necessidade de ressignificar, também, o próprio conceito de percepção (Akiko Santos, 2008, p.80).

Conforme essa reflexão, os alunos constroem seu próprio conhecimento, cabendo ao professor incentivá-los, mediando o diálogo entre os saberes e tornando-os ativos e protagonistas do processo educativo. Além de reconhecer que cada educando é um ser único, por isso a forma de captar e perceber a realidade e de resolver problemas depende de “sua própria determinação estrutural”. Constrói conhecimento a partir do que vê, do que ouvi e do que é captado pelo cérebro, isto é, a partir de suas sensações, emoções e intuições.

O ser humano aprende tendo por base conhecimentos já estruturados, não apenas conhecimentos objetivos, mas também as sensações, as emoções e asintuições. A aprendizagem emerge de dentro do sujeito cognoscente. Como indica a noção de autopoiese, o sujeito estabelece relações com o novo na produção da vida, reestruturando o seu próprio organismo. O novo enreda-se no velho, reestruturando as sinapses neuronais (Akiko Santos, 2008, p.81).

Nesse processo de aprendizagem, a ênfase não se dá ao acúmulo de conhecimento, mas à capacidade que o corpo discente tem de dialogar com os saberes e lançar mão do conhecimento que lhe é significativo. Isso implica além de atravessar as várias áreas do conhecimento, buscar novas possibilidades de compreensão, tendo em vista que todos os conhecimentos são importantes. Por isso, é preciso mudar os conceitos, mudar as atitudes, a mentalidade e reconhecer que a construção do conhecimento significativo acontece quando os alunos são envolvidos nessa construção de onde brota o encanto do aprendente pelo aprendido.

Para Akiko (2008), aplicar os princípios holográficos e transdisciplinar aos processos de ensino-aprendizagem carece ressignificar o sentido do conhecimento, superar as dicotomias impostas pelo paradigma disciplinar; reconhecendo que “todo ponto de vista é visto de um ponto”; reconstruir a prática pedagógica, buscando diálogo entre os saberes, contextualizando as realidades do mundo vivido e seus níveis de distinção.

As pesquisas desenvolvidas no cenário da modernidade têm apontado para uma nova forma de conceber e compreender o processo de aprendizagem. Nesse contexto, Maturana e Varela (1995) afirmam que a aprendizagem pode ser compreendida como um ato autopoietico, uma vez que a construção do conhecimento se dá a partir das relações estabelecidas com o meio físico e social. Além disso, conforme destaca Assmann (2001), esse processo é concebido “de dentro para fora e de fora para dentro”, valorizando a subjetividade, e não apenas a objetividade, como propõe a pedagogia de cunho tradicional.

A partir dessa reflexão, buscou-se analisar como o diálogo entre os saberes e o contato com a Literatura contribuiu para ressignificar a construção do conhecimento nas aulas de Língua Portuguesa do corpo discente do CEER, em São Domingos/SE. Fomentar essa dinâmica exigiu da pesquisadora um planejamento que permitisse ao educando interagir com o universo literário, refletir sobre sua condição humana a partir da percepção do que leu e ouviu, bem como da troca de experiências com seus pares.

Ao reconhecer que esse era o caminho para a construção do ser autopoietico, a pesquisadora estruturou a intervenção pedagógica em três momentos distintos e articulados entre si.

Primeiro momento – Planejamento: nessa etapa, foram selecionadas as obras literárias adequadas à faixa etária dos alunos das 3<sup>as</sup> séries B e C do CEER, em São Domingos/SE, considerando-se a pertinência temática e os objetivos pedagógicos estabelecidos. Definiram-se, ainda, os objetivos a serem alcançados e as estratégias de mediação da leitura. Como parte da proposta de articulação entre realidade local e literatura, foi organizada uma visita técnica a uma casa de farinha da comunidade, com o propósito de possibilitar aos alunos a observação direta do contexto sociocultural e socioambiental que subsidiaria as reflexões desenvolvidas ao longo das atividades.

A visita constituiu-se como etapa diagnóstica e experiencial, correspondente ao momento de Observação da Realidade, conforme preconiza a Metodologia da Problematização. Tal vivência favoreceu a identificação de elementos constitutivos dos imaginários sociais dos estudantes, uma vez que o trabalho na casa de farinha integra suas referências culturais, econômicas e simbólicas.

Nesse contexto, trabalhou-se o poema “*Tecendo a Manhã*”, de João Cabral de Melo Neto, cuja metáfora do canto dos galos que anunciam a aurora foi associada ao labor coletivo dos trabalhadores da casa de farinha. Assim como, no poema, a manhã se constrói pelo entrelaçamento dos cantos — um galo que chama o outro até que o dia se erga —, também na realidade observada o trabalho se efetiva de modo colaborativo, revelando que o “amanhã” se tece pela ação conjunta e pela interdependência entre os sujeitos.

Dessa forma, a leitura literária possibilitou a ressignificação da experiência concreta, articulando estética e realidade e promovendo a ampliação da consciência crítica dos estudantes acerca de seu próprio contexto social.

Segundo momento – já de posse das obras (*Vidas Secas*, *O Quinze*, *Os Corumbas*) que orientariam os trabalhos, a pesquisadora iniciou as atividades organizando os alunos em círculo, com o intuito de promover a interação e o envolvimento do grupo. A dinâmica foi iniciada com a recitação do poema “*No meio do caminho*”, de Carlos Drummond de Andrade, seguida da solicitação para que os estudantes compartilhassem uma palavra ou verso que lhes tivesse chamado a atenção, relacionando-o às experiências vivenciadas em seu cotidiano.

Posteriormente, foram apresentados os objetivos por meio de slides, estabelecendo-se conexões entre a proposta de leitura e os imaginários sociais dos alunos. Entre os objetivos explicitados, destacaram-se: desenvolver a competência leitora e a análise crítica das obras; relacionar os textos literários às vivências socioculturais da comunidade; problematizar a realidade observada na casa de farinha; e promover o protagonismo juvenil por meio da produção estética e da reflexão crítica, considerando que a arte representa a vida em seus

aspectos socioculturais e socioambientais.

Nesse momento, introduziram-se também obras de caráter regionalista, que serviram de fundamentação para o diálogo entre a realidade local e o universo literário, evidenciando como a literatura brasileira tematiza o trabalho, a cultura e as vivências do povo nordestino. Essas leituras possibilitaram aos estudantes reconhecer, nos textos literários, traços de sua própria realidade, favorecendo um movimento de identificação, reflexão crítica e ressignificação de suas experiências.

Terceiro momento – Sistematização e avaliação: após a leitura das obras selecionadas, foram organizadas rodas de conversa para a socialização das impressões e interpretações. A verificação do alcance dos objetivos ocorreu por meio da realização de seminários, debates em mesa redonda, da produção de relatórios e da elaboração de poemas, envolvendo um total de 55 alunos participantes da pesquisa.

Como culminância do processo, realizou-se um Sarau Literário, concebido como espaço de expressão estética, partilha e integração dos saberes construídos ao longo do processo. O evento contou com dramatizações, declamação de poemas autorais, apresentação de monólogos, performances de grupos de dança e construção de cenários inspirados nas obras trabalhadas. Essa etapa envolveu não apenas os alunos participantes da pesquisa, mas também professores de outras áreas do conhecimento, configurando-se como uma experiência interdisciplinar que ampliou o diálogo entre literatura, arte e realidade.

O Sarau constituiu-se, assim, como momento de síntese e materialização das aprendizagens, evidenciando a apropriação crítica dos conteúdos e a ressignificação das experiências vivenciadas ao longo do percurso. Nesse movimento, a experiência do Sarau favoreceu processos de reconhecimento de si, fortalecimento da identidade e valorização das raízes socioculturais, reafirmando que o diálogo entre os saberes e a conexão com a literatura atua como prática humanizadora e como um potente meio de ampliação da consciência crítica.

Esse trabalho pedagógico, segundo Akiko Santos (2005), exige uma postura de travessia: a passagem da disciplinaridade à transdisciplinaridade. Tal movimento implica uma mudança de mentalidade e a abertura para compreender que a estrutura da educação disciplinar modela comportamentos, atitudes e modos de pensar que já não correspondem às exigências dos tempos atuais.

Daí a necessidade de um trabalho que possibilite a participação ativa dos alunos no processo de construção da aprendizagem, que os leve a compreender as realidades que os circundam, que reflitam, que questionem, que se envolvam na construção e na ressignificação da aprendizagem, tendo em vista que o conhecimento não é neutro. Ele é produto das

circunstâncias sociais (Akiko; Santos, 2005).

Diante desses aspectos, pretendeu-se evidenciar que os fazeres e saberes pedagógicos orientados pela observação da realidade e pela prática significativa da leitura literária, aliados à participação ativa dos estudantes em rodas de conversa, produções poéticas, análises críticas e seminários, potencializam a transição do paradigma tradicional para um novo paradigma educacional, pautado na autonomia, na reflexão crítica e na construção coletiva do conhecimento.

Essa quebra de paradigma carece de tempo para avaliar, para comprovar, para acomodar os novos conceitos (Akiko, 2011). O trabalho do professor é, portanto, apresentar recursos para que, nesta travessia, cada um, conforme sua percepção, possa dialogar com os conceitos e, partir deles, construir e reconstruir conexões para, assim, enredar-se pela via da incerteza que ilustra os caminhos da vida.

Entre a Certeza do velho paradigma e a Incerteza do que a necessidade histórica prenuncia, as autoras salientam que o objetivo não é abolir o velho, mas apresentar conceitos que atendem melhor as necessidades históricas que atravessam as realidades do sistema educacional. Por isso, aponta a necessidade da tomada de consciência dos alunos como meio para reconstruir os conceitos e elaborar estratégias que conduzam seu caminhar tanto no âmbito escolar quanto fora dele, reconstruindo e ressignificando o seu modo de apreender as realidades, objetiva e subjetiva, oriundas da relação com o meio físico e social de onde brota a manifestação do ser autopoietico.

Quanto à natureza, a pesquisa classifica-se como aplicada, por visar à produção de conhecimentos voltados à resolução de problemas específicos no contexto educacional investigado, conforme apontam (Silveira; Córdova, 2009). No que se refere aos objetivos, apresenta caráter descritivo, uma vez que buscou analisar e compreender as práticas desenvolvidas no âmbito do estudo. Quanto à abordagem dos dados, assume natureza qualitativa, por privilegiar a interpretação dos fenômenos em seu contexto, considerando significados, percepções e experiências dos sujeitos envolvidos. No que se refere aos procedimentos metodológicos, o estudo configura-se como pesquisa-ação, visto que articulou investigação e intervenção no contexto escolar, envolvendo ativamente os estudantes no processo de reflexão e construção do conhecimento. Tal delineamento assume viés participante, considerando que a pesquisadora atuou diretamente junto ao grupo investigado, acompanhando, mediando e refletindo sobre as ações desenvolvidas.

Com efeito, buscou-se compreender como a literatura pode contribuir para uma formação de caráter reflexivo e emancipatório, na qual o processo de ensino e aprendizagem

rompe com a disciplinaridade e se abre à interlocução e ao diálogo entre saberes. Tal perspectiva reconhece a condição de incompletude do conhecimento humano e compreende que os territórios da incerteza atravessam a transdisciplinaridade, em consonância com os princípios do saber ambiental (Leff, 2011).

Nesse sentido, a observação da realidade — concretizada na visita à casa de farinha — constituiu-se como ponto de partida para a problematização das experiências vividas pelos estudantes. O contato sistemático com a literatura, por sua vez, possibilitou a ressignificação dessas vivências, ao promover o diálogo entre o contexto sociocultural local e o universo simbólico das obras trabalhadas. Assim, realidade e texto literário entrelaçaram-se como dimensões complementares na construção de um conhecimento crítico, sensível e transformador.

Segundo Bordenave (1982), a abordagem pedagógica centrada na problematização da realidade influencia, sobremaneira, a capacidade crítica do corpo discente. Conforme esse pensamento, a escolha pedagógica predominante em um determinado contexto reflete suas ideologias e seus objetivos. Daí a importância de se lançar mão da abordagem pedagógica que promova o desenvolvimento integral do aluno e sua capacidade reflexiva, imbuída da capacidade de transformar a realidade que o cerca.

Partindo desse pressuposto, optou-se pela Metodologia da Problematização, recomendada para situações em que as temáticas se relacionam à vida em sociedade (Berbel, 1998). Nessa perspectiva, a professora pesquisadora apresentou a proposta de organização dos alunos em grupos de estudo, os quais realizaram a observação da realidade social e concreta, com vistas à identificação e à resolução de problemas.

Em seguida, foram abordadas temáticas relacionadas não apenas à contribuição da literatura como meio de reflexão e enfrentamento de situações concretas da vida em sociedade, mas também à dinâmica do trabalho das raspadeiras de mandioca e ao descarte da manipueira — líquido extraído da raiz da mandioca —, observados durante a vivência na casa de farinha.

O contato com o universo pesquisado — seja ele bibliográfico ou físico — possibilitou o desenvolvimento da criticidade do educando, evidenciando o caráter formativo da observação da realidade e da resolução de situações-problema (refiro-me aqui ao descarte da manipueira). Tal princípio também se confirmou ao se verificar que o trabalho com a leitura de obras da literatura brasileira, especialmente as de vertente regionalista, potencializou a competência leitora e a consciência crítica e reflexiva dos estudantes, tanto para interagir no meio em que vivem quanto para compreender as nuances relacionadas à construção de sua identidade.

Para Barbel (2011), Dewey (1938) e Lewin (1946), essa metodologia pautada na reflexão e na autonomia do educando, leva-o ao engajamento e ao interesse pela aprendizagem, já que lhe é dispensada a liberdade para tomar decisões e construir conhecimento conforme a realidade vivenciada e experienciada.

Consoante o pensamento de Gerhardt e Silveira (2009), a coleta de dados constitui instrumento fundamental tanto para a efetivação quanto para a validação precisa dos registros da pesquisa. Por meio desse procedimento, buscou-se reunir e sistematizar as informações necessárias à realização do estudo, recorrendo-se a fontes de primeira mão, tais como diário de bordo, registros fotográficos e gravações, bem como à aplicação de entrevista semiestruturada de caráter exploratório e compreensivo. Tal instrumento possibilitou aprofundar a compreensão das percepções dos estudantes acerca da relação entre realidade local, literatura e construção do conhecimento, assegurando maior confiabilidade aos resultados obtidos.

### **3.2 Diálogos em Construção: entre Registros e Vivências**

Os dados foram coletados através de:

- a) Diário de bordo: os registros das intervenções realizaram-se no Centro de Excelência Emeliano Ribeiro/SE, no período de julho a dezembro de 2025. Nesse diário, os apontamentos foram elaborados por meio de descrição etnográfica e da observação in loco à casa de farinha, descrita no item 3.2 deste trabalho. Além disso, constam as descrições acerca da realização dos seminários, das mesas-redondas, da produção de relatórios e dos ensaios das dramatizações decorrentes das obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; *O Quinze*, de Rachel de Queiroz; *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto; e *Os Corumbas*, de Amando Fontes. Os dados referentes a esses registros encontram-se sistematizados no item 3.3 desta pesquisa.

Para a composição desta etapa do trabalho, a pesquisadora foi ao povoado Gameleira, local de sua origem, com o objetivo de revisitar espaços significativos da infância e mobilizar memórias afetivas como elementos constitutivos da observação do campo. Esse retorno permitiu articular lembranças pessoais a uma leitura mais sistematizada de seu lugar, compreendendo-o como espaço social, cultural e pedagógico. Um dos principais momentos de observação ocorreu junto à mangueira, árvore que marcou o período escolar da infância. Ao subir em seus galhos e folhear um caderno, foi possível rememorar sensações associadas ao aprendizado naquele ambiente que traz memórias constitutivas da construção de seu ser. A mangueira, nesse contexto, configura-se como um espaço simbólico e contemplativo tanto da natureza quanto de sua realização marcada pela experiência cotidiana de ensinar para mandiocas.

Outro espaço observado foi a fonte de água caracterizada por um pequeno lago formado a partir de um minante, que está localizado do lado do sol poente, circundado por árvores como bananeiras e goiabeiras. A observação desse local evocou memórias ligadas ao convívio com seus irmãos e ao uso coletivo dos recursos naturais, já que algumas pessoas da comunidade utilizavam aquele espaço de águas límpidas para tomar banho. Do ponto de vista etnográfico, a fonte apresenta-se como um espaço de sociabilidade e de relação direta com o meio ambiente, evidenciando a integração entre natureza, cultura e modos de vida locais.

A observação prosseguiu com a visita à casa de farinha do povoado Mulungu, no município de São Domingos/SE, espaço central na dinâmica econômica e cultural da comunidade. Na ocasião, foi possível acompanhar as etapas do processamento artesanal da produção de farinha de mandioca, bem como as interações sociais estabelecidas entre os trabalhadores. A casa de farinha revelou-se não apenas como local de encontros, mas como espaço de produção cultural, onde saberes tradicionais são transmitidos oralmente e por meio da prática, reforçando vínculos comunitários e identitários.

A partir dessas observações, desenvolveu-se a pesquisa com os alunos, fundamentada no diálogo entre os saberes dos imaginários sociais dos trabalhadores e o contato com o universo literário, seja por meio da observação da dinâmica do trabalho efetuado na casa de farinha, seja pela promoção de diálogos reflexivos sobre a importância cultural e social dessa atividade, ou pelo descarte da manipueira. Como suporte teórico-literário, utilizou-se o poema *Tecendo o Amanhã*, de João Cabral de Melo Neto, estabelecendo uma analogia entre o trabalho coletivo descrito no poema e a dinâmica colaborativa presente nesse lugar de encontro desde às 04h da manhã.

O diálogo com o poema possibilitou aos alunos compreender o fazer coletivo como elemento essencial tanto na produção da farinha quanto na construção do conhecimento. Assim como no texto poético, em que o amanhã é tecido por muitos galos, a casa de farinha foi compreendida como um espaço onde o trabalho compartilhado constrói não apenas o produto final (farinha), mas também laços sociais, identidades e aprendizagens.

A observação da realidade dos trabalhadores da casa de farinha contribuiu para ampliar a percepção dos estudantes sobre o valor dos saberes tradicionais e sua articulação com o conhecimento advindo da sistematização escolar (refiro-me aqui aos textos de cunho literário). Como fruto dessa atividade, os alunos construíram poemas que refletem a realidade de muitos de seus familiares e HQ que trazem em seu contexto as experiências vividas em contato com o meio físico e social.

Dando sequência aos registros desta pesquisa, o trabalho pedagógico desenvolveu-se a partir da observação da realidade cotidiana dos alunos e de sua articulação com a literatura regionalista, compreendida como mediadora do processo de reflexão crítica.

Esses procedimentos possibilitaram apreender os sentidos atribuídos pelos alunos às obras estudadas, bem como às problemáticas socioambientais emergentes de seu cotidiano, a exemplo das questões relacionadas ao meio ambiente e aos modos de vida locais. Ao promover o diálogo entre experiência vivida e texto literário, foi possível analisar as interações estabelecidas durante as atividades propostas, evidenciando como a literatura regional se constituiu como instrumento de compreensão da realidade, de construção de saberes e de ressignificação das práticas sociais observadas no contexto da pesquisa.

Inicialmente, a coleta de dados ocorreu a partir da leitura orientada de obras da Literatura Regional brasileira, tanto em prosa quanto em poesia, a saber: *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; *O Quinze*, de Rachel de Queiroz; *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto; e *Os Corumbas*, de Amando Fontes. As leituras foram realizadas de forma individual e coletiva, sendo acompanhadas de momentos de declamação de poemas e interpretação de monólogo, debates em mesas redondas. Essa estratégia favoreceu a cooperação, a expressividade, a oralidade e a apropriação crítica dos textos pelos alunos. As reações, comentários e interpretações e análises manifestadas durante essas atividades foram registradas no diário de bordo da professora-pesquisadora e se encontram no item 4.3 deste trabalho

Em seguida, foram realizados seminários temáticos, nos quais os alunos, organizados em grupos, apresentaram análises das obras estudadas, destacando aspectos como contexto histórico-social, personagens, conflitos narrativos, ponte com a realidade e problemáticas ambientais e sociais presentes nos textos. As apresentações e os debates decorrentes desses seminários constituíram importantes fontes de dados, uma vez que possibilitaram observar o nível de compreensão das obras e as relações estabelecidas pelos estudantes entre sua realidade cotidiana e literatura.

Complementarmente, foram promovidas mesas redondas de caráter dialógico, mediadas pela professora-pesquisadora, com o objetivo de estimular a participação ativa dos alunos e a construção coletiva do conhecimento. Nessas mesas, os estudantes foram incentivados a expressar suas opiniões, relatar experiências pessoais e refletir sobre questões ambientais presentes em seu cotidiano, como o descarte inadequado da manipueira. As falas e interações ocorridas nesses momentos foram sistematicamente registradas como parte do corpus da pesquisa, também estão contidas no item 3.3 deste trabalho.

A coleta de dados também incluiu a elaboração de relatórios sobre as apresentações de seminários, bem como nos depoimentos durante e após realização do Sarau Literário baseados nas obras literárias trabalhadas. O processo de criação e encenação das dramatizações permitiu observar como os alunos reinterpretaram os textos, ressignificaram os conflitos sociais e ambientais abordados e articularam os conteúdos literários com suas vivências locais. As observações referentes a esse processo foram registradas de forma descritiva na parte de discussão dos resultados e apêndice desta pesquisa.

Por fim, todas as atividades desenvolvidas — observação da realidade etnográfica da pesquisadora, a ida à casa de farinha do povoado Mulungu e o direcionamento do trabalho pedagógico com vistas ao diálogo entre os saberes: conexão entre o cotidiano da casa de farinha e o ensino de Literatura que se deu, seja pela observação da realidade dos trabalhadores da casa de farinha, seja pelas leituras, declamações de poema ou pela participação nos seminários, mesas redondas e nas dramatizações — constituíram-se como instrumentos de coleta de dados, possibilitando analisar de que maneira o diálogo entre os saberes e a observação da realidade das casas de farinha e sua interação com o ensino de literatura contribuíram para a reflexão crítica dos alunos e transformação de seus modos de vida e da realidade socioambiental na qual estão inseridos.

A coleta dos dados aconteceu via *google forms* antes do imbricamento com a pesquisa para compreender a percepção dos estudantes envolvidos. A organização desta etapa foi estruturada em uma nuvem de palavras localizada no item 3.3 deste trabalho.

Pensar um trabalho pedagógico orientado por práticas de leitura contribui para que o corpo discente tenha acesso a uma educação pautada no conhecimento pertinente, conforme propõe Edgar Morin (2003). Tal perspectiva exige do professor uma postura reflexiva e crítica diante da realidade que circunda os estudantes, considerando suas múltiplas tessituras existenciais. Nesse movimento, o olhar atento às dimensões socioculturais e históricas que constituem o aluno pode potencializar o fortalecimento do sentimento de pertença, bem como a valorização de sua cultura e de suas raízes.

Contudo, a ausência desse contato com a leitura e com o universo literário pode comprometer o desenvolvimento da criticidade do alunado, uma vez que as práticas leitoras constituem importantes mediadoras do processo de reflexão, autoconhecimento e valorização do sujeito. É por meio desse exercício que o estudante amplia sua compreensão de si mesmo e, a partir disso, passa a reconhecer e respeitar o contexto social, cultural e ambiental que o circunda.

- b) Grupos focais: foram realizados com o objetivo de coletar dados sobre as percepções e opiniões dos participantes acerca dos pontos-chave identificados nos grupos de estudo. Os resultados obtidos a partir dessa categoria, encontram-se detalhados no item 4.2 deste trabalho.

Os grupos focais foram organizados com o objetivo de coletar dados qualitativos acerca das percepções e opiniões dos participantes sobre os aspectos identificados nos grupos de estudo. Entre esses aspectos, destacam-se a observação da realidade dos trabalhadores da casa de farinha, listada no item C, bem como a ausência de um trabalho pedagógico que promova o diálogo dos alunos com o texto literário.

A organização dos grupos considerou critérios de participação previamente definidos, buscando garantir a representatividade dos sujeitos envolvidos no contexto investigado. Por isso, os participantes foram distribuídos em grupos de modo a favorecer a interação, o compartilhamento de experiências e a construção coletiva de sentidos sobre as temáticas em discussão.

Os encontros foram conduzidos por um mediador, que apresentou os objetivos da atividade (analisar e problematizar a realidade da casa de farinha investigada e dialogar com o universo literário) e propôs questões norteadoras relacionadas às vivências dos participantes, às observações realizadas nos grupos de estudo e às práticas pedagógicas envolvendo o diálogo entre os saberes texto literário. A mediação priorizou um ambiente de diálogo aberto, incentivando a livre expressão de opiniões e reflexões por meio de roda de conversa. A compilação e análises das produções encontra-se no item 3.2 deste trabalho.

As discussões desenvolvidas nos grupos focais trouxeram à tona pontos de vistas convergentes em relação à realidade observada na casa de farinha, já que os discursos dos alunos dizem respeito ao cotidiano vivido em suas casas, pois a maior parte de seus pais são trabalhadores rurais. A partir da observação dessa realidade eles foram incentivados a produzirem poemas, estabelecendo relações com o poema *Tecendo a manhã*, de João Cabral de Melo Neto. Esse processo de aproximação com o universo literário contribuiu para que os estudantes superassem inseguranças iniciais e ressignificassem seu modo de compreender o próprio contexto sociocultural. Dessa forma, os dados obtidos favoreceram uma compreensão mais aprofundada da realidade investigada e permitiram analisar as relações entre o contexto social dos trabalhadores da casa de farinha e as práticas pedagógicas voltadas ao ensino de literatura.

- c) Entrevista semiestruturada – Para obter informações que evidenciassem as percepções dos sujeitos da pesquisa acerca das leituras realizadas e das atividades delas decorrentes,

elaboraram-se previamente algumas palavras-chave que orientaram a condução da entrevista:

- 1) Concepção de ambiente sertanejo
- 2) Entendimento do sertão/ sertanejo.
- 3) Relação com o sertão.
- 4) Condições de vida dos sertanejos.
- 5) Como o sertanejo é visto na mídia.
- 6) Modos de vida do sertanejo.
- 7) Personagens e linguagens.
- 8) Aspectos socioculturais e socioeconômicos no sertão.
- 9) Valores da cultura sertaneja.
- 10) Identidade regional/ preconceito
- 11) Condições de existência.
- 12) Sentimento de pertença.

Com o objetivo de evidenciar as percepções dos sujeitos da pesquisa acerca da observação da realidade dos trabalhadores da casa de farinha e sua conexão com a literatura regionalista, especialmente, a que está diretamente ligada à poesia e à prosa, optou-se pela realização de entrevista semiestruturada, orientada por palavras-chave previamente definidas, quais sejam: sertão, sertanejo, condições de vida realidade social, identidade, pertença, diálogo, cultura, linguagem e valor, foram construídas à luz da perspectiva freiriana, considerando os objetivos da pesquisa e as vivências dos sujeitos no contexto observado, assumindo o papel de eixos problematizadores da entrevista.

No âmbito da entrevista semiestruturada, essas palavras-chave possibilitaram a constituição de um espaço dialógico, no qual os sujeitos foram reconhecidos como participantes ativos do processo analisado por meio de um questionário aplicado pelo *google forms*. O diálogo estabelecido favoreceu a articulação entre o diálogo entre os saberes e o contato direto com textos da Literatura Regionalista, enfatizando não só a análise do mundo onde está inserido, mas também promovendo processos de sensibilização/conscientização acerca da realidade social vivenciada. As reflexões suscitadas durante a entrevista contribuíram para a ressignificação das experiências, para o fortalecimento da identidade dos participantes e para a compreensão crítica das relações entre contexto sociocultural das casas de farinha e os saberes e fazeres de uma educação, centrada na concepção emancipatória e libertadora.

### **3.3 Pontos-chave**

Conforme Barbel (2011), na metodologia de problematização fundamentada no Arco de Magueréz, professor e aluno mantêm uma relação horizontal. O foco central é levar o aluno

aprender a apreender, a partir do contato com a realidade para, depois disso, não só refletir acerca das causas dos problemas, mas também buscar as possíveis soluções.

Corroborando com esse pensamento, Bordenave (1982) reitera que esta etapa é a mais importante do processo de problematização da realidade, já que o alunado aprende a fazer fazendo, uma vez que serão orientados a problematizarem-na, a observarem o seu entorno, a analisarem e a refletirem acerca das situações-problema que os cercam, tais como: desertificação do solo ocasionada pelo líquido extraído da raiz de mandioca, bem como a ausência de um trabalho pedagógico centrado na falta de leitura.

Outrossim, a interação com o meio físico — seja por meio da visita à casa de farinha, seja na sala de aula — possibilitou aos alunos a “construção de instrumentos de busca de informações, tratamento das informações colhidas, análise, tomada de decisão, síntese, registros sistemáticos” (Barbel, 2011, p. 33). Para Bordenave e Pereira (1983), essa dinâmica constitui um diferencial em relação à pedagogia baseada na transmissão e no condicionamento, uma vez que o processo de ação-reflexão-ação se configura como um ato transformador da realidade, que foi observada, sentida e experienciada pelos alunos.

### **3.4 Teorização**

Segundo Barbel (1998), a teorização constitui a terceira etapa da investigação. Essa fase esteve associada à organização e à busca de informações, com vistas à resolução dos pontos-chave identificados na etapa anterior. Para realizá-la, os alunos procuraram informações em diversas fontes, tais como bibliotecas, vídeos, filmes de curta ou longa metragem, revistas, livros e meios eletrônicos, com o objetivo de solucionar a problemática. De posse das informações, seguiram para a análise e para a observação da realidade investigada. Bordenave (1982) reitera que o aluno ao usar a realidade aprende com ela, ao mesmo tempo em que se prepara para transformá-la.

Fomentar essa dinâmica contribuiu para que o corpo discente, ao analisar as informações, discuti-las em grupo, construir mapas mentais e esquematizações sobre os conteúdos e elaborar suas próprias respostas, tivesse a oportunidade de exercer protagonismo estudantil.

Quanto à pesquisa bibliográfica, foi necessária a indicação de autores que abordassem a temática em questão, dentre os quais se destacam: Enrique Leff, Edgar Morin, Stuart Hall, Boaventura de Sousa Santos, Layrargues, Akiko Santos, Almeida, Paulo Freire, Marconi e

Lakatos, entre outros. As obras desses autores serviram de base teórica para orientar e fundamentar a investigação.

Com efeito, a articulação entre os aportes teóricos desses autores e o trabalho pedagógico desenvolvido — fundamentado na observação direta da realidade local, exemplificada pelo trabalho nas casas de farinha, e no diálogo com os textos literários — contribuiu para potencializar o sentimento de pertença dos alunos, ao promover a integração entre experiência concreta e elaboração simbólica — a seca, a luta, a sobrevivência (quando dialoga com obras regionalistas).

Essa articulação possibilitou que eles compreendessem e interpretassem seu contexto social, reconhecessem sua cultura, valorizassem suas raízes e estabelecessem relações significativas entre a experiência concreta e o universo simbólico da literatura. Essa perspectiva está alinhada à concepção do sujeito sociológico de Hall (2006), segundo a qual o indivíduo constrói sua identidade por meio da interação com o meio em que vive, integrando a realidade vivida à dimensão simbólica e cultural proporcionada pelos textos literários.

### **3.5 Hipóteses de Solução**

A quarta etapa, ainda conforme Barbel (1998), esteve direcionada ao questionamento e à busca de soluções, configurando-se como momento de mobilização crítica e tomada de decisão. Nessa fase, os alunos foram incentivados, por meio do exercício da criatividade e da reflexão coletiva, a elaborar hipóteses e estratégias de ação (como deveriam proceder, quais recursos seriam necessários para a execução das tarefas, quais materiais seriam mais adequados e como se organizariam para a apresentação das atividades).

Ao analisar diferentes possibilidades e investigar os múltiplos ângulos da problemática, os estudantes desenvolveram autonomia intelectual, capacidade argumentativa e responsabilidade coletiva, elementos fundamentais para a realização do trabalho de forma eficiente e eficaz. Tal movimento evidenciou o caráter formativo da metodologia, ao promover não apenas a resolução de tarefas, mas a construção de sujeitos críticos e participativos.

Para Bordenave (1982), esse olhar crítico diante da realidade que os cerca, vai ao encontro da Pedagogia da problematização, uma vez que os alunos ao elaborarem questionamentos pertinentes, tornaram-se coautores do processo de ensino-aprendizagem. Isso porque, consoante essa pedagogia, o mais relevante não é o conhecimento em si nem o comportamento esperado, mas a capacidade que o corpo discente dispõe para agregar e para transformar o meio do qual fazia parte.

### 3.6 Aplicação à Realidade

A quinta e última etapa consistiu em trazer à tona todo o empenho, a dedicação, a criticidade e a criatividade que haviam sido desenvolvidos nas fases anteriores. Para Barbel (1998; 2011), Bordenave (1982) e Paulo Freire (1970), os alunos, ao analisarem a realidade, confrontarem as informações e selecionarem aquelas que melhor se aplicavam à resolução da problemática, ultrapassaram “o exercício intelectual”, uma vez que não se limitaram à superfície do contexto analisado e problematizado, mas adentraram para águas mais profundas, compreendendo que a unidade e a diversidade compõem a condição humana (MORIN, 2003).

Esse caminhar ao encontro da resolução de problemas levou os alunos a se engajarem com mais profundidade, empenho e dedicação. Isso porque, dentro dessa perspectiva, o mais importante foi a compreensão de que os alunos foram preparados para tomar consciência de seu papel na sociedade, para interagir com o meio e, a partir daí, transformá-lo. É o que se percebe no trecho que segue:

Uma metodologia que promova o debate entre o homem, a natureza e a cultura, entre o homem e o trabalho, enfim entre o homem e o mundo em que vive, é uma metodologia dialógica e, como tal, prepara o homem para viver o seu tempo, com as contradições e os conflitos existentes, e conscientiza-o da necessidade de intervir nesse tempo presente para a construção e efetivação de um futuro melhor (Feitosa, 1999, p.04).

O aspecto contemplativo da realidade, próprio da pedagogia da problematização — ou, por que não dizer, libertadora — evidenciou-se nessa fase, na qual os alunos puseram “a mão na massa” e agiram segundo as teorizações e os questionamentos realizados. Nesse momento, o esforço intelectual levou-os ao encadeamento ação-reflexão-ação, materializado por meio de apresentações teatrais, dança, declamações de poesias e análise de obras literárias em forma de monólogo.

O foco central dessa dinâmica foi orientá-los quanto à compreensão de que o ponto de partida e o ponto de chegada estiveram sempre ancorados no processo de ensino-aprendizagem, o qual os conduziu não apenas à valorização de si enquanto seres humanos, mas também à atuação como agentes transformadores das realidades que os circundam. Para este intuito, a seguir, descreveu-se como se deu a aplicação dessa metodologia à realidade.

O percurso da pesquisa caracterizou-se pela articulação entre a observação da realidade, seja para memorar os aspectos sinestésicos experienciados pela professora-pesquisadora em sua infância no povoado Gameleira, seja para problematizar o contexto sociocultural, político, econômico e ambiental dos trabalhadores da casa de farinha em questão por meio da ação

pedagógica, ou para evidenciar como o diálogo entre os saberes —entenda-se aqui a conexão entre a investigação da casa de farinha e o ensino de Literatura — contribuiu para potencializar o senso crítico e a mudança de modos de vida dos envolvidos.

Inicialmente, o retorno ao povoado de origem, espaço que também remete às memórias de sua infância, possibilitou à pesquisadora a elaboração de um texto etnográfico construído a partir da observação da realidade. O texto configurou-se como um exercício de *leitura do mundo*, nos termos de Paulo Freire, no qual a vivência da pesquisadora e a realidade social observada se entrelaçam, constituindo-se como base para as reflexões desenvolvidas nas etapas seguintes da pesquisa. Esse movimento de retorno permitiu revisitar experiências vividas, como os momentos em que subia na mangueira para estudar e tomava banho em um tanque repleto de águas límpidas provenientes de um minante. Tais elementos, ainda hoje, integram o imaginário e a constituição de sua relação com o lugar.

Na sequência, a ênfase foi trazer à tona a conexão entre a percepção do meio físico e o texto literário — os registros dessa atividade constam no item 3.2 deste trabalho — voltada ao diálogo entre a realidade observada na casa de farinha e o texto literário, com ênfase na literatura regionalista. Para o desenvolvimento dessa parte da pesquisa, elaborou-se uma entrevista semiestruturada, objetivando angariar informações para composição do corpus teórico da pesquisa. Essa proposta incentivou a leitura, a discussão coletiva e a produção de sentidos a partir de rodas de conversa, o que favoreceu a conexão com o universo sociocultural dos participantes.

Nesse contexto, destacou-se análise do poema “*Tecendo amanhã*” e a elaboração de produções poéticas pelos alunos, que estabeleceram conexões entre a experiência vivida na investigação da realidade dos trabalhadores da casa de farinha e os elementos estéticos e temáticos da literatura regionalista. Tal atividade favoreceu o aspecto criativo dos participantes no tocante à construção significativa do conhecimento, o que resultou em um mural de poesias e um vídeo contendo os registros da referida ação, materiais que podem ser utilizados pela comunidade escolar não só como abordagens pedagógicas, mas também como fontes de dados para a análise.

Além disso, como parte do percurso, foram organizados seminários e mesas de debate, envolvendo o diálogo entre os trabalhadores em questão e as obras literárias mencionadas no corpo deste trabalho que se constituíram como espaços de reflexão, análises críticas, socialização das produções, de aprofundamento teórico e de diálogo entre alunos, professores e comunidade escolar — os registros dessas produções constam no vídeo documentário e por meio das fotos que foram compiladas nos itens 3.3 e 3.4 deste trabalho —. Esses momentos

favoreceram à problematização coletiva das temáticas abordadas, ampliando as reflexões sobre trabalho, cultura, identidade e literatura, além de fortalecer o protagonismo dos sujeitos envolvidos.

As análises dessas realidades evidenciaram processos de ressignificação das experiências vividas, bem como o desenvolvimento de uma compreensão crítica da realidade sociocultural, política, econômica e ambiental. Os trabalhos apresentados tanto individual quanto em coletividade, na culminância do Sarau Literário, revelaram-se, pois, como um instrumento de expressão, conscientização, construção de conhecimento, ratificação da identidade e valorização de suas raízes. Aspectos que foram se articulando entre a observação do contexto sociocultural da casa de farinha e os pressupostos estéticos e temáticos da literatura regionalista.

### **3.7 Procedimentos Éticos e Legais da Pesquisa**

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP/UFS) via Plataforma Brasil para assegurar que as informações advindas da ação pedagógica fossem cuidadosamente analisadas seguindo os preceitos éticos e legais. O projeto de pesquisa obteve aprovação do comitê sob o número 7.936.684, no dia 30 de outubro de 2025. No anexo A, encontra-se o documento em sua inteireza.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo tem como objetivo apresentar e analisar o desenvolvimento do trabalho de pesquisa, tomando como eixo articulador o diálogo entre os saberes construídos a partir da observação da realidade da casa de farinha do povoado Mulungu, São Domingos/SE e sua interlocução com o ensino de Literatura, com ênfase na regionalista.

Sua organização contempla apresentação dos registros etnográficos, nos quais constam o revisitar das memórias e experiências da infância da professora-pesquisadora e todos os aspectos observados; na sequência, três subcapítulos que se complementam: o primeiro contempla a revisão bibliográfica que teve como objetivo salientar o quanto o contato com a leitura contribui para se entender tanto as questões socioculturais, quanto as constitutivas dos imbricamentos históricos responsáveis pela formação de nossa identidade; o segundo descreve a pesquisa desenvolvida, explicitando a observação da realidade dos trabalhadores da casa de farinha e como se dá o descarte da manipueira e seu impacto no meio ambiente e, por fim, o terceiro, que discute os resultados da pesquisa, evidenciando como o diálogo entre os saberes contribuiu seja para potencializar a construção do conhecimento significativo, seja para transformar modos de vida dos participantes deste trabalho, no tocante à valorização de suas raízes, identidade e cultura ou para mudar comportamento no trato consigo, com o outro e com o cosmo.

Os resultados referentes à pesquisa *in loco* cuja temática atravessa os imaginários sociais do território de vida nas casas de farinha de São Domingos/SE, encontram-se no corpo desta conclusão em forma de considerações referentes ao campo. Teve como objetivo analisar como é realizado o manejo da manipueira, líquido extraído da mandioca, nas casas de farinha do referido município (especificamente, no povoado Mulungu), bem como fazer um mapeamento das casas de farinhas; selecionar um casa de farinha para realizar a visita técnica com os estudantes da 3ª “C”; do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro no município de São Domingos – SE; realizar uma entrevista com os atores da casa de farinha; e promover uma roda de conversar a partir do poema *Tecendo a Manhã* de João Cabral de Melo Neto e sua relação com a lida dos referidos trabalhadores. Segue poema orientador das discussões e, a partir do qual, as produções dos alunos ganharam corpo e voz, bem como contribuiu para vivificar a integração dos participantes da pesquisa com os trabalhadores da casa de farinha.

### Tecendo a Manhã

1.

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito que um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.

2.

E se encorpando em tela, entre todos,  
se erguendo tenda, onde entrem todos,  
se entretendendo para todos, no toldo  
(a manhã) que plana livre de armação.  
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

Fonte: <https://www.escritas.org/pt/t/11508/tecendo-a-manha> acesso em 20/01/2026

Vale ressaltar que esta pesquisa possibilitou à pesquisadora aplicar os conceitos e as teorias epistemológicas que foram vistas durante as aulas, a exemplo de Loureiro (2006; 2015), Leff (2011; 2016), entre outros, que trazem em sua abordagem que o conhecimento oriundo da Ciência Moderna não é o único, que o saber ambiental está nas pessoas e no modo como se expressam no mundo, por isso propõem o diálogo entre os saberes.

Esse confronto com a realidade fez com que ela localizasse o ambiente e compreendesse as nuances que acometem os trabalhadores das casas de farinha, como se dá a construção de suas identidades e como a cultura do cultivo da mandioca e do fazer farinha atravessou gerações e continua contribuindo para tecer a vida de muitas famílias que, ao produzirem cultura, tecem o amanhecer e levam o sustento para suas casas.

Foi notório, portanto, o quanto a educação de cunho emancipatório liberta e transforma as realidades. Fato perceptível a partir a interação com o meio físico e social (visita técnica dos alunos à casa de farinha) e do contato com a literatura (poema de João Cabral de Melo Neto “*Tecendo amanhã*”). Essa conexão possibilitou que os alunos participantes da pesquisa, ao perceberem as cartografias existenciais e os imaginários sociais daquela comunidade, construíssem conhecimentos por meio do estabelecimento de relações entre os objetivos propostos, a realidade observada e as subjetividades mobilizadas por suas intuições e emoções.

Convém, pois, ressaltar que a observação à casa de farinha, no povoado Mulungu, no município de São Domingos/SE, evidenciou que a educação ambiental de cunho emancipatório e transformador pode ocasionar mudanças tanto individuais quanto coletivas, já que está

comprometida com as transformações sociais, pois suas ações são de caráter coletivo que visa à emancipação no que tange à mudança de vida e à transformação das realidades e, por que não dizer, dos imaginários sociais das comunidades.

Uma educação que visa à libertação da alienação historicamente estabelecida, seja individual ou coletiva. Isso porque a centralidade da educação inovadora é empenhar-se tanto no trabalho com as questões objetivas (produção da farinha) quanto com as subjetivas (tecendo o fio da vida e construindo memórias), buscando sempre a ação e a reflexão sobre as questões que atravessam não só o modo como se organiza a sociedade, mas também quanto aos aspectos históricos, econômicos e socioambientais, já que é por meio da educação que os sujeitos podem se transformar e modificar o mundo que os cerca.

Partindo dessa dinâmica, notou-se, portanto, que o sentimento de pertença, o respeito, as atitudes e o relacionamento com o meio ambiente podem atravessar os muros da sala de aula e contagiar a comunidade externa, neste caso os imaginários sociais do município de São Domingos/SE, em suas vivências nas casas de farinha, a fim de que as pequenas ações (a manipeira que descansa por três dias, em caixas d'água, para alimentar o gado) possam despertar a sensibilização de que o que está em voga é a sustentabilidade do planeta, porque a ação local compromete o global. Por esse motivo, ciência e senso comum devem andar de mãos dadas, como nos sugere Carlos Drummond de Andrade, em prol do tão sonhado uso dos recursos ambientais de forma equilibrada, objetivando a garantia de vida para as gerações futuras. Eis o caminho.

#### **4.1 Considerações Referentes ao Campo**

O presente relatório tem como finalidade descrever as ações desenvolvidas no campo desde a escolha da temática, espaço para realização, turma, identificação da problemática, objetivos a serem alcançados, enfim todo o planejamento que antecedeu no desenrolar da pesquisa.

Como o saber se constrói em meio a interdisciplinaridade, Costacurta (2014) ao partilhar acerca da aplicação da pesquisa com alguns professores, entre eles, de Geografia, de Biologia, de Química e de Educação Física, ela amadureceu a ideia e por meio de uma cartilha da EMPRAPA, apresentada por um professor de Biologia, deu início à leitura e ao planejamento da referida pesquisa.

Certa de que trabalharia com as questões que dialogam com a problemática ambiental, buscou-se definir o problema, “o descarte inadequado da manipeira ocasiona sérios problemas

ambientais tais como degradação, desertificação e acidez do solo” para então, dar andamento à investigação.

A princípio, pensou-se em desenvolver a pesquisa in loco com toda a comunidade escolar. Contudo, como seria necessário transporte para conduzir os alunos até a casa de farinha, que fica localizada no povoado Mulungu do referido município, foi preciso definir a turma, dada a limitação por causa do transporte. Comunicado feito, declaração entregue, turma definida, problema identificado, conforme a temática ambiental e como trabalhar no ambiente escolar (Costacurta, 2022), buscou-se evidenciar os objetivos e traçar as metas, seguido do cronograma para realização da referida ação.

Diante desse planejamento, restava apenas visitar a casa de farinha, com o objetivo de conversar com o dono e solicitar permissão para levar os alunos e, em diálogo in loco, perceber como é feita a farinha de mandioca, de que forma é descartada a manipueira, além de verificar a estrutura e como se dá o trabalho das raspadeiras que se dedicam a esse ofício.

Na ocasião, conversou-se com as raspadeiras de mandioca que estavam em sua labuta diária, pois o dono não se encontrava. Porém, por meio de uma ligação de celular, entrou-se em contato com ele, explicou-se acerca de um trabalho que iria ser desenvolvido com os estudantes, ele foi muito receptivo e disse que poderia agendar que estaria à disposição.

O dia tão esperado chegou. Os alunos ficaram entusiasmados e ansiosos para fazer a visita in loco à casa de farinha. Com vistas a um resultado satisfatório, antes de se dirigirem à casa de farinha, os alunos foram orientados acerca dos impactos ambientais (desertificação e acidez do solo) que, no município, estão associados ao descarte inadequado da manipueira, bem como sobre a necessidade de fazerem alguns questionamentos, entre eles: antes da tecnologia (na época de seus pais e avós), como se dava a prática da produção da farinha? Houve alguma mudança? Qual? Quais as etapas de fabricação da farinha? E hoje, como esse trabalho contribui para o sustento da família? Quantas pessoas trabalham nesse espaço? Qual a forma de pagamento? Como se dá a distribuição da mandioca entre as trabalhadeiras? Qual o destino dos resíduos (raspa e manipueira)? A manipueira é utilizada como fonte de renda? Tais questionamentos deveriam ser feitos ao proprietário da casa de farinha, com o objetivo de orientar o desfecho da ação pedagógica. -

Eles foram conduzidos pela professora pesquisadora Maria Isabel e pelo professor Antônio, que segundo a organização do horário escolar teria aula com a turma em questão. A saída da escola ocorreu às 8h30, e a chegada à casa de farinha deu-se aproximadamente às 8h40.

Ao descerem do ônibus, os participantes foram recebidos pelo proprietário do local, que já se encontrava à espera, juntamente com sua esposa e os trabalhadores daquele espaço, em

sua maioria mulheres, que tecem o sustento da família antes mesmo do raiar da aurora. Seguindo os direcionamentos, os alunos identificados como 1, 2, 3 e 4 iniciaram os questionamentos, perguntando como a farinha era produzida por seus pais e avós antes da tecnologia.

Em resposta, o proprietário afirmou que, na época de seus avós e pais, o trabalho era mais difícil, pois todo o processo era manual. Segundo ele, atualmente a tecnologia auxilia significativamente nas etapas da produção da farinha: a mandioca chega ao local, passa pela raspagem, segue para a ralagem, depois é prensada, passa pela máquina que rala a massa, que é peneirada e, por fim, levada ao forno. Destacou ainda que esse trabalho garante o sustento de sua família e de outras nove famílias que atuam no espaço, além de movimentar o comércio local. Informou que as mulheres chegam cedo, por volta das 4h da manhã, e recebem por quilo raspado (cada quilo no valor de R\$ 1,00), enquanto os homens chegam mais tarde e recebem por dia trabalhado, equivalente a R\$ 80,00.

Quando questionado acerca dos resíduos da mandioca (raspa e manipueira), explicou que estudos indicam que a manipueira pode ser utilizada como fertilizante do solo e como alimento para o gado. Enquanto discorria sobre o tema, conduziu o grupo até o espaço destinado a reserva da manipueira, reiterando que ela permanece nos reservatórios por três dias em repouso antes de ser utilizada, pois, antes desse período, não pode ser aplicada ao solo nem fornecida aos animais, uma vez que pode causar a morte do gado e empobrecer o solo, tornando-o sem vida.

Após os questionamentos, o grupo agradeceu pela colaboração e atenção dispensadas e retornou à escola, chegando às 9h40. Para dar continuidade aos trabalhos, a professora solicitou que os alunos organizassem as carteiras em círculo, com a finalidade de realizar uma roda de conversa a partir das informações colhidas. A professora pesquisadora iniciou esclarecendo que a atividade se estenderia até às 11h e, em seguida, declamou o poema *Tecendo a manhã*, de João Cabral de Melo Neto, fazendo uma breve explanação sobre a educação ambiental e a importância de enfatizar essa temática tanto na escola quanto em casa e nos diversos espaços sociais, considerando que os seres humanos também compõem o ambiente.

A partir da poesia, os alunos foram convidados a participar da roda de conversa, refletindo sobre a relação intertextual entre o poema declamado e a vida dos trabalhadores rurais visitados. Foram instigados a pensar como poderiam demonstrar, por meio de desenhos, poesias ou histórias em quadrinhos, a realidade presenciada.

A participação foi considerada surpreendente. Dos 30 alunos participantes, 26 se mostraram bastante enfáticos em suas falas e produções. Por meio da criatividade,

demonstraram que a educação ambiental pode e deve integrar o contexto escolar, e que o saber ambiental está presente nas pessoas, dialogando com as realidades do processo educativo do qual os sujeitos são protagonistas (LEFF, 2001; Costacurta, 2022). Prova disso, foram as poesias, os desenhos e o HQ produzidos pelos alunos, a partir do contato direto como o meio físico e social, o que implica uma educação de caráter emancipatório (Loureiro, 2006) em que o conhecimento produzido no chão da sala de aula, transforma as realidades locais e contribui para a formação de consciências sensíveis aos problemas que estão a sua volta.

Diante dessa dinâmica, a professora-pesquisadora solicitou que alguns alunos realizassem a leitura de suas produções. O momento revelou-se singular. Os desenhos e os poemas expressaram a realidade sentida e experienciada, retratando a labuta, sobretudo das mulheres que, ainda de madrugada, saem de casa tanto para produzir cultura — por meio da produção da farinha de mandioca — quanto para tecer o fio da vida, representado em cada raiz de mandioca raspada que, gradativamente, constrói o futuro e o sustento de seus filhos e de sua família. Tal percepção se evidencia na poesia que segue:

Farinha de mandioca, grão do chão sagrado  
do labor da terra, o fruto esperado nos  
campos, Do fruto da terra brota o sustento  
da nossa cidade, entre mãos calejadas  
começa a transformar

transformam vidas, transformam madrugadas  
em dias de trabalho, de onde vem nossa economia  
assim como o galo tece o amanhã  
mulheres buscam assim tecer

Tecer o sustento de seus filhos  
que buscam estudar para ser orgulho dar.  
(Aluna Z, CEER)

Observa-se a conexão da vida que brota da terra enquanto “*chão sagrado*”, *metáfora advinda da sensibilidade e da percepção de uma aluna que reconhece o quanto a labuta diária das raspadeiras de mandioca “transforma madrugadas em dias de trabalho”*. Em outra produção, registram-se as seguintes expressões: “*do fruto da terra brota a vida*” e “*Deus ajuda quem cedo madruga*”. Tais enunciados vêm acompanhados de desenhos que representam mulheres sentadas, executando o ofício diário de descascar mandioca.

Percebe-se, nessas expressões, o quanto o valor semântico do vocábulo “*fruto*” está metaforicamente associado à força do trabalho. Do brotar da vida emerge o sustento, que se entrelaça à dinâmica dos imaginários sociais da comunidade. Essa relação é representada por

uma aluna que revela, em seus versos, o anúncio da aurora para aqueles que têm coragem de madrugar, simbolizando que a vida desponta para quem se dispõe a agir.

Além disso, evidencia-se o quanto as casas de farinha do município de São Domingos/SE refletem a cultura e a identidade da população, bem como o enraizamento dos imaginários coletivos em seu saber ambiental, na dinâmica de tecer a existência e a imanência da vida (Leff, 2016). Tal processo tem como base a “*terra*”, enquanto ambiente natural que não foi atravessado, em sua totalidade, pela racionalidade científica da Modernidade, considerando que as mulheres das casas de farinha são as tecelãs dessa cultura que atravessa gerações.

Convém ressaltar que os objetivos e as metas traçadas no planejamento do Plano da Ação Pedagógica foram alcançados, uma vez que, ao chegar à casa de farinha e analisar, *in loco*, a situação-problema, constatou-se que o proprietário já detinha conhecimento acerca dos danos ambientais provocados pelo descarte inadequado da manipueira, os quais impactam a saúde do solo e causam prejuízos à saúde animal. No que se refere às metas, estas também se mostraram efetivamente atingidas, pois os alunos, a partir do contato com o meio físico e social, construíram memórias e conhecimentos acerca de todo o processo de feitura da farinha de mandioca.

Para além desse contato com a realidade e com os imaginários sociais da casa de farinha visitada, os alunos elaboraram poemas de grande sensibilidade, retratando que a arte é expressão da vida e das memórias de uma comunidade que tece o fio de sua existência, tendo como matéria-prima a determinação e a resiliência de mulheres que, na madrugada fria, assim como o galo que anuncia o amanhecer, seguem construindo cultura em seus imaginários de vida.

Para finalizar essa manhã de aprendizado e de construção e reconstrução de conhecimentos, a professora organizou uma mesa com lembrancinhas, com o objetivo de eternizar o momento, e realizou a exposição dos trabalhos produzidos pelos alunos. Essa culminância resultou em um produto denominado “Mural de Poesias” cujo registros demarcaram a primeira parte da pesquisa.

#### **4.2 Ressignificando olhares e ambientes: cartografias dos sujeitos e percursos da leitura do Ser(tão)**

A análise dos dados desta pesquisa teve como meta angariar informações por meio de duas etapas: a primeira teve como objetivo compilá-las por meio de uma entrevista semiestruturada via *google forms* e a segunda, continuar a investigação referente aos

depoimentos produzidos pelos alunos durante e após a realização do *Sarau Literário: “A arte que Movimenta a Vida”* - razão de ser deste estudo. Vale salientar que o questionário (equivalente à 1ª fase) foi aplicado antes da culminância dos trabalhos que aconteceram na segunda etapa, no evento denominado “Sarau Literário: a arte que Movimenta a Vida.”

A entrevista foi elaborada tendo como base as leituras realizadas, sobretudo, de obras regionalistas da Literatura brasileira (poesia e prosa), informadas na parte introdutória. Para este fim, listou-se questionamentos, buscando a percepção dos participantes acerca das categorias que dizem respeito às particularidades da vida do homem sertanejo, incluindo sua concepção, sentimento de pertença, condição de vida, visão social, linguagens, aspectos socioculturais, socioeconômicos e socioambientais, bem como a percepção dos sujeitos da pesquisa a respeito do sertão e sua relação com a literatura.

A pesquisa foi realizada com alunos do CEER, localizado em São Domingos/SE e teve como finalidade coletar registros sobre a compreensão dos alunos acerca do sertão. A coleta de informações foi realizada por meio de um questionário online no *google forms*- Entrevista Semiestruturada (por meio de questões subjetivas e objetivas). Do quantitativo de 55 alunos, 41 assinaram ao Termo de Consentimento e Esclarecimento -TCLE os quais responderam ao questionário proposto.

Para orientá-los quanto à resolução, a professora pesquisadora leu todo o Termo de Consentimento e Esclarecimento, objetivando que eles tivessem ciência de que sua participação não estaria atrelada ao desenvolvimento das atividades escolares (já que a pesquisadora estava desenvolvendo a pesquisa nas turmas em que exerce o trabalho docente). Feita a leitura, a professora pesquisadora encaminhou o link para os alunos monitores (das turmas B e D) que se encarregaram de enviá-lo aos grupos das respectivas turmas. Os elementos colhidos na referida entrevista contêm as compreensões dos 41 alunos, do quantitativo de 55, e estão listados em um quadro que segue no corpo desta interpretação.

A segunda etapa contém dados relacionados ao desenvolvimento dos trabalhos durante e após a culminância do “*Sarau Literário: a arte que movimenta a vida,*” que aconteceu no dia 30/11/2025 no CEER, a partir das 15h, na quadra Poliesportiva do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro. Esse evento teve como objetivo analisar como o diálogo entre os saberes pode ser um potencial pedagógico para pensar as questões ambientais, a partir da percepção dos alunos sobre a realidade experienciada na casa de farinha e o diálogo com as leituras realizadas, principalmente, da literatura brasileira regionalista. Isso porque o sertão, enquanto espaço geográfico e simbólico, é um tema relevante para a discussão a respeito das relações entre sociedade e meio ambiente.

Conforme o cronograma das apresentações desta etapa — o qual será anexado ao apêndice —, a pesquisadora explicitou junto às turmas participantes da pesquisa (3<sup>as</sup> séries B e D) a compreensão e o entendimento acerca da temática supracitada, ao mesmo tempo em que buscou envolver toda a comunidade escolar. Parte-se do pressuposto de que o trabalho pedagógico desenvolvido por meio da apresentação de seminários, encenações teatrais, dança, produção de poemas pelos próprios alunos, declamações e construção de cenários possibilita ao corpo discente não apenas aprender, mas também apreender os conhecimentos trabalhados. Essa interação entre o meio físico e as leituras realizadas favorece a construção de um conhecimento significativo, conforme aponta Cereja (2005).

Para Akiko (2008), essa postura educacional é uma busca da contemporaneidade que reclama uma nova conduta pedagógica para resgatar o “elo perdido” pela fragmentação do conhecimento. Daí a importância de construir esse elo por meio da participação ativa dos alunos e do diálogo entre os saberes, promovendo uma “ecologia da ação”. Nesse contexto, a realidade da casa de farinha, um espaço importante na cultura local, ofereceu uma oportunidade única para que os alunos explorassem temas ambientais e socioculturais de forma prática e significativa, em diálogo com a literatura regionalista, que representa ricamente a cultura e a relação com a terra.

A intenção foi compreender a percepção dos alunos sobre a literatura como meio para promover conscientização/sensibilização acerca dos desafios socioculturais, socioeconômicos e, principalmente, socioambientais contemporâneos, bem como entender melhor a importância da preservação ambiental e da valorização da cultura sertaneja, relacionando-a ao seu espaço de vivência e às suas raízes, considerando que as ações locais têm impactos globais (Morin, 2003). Fato evidenciado na ocasião da visita à casa de farinha e da reflexão a partir das discussões do poema “*Tecendo a manhã*” do renomado pernambucano João Cabral de Melo Neto, na culminância da ação pedagógica.

Nesta análise, apresentamos os resultados da pesquisa, destacando as principais tendências e padrões identificados nos depoimentos. É importante ressaltar que, tanto nos Seminários quanto nas mesas redondas, os participantes da pesquisa estabeleceram uma conexão significativa entre as obras analisadas, a realidade local e suas próprias vivências. Essa mesma conexão foi observada na resolução do Questionário no *google forms*.

Notou-se, em particular, uma reflexão profunda sobre a vida difícil do sertanejo. A análise foi estruturada em torno das seguintes categorias: concepção e entendimento de sertão/sertanejo, condições de vida/existência, como o sertanejo é visto na mídia, valores e

cultura sertaneja, identidade regional, sentimento de pertença, visão social, linguagem do sertanejo, aspectos socioculturais, socioeconômicos e socioambientais.

A interpretação dos relatos revelou que os alunos participantes têm uma concepção de sertão como um espaço árido e pobre, com poucas oportunidades de desenvolvimento. Lugar onde há ausência de políticas públicas, onde a discriminação e o preconceito fazem morada. Para elucidar esse fato, as respostas de dois dos participantes seguem destacando que o sertão é visto como uma realidade “desafiadora, conturbada e precária de serviços públicos básicos.” Por isso, o homem sertanejo é tido como sinônimo do atraso, já que não tem acesso à educação, à saúde e à assistência social.

Em virtude disso, a resistência, a luta pela sobrevivência, o trabalho duro em meio ao clima estridente, faz brotar a força e a simplicidade para suportar a miséria, a pobreza e a desigualdade social. Tudo isso, leva-os a serem vistos como ignorantes, “burro”, brutos e marginalizados por representarem o (Ser)-tão resiliente e a cultura subjugada à aridez do solo proveniente da ausência de chuva. A partir dessa observação, foi possível constituir a seguinte nuvem de palavras:



Fonte: autoria própria, 2025

Além da compreensão compartilhada pelos alunos acerca das concepções de sertão, de sertanejo, dos modos de vida, da cultura e da identidade — expressas na nuvem de palavras, tornou-se evidente que o sertão é compreendido como um conceito que define tanto a paisagem física quanto a humana. Essa compreensão reflete-se nos aspectos socioculturais, os quais

abrangem não só a cultura e a identidade do sertanejo, associadas ao solo árido, mas também os seus modos de vida e formas de relação com o espaço. Além disso, o sertão também é marcado por desafios socioeconômicos, devido à escassez enfrentada pelo sertanejo, e socioambientais, já que ele é obrigado a viver e se ressignificar diante de um cenário, muitas vezes, inóspito à vida humana. É o que se percebe nesta passagem extraída do Questionário do *google forms* (item 2 da entrevista semiestruturada).

*O ambiente sertanejo pode ser compreendido como um espaço marcado pela aridez, pela irregularidade climática e pela constante ameaça da seca. Assim como representado em Vidas Secas, o sertão é um território onde a natureza impõe limites severos à vida humana, configurando um cenário de resistência, escassez e adaptação contínua. Trata-se de um ambiente que molda não apenas a paisagem, mas também os modos de vida, a cultura e a subjetividade das pessoas que nele habitam (Aluna C do CEER, 3ªB).*

Ademais, foi possível identificar, nas falas e produções dos sujeitos da pesquisa, a presença de um sentimento de pertença e de orgulho em relação ao sertão, ao sertanejo, à sua identidade e à sua cultura. A partir das obras lidas, os participantes destacaram a importância da cultura sertaneja e da história local, considerando aspectos relacionados à formação do caráter e à valorização de suas raízes. Contudo, também emergiram reflexões acerca da falta de oportunidades e do acesso limitado aos meios básicos de sobrevivência, que, somados a uma vida marcada pela simplicidade e pelo apego à fé, revelam a resiliência desses sujeitos diante dos obstáculos enfrentados, aspecto evidenciado em uma das considerações analisadas. Vejamos:

*O sertão e o sertanejo representam a força e a resistência de quem vive em um ambiente difícil, marcado pela seca e pela simplicidade. O sertão é um espaço de luta, mas também de fé, cultura e identidade. Já o sertanejo é a pessoa que, mesmo enfrentando as dificuldades da vida no campo, mantém suas tradições, valores e orgulho de suas origens. (Aluno A CEER, 3ªB)*

A condição de vida no sertão foi descrita como difícil. Conforme a percepção dos 41 alunos participantes da pesquisa, todos destacaram problemas de acesso a serviços básicos como saúde e educação. A seguir, evidenciou-se o entendimento de três alunos sobre as condições de existência enfrentadas pelos sertanejos como uma realidade onde a “escassez de recursos naturais, trabalho árduo, moradias simples e precárias, dependência climáticas etc.” ou ainda um lugar onde a “vida difícil, com seca e trabalho pesado” contribui, sobremaneira, para tornar a sobrevivência do sertanejo “excluída, socialmente isolada.”

A visão social do sertão foi descrita como negativa, já que é visto como um lugar árido, seco, onde predomina a discriminação, a fome, a miséria e o preconceito. Neste último aspecto,

conforme a percepção de dois alunos, o sertanejo é retrato na mídia televisiva como um ser analfabeto, ignorante e considerado um “povo burro”. Fato que se justifica, principalmente, porque sua imagem é associada às condições climáticas.

A citação seguinte revela um sentimento de todos os sujeitos da pesquisa, posto que no sertão predomina a “dependência da terra e dificuldades: A vida no sertão é predominantemente rural e a subsistência depende da agropecuária, tornando as famílias extremamente vulneráveis aos ciclos climáticos”, por isso “as condições de vida são marcadas por desafios como a falta de água, pouca infraestrutura e dificuldade econômica.” Essas observações dos alunos revelam uma conexão profunda entre as realidades vividas por seus familiares no cotidiano e o trabalho pedagógico desenvolvido por meio do diálogo entre os saberes - especificamente, entre o conhecimento dos agricultores da casa de farinha e as leituras realizadas.

Consoante observação dessa realidade, foi perceptível por 03 alunos que a mídia televisiva apresenta o homem sertanejo de forma estereotipada. Aspecto evidenciado quando reduz a figura do sertanejo apenas como sinônimo da miséria e da pobreza como se percebe no seguinte relato “[...] *associando-o apenas a pobreza extrema, fome e sede, sofrimento causado pela seca*[...], essa visão reduzida normalmente aparece em reportagens sobre períodos de seca e reforça a ideia de que o sertão é apenas um lugar de miséria.”

Além disso, foi visível nas respostas de dois alunos que a aridez do solo favorece aos aspectos de preguiça, de atraso e analfabetismo, de brutalidade e de má-educação, como se vê nestas afirmações: “[...] *um ser burro, ignorante, sem educação e grosseiro*” ou ainda “*analfabeto, ignorantes, preguiçosos, atrasados.*” Tal visão apresentada de forma distorcida, corrobora tanto para potencializar o preconceito, quanto para se ignorar a riqueza da cultura sertaneja.

Contudo, foi detectável, por meio da compilação das respostas do questionário de 09 alunos, que aspectos como resiliência, fé, força, honestidade, solidariedade, dignidade e amor à terra e à família fazem desse homem representante da cultura nordestina, já que em seu modo de vida “*incluem coragem, solidariedade, fé, trabalho duro, simplicidade e respeito à família e às tradições.*” É evidente que a compreensão desses alunos traz um olhar ressignificador em relação ao homem sertanejo. O que fica claro que todas essas características são, também, a visão que eles têm de seus pais, enquanto pessoas que precisam trabalhar diuturnamente como agricultores para manter o sustento de suas famílias. Apesar desse olhar positivo, 02 alunos reconheceram essa tarefa como sendo de “pouco valor e “ruim.”

Segue o quadro síntese com o agrupamento das informações considerando as similaridades das respostas coletadas no *google forms* descritas pelos 41 alunos participantes da pesquisa.

**Quadro 01:** Eixos Estruturantes da Entrevista Semiestruturada

Concepção de ambiente sertanejo	Entendimento de sertão/sertanejo	Condições de vida do sertanejo/existência	Como o sertanejo é visto na mídia	Valores da Cultura sertaneja	Identidade Regional/sentimento de pertença
De seca extrema, miséria	O sertão é uma região caracterizada historicamente pela resistência, pela adaptação e pela força cultural de seu povo. ser sertanejo vai além da localização geográfica e envolve identidade, modos de expressão, formas de trabalho e um sentimento de pertencimento, o sertão é visto tanto como um espaço físico quanto simbólico, representando coragem, simplicidade, luta e riqueza cultural.	É mostrada a dura realidade extrema entre a vulnerabilidade social e econômica.	Como um bando de burro.	Entre a religião, família e as tradições	Preconceito linguístico e regional.
cenário rural árido, com vegetação seca, clima quente, vida simples e forte ligação com a natureza e a cultura popular nordestina.	O sertão é visto como uma região seca e desafiadora, enquanto o sertanejo é entendido como uma pessoa resistente, trabalhadora e ligada às tradições e à cultura local.	Vida difícil, com seca e trabalho pesado.	Na mídia, o sertanejo geralmente é representado como um povo forte trabalhador e resistente, mas as vezes também aparece de forma estereotipada, limitada a seca e a pobreza.	Família, fé, trabalho e honestidade.	Identidade forte, algo de estereótipos.
Solo seco, porém vai muito além.. está ligado ao seu social, econômico, cultura e político.	É uma região geográfica e culturalmente diversa do Brasil, caracterizada pelo clima semiárido e pelo bioma da Caatinga, e habitada pelo sertanejo, figura que se adaptou a esse ambiente desafiador.	Desafiadora, conturbada e precária de serviços públicos básicos.	Como um pobre sem condições de viver.	Honesto, trabalhador, resiliente, hospitaleiro.	É uma visão distorcida e cheia de julgamentos maldosos.
A realidade geográfica, cultural e social diferente das demais regiões.	O sertão é um lugar seco, cruel e de muita diversidade e cultura. O sertanejo é um povo resiliente, privado de recursos e de apoio governamental.	Pobreza é simplicidade.	Como um ser burro, ignorante, sem educação e grosseiro.	Valoriza, família, fé e o trabalho duro	Visto como descuidados, brutos, analfabeto...Dados como analfabetos, ignorante e ogro.
Trágico	O sertão é um lugar onde as pessoas sofrem com escassez de água, além disso é uma população	Muitas vezes são marcadas	É visto de forma ignorante,	Fé, família e trabalho, resiliência,	A identidade regional do sertanejo é

	<p>muito sofrida com situações precárias.</p>	<p>por falta de recursos ,falta de água, climas rigoroso e desafios econômico s.</p>	<p>pessoas sem direitos, sem alto controle, pessoas de classe baixa. Além das exploração do trabalho e do nível escola baixo.</p>	<p>solidariedade de comunitária.</p>	<p>marcada pelo orgulho das raízes e pela resistência, porém muitas vezes sofre preconceito baseado em estereótipo de atraso ou pobreza, que não representam toda a riqueza cultural da região.</p>
<p>O ambiente sertanejo é além do ambiente seco, está ligado ao social, socioambiental, socioeconômico e sociocultural</p>	<p>Compreendo o sertão como um espaço físico e simbólico que exige força e resiliência de seus habitantes. O sertanejo, como retratado por Graciliano Ramos, é alguém profundamente impactado pelas adversidades ambientais e sociais. Sua identidade é construída pela luta constante contra a fome, a sede e a instabilidade. Apesar das dificuldades, o sertanejo mantém uma relação de pertencimento e dignidade com sua terra, revelando um espírito de perseverança que atravessa gerações.</p>	<p>Pobres, sofridos, miséria, vulnerabilidade social.</p>	<p>Analfabeto, ignorantes, preguiçosos, atrasados.</p>	<p>A cultura sertanejo valoriza a família, a fé, o trabalho, a simplicidade, a honestidade, a coragem e o respeito a tradição e a terra.</p>	<p>o preconceito regional é a discriminação de indivíduos com base em sua origem geográfica, sotaque ou cultura, o que muitas vezes surge de estereótipos negativos e desigualdades históricas.</p>
<p>Ambiente seco, cheio de dificuldade (como faltar de recursos básico), ambiente que só um povo resiliente como o sertanejos para conseguir sobreviver e fugir de um lugar como esse.</p>	<p>Sertão: região mais isolada, excluída. Sertanejo</p>	<p>Excluída, socialmente e isolada.</p>	<p>Muitas vezes, a mídia mostra o sertanejo de maneira estereotipada, associando-o apenas a pobreza extrema, fome e sede, sofrimento causado pela seca, atraso ou falta de modernidade, essa visão reduzida normalmente aparece em reportagens sobre períodos de</p>	<p>A valorização de suas raízes</p>	<p>O preconceito regional é uma forma de discriminação que se baseia na origem geográfica das pessoas. É uma forma de estereotipar e julgar erroneamente o outro, criando uma barreira entre indivíduos de diferentes</p>

			seca e reforça a ideia de que o sertão é apenas um lugar de miséria.		regiões do país.
Lugar seco, que é muito raro chover, animais passam fome por falta de áreas verdes, cultura muito sofrida	O sertão é uma região culturalmente rica, com costumes próprios, marcada pela força, resistência e criatividade do povo que vive ali.	As condições de vida são marcadas por desafios como a falta de água, pouca infraestrutura e dificuldade econômica.	O sertanejo na mídia costuma ser mostrado de forma estereotipada, muitas vezes ligado à seca e às dificuldades, mas também é apresentado como um povo forte, trabalhador e rico em cultura.	Valorização da família, simplicidade e humildade, trabalho como fonte de dignidade.	Ignorância (Analfabetismo, falta de cultura e etc).
O ambiente sertanejo pode ser compreendido como um espaço marcado pela convivência com o clima semiárido, pela forte relação com a terra e por tradições culturais muito presentes no cotidiano. É um ambiente que reúne aspectos naturais — como a vegetação da caatinga — e elementos humanos, como modos de vida, costumes, crenças e valores que foram construídos ao longo do tempo pelos povos do sertão.	É uma região geográfica e culturalmente diversa do Brasil, caracterizada pelo clima semiárido e pelo bioma da Caatinga, e habitada pelo sertanejo, figura que se adaptou a esse ambiente desafiador.	Dependência da terra e dificuldades: A vida no sertão é predominantemente rural e a subsistência depende da agropecuária, tornando as famílias extremamente vulneráveis aos ciclos climáticos	Pobreza, embora tem a imagem de pessoas corajosas e fortes.	Grande berço da cultura brasileira,	Falta de conhecimento, ignorância, atrasados, preguiçosos

A cultura nordestina e a vida no campo	compreender a relação intrínseca entre o espaço físico do sertão, a vida do povo que lá habita e a cultura que surge a partir dessa dualidade.	Condição de exploração econômico , moral. Além das dificuldades do ambiente que estavam.	A mídia retrata o sertanejo como um ser analfabeto e pobre não só de renda mas também de educação.	Os valores da cultura sertaneja incluem trabalho, resiliência, fé, união familiar, hospitalidade e preservação das tradições.	Identidade regional forte, mas com preconceito e estereótipos associados à região e ao povo sertanejo.
Seco, árido, quente, poerento e de difícil plantio	Sertão: um ambiente desvalorização, sem recursos. Sertanejo: visto como pessoas ignorante, brutas.	Pobreza, miséria, tristeza, fome	Necessitados , analfabetos	Conexão com a terra, fé, família e trabalho.	Sertão. O preconceito surge quando a sociedade reduz essa identidade a estereótipos negativos, ignorando a riqueza cultural e a força do povo sertanejo.
O ambiente sertanejo é caracterizado por uma paisagem árida, clima seco.	Lugar seco, difícil conquistas, trabalho difícil e braçal e sempre mudando.	Escassez de recursos naturais, trabalho árduo, moradias simples e precárias, dependência climáticas etc.	Associado na seca a pobreza o sofrimento.	Trabalhardor, simples, hospitaleiro e batalhador.	Forma de falar, relação com o território, valores e crenças compartilhadas.
Vejo como a vida no campo, e a simplicidade	Região quente.	Desafios, escassez de água e a vulnerabilidades social.	Como um pobre sem condições de viver.	incluem coragem, solidariedade, fé, trabalho duro, simplicidade e respeito à família e às tradições.	A identidade regional está ligada ao preconceito por meio de associações pejorativas, discriminação linguística e cultural, e xenofobia regionalista.
Ambiente sertanejo não é só as árvores ou o chão mas também oq você tem por dentro, ser sertanejo é ter uma vida da	Uma região do interior do Brasil, especialmente no Nordeste.	Excluída e ruim	gênero musical mais popular e influente do Brasil	A comida e os artesanatos feitos a mão com o filtro de barro.	Uma cultura de resistência que, apesar de sua importância enfrenta preconceito

luta de todos os dias.					por estar ligada a um estilo de vida rural e caipira.
Tradições ,a cultura e a paisagem do interior do Brasil	Clima seco e adverso, paisagem áspera, vida marcada pela luta etc.	Marcada pelas dificuldades, pobreza e miséria.	Ruim.	Pouco valor.	A identidade regional do sertanejo é marcada por suas tradições, modo de vida, cultura e relação com o sertão.

**Fonte:** autoria própria, 2025.

A partir da apreciação dessas respostas, foi possível ratificar que o homem sertanejo é objeto de estereótipo, sobretudo na mídia televisiva. Sua vida está relacionada à escassez e aos aspectos de pobreza, de falta de educação e de desigualdade seja sociocultural, seja econômica ou ambiental. A seca na qual está inserido retrata um homem cuja cultura dialoga com o aspecto de hereditariedade do qual fala Baumann (2012), cuja identidade é associada ao modo de vida simples e à capacidade de se adaptar às situações difíceis.

Contudo, as adversidades ora ocasionadas pelas condições climáticas, ora pela ausência de políticas públicas, não o impedem de se orgulhar de suas raízes, posto que sua resiliência, criatividade, religiosidade, fé e amor à terra, fã-lo forte e destemido para viver em meio a essa realidade impactante. Esta compreensão revela a forma como ele é considerado social e culturalmente:

*A identidade regional do sertanejo está ligada ao modo de vida simples, à fala, à religiosidade e aos costumes do sertão, que representam a força e a resistência de um povo acostumado a enfrentar a seca e as dificuldades. No entanto, o sertanejo muitas vezes sofre preconceito, sendo visto de forma estereotipada como atrasado ou inferior por viver longe dos grandes centros urbanos. Mesmo assim, essa identidade continua sendo motivo de orgulho, pois mostra a riqueza cultural, a fé e a coragem do povo do sertão (Aluno Z, CEER, 3ºB).*

A partir da observação das respostas ao questionamento acerca da relação do corpo discente com o ambiente do sertão, foi possível agrupar três realidades interligadas, as quais dialogam com as experiências vivenciadas pelos alunos participantes da pesquisa. A primeira dessas realidades refere-se à compreensão do sertão como espaço de pertencimento e de raízes familiares. Tal percepção evidencia a conexão dos familiares dos estudantes com a ambientação sertaneja — ainda que muitos residam na região agreste —, marcada pela luta pela sobrevivência, pela garra e pela resistência associadas ao trabalho braçal. Nesse contexto,

destaca-se o vínculo com a agricultura, uma vez que grande parte dos genitores atua no cultivo da terra, seja no trabalho na roça, seja nas casas de farinha do município.

Em seguida, evidenciaram-se realidades relacionadas à cultura e à resiliência, as quais emergem de forma significativa nas respostas dos participantes. A partir dessas manifestações, foi possível compreender o quanto as experiências cotidianas e os imaginários sociais dos sujeitos da pesquisa do CEER de São Domingos/SE dialogam com a realidade do homem sertanejo. Trata-se de aspectos reveladores de uma cultura associada a uma vida simples, mas permeada por esperanças, sustentadas pela preservação das tradições culturais e dos costumes transmitidos de geração em geração, seja no sertão, na roça ou nas casas de farinha. Nesse contexto, destaca-se a importância do sentimento de pertencimento como elemento constitutivo da identidade desses sujeitos.

A análise do referido questionário revela que os alunos apresentam menores percentuais de identidade e pertencimento ao ambiente sertanejo em comparação com as raízes, a cultura e a resiliência. Isso pode ser entendido de duas maneiras: por um lado, os alunos reconhecem a luta diária de seus pais para garantir a sobrevivência, já que muitos deles trabalham desde às 04h da manhã; por outro, eles não desejam seguir o mesmo caminho para garantir sua própria sobrevivência.

Mesmo que esses aspectos sejam menos evidentes, eles fazem parte do imaginário dos sujeitos da pesquisa. Para Morin (2003), daí a importância de um trabalho pedagógico voltado para auscultar as realidades intersubjetivas que leve os alunos a refletirem sobre o conhecimento do conhecimento a fim de que compreendam sua condição humana e as situações que os cercam para, a partir disso, transformarem suas realidades, mas sem perder de vista suas raízes e seus modos de vida.

Ao serem questionados acerca dos modos de vida do sertanejo, destacaram-se, de forma recorrente, aspectos como a simplicidade, a resiliência e o trabalho. As respostas indicam que os alunos possuem uma percepção consistente da realidade do sertanejo, reconhecendo tais características como elementos fundamentais de seu modo de viver. Esses aspectos refletem, em grande medida, a vivência cotidiana dos próprios estudantes, muitos dos quais têm pais que trabalham arduamente no campo e nas casas de farinha, enfrentando desafios diários para garantir a subsistência da família.

Observa-se que a simplicidade emerge como o aspecto mais enfatizado, o que sugere que os alunos atribuem valor à humildade e à modéstia que caracterizam a vida no sertão, em estreita relação com as experiências de seu cotidiano. Tal percepção dialoga com uma cultura historicamente marcada pela tradição do trabalho braçal. A resiliência, por sua vez, evidencia

o reconhecimento, por parte dos alunos, da capacidade de seus pais e da comunidade de enfrentar e superar os desafios impostos, seja pelas exigências do trabalho árduo, seja pela limitação de recursos econômicos que restringem o acesso a melhores condições de existência. Por fim, o trabalho destaca-se como elemento constitutivo da vida sertaneja, evidenciando não apenas sua centralidade para a sobrevivência e o sustento familiar, mas também sua relevância na manutenção e afirmação da identidade cultural desses sujeitos.

Essas percepções indicam que o trabalho pedagógico centrado na observação da realidade e em sua articulação com as obras literárias favorece a construção de redes de sentido entre as cartografias existenciais dos alunos e a compreensão da realidade do homem sertanejo, marcado pela sobrevivência em meio às adversidades. Tal processo pode culminar tanto na valorização de suas raízes quanto no reconhecimento e na afirmação de suas identidades. Ademais, os dados revelam a forte influência das experiências familiares e comunitárias na constituição das percepções dos alunos sobre o mundo que os cerca, permitindo vislumbrar as particularidades que atravessam seus modos de ver, sentir e interpretar a realidade.

Os alunos descreveram o sertanejo como um sujeito que enfrenta os desafios da vida com coragem e determinação, percepção que reflete diretamente a realidade de seus pais e familiares, cujas experiências estão vinculadas ao trabalho árduo no campo e nas casas de farinha. Nesse processo de significação, a resiliência emerge como a característica mais enfatizada, evidenciando a valorização, por parte dos alunos, da capacidade de seus pais e da comunidade de superar as dificuldades impostas pelo cotidiano.

Associada a esses aspectos, destaca-se também a linguagem sertaneja, compreendida como elemento constitutivo da identidade cultural, por meio da qual os sujeitos expressam seus modos de viver, sentir e resistir. As formas de falar, as expressões próprias do cotidiano e os modos de narrar suas experiências revelam-se, assim, como marcas simbólicas de pertencimento, reforçando a relação entre trabalho, memória, cultura e identidade.

Conforme o olhar de Morin (2003), a literatura, poesia e prosa, reflete a diversidade das relações em que o jovem está inserido, abordando os contextos históricos e culturais reveladores da autenticidade e da simplicidade do povo sertanejo e como se dão as relações humanas. Por meio dessa abordagem, compreende-se que a conexão entre a literatura e as experiências do cotidiano trazem um reflexo positivo para os pais dos alunos em questão. Assim como os sertanejos são vistos pelos alunos como resilientes, trabalhadores, valentes e expressivos, tais epítetos demonstram o compromisso e a dedicação de seus pais em prover a família.

Essas características mostram a realidade dos alunos, que crescem em um ambiente onde o trabalho, a simplicidade e a resiliência são valores fundamentais. Ao descrever o sertanejo,

os alunos estão, na verdade, descrevendo a si mesmos e a sua própria realidade. Isso porque tal qual os sertanejos presentes nas obras literárias, os seus pais veem a simplicidade, a humildade e o trabalho como fonte de dignidade. Por isso, apesar de, na maioria das vezes, não só o modo de se expressar, mas também os aspectos relacionados à cultura serem considerados como sinônimo de atraso, sentem orgulho de suas origens.

A partir da análise dos aspectos socioculturais e socioeconômicos, observou-se que os alunos compreendem a realidade do homem sertanejo como complexa e multifacetada. As produções e reflexões dos participantes evidenciaram a presença de desafios significativos relacionados à pobreza, à seca e aos processos migratórios, os quais impactam diretamente a qualidade de vida da população. Tais aspectos são compreendidos como problemas de caráter histórico e estrutural, que contribuem para o deslocamento de sujeitos e famílias em busca de melhores oportunidades em outras regiões.

Essa situação não só foi visualizada nas obras analisadas a saber: *Vidas Secas*, *Os Corumbas*, *Morte e Vida Severina* e *o Quinze*, mas também nos imaginários sociais seja dos familiares que trabalham em casas de farinha e na roça, seja dos próprios alunos que fazem parte desta pesquisa, já que ao terminarem o Ensino Médio migram para outras paragens a procura de condições dignas de existência, posto que a falta de oportunidades e o baixo poder aquisitivo continuam sendo causadores das ínfimas condições de vida da população que reside no interior.

Para Dias (2011), essa situação é resultado de uma “globalização perversa” que domina o sistema político. Nesse contexto, a informação e o dinheiro são usados para manipular as pessoas mais vulneráveis, especialmente, aquelas que vivem em situação de pobreza no sertão ou interior do estado. Como consequência, o homem em busca do poder e do dinheiro acaba perdendo valores humanos essenciais como compaixão e solidariedade.

No entanto, as respostas de 09 alunos revelam que, apesar das dificuldades enfrentadas pelo sertanejo, como a seca e a fome, ele permanece firme em manter sua cultura, identidade e suas raízes. Isso mostra a resiliência e a força do povo sertanejo em preservar sua herança cultural e sua dignidade, como se percebe neste relato “*a cultura sertanejo valoriza a família, a fé, o trabalho, a simplicidade, a honestidade, a coragem e o respeito a tradição e a terra*”<sup>12</sup>.” Essa informação de um dos participantes reflete que a “globalização perversa” não conseguiu subtrair do homem sertanejo seus valores e sua dignidade.

---

<sup>12</sup> Os desvios ortográficos foram mantidos para dar originalidade ao relato.

A tradição e a cultura da agricultura e da pecuária evidenciam-se como elementos estruturantes da identidade cultural e econômica do povo do sertão, configurando-se como importantes referências simbólicas e materiais para a população local. Esses aspectos não apenas sustentam práticas produtivas, mas também fortalecem sentimentos de pertencimento, orgulho e resiliência diante das adversidades características da região.

Essa realidade revela uma estreita relação com o contexto familiar dos sujeitos da pesquisa, considerando que muitos de seus pais desenvolvem atividades no campo. A visita à casa de farinha reforçou essa constatação, ao demonstrar a integração entre os processos produtivos e a dinâmica da vida rural, como no caso da utilização da raspa da mandioca e da manipueira na alimentação do gado, evidenciando práticas marcadas pelo aproveitamento integral dos recursos.

Ademais, emergiram, nas respostas dos alunos, percepções relacionadas à desigualdade social, bem como à fragmentação das relações familiares e comunitárias. Tais compreensões revelam um entendimento aprofundado acerca da escassez de oportunidades econômicas e dos processos de exclusão social que atravessam o cotidiano de muitas comunidades, tanto no sertão quanto no interior do estado de Sergipe, onde se concentram os trabalhadores rurais. Essas particularidades reforçam a compreensão da desigualdade social como um desafio estrutural nas regiões interioranas, cujos efeitos incidem diretamente sobre a coesão social e a qualidade de vida da população.

A partir da observação das análises relacionadas aos elementos religião, música e arte, constatou-se que tais dimensões aparecem de forma secundária nas percepções dos alunos. Essa recorrência sugere que, para os participantes da pesquisa, esses elementos não ocupam o mesmo grau de centralidade na vida do homem sertanejo, uma vez que a luta cotidiana pela sobrevivência e a busca por recursos básicos — como alimentação, acesso à água e moradia — tendem a se sobrepôr a outras manifestações culturais. Nesse sentido, tais aspectos são compreendidos como dimensões importantes, porém relegadas a um segundo plano diante das necessidades mais urgentes impostas pelas condições de vida no sertão.

No entanto, é importante destacar que esses aspectos, também, são fundamentais para a identidade e a cultura sertaneja e desempenham um papel relevante na forma como as pessoas lidam com os desafios e celebram as conquistas. Um exemplo claro dessa realidade, encontra-se na música do Rei do Baião, Luiz Gonzaga, “Asa Branca,” cujo eu lírico diz muito das territorialidades da cultura e da identidade do homem que luta pela sobrevivência no sertão nordestino. No dizer de Gonçalves (2008), é como se essas questões, fossem naturalizadas, tidas como normais.

### 4.3 Interstícios da Aprendizagem em Movimento: a leitura como potencial da revelação da vida

É sabido que o trabalho pedagógico desenvolvido a partir da prática de leitura e de sua relação com as vivências dos alunos ganha um novo significado, já que as reflexões e debates advindos da realidade experienciada durante os preparativos para o Sarau Literário e após sua realização trouxeram um novo sentido para o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para a transformação de comportamentos e para a valorização de suas raízes e identidade. Esse viés de enraizamento foi perceptível nas análises dos textos dos alunos (que compõem esta etapa da pesquisa) durante os preparativos e, sobretudo, após a culminância do evento literário, mola propulsora para a realização deste estudo.

Segundo Akiko (2011), ao se planejar acerca da realização de *Projeto Transdisciplinar* as realidades da multidisciplinaridade, da pluridisciplinaridade e da interdisciplinaridade atravessam a preparação do planejamento. Isso porque, de um lado, a escolha da temática ocorre sob olhares disciplinares; de outro, a articulação da temática mediante a observação desses olhares e, por fim, os diversos olhares se voltam para apreciar a temática dos trabalhos. Neste momento, o diálogo entre os saberes se manifesta e representa o resultado da percepção de um outro nível de realidade. Daí a transdisciplinaridade emerge pela integração dos saberes atravessados pela dinâmica da unidade na diversidade, Morin (2003).

Daí emergiu a segunda etapa desta pesquisa que buscou levar os participantes a pensarem suas ações, a criarem estratégias para realizá-las, interpretarem, interagirem com outros alunos que têm pontos de vista diferentes dos seus, organizarem e expressarem seus aprendizados. Enfim, tornarem-se protagonistas de seus próprios conhecimentos, aprendendo em contato com as realidades física e social ao exercerem sua autonomia de seres autopoieticos.

Nesta etapa, contemplou-se as leituras das seguintes obras regionalistas brasileiras (*Vidas Secas, O Quinze, Morte e Vida Severina, Os Corumbas*; bem como *poemas de Carlos Drummond de Andrade e de Cecília Meireles*<sup>13</sup>). Nessa etapa, todos os alunos que estavam frequentando regularmente as aulas das 3<sup>as</sup> séries B e D participaram das atividades propostas.

Vale ressaltar que esse momento se revelou bastante produtivo, tendo em vista o significativo engajamento dos participantes, seja na construção dos cenários, na elaboração dos roteiros para a apresentação das peças teatrais, na composição de monólogos ou no empenho dedicado à declamação de poesias.

---

<sup>13</sup> Vale ressaltar que essas leituras fizeram parte do planejamento pedagógico e foram trabalhadas durante o período letivo, objetivando a realização do Sarau Literário, momento da culminância desta pesquisa.

Foi perceptível que essa dinâmica contribuiu para a construção do conhecimento por meio de uma experiência interdisciplinar, já que os participantes interagiram com a realidade cotidiana a partir do diálogo entre os saberes (referindo-se às leituras e o cotidiano dos trabalhadores da casa de farinha e o contato com professores de outras áreas do conhecimento). Esse aspecto dialógico é ressaltado por Cereja (2005), quando reitera que o leitor deve ser considerado um agente ativo no processo de leitura e de interpretação do texto, considerando a realidade social e cultural. Por isso, o ensino de Literatura deve partir desse diálogo para refletir e estabelecer conexão entre as questões que integram sociedade e meio ambiente (entenda-se aqui, como a realidade local).

Por meio delas, buscou-se tanto explorar as relações entre a literatura e a realidade do trabalho na casa de farinha, contexto familiar dos alunos, bem como a construção do conhecimento a partir da vivência com o meio físico e social e da reflexão dos textos e de suas cartografias existenciais, buscando a valorização da cultura e da identidade local através da arte e da literatura. Para tal, a pesquisadora organizou um roteiro com a seguinte metodologia:

**Quadro 02:** Eixos Estruturantes da Preparação para Segunda Etapa

<b>Preparação</b>	<b>Seminários</b>	<b>Mesa Redonda</b>	<b>Sarau Literário</b>	<b>Construção do Conhecimento</b>
Alunos foram divididos em grupos focais.	Os grupos se mantiveram desde o 1º momento.	Realizada após os seminários.	Evento final com apresentações dos alunos.	Aprenderam a conviver, a ser e a fazer.
A pesquisadora orientou a teorização e levou os alunos à biblioteca para familiarizá-los com o mundo da leitura e a apresentação de seminários.	Contextualização e explanação da obra da obra.	Os grupos apontaram suas percepções conforme a obra lida.	Produção de cenários com ajuda de outros professores, buscando a interdisciplinaridade: momento de revelação da arte e diálogo com outras linguagens, transitando entre disciplinaridade e interdisciplinaridade.	Buscaram a teorização e a reflexão em grupo acerca do que lhes foi proposto para a apresentação dos seminários.
Obras lidas: Vidas Secas, O Quinze, Morte e Vida Severina, Os Corumbas.	Análise crítica das obras em diálogo com a biografia do autor.	Buscou aprofundar o diálogo entre as obras e a vida dos alunos.	Análise crítica das obras; declamação de poesias de autoria própria.	Conseguiram assimilar os pontos-chave das leituras e relacioná-los com o aprendizado para a vida.
Objetivo: relacionar as obras com as vivências dos alunos e o trabalho nas casas de farinha.	Relação com a realidade, fazendo uma ponte com o cotidiano vivenciado e o que acontece em seu entorno.	Foco no trabalho nas casas de farinha.	Monólogos relacionando as obras com a vida dos autores: momento de catarse	Conseguiram elaborar pontes entre as obras e suas realidades. Apontaram a importância da leitura para suas vidas e o quanto começaram a enxergar e a

				valorizar suas famílias.
--	--	--	--	--------------------------

**Fonte:** autoria própria, 2025.

Para Akiko (2005), a aprendizagem vai se construindo “*a exemplo do processo de tecelagem*” conforme as teorias vão sendo abordadas. Dessa forma, cada aluno deve tecer e reconstruir conhecimentos, ao mesmo tempo, dialogando com as diversas leituras, articulando e integrando com sua realidade para tornar o processo de aprendizagem mais significativo. É preciso, pois, reconceitualizar o conhecimento por meio de concepções que se contradizem ou enriquecem o senso comum. Por isso, essa reconceitualização reclama a incorporação dos princípios que dialogam com a transdisciplinaridade como o holográfico (religa as partes ao todo); complementaridade entre os opostos; (articula os pares binários) o da Incerteza (a certeza da vida se fundamenta na lógica contrária à da ciência); e o princípio da Autopoiése (o ser humano aprende em contato com suas experiências internas e externas).

Foi a partir dessa dinâmica que os preparativos para o Sarau Literário foram desenvolvidos, buscando enaltecer a criatividade dos educandos a partir de suas vivências e experiências com o mundo ao seu redor, por meio da conexão com o universo literário apresentado. As apresentações de seminários, os debates nas mesas redondas, a visita técnica à casa de farinha, a confecção de cenários, as apresentações teatrais, declamações de poesias, apresentações de dança e interpretações de monólogos foram ocasiões importantes para a culminância desse trabalho. Foi um momento ímpar, revelador do poder transformador que a educação tem na vida do ser humano. Seguem alguns registros comprobatórios:

### Apresentações de Seminários





Fonte: autoria própria, 2025

Essa metodologia, para Penteado (2023), visa transformar a informação em conhecimento que ultrapassa os muros da escola e promove o diálogo com outras áreas do saber. Nesse processo, o professor, ao organizar seu fazer pedagógico, conduz o aluno a ser ativo, participativo e reflexivo. Fomentar essa percepção contribuiu não só para que eles ressignificassem seus mundos e se enxergassem como parte de um território/lugar que pode ser transformado, mas também para refletir sobre a relação do homem com a natureza, apresentando-se como uma possibilidade de compreender que as atitudes e ações de cada um são fundamentais para promover o cuidado consigo, com as pessoas e com seu redor, buscando o equilíbrio ambiental.

Para elucidar essa realidade, seguem análises de trechos retirados dos relatos das experiências após a realização do momento literário que aconteceu em 30/10/2025. Do quantitativo de 55 alunos que compõem as turmas participantes desta pesquisa, 27 produziram depoimentos acerca de suas vivências.

De início, segue versos de uma poesia escrita pelo aluno “A,” ao afirmar que “*foi de acordo com a leitura/que a minha vida se transformou/conheci o mundo de verdade/e ganhei de volta o meu humor.*” Por meio do eu lírico representado nesses versos, percebe-se que esse aluno que outrora era alegre, mas algo deve ter acontecido na trajetória da vida, contribuindo para que ficasse com o ânimo abalado. Contudo, após as leituras, seu humor retornou. Contexto que se explicita com a expressão dos versos seguintes: “*antes da leitura minha vida era um vazio/como um barquinho no rio/viajando sem destino*”. A revelação dessas emoções, deixa claro o quanto a leitura tem o poder de fazer com que as pessoas se reencontrem com a vida, Cereja (2005). Encontrem um sentido, uma direção, modificando suas cartografias existenciais.

Na sequência, foi perceptível o quanto o contato com os textos colaboraram para que houvesse um sentimento de coletividade e a dinâmica de saber conviver em grupo. Uma mudança de comportamento que aflora na perspectiva de pensar e estar em conexão com o outro. Por meio do depoimento do aluno “B<sup>14</sup>,” ficou explícita essa afirmação, quando ele reitera:

*[...] na apresentação do Sarau “Morte e Vida Severina”, teve uma mudança na minha vida fez com que eu valorizasse mais o trabalho coletivo, ver que pra tudo precisamos de outras pessoas[...] eu não queria participar, mesmo que eu tenha o dom de apresentação, eu não gosto de mim expor muito, mas mesmo assim eu fui, não só por mim, eu fiz esse esforço para ajudar a sala e a professora que estava administrando a nossa sala[...] então eu falo a literatura a leitura muda vidas comportamentos, o jeito de pensar e de agir (ALUNO B).*

Dentro dessa perspectiva, fica claro que, quando o texto literário é utilizado como meio para direcionar a prática pedagógica, Cereja (2005), há interação, trabalho coletivo e diálogo entre ensino/aprendizagem e a dinâmica da vida. O relato desse aluno trouxe à tona essa percepção, evidenciando o quanto uma prática pedagógica pensada e planejada segundo a dinâmica da leitura significativa pode contribuir para transformar modos de pensar e agir.

Para além dessa realidade, foi visível no depoimento de uma aluna o quanto o contato com a leitura e a apresentação de seminário ajudou-a a reconhecer-se e a valorizar seu entorno, a superar seus medos e a vencer as crises de ansiedade que a surpreendia quando se aproximava a data da apresentação: “*depois<sup>15</sup> que eu comecei a valoriza a leitura mudou minha vida, aprendi a supera meus medo. O ultimo seminario mim ensino a valoriza a minha cidade o meu estudo porque sem estudo nos não somos e nada[...] amei a experiencia de apresenta o estudo é vida.*” Esse reconhecimento é fruto do despertar para lidar com situações subjetivas. A leitura, neste caso, proporcionou um encontro do ser para com o próprio ser.

Consoante o pensamento de Bauman (2012), a identidade se constrói em contato com as experiências e na interação com o outro de forma dinâmica e contínua. Ele tem razão. O trabalho pedagógico desenvolvido a partir dessa interface prima por essa construção que se dá de forma flexível, já que cada aluno deixa-se ser, revelando seus sentimentos e emoções à medida que produz conhecimento sendo quem é, como percebe nesta narrativa:

*Minhas experiências com o Sarau literário foram marcadas por descobertas, emoções e trocas de conhecimento[...] Ao apresentar minha leitura, senti que não estava apenas compartilhando palavras, mas transmitindo sentimentos e interpretações construídas ao longo do processo. Ouvir as apresentações dos colegas também me proporcionou novas perspectivas, mostrando como cada leitor transforma o texto de*

<sup>14</sup> Os desvios ortográficos, a ausência de pontuação e a repetição de palavras foram mantidos para manter o caráter verossímil do depoimento.

<sup>15</sup> Os desvios ortográficos foram mantidos para dar originalidade ao relato.

*maneira única. O sarau se tornou, para mim, um espaço de expressão, liberdade e fortalecimento do hábito de ler. Foi vivência enriquecida que contribuiu para o meu crescimento pessoal e literário (ALUNO C, 3ªD).*

A percepção desse aluno evidencia uma construção cultural e identitária que se dá, paulatinamente, no contato com seus pares. Um aspecto da aprendizagem que dialoga com a autopoiese, isto é, o processo de aprendizagem se valida a partir da conexão com o que já se sabe e com o novo que se apresenta. Essa integração resulta na conexão da vivência com seu entorno. Ao produzir conhecimento por meio dessa interação fica visível o quanto essa metodologia contribui para a valorização e o reconhecimento do educando diante da realidade que o cerca. Segue um trecho que reitera essa dinâmica:

*[...], A partir da leitura de obras como Vidas secas, nos proporcionou experiências, com a metodologia da mesa Redonda, de vida durante esse ano letivo, a principal obra que fez eu como um aluno, que tinha que acordar às 2:00 da madrugada para trabalhar, foi vidas secas, com fabiano, um homem bruto fruto de múltiplas experiências negativas, uma vida que percorre a fome a fraqueza de uma região. Essa miséria material, além da simbólica[...](ALUNO D, 3ªB).*

Conforme esse depoimento, fica explícito o quanto a narrativa de *Vidas Secas* se assemelha a muitas realidades Nordeste a fora, inclusive, no interior do estado de Sergipe, no município de São Domingos. Ao relatar que acordava às 02:h00 da madrugada para trabalhar, reconhece que há conexão entre a realidade sentida e a trama da obra que o fez mergulhar para dentro de si e identificar que assim como Fabiano, protagonista da obra-prima de Graciliano Ramos, muitos de seus familiares buscam em outras regiões melhores condições de existência, já que em seu município não há oportunidade. Por isso, migrar se configura como a única solução:

*Essa procura por uma vida melhor que ocorre, ainda nos dias atuais, familiares que viajam para outros estados em busca de melhores condições de moradia e trabalho, já que a nossa Região, São Domingos, uma pequena cidade que não possui grandes oportunidades de emprego, a única opção é a mudança de estado da mesma forma que fabiano e sua família[...](ALUNO D, 3ªB).*

Tal percepção vai ao encontro da dinâmica trabalhada em sala de aula no momento das apresentações dos seminários e das discussões que foram realizadas nas mesas redondas, quando a pesquisadora, para instigá-los, lançou mão das epígrafes de Lajolo de que “ler é interpretar os signos do mundo” e de Cereja quando reitera que “a leitura é encontrar-se com a vida.” Nesse momento, a professora pesquisadora por meio de debates, buscava auscultar o mais profundo de seus imaginários culturais e os levava à reflexão. Reflexão no sentido de trazer à tona as realidades presentes nas obras. Assim, eles poderiam se encontrar, se reconhecer e buscar relacionar as narrativas das leituras realizadas com seu cotidiano no que tange aos

aspectos socioculturais. Além disso, fazer com as realidades tocadas, sentidas e relacionadas a suas vivências, por meio das leituras e dos debates, se transformassem em memórias profundas e duradouras. As passagens seguintes, demonstram que esse objetivo fora alcançado:

*Antes do livro Vidas Secas, eu enxergava a realidade do sertão apenas como um tema distante, algo que eu conhecia superficialmente pelos livros escolares[...]Depois de Vidas Secas, passei a ser mais sensível às questões sociais e a refletir mais sobre empatia. O livro não apenas ampliou meu conhecimento literário, mas também me fez crescer como pessoa, despertando em mim um olhar mais humano, crítico e consciente da realidade ao meu redor[...]Por meio das mesas redondas e da culminância do Sarau Literário passei a valorizar mais a minha vida, porque tenho coisas em minha vida que os personagens de Vidas Secas não tinham (ALUNO E, 3ºD).*

Ou ainda:

*Após a mesa redonda e o seminário, onde se reuníamos para fazer apresentações sobre as obras, a professora comentava como tinha sido as apresentações, além de um diálogo que nós fazíamos refletir e repensar a nossa vida como estudantes e pessoas. Essa experiência que será inesquecível, uma memória que ficara eternizada, pois cada momento, cada segundo em que nos empenhávamos mais e mais para aprendermos, e algo que será levado para a vida inteira, agradeço a ela por todas essas oportunidades incríveis de leitura que nunca esquecerei. (ALUNO D, 3ºB).*

*A leitura me proporcionou uma nova visão de como enxergar o mundo de outras formas, os livros “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, “Morte e Vida Severina” e “Vidas Secas” me deram uma vasta experiência de como o mundo é visto de várias formas por diversas pessoas, e acabo por perceber que o nordeste é retratado como um lugar “seco” e sem vida por alguns outros, mais isso é um achismo pois em outros livros que falam a realidade sobre o nordeste quase não há críticas e sim elogios sobre a beleza e a cultura nordestina (ALUNO N, 3ºB)*

*Com as leituras, entendi que devemos valorizar o que somos e não negar as nossas origens. Devemos ser gratos e não reclamar das coisas que temos, nem todas as pessoas tem as mesmas condições e pra algumas pessoas o que não é “nada” pra outras pode ser tudo. A desigualdade social é muito presente na maioria das histórias dos livros, nem todas as pessoas tem as mesmas condições (ALUNO L, 3ºB)*

*A leitura sempre teve um papel importante na minha vida, pois através dela descobri novos mundos, aprendi coisas que não conhecia e desenvolvi a capacidade de compreender melhor as pessoas e as situações ao meu redor. No começo, ler era apenas uma obrigação escolar, mas aos poucos se tornou um hábito prazeroso[...]ALUNA P, 3ºD)*

Esses depoimentos reiteram o que afirma o renomado escritor Freire (2023), quando traz à tona a discussão de que a leitura não só é um instrumento de libertação, como também é um meio pelo qual a compreensão crítica se dá pelo contexto, onde se está inserido, trazendo à tona a reflexão e o desenvolvimento da consciência crítica para transformar sua realidade por meio dos modos de agir e de pensar. Isso porque, segundo a visão da (ALUNA M) “Os livros podem acalmar, inspirar confortar e até ajudar a lidar com situações difíceis”. Fomentar essa dinâmica é contribuir para que o corpo discente desperte para a sensibilização e para o reconhecimento e valorização de suas raízes. Como se percebe nestes relatos:

*[...]interpretei Fabiano na obra “Vidas Secas”, a oportunidade de mostrar o meu gosto por essa obra foi o que precisava para enxergar a vida de outros olhos. Logo eu que nunca dei valor ao pouco que tinha comecei a ver as histórias que não só a minha mãe mas também a minha avó me falavam, histórias essas que graças a “Vidas Secas” e “Macunaíma” me fizeram dar valor ao pouco (ALUNO E, 3ª B).*

E acrescenta:

*No Sarau pude demonstrar a minha visão e enxergar o que é literatura brasileira. A história de quem vive do pouco não é sobre pobreza e sim sobre pessoas e famílias que lutam todos os dias por um futuro melhor. Hoje me orgulho da minha mãe e da minha avó que mesmo comendo água e farinha no almoço não desistiram tenho-as como exemplo (ALUNO E, 3ª B).*

Ainda de acordo com os pesamentos de Freire (2023), Cereja (2005), Lajolo (1993), quando retratam a importância do acesso à educação e à uma metodologia que valorize a leitura (neste caso de textos da Literatura Brasileira, poesia e prosa), seja como um instrumento de compreensão do mundo a partir seu contexto sociocultural, ou como meio de despertar o senso crítico para perceber seu entorno “[...] agradeço as aulas [...] que nos apresentou a mesa redonda e me ajudou a ter essa visão de valorização da minha história por meio da literatura (Aluno E, 3ª B).” Percebe-se o quanto a partir das leituras propostas há conexão e mudança de atitude, evidenciando que a literatura pode ser enxergada como um potencial para refletir acerca das questões seja ambientais, seja humanas.

Para Moran (2018), a aprendizagem se dá de forma ativa e significativa quando o professor conduz o processo como um orientador e mediador. Essa metodologia, na percepção da "aluna F", contribuiu para que ela enxergasse o mundo ao seu redor em seus aspectos socioeconômicos, socioculturais, sociopolíticos e socioambientais. Observou-se que, quanto mais os alunos se envolvem, mais aprendem, refletem, desenvolvem visão crítica e conectam os textos literários lidos e dramatizados com a compreensão de sua realidade. A aluna demonstrou essa percepção, já que o processo de metamorfose no ambiente humano trouxe um impacto positivo para o seu entorno. Veja-se:

*Nesse ano letivo, a professora [...] nos apresentou diversos livros, os quais me fizeram refletir sobre a minha vida e sobre os problemas socioeconômicos, socioculturais, sociopolíticos e socioambientais. Em especial, o Quinze me fez refletir muito. Rachel de Queiroz mostrou fortemente a dura realidade do povo sertanejo, e com essa obra eu desenvolvi uma compaixão maior pelo próximo e passei a valorizar ainda mais os meus pais, a comunidade local e as minhas raízes (ALUNA F, 3ª D)*

Essa compreensão revela o poder transformador da educação, quando a construção do conhecimento se dá por meio da inserção de práticas pedagógicas orientadas pela dinâmica que envolve o aluno no processo de ensino aprendizagem em que ele se torna o protagonista dessa construção, posto que aprende e apreende em contato com o meio físico e social. Como se vê:

*Na minha perspectiva, o sarau literário, a mesa redonda e o seminário [...] são projetos de grande importância e influência para a comunidade escolar, pois possibilita aos alunos uma aprendizagem interativa[...] ampliamos nossos conhecimentos, fortalecendo o raciocínio e ajudando a compreender melhor o mundo (ALUNA F, 3ºD).*

Isso aconteceu porque ela se envolveu, se integrou e interagiu, mantendo um engajamento maior com as atividades propostas. Foi o que aconteceu não só durante a dinâmica do ano letivo — com a teorização das obras, a visita à casa de farinha, as apresentações de seminários e os debates nas mesas redondas, buscando conectar as realidades das obras literárias com as vivenciadas pelos moradores de seu município que trabalham em casas de farinha — mas também na culminância desse processo, com a realização do Sarau Literário. Para ilustrar essa abordagem, seguem as seguintes narrativas:

*Na minha perspectiva o Sarau Literário me fez ampliar a minha visão sobre algumas relações sociais. Em algumas obras eu me identifiquei, assim me fez refletir sobre a minha vida, e de como devemos valorizar as pequenas coisas da vida[...] Portanto, na prática eu tive o contato direto com os livros e com a leitura em si, e execução da metodologia[...] foi crucial para meu desenvolvimento intelectual, onde coloquei em prática a minha escrita, a comunicação gerei conhecimento e compartilhei com os demais colegas, me esforcei mais para poderse preparar para apresentar a peça de teatro, sempre estudando para os seminários e mesas redondas de debates coletivo(ALUNA J, 3ºD)*

[...]

E continua:

*Eu evoluir muito pois deixei a preguiça de lado para poder estudar foi muito esforço é planejamento. Mas valeu a pena...*

*Fazendo-se uma ponte com a realidade com a obra os corumbas de Amando Fonte, onde as pessoas lutando diariamente com sua rotina trabalhista, onde enfrentarão a desigualdade e invisibilidade, onde o trabalho não é remunerado. Ligado a minha realidade dos trabalhadores da minha cidade onde a principal fonte de renda é o trabalho em casas de farinha, já que é um trabalho informal é de mão de obra barata, eles trabalham pesado é não recebem um valor financeiro alto, assim sendo invisibilizados (ALUNA J, 3ºD)*

*No contexto do município de São Domingos, é encontrada uma grande quantidade de casas de farinha, onde muitos trabalham para garantir o sustento do dia. Esse ambiente de luta e resistência me fez lembrar outra obra estudada: Os Corumbas, de Amando Fontes, que retrata uma família pobre enfrentando dificuldades e exploração (ALUNA F, 3ºD). [...]*

E continua reiterando o quanto o Sarau Literário contribuiu para sua evolução “A culminância do Sarau Literário mostrou como a leitura ampliou a minha visão de mundo e fortaleceu meu senso crítico. Foi uma experiência marcante que reafirmou a importância da literatura em minha vida.” Eis a potência do ensino da literatura centrado tanto na leitura do mundo de que faz parte quanto na reflexão que traz à tona a mudança do próprio ambiente

humano, já que enxerga a leitura como uma aliada para o seu crescimento. É o que se percebe neste relato da aluna G “[...] a leitura se tornou uma aliada. Ela não melhora só só a minha comunicação, melhora também quem sou e quem estou me tornando[...].” Essas narrativas demonstram o quanto a leitura contribuiu para moldar a identidade dessas alunas por meio da reflexão que envolve a relação texto e as dinâmicas experienciadas no cotidiano de suas vidas.

Ainda segundo Moran (2018), essa conexão torna o processo de ensino aprendizagem eficaz e efetivo, já que o corpo discente passa a dar significado ao que está sendo estudado. Diante dessa realidade, o professor vai conduzindo, orientando, mediando esse contato entre a leitura do mundo, a partir de textos oferecidos, e a leitura reflexiva da vida.

Fomentar essa conexão tanto potencializa o senso crítico mediante situações experimentadas nas subjetividades do educando quanto contribui para que ele faça pontes (vida/leitura) com sua própria experiência, deixando-se ser. O depoimento da aluna H revela essa contribuição quando reflete acerca da poesia “Relógio” de João Cabral de Melo Neto. Segue o relato:

*As pessoas são suas próprias gaiolas, que não conseguem sair dos seus vícios, qualquer mania que vá atrasar seu desenvolvimento pessoal, é considerado um vício negativo, por exemplo as crianças de hoje em dia que se importam mais com o celular em vez de aproveitar sua infância de maneira correta (ALUNA H, 3ªB).*

E continua trazendo à tona suas subjetividades mais profundas: “Essa poesia me fez refletir sobre limites em certos vícios, como em questão do meu pai que tinha sofrido um leve infarto, isso me fez sentir que o tempo gasto no celular, poderia ser colocado em ligação com meu pai.” Esse depoimento traz à tona o quão é relevante a metodologia que busca dialogar com o princípio da contextualização de que fala Morin (2003), evidenciando que a vida é composta de incertezas e que para enfrentá-las, faz-se necessário ação-reflexão-ação. Essa atitude foi visível nessa narrativa, mostrando o poder transformador da leitura reflexiva e da conexão entre os meios físico e social.

Ainda segundo esse pensamento, tanto as questões racionais quanto as emocionais são importantes para o processo de aprendizagem, já que a construção de significados de si é tecida em meio à interação com o seu redor, mediante as circunstâncias advindas da globalização, da diversidade humana e das incertezas da vida. Diante dessa abordagem, foi perceptível em uma narrativa o quão a leitura tem o poder de trazer à tona a reflexão e fazer o leitor mergulhar em suas subjetividades e buscar dentro de si respostas que lhe proporcionem o reconhecimento de quem se é:

*Ao ler, reler e entender o poema, percebi a linda e reflexiva mensagem presente nele. Em cada verso, Cecília transmite, de forma melancólica, o fato do tempo transformar diversos aspectos de nossas vidas. Isso em “retrato,” já em “ou isto ou aquilo,” ela*

*fala como as escolhas fazem parte de toda a nossa vida, todos os dias, desde a infância. Assim ao mergulhar nessas duas lindas obras, consegui me ver nelas, elas me atraíram diante do quanto eu estava me identificando com o que Cecília apresentava nesses poemas. Eu associei o fato de o tempo transformar e termos que fazer escolhas, consegui trazer para minha realidade, pois passei por um momento em que quase entrei em depressão, esse momento se deu a partir de mudanças, o tempo transformou coisas em minha vida que exigiram que eu fizesse a escolha mais difícil que eu já tive que fazer (ALUNO H, 3ª B).*

Esse relato, reitera que a leitura proporciona, de fato, o encontro com a vida na plenitude do ser. Um encontro que partiu da compreensão da condição de quem se é. Por isso, a importância da educação ensinar que a compreensão da condição humana só é possível pela via da comunicação e da “reforma das mentalidades.” Este deve ser o viés centralizador do processo de ensino-aprendizagem: romper com a prática da fragmentação do conhecimento que modela o modo de pensar dos sujeitos Akiko (2008) para ir ao encontro do conhecimento pertinente, sobretudo, daquele que o ser humano busca sua verdadeira identidade, vivendo em meio a unidade e a complexidade da existência.

Daí a relevância do fazer pedagógico que busca resgatar o elo perdido da educação ocasionado pelo modelo cartesiano, Akiko (2008). Para tal, faz-se necessário, buscar o conhecimento do conhecimento e reconhecer que ele não é reflexo da realidade, para que ele seja de fato efetivo, deve-se, pois, levar em conta o contexto, considerar seu aspecto global (conexão entre as partes e o todo), seu caráter multidimensional (ser humano em seus aspectos biológico, cultural, social), além levar a cabo o fator que envolve o complexo (o que é tecido junto) (Morin, 2003). Segue depoimento que elucida essa perspectiva:

*Desta forma, vi que a leitura me trouxe conforto diante dessa situação, pois vi algo que eu passei, sendo falado de forma ampla, acolhedora e poética. Então, pode-se afirmar com toda a certeza do mundo: a leitura muda vidas, ela transforma ambientes, pensamentos, pessoas, e a partir dela o mundo inteiro pode ser transformado (ALUNO H, 3ª B).*

Mediante essa realidade, notou-se que a atividade pedagógica que envolve o corpo discente por meio da apresentação de seminários e discussões em mesas redondas, contribuiu para os alunos se tornarem protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, para romper com a “educação bancária,” para transformar olhares e jeitos de viver e de estar no mundo. Ademais, foi visível o engajamento dos alunos e a relação que eles estabeleceram com a coletividade para a realização do evento literário — associada ao canto dos galos que anunciam o amanhecer e aos trabalhadores das casas de farinha que se unem para produzir a farinha de mandioca. Além disso, ficou explícita a sensação de dever cumprido após a realização do Sarau Literário, como se percebe neste depoimento.:

*Após a realização do Sarau Literário, percebi que grande maioria dos alunos se sentiram realizados e envolvidos na obra, conseguimos através tanto da leitura quanto da dramatização, adquirir conhecimento e permitir que isso nos transformasse. Diante da perspectiva da coletividade, de que um galo sozinho não tece uma manhã, das ações e do trabalho realizado nas casas de farinha, pode-se observar que essa coletividade está presente também em sala de aula (Aluno H, 3ª B).*

E continua:

*Cada aluno contribui lado a lado com o professor para realizar algo, nos seminários todo mundo se ajudou, teorizaram juntos e compartilhando conhecimento. No sarau todos contribuíram para o sucesso da peça: uns ficaram com o cenário, outros com o figurino, alguns atuaram e todas essas ações coletivas contribuíram para esse grande evento literário (ALUNO H, 3ª B).*

Caminhar “lado a lado com o professor” implica construir juntos, respeitar o tempo da aprendizagem e enxergar o aluno como um ser completo (Akiko, 2008). Essa compreensão parte do princípio de que o conhecimento não se transmite, se constrói (Freire, 1997). Ao lançar mão dessa metodologia, o docente assume o papel de facilitador desse processo, já que considera que o diálogo entre os saberes é o caminho para ressignificar o fazer pedagógico que visualiza o discente como um ser “autopoietico.”

Para Freire (2005), a leitura é um instrumento de libertação e de transformação da realidade. A partir dela, pode-se tomar consciência das questões adversas nas quais se está inserido para transformá-la, tendo como ponto de partida o acesso à uma educação como um ato político que tem como primazia a valorização do processo de ensino-aprendizagem com foco no protagonismo do educando. É que se nota neste depoimento:

*[...]Na ponte com a realidade (parte da análise que fiz na apresentação do seminário), me deparei com situações que eu mesma passei. No romance, os personagens eram invisibilizados, por falta de conhecimento, de oportunidade, de educação e de condições. Um dos fatos que me deparei foi quando precisei de um comprovante de residência e eu não tinha porque minha energia era gato, ligada direto do poste, e nisso a mulher olhou pra mim e falou a seguinte frase: “isso não existe, não vai ter como marca o exame sem comprovante, tente arrumar algum” naquele momento me senti inferior a todos que estavam ali ao meu redor. Sofri muitas negligências em minha vida e só fui perceber isso através de leituras e de conhecimento adquiridos ao decorrer do ensino médio da educação, literatura e do conhecimento (ALUNA I, 3ª B).*

Consoante o pensamento do autor de Pedagogia do oprimido, essa educação transforma, liberta e traz à luz a ignorância pela via do conhecimento bem como a consciência de sua metamorfose: “o conhecimento me transformou completamente. Hoje olho o mundo e os livros com outros olhos não só o livro o quinze, mas também de outras obras e poemas[...]contribuíram para que minha visão do mundo da vida e da realidade ficasse mais clara[...].” Para Akiko (2008, p.81), “...o novo enreda-se no velho, reestruturando as sinapses

neurônais...”, essa realidade reflete o quão essa aluna estabeleceu conexões entre o seu modo de ser e o novo (neste caso, o conhecimento adquirido em contato com as leituras). A partir dessa dinâmica, conseguiu reorganizar e reconstruir seu olhar diante das situações que lhes são apresentadas pela vida.

Seguindo esse pensamento, enredar o velho ao novo pode contribuir para potencializar o processo de evolução do corpo discente. Foi por meio desse transitar que, paulatinamente, sete alunos participantes da pesquisa externaram seus sentimentos em relação ao fato de não serem afeitos à leitura, não gostavam de ler (fato perceptível em seus depoimentos). Além disso, a timidez e a vergonha de se exporem nas apresentações de seminários aumentavam a repugnância à leitura. Porém, conseguiram, gradativamente, melhorar e se integrar aos grupos de que faziam parte. Venceram seus medos, passaram a enxergar o mundo ao seu redor com outros olhos, reconheceram que a leitura transforma vidas e conseguiram participar do Sarau Literário, dando o melhor de si, como se percebe nestas narrativas:

*[...]de começo não foi tão de boa porque eu não gostava muito de ler achava chato. Quando tinha seminário eu odiava além de não gostar eu tinha muita vergonha, hoje nem tanto. Mais o que me fez querer ler mais foi no último poema[...] “uma faca só lâmina” aquele poema me chamou atenção eu li refleti[...]percebi que não é ruim ler o quanto eu pensava a leitura pode nos levar além[...] (ALUNO 1)*

*Aprendi muito depois que o sarau, aprendi que tudo é um momento de ajudar o proximo[...] o sarau do “quinze”mim ensinou a aproveitar mais a vida que temos tudo e não conseguimos aproveitar [...]porque ela fala muito sobre nos e sobre nossa realidade de vida[...] a leitura é vida pra quem quer ler ela com foco e determinação[...] (ALUNO 2).*

*[...] aprendi que com o sarau algumas coisas eu posso leva pra minha vida e tambem antes eu não conseguia Apresenta sarau [...]levo de aprendizado e que eu não posso para de acediota na minha pessoa e depois do sarau eu Aprendi que agente tem que Acredita em si mesmo no sarau eu pude arruma o fação Ajudei na fazenda e isso é gratificante pra mim (ALUNO 3).*

*Sou uma pessoa muito vergonhosa mais o sarau me ajudou bastante a lidar com minha vergonha consegui apresentar e dei o meu melhor apesar de sentir muita vergonha. Acredito que o Sarau é isso é sair da zona de conforto e encorajar a enfrentar os seus desafios (ALUNO 4).*

*A minha experiência com a leitura foi muito interessante porque antes da leitura não sabia de quase nada[...]a leitura mudou muito minha vida[...] (ALUNO 5).*

*A leitura para mim foi algo muito transformador, pois conseguir entender coisas que antes da leitura não entendia. Ela tamb'rm cria uma sensação de comunidade e compartilhamento com outros leitores permitindo refletir sobre as obras e seus temas. A leitura tem ajudado ver um mundo de uma perspectiva diferente e a crescer como pessoa (ALUNO 6).*

*[...]Eu queria dizer a verdade: não sou daquelas pessoas que tem paixão pela leitura, mas, pelo menos, eu pude escutá-la pelos meus colegas e aprofundar nelas durante a nossa mesa redonda, mesmo que não tenha sido muito. Posso dizer que foi bom para*

*mim[...] o que mais me deixou angustiado mas que no final deu tudio certo: o evento de Sarau Literário “A arte que movimenta a vida” onde a nossa apresentação foi sobre “O Quinze” de Rachel de Queiroz. Foi uma bagunça e uma organização ao mesmo tempo [...] Foi agonizante porque muita gente não se envolvia, a não ser que o pessoal da atuação chamasse a atenção para ajudar. No começo eu fiquei perdido, mas depois fui pegando o jeito com o pessoal. No final deu tudo certo e mostramos o nosso melhor[...] Fiquei muito feliz e grato por participar de tudo isso, apesar da tristeza, da alegria e da raiva que ocorreram durante o percurso, Espero que muitos tenham essas experiências[...][...] (ALUNO 7)*

Percebe-se, por meio desses relatos que a construção do conhecimento alicerçada na reflexão e na integração da literatura com o meio (vivência dos alunos no evento literário) possibilita a travessia da disciplinaridade à transdisciplinaridade, à medida que a aprendizagem passa a ser pertinente para o aluno. Isso porque, a conexão com o meio traz à tona suas subjetividades, seu potencial criador. Reconhecer essa condição é entender que a educação para o século XXI reclama uma postura educacional que dialogue com a perspectiva do conhecimento que retire as cegueiras do educando e o leve a compreender, a relacionar e a refletir sobre diversas situações-problema que fazem parte de seu contexto, buscando a transformação das realidades que os cercam seja em seu caráter individual seja no âmbito da coletividade. Essa realidade, pode ser constatada na seguinte narrativa:

Essa dinâmica foi verificada nos imaginários sociais da feitura da farinha no município de São Domingos/SE, onde o trabalho informal é a força motriz que alimenta o sistema capitalista daquele espaço, desde às 04h da manhã. Aspecto notório na poesia “*tecendo o fio da vida*” cujo eu lírico conecta o despontar do amanhecer ao trabalho das mulheres raspadeiras de mandioca. Uma poesia reveladora do sentimento de pertença e das raízes culturais de quem faz do ambiente vivido um lugar onde a objetividade e a subjetividade seguem de mãos dadas para cantar e tecer a existência.

“Tecendo o fio da vida”

Na madrugada fria, em silêncio a caminhar,  
As raspadeiras seguem, o dia a preparar,  
Com as mãos calejadas, a mandioca a raspar,  
Tecem o amanhacer, sem tempo de parar.

O brilho do orvalho, a luz antes de raiar,  
Testemunha o esforço o trabalho a pulsar.  
Cada gesto é um verso, um poema no ar,  
Raspam a raiz fazem a vida brotar.

E quando o sol desponta, nasce o alvorecer,  
No cestos cheios, o fruto do seu fazer.  
Nas madrugadas, tecem o futuro com fé,  
Raspando mandioca, erguem o dia de pé.

O vento sussurra entre sombras e chão,  
E elas, de olhos atentos, seguem a missão.  
Mandiocas em mãos, com ritmo e suor,  
Criam o sustento, um trabalho maior

(Aluno X, da 3ªC do CEER).

Esse poema foi elaborado em razão de uma Ação Pedagógica, realizada depois da visita técnica a uma casa de farinha, localizada em São Domingos, cujo propósito foi verificar como a água extraída da mandioca era descartada. Para esse fim, trabalhou-se a poesia de João Cabral de Melo Neto *Tecendo a Manhã*, buscando relacionar o trabalho coletivo na produção de farinha com o amanhecer anunciado pelos galos, que com seus cantos fazem a aurora resplandecer.

Por meio dos versos da poesia do Aluno X, nota-se o quão o cotidiano das mulheres raspadeiras de mandioca se assemelha à realidade de exploração e dominação presente no romance *Os Corumbas*. A expressão “em silêncio”, na 1ª estrofe, retrata o quão, desde cedo, aceitam as relações de poder transfiguradas na ausência de voz diante da realidade estabelecida. Além disso, caminham para o trabalho árduo “sem tempo de parar”(1ª estrofe). Aspecto revelador do viés capitalista de que tempo é dinheiro, por isso o que importa são os “cestos cheios”,(3ª estrofe) para fazer “a vida brotar”(2ª estrofe). Assim seguem as raspadeiras de mandioca, *tecendo o fio da vida*, construindo o futuro “de olhos atentos”(4ª estrofe), posto que, é por meio dessa construção que elas “com ritmo e suor/ criam o sustento, um trabalho maior”(4ª estrofe), pois, por meio dele, nutrem a esperança de dias melhores para sua família.

Para elucidar essa participação, poesias elaboradas pelos alunos ao construírem conhecimento em diálogo com os saberes locais:

Uma raspadeira de mandioca sozinha não tece uma farinhada  
 Ela precisará sempre de outras raspadeiras  
 De um que rele e a mandioca que coloque-a na prensa  
 De outro que a leve ao forno que a penere  
 e outro a ensaque

E se incorporando se tornam produtores  
 Da doce amada farinha de mandioca  
 Desde manhã cedo elas geram vidas para as famílias  
 Geram fonte de renda que gira a economia do município

Oh... coisa boa é a farinha de mandioca  
 Da manipueira se gera fertilizante para o solo  
 Um fortificante para que a outra demanda da mandioca  
 Cresça fortemente gerando em si mais uma farinhada  
 E mais uma fonte de renda para girar a economia do município  
 São Domingos da farinha de mandioca  
 (Aluna Z, CEER).

Dos versos dessa produção, percebe-se o quão a interconexão entre os saberes faz brotar conhecimento e o reconhecimento de suas raízes. Daí a importância de se dar as mãos em prol da mudança de comportamento e de unir os imaginários sociais do conhecimento tradicional ao conhecimento científico (Leff, 2016).

Tal qual João Cabral de Melo reitera que “um galo sozinho não tece uma manhã, ele precisa de outros galos...”, a aluna Z, ao parodiá-lo, nos versos da 1ª estrofe, evidenciou a necessidade do trabalho coletivo para produzir a farinha de mandioca: *“Uma raspadeira de mandioca sozinha não tece uma farinhada/ Ela precisará sempre de outras raspadeiras/ De um que rele e a mandioca que a coloque na prensa/ De outro que a leve ao forno que a penere/ e outro a ensaque.”* Versos reveladores da percepção e sensibilidade do corpo docente em contato com o meio físico.

Assim como na Literatura, o canto dos galos, unindo as vozes, anunciam o amanhecer, os trabalhadores da casa de farinha, vão *“... se incorporando se tornam produtores/ Da doce amada farinha de mandioca”* (primeiros versos da 2ª estrofe), revelando sentimento de pertença e envolvimento da comunidade. Eles objetivam contribuir para desenvolver sua cultura, com vistas à sustentabilidade de seus imaginários sociais e de seus modos de vida, como se nota nos versos da 4ª estrofe:

*Da manipueira se gera fertilizante para o solo  
Um fortificante para que a outra demanda da mandioca  
Cresça fortemente gerando em si mais uma farinhada  
E mais uma fonte de renda para girar a economia do município  
São Domingos da farinha de mandioca  
(Aluna Z, CEER).*

Por meio desses versos, ficou evidente que o trabalho de sensibilização deve ser construído por todos. A compreensão de que a interferência do observador em sua realidade contribui para fomentar o debate e o reconhecimento de que é necessário haver diálogo entre os saberes é fundamental, tendo em vista que a ciência não é a única forma de representar o mundo, como ficou claro neste plano de ação.

Daí a necessidade, portanto, não só do diálogo com outras formas de conhecimento, de saberes mais amplos e mais flexíveis, mas também a capacidade de sentir e de perceber que o sujeito observador deve estar atento às necessidades de seu contexto, de seu lugar. Para (Carlos, 2007), um lugar que está para além da situação geográfica, ligado à cultura e à produção das condições de existência, como foi comprovado in loco na visita técnica.

Esses resultados sugerem que a literatura pode ser um prisma poderoso para promover a reflexão acerca da educação ambiental conscientização/sensibilização sobre as questões socioambientais, sociopolíticas, socioeconômicas e socioculturais, a partir da realidade que os cerca. No entanto, é importante que os professores e educadores trabalhem para criar um currículo que reflita a realidade local e promova a valorização da cultura e de suas raízes. Nesse processo de aprendizagem, a ênfase não se dá ao acúmulo de conhecimento, mas à capacidade

que o corpo discente tem de dialogar com os saberes e lançar mão do conhecimento que lhe é significativo.

Contudo, percebe-se que as atitudes e os valores que o ser humano agrega não condiz com a prática de conservação e preservação do meio ambiente. Por isso, a educação seja formal (por meio de uma metodologia participativa) ou informal é o caminho para mitigar tal situação que tem como causas o modo fragmentado ao qual fomos levados a conceber e a enxergar a realidade e à falta de compreensão de que toda ação praticada no local ocasiona impactos ambientais em escala global.

Ademais, vê-se a relevância de a educação ambiental fazer parte dos currículos escolares como uma filosofia da educação que dialogue com todas as áreas do conhecimento, para que toda comunidade escolar se inteire das questões ambientais e de seu ser e estar no mundo. Partindo dessa dinâmica, espera-se que o sentimento de pertença, o respeito, as atitudes e o relacionamento com o meio ambiente possam atravessar os muros da sala de aula e contagiar a comunidade externa (instituições governamentais e não governamentais, sociedade civil), a fim de que das pequenas ações possam despertar a sensibilização de que o que está em voga é a sustentabilidade do planeta. Por esse motivo, ciência e senso comum devem andar de mãos dadas, como nos sugere Carlos Drummond de Andrade, em prol do tão sonhado uso dos recursos ambientais de forma equilibrada, objetivando a garantia de vida para as gerações futuras.

## 5 PRODUTO EDUCACIONAL

Esta pesquisa resultou em dois produtos educacionais, a saber: um livro e um vídeo-documentário, os quais contribuirão para que a comunidade escolar possa utilizá-los como instrumentos pedagógicos capazes de levá-la a visualizar e a buscar, na prática da leitura, um caminho por meio do qual o conhecimento de si se torne possível. Ao reconhecer-se no outro, os sujeitos envolvidos não apenas se transformaram, mas também se libertaram de amarras historicamente constituídas, tornando-se livres de toda “peia”, parafraseando João Guimarães Rosa.

Em relação ao caminho percorrido para realização dos referidos produtos, a pesquisadora, a partir da aprovação do comitê de ética, teve o primeiro momento com os sujeitos de pesquisa do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro. Desta feita, o contato direto com os referidos sujeitos foi realizado por meio de registro fotográfico, bem como por meio de um diário de bordo seja para informar o objetivo do contato (apresentar a pesquisa e solicitar autorização da escola para realizá-la), seja para assinalar a data, a hora, o contato e o nome dos responsáveis pela escola, ou para fichar as informações que dizem respeito à autorização da escola para execução da pesquisa.

Ademais, na sequência, a pesquisadora compartilhou com os alunos experiências que teve com a leitura, objetivando fazer uma discussão aberta sobre o tema proposto nesta pesquisa, buscando encorajá-los para participarem do diálogo. Assim que os estudantes foram envolvidos, apresentou as obras literárias e forneceu informações sobre o contexto histórico e os temas abordados. Por meio disso, almejou encorajá-los a pensar criticamente sobre os temas citados nos textos das referidas obras. A partir dessa atividade, a pesquisadora propôs que a turma fosse dividida em grupos para que, por meio das leituras fossem discutidas quer em forma de seminários quer em rodas de conversas.

Além disso, lançou mão tanto do diário de bordo quanto da entrevista semiestruturada com a finalidade de angariar informações acerca do universo pesquisado. Ademais, visando à extensão deste trabalho, realizou a culminância dos trabalhos de leitura que foram apresentados para toda comunidade escolar e extraescolar em forma de apresentações/ dramatizações em um evento literário denominado “Sarau Literário “A arte que Movimenta a vida” na Quadra de Esportes do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro.

Fez-se necessário salientar que todos os momentos foram fotografados e filmados, objetivando a legitimidade deste projeto de pesquisa, bem como a feitura dos dois produtos

educacionais: o livro e o vídeo-documentário. O primeiro compreendeu a descrição dos momentos de leituras, as experiências advindas do universo literário e as possíveis verossimilhanças existentes entre os sujeitos de pesquisa e as leituras realizadas em se tratando do reconhecimento e da valorização de sua identidade; o segundo, tendo em vista o mesmo objetivo, contemplou a legitimidade da pesquisa, posto que os registros das atividades de leitura foram realizados seja durante o processo de sua aplicação (filmagens das rodas de conversas, discussões provenientes da entrevista semiestruturada), seja em sua culminância (apresentações/dramatizações) para comunidade escolar, objetivando angariar informações pertinentes acerca das impressões retidas pelos sujeitos da pesquisa.

### **5.1 Produto Educacional 01: Livro**

O livro “*Sarau Literário: diálogos, fazeres e reflexões para além da sala de aula*”, teve como objetivo abordar não só a importância de se trabalhar com foco na leitura em sala de aula, mas também como o contato com o meio físico e social (neste caso o contato com os trabalhadores da casa de farinha) e o diálogo com a literatura potencializam a reflexão acerca das questões socioambientais. O Sarau Literário, evento que inspirou esta obra, promoveu um espaço de encontro entre literatura, comunidade e meio ambiente, ampliando as reflexões para além das paredes da sala de aula.

Ele foi fruto das experiências construídas com os estudantes das 3<sup>as</sup> séries (B e D) do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro, a partir da visita à casa de farinha e da leitura de obras literárias, em prosa e em verso ao longo do processo destinado à feitura desse Projeto de Pesquisa. Contém as descrições teóricas e metodológicas de como se dá esse trabalho a partir da interação com o meio e o trabalho voltado para metodologias ativas em que os alunos apresentam seminários, participam de mesas redondas, elaboram roteiros teatrais e colocam a mão na massa para construir os cenários para suas próprias apresentações. Essa dinâmica potencializa reflexões existenciais tão subjetivas e tão intensas que são capazes de mexer com as identidades dos estudantes.

Quanto à estrutura, foi organizado em cinco capítulos, a saber: (1) Dimensões Simbólicas do Cotidiano: Um Percorso Etnográfico; (2) O diálogo entre saberes: uma via de transformação de realidades; (3) A importância do trabalho Pedagógico centrado na Leitura - Desdobramentos e Reflexões; (4) Os Preparativos para o Sarau Literário: “A arte que Movimenta a vida; e por fim, (5) Aprendizados e Reflexões durante e Pós realização do Sarau Literário.

Os elementos que compõem este livro evidenciam a relevância do diálogo entre os saberes da experiência e os saberes sistematizados no espaço escolar, reafirmando a importância da leitura e da Literatura no contexto da sala de aula. Ao tomar a observação da casa de farinha como ponto de partida para a construção do conhecimento, o processo de ensino-aprendizagem passou a fundamentar-se na realidade concreta dos estudantes, permitindo que suas vivências se tornassem matéria-prima para a reflexão crítica.

Nesse movimento, o ensino de Literatura configurou-se como potente mediação pedagógica, ao articular texto literário e experiência social, favorecendo a problematização do contexto local e a ressignificação dos territórios de vida. A partir dessa dinâmica, o processo formativo desenvolveu-se de maneira mais significativa, promovendo o protagonismo discente, uma vez que os estudantes deixaram de ocupar uma posição passiva para assumirem o papel de sujeitos ativos na construção do conhecimento.

Além disso, ao aprenderem a observar criticamente a realidade que os cerca — especialmente as práticas e relações estabelecidas no universo da casa de farinha —, os alunos passaram a compreendê-la de forma mais ampla e consciente, reconhecendo-se como capazes de intervir e transformá-la. Isso porque o conhecimento, construído a partir da experiência e da reflexão, assume caráter emancipador e libertador. Para melhor elucidar o conteúdo de cada parte, apresenta-se, a seguir, uma breve descrição dos capítulos que compõem esta obra.

O primeiro capítulo Este capítulo apresenta um percurso etnográfico atravessado pela memória, pela experiência e pela construção de sentidos. Nele, articulam-se registros do campo com lembranças da infância vivida no contexto das casas de farinha, quando, ao lado do pai, aprendiam-se não apenas os saberes da lida cotidiana, mas também as primeiras lições sobre trabalho, coletividade e pertencimento.

Ao revisitar as imagens da menina que subia na mangueira para estudar e sonhar com o futuro, entrelaçam-se passado e presente, experiência pessoal e reflexão acadêmica. As memórias aqui narradas não se configuram apenas como recordações afetivas, mas como dimensões simbólicas que iluminam a compreensão da realidade observada e revelam como o percurso formativo se teceu entre o chão da farinha e o desejo de ser professora.

O segundo capítulo tem como objetivo apresentar e analisar as ações pedagógicas desenvolvidas a partir do diálogo entre os saberes locais e o ensino de Literatura, evidenciando seu potencial transformador. Parte-se da compreensão de que a articulação entre experiência concreta e texto literário constitui uma via significativa para a problematização da realidade e para a formação crítica dos estudantes.

Inicialmente, apresenta-se a visita técnica à casa de farinha, destacando-a como experiência formativa fundamental para a construção de uma consciência ambiental e para a valorização dos saberes da comunidade. Em seguida, discute-se a metáfora do galo no poema “*Tecendo a manhã*”, de João Cabral de Melo Neto, estabelecendo conexões entre a dimensão simbólica do texto literário e o contexto sociocultural vivenciado pelos alunos. Posteriormente, são expostos os relatos da ação pedagógica, evidenciando as percepções e aprendizagens construídas ao longo do processo. Por fim, apresentam-se os registros da ação, que materializam as experiências desenvolvidas e consolidam o percurso formativo descrito. Dessa forma, o capítulo busca demonstrar como o diálogo entre saberes escolares e saberes da experiência pode configurar-se como prática pedagógica capaz de ressignificar realidades e fortalecer a construção identitária dos estudantes.

O segundo capítulo aprofunda a reflexão acerca da importância do trabalho pedagógico centrado na leitura, compreendendo-a não apenas como prática escolar, mas como experiência existencial e formadora. Parte-se da concepção de que ler é um ato de encontro — encontro com a palavra, com o outro e, sobretudo, consigo mesmo. Nesse movimento, a leitura deixa de ser mera decodificação para tornar-se espaço de construção de sentido, de reconhecimento identitário e de ampliação da consciência.

À luz dessa perspectiva, o trabalho pedagógico desenvolvido evidenciou que a leitura, quando articulada à realidade concreta dos estudantes, desencadeia processos de transformação que podem ser compreendidos à luz da ideia de metamorfose: o sujeito leitor não permanece o mesmo após o encontro significativo com o texto. Tal processo aproxima-se da noção de autopoiese, entendida como a capacidade de autoconstrução do sujeito em interação constante com o meio. Ao dialogar com os textos literários e com sua própria experiência sociocultural, os estudantes reconstruíram sentidos, reorganizaram percepções e ressignificaram seus territórios de vida.

Assim, este capítulo propõe uma reflexão sobre a leitura como prática geradora de transformação interior e social, evidenciando que o protagonismo estudantil emerge quando o processo educativo favorece a autonomia, a reflexão crítica e a construção ativa do conhecimento.

O capítulo seguinte: Os preparativos para o Sarau Literário, intitulado “*A arte que movimenta a vida*”, envolveram um processo coletivo de organização e planejamento, pautado no diálogo com a comunidade escolar e na perspectiva da inter/transdisciplinaridade. Inicialmente, definiu-se a temática do evento, alinhada aos objetivos pedagógicos da proposta. Em seguida, foram constituídas comissões responsáveis pela organização dos grupos, pela

montagem dos cenários das apresentações, pela condução da abertura e pela elaboração do roteiro.

No contexto dessa preparação, realizou-se também a apresentação das obras literárias trabalhadas ao longo do percurso, destacando-se a relevância de seus autores para a compreensão dos contextos sociocultural, socioeconômico, sociopolítico e socioambiental que atravessam a realidade nordestina e, em especial, o universo das casas de farinha. As discussões evidenciaram como tais produções literárias problematizam desigualdades sociais, relações de trabalho, questões ambientais e processos históricos que moldam a vida do homem sertanejo, promovendo reflexões críticas inerentes a essas realidades.

Além disso, esta seção contempla as reflexões elaboradas pelos alunos durante as apresentações dos seminários e das encenações teatrais, nas quais expressaram suas interpretações acerca das obras estudadas e suas conexões com o contexto local. Foram igualmente incluídos depoimentos, poemas e relatórios produzidos e discutidos ao longo do processo, os quais materializam a construção coletiva do conhecimento e evidenciam o protagonismo estudantil na ressignificação dos conteúdos trabalhados. O processo culminou na realização do Sarau, cujo desfecho consolidou a integração entre literatura, realidade e ação pedagógica, reafirmando o potencial reflexivo da prática desenvolvida.

No quarto e último capítulo, intitulado *Aprendizados e Reflexões durante e pós-realização do Sarau Literário*, a professora-pesquisadora apresentou uma análise acerca das aprendizagens construídas pelos estudantes após a culminância do projeto. Foram registrados os relatos de experiências, as reflexões e impressões pessoais dos alunos, bem como suas produções autorais — desenhos, poemas, textos e outras manifestações criativas — que expressam os sentidos atribuídos ao percurso formativo vivenciado.

Nesse contexto, a leitura e a problematização do poema “*No meio do caminho*”, de Carlos Drummond de Andrade, assumiram um papel simbólico e reflexivo significativo. A “pedra” evocada pelo poeta foi interpretada pelos estudantes como metáfora dos desafios enfrentados tanto no percurso escolar quanto na realidade social em que estão inseridos. Ao reconhecerem as “pedras” presentes em seus caminhos e na realidade dos trabalhadores de casa de farinha — desigualdades, dificuldades econômicas, invisibilização cultural — os alunos foram convidados a refletir sobre a possibilidade de transformação desses obstáculos em aprendizado e fortalecimento pessoal e coletivo.

Além disso, os estudantes foram convidados a elaborar ilustrações para compor esta seção do livro, ampliando as possibilidades de expressão e consolidando o protagonismo discente no processo de construção do conhecimento. Tais produções evidenciam não apenas a

assimilação dos conteúdos trabalhados, mas, sobretudo, a transformação do olhar dos alunos sobre si mesmos, sobre sua realidade e sobre os territórios que habitam.

A metodologia adotada, centrada na leitura, no diálogo entre saberes e na problematização da realidade local, mostrou-se capaz de mobilizar processos de ressignificação e amadurecimento crítico. Ao articularem literatura e experiência concreta, os estudantes deixaram de ocupar uma posição passiva para assumirem-se como sujeitos ativos, capazes de interpretar, questionar e intervir no mundo que os cerca.

Para finalizar, a pesquisadora apresentou as considerações finais, evidenciando os pontos fortes da obra e reafirmando o potencial da leitura e da literatura como práticas formativas que produzem conhecimento significativo e promovem aprendizagens duradouras — aprendizagens que permanecem mesmo quando surgem novas “pedras” no caminho.

## **5.2 Produto Educacional 02: Vídeo-Documentário**

O vídeo-documentário intitulado “*Sarau Literário: diálogos, fazeres e reflexões para além da sala de aula*”, teve como objetivo registrar e sistematizar todo o percurso formativo desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa, evidenciando sua efetivação e seus desdobramentos pedagógicos na comunidade escolar.

O documentário iniciou-se com a apresentação da professora-pesquisadora, que contextualizou a proposta, explicitando seus objetivos, fundamentos teóricos e a relevância da articulação entre literatura, realidade local e formação crítica dos estudantes. Em seguida, foi registrada a fala do diretor da instituição, que ressaltou a importância da iniciativa para o fortalecimento das práticas interdisciplinares e para a valorização da cultura local no espaço escolar. A interação com outros professores também foi evidenciada, demonstrando o caráter colaborativo do projeto e sua dimensão inter e transdisciplinar, uma vez que diferentes áreas do conhecimento dialogaram na construção do Sarau Literário.

Os registros audiovisuais foram realizados em três momentos distintos. No primeiro, documentou-se a fase de preparação do Sarau, que incluiu ensaios de dança, encenações teatrais, confecção de cenários, organização do roteiro das apresentações, bem como entrevistas com alunos e professores, com o intuito de captar seus objetivos, percepções e expectativas em relação ao evento. Esse momento revelou o envolvimento coletivo e o protagonismo discente na concretização da proposta.

No segundo momento, realizou-se a cobertura integral do Sarau Literário, por meio de filmagens que registraram desde a abertura oficial até o desfecho das apresentações,

evidenciando a culminância do percurso formativo construído ao longo da pesquisa — das rodas de conversa às apresentações artísticas. Nesta seção, foram anexadas imagens e registros sonoros do evento, consolidando documentalmente a materialização do projeto.

Por fim, no terceiro momento, foram registradas as reflexões e aprendizagens manifestadas pelos estudantes após a realização do Sarau, por meio de entrevistas que revelaram a ampliação do senso crítico, o fortalecimento da identidade cultural e a ressignificação de seus territórios de vida. Os depoimentos evidenciaram que a experiência extrapolou os limites da sala de aula, confirmando o potencial transformador da metodologia adotada e reafirmando o papel da literatura como mediação pedagógica na formação de sujeitos conscientes e atuantes em sua realidade.

A relevância deste produto reside em seu caráter documental, uma vez que registra, de forma fidedigna, as experiências vivenciadas ao longo do desenvolvimento das atividades com os sujeitos da pesquisa. Trata-se de um material que sistematiza o percurso metodológico adotado, evidenciando a abordagem pedagógica, as interações estabelecidas e os resultados alcançados.

Justifica-se sua elaboração pelo potencial de contribuir com a comunidade escolar, ao constituir-se como instrumento de incentivo à valorização das práticas de leitura enquanto ação pedagógica que articula as experiências concretas dos estudantes aos saberes e fazeres do ensino de Literatura, relacionando-os à identidade cultural. Ao documentar todo o processo — desde a preparação até a culminância do Sarau Literário e as reflexões posteriores — o produto reafirma a leitura como mediação pedagógica capaz de promover aprendizagem significativa e transformação social.

O vídeo-documentário foi produzido a partir dos registros audiovisuais de todos os procedimentos desenvolvidos ao longo da pesquisa, garantindo a fidelidade das informações e a preservação das vozes dos participantes. É possível acessá-lo por meio do seguinte link: <https://drive.google.com/file/d/1fZ1-MLcmGKzS3C1dJKWHQCmgqG6miBN/view?usp=drivesdk>.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou que, a partir da análise da realidade das casas de farinha no município de São Domingos/SE e do diálogo estabelecido com obras da Literatura Brasileira Regionalista — tanto em poesia quanto em prosa —, foi possível compreender como esse repertório literário influenciou os alunos do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro, situado em uma região marcada pela cultura da produção artesanal de farinha, especialmente no que se refere ao cuidado consigo, com o ambiente e com o cosmo. Além disso, a pesquisa revelou o potencial pedagógico da literatura como mediação pedagógica no processo de problematização e reflexão acerca das questões socioambientais que articulam homem, natureza e sociedade, contribuindo para a formação de sujeitos mais conscientes, críticos e comprometidos com o meio em que vivem e com suas raízes culturais.

Tal envolvimento foi perceptível por meio da participação ativa dos alunos ao longo de todo o desenvolvimento da pesquisa, evidenciada na análise das 41 respostas compiladas no questionário aplicado via *Google Forms*, na investigação das 29 narrativas elaboradas pelos participantes — produzidas a partir das experiências vivenciadas durante e após a realização do Sarau Literário —, na apresentação de seminários, nos debates em mesa-redonda e na visita técnica à casa de farinha.

Essas ações não se configuraram como atividades isoladas, mas como estratégias intencionalmente articuladas no âmbito de uma metodologia ativa, que deslocou o estudante da posição de receptor passivo para a condição de sujeito do processo de ensino-aprendizagem. Ao ler, discutir, observar, interpretar e vivenciar a realidade concreta da comunidade, os alunos mobilizaram diferentes dimensões do conhecimento — cognitiva, social e cultural — em um movimento de ação-reflexão-ação que caracteriza a práxis pedagógica. Desse modo, a construção do saber ocorreu de forma dialógica e contextualizada, fortalecendo a autonomia, o protagonismo e a consciência crítica dos participantes.

Vale ressaltar que a visita técnica à casa de farinha constituiu-se como momento-chave desse percurso, pois possibilitou aos estudantes relacionar as leituras realizadas — especialmente o poema “*Tecendo a manhã*”, de João Cabral de Melo Neto — à rotina de raspagem da mandioca e às demais práticas ali observadas. A partir dessa vivência, o conhecimento foi sendo construído de maneira contextualizada, evidenciando o potencial criador e autopoietico dos alunos, entendido como resultado da interação com o meio físico e

social. Esse movimento materializou-se na produção de poemas e nas reflexões desenvolvidas em rodas de conversa, parte das quais se encontra registrada no capítulo da Ação Pedagógica.

O engajamento dos estudantes evidenciou-se, sobretudo, na articulação entre os saberes escolares e os saberes da experiência. A vivência na casa de farinha permitiu reconhecer, valorizar e problematizar práticas culturais presentes no cotidiano da comunidade, estabelecendo um diálogo concreto entre a realidade local e os conteúdos trabalhados em sala de aula. Ao relacionarem a produção da farinha, o aproveitamento da mandioca e seus derivados, o descarte da manipueira às discussões literárias e ambientais, os alunos ampliaram sua compreensão acerca da relação homem/ambiente, percebendo-se inseridos em uma rede de saberes historicamente construída e, ao mesmo tempo, aberta à transformação.

A abordagem metodológica qualitativa, ancorada na pedagogia da problematização, mostrou-se eficaz ao favorecer uma compreensão crítica e contextualizada da realidade investigada. Ao tomar o contexto local — especialmente o trabalho dos agricultores da comunidade — como ponto de partida para o processo de construção do conhecimento, a proposta metodológica possibilitou que os participantes estabelecessem conexões significativas entre suas experiências concretas e os conteúdos das obras *Vidas Secas*, *O Quinze*, *Os Corumbas*, *Morte e Vida Severina* e do poema “*Tecendo a manhã*”, de João Cabral de Melo Neto. Nesse sentido, a literatura configurou-se como potencial de compreensão da realidade social, promovendo um exercício de reflexão crítica que articula experiência, linguagem e consciência histórica (entenda-se aqui como a cultura da produção de farinha artesanal como uma atividade construída por gerações de seus familiares).

Nesse percurso, a adoção de uma metodologia ativa revelou-se fundamental, pois os estudantes não se limitaram à recepção passiva de conteúdo. Ao contrário, envolveram-se diretamente no processo de construção do conhecimento: observaram a realidade dos trabalhadores na casa de farinha, realizaram leituras, apresentaram seminários, participaram de mesas-redondas, analisaram os dados da própria pesquisa, produziram poemas acerca da realidade experienciada e construíram cenários para as apresentações no Sarau Literário, em uma proposta interdisciplinar que articulou diferentes áreas do saber. Tal dinâmica favoreceu o desenvolvimento da autonomia, do protagonismo e da capacidade de reflexão crítica, fortalecendo a compreensão de que o diálogo entre os saberes potencializa a compreensão da realidade socioambiental.

Diante dessa perspectiva, tornou-se evidente que a construção da identidade dos estudantes foi fortalecida ao reconhecerem suas raízes culturais e ao estabelecerem conexões entre o cotidiano de suas comunidades — fato notório nos depoimentos analisados na seção de

resultados — e o ensino de literatura. Assim, a interação com o universo literário, articulada às experiências concretas, possibilitou que os alunos não só interpretassem textos, mas também reinterpretassem sua própria realidade, percebendo-se como sujeitos históricos e agentes transformadores de seu contexto social.

Além disso, ficou evidente que as atividades pedagógicas desenvolvidas, como mesa redonda, dramatizações, declamação de poemas e apresentações de seminários, contribuíram para uma aprendizagem significativa e para a formação de uma sensibilização ambiental e cultural nos estudantes. Essa interação com o meio físico e social revelou a criatividade dos participantes, resultando em relatos que refletiram não só na transformação de comportamentos, mas também no senso crítico diante da realidade que os cerca. Tais narrativas estão presentes na parte das discussões dos resultados.

No que se refere ao primeiro objetivo, que buscou compreender a realidade sociocultural, socioambiental e laboral das casas de farinha do município de São Domingos/SE, foram analisados os saberes, as práticas e as formas de relação estabelecidas entre os trabalhadores e seu contexto de vida. A partir dessa compreensão, verificou-se que a articulação dessa realidade com um ensino-aprendizagem centrado na leitura e na problematização pode inspirar os estudantes a refletirem criticamente sobre sua relação com o meio ambiente e a se perceberem como parte integrante do cosmo, tendo como ponto de partida suas próprias experiências cotidianas.

O segundo objetivo configurou-se como eixo de mediação pedagógica na construção da identidade dos estudantes do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro, ao buscar entender de que modo a observação da realidade das casas de farinha, articulada ao ensino de Literatura, contribuiu para ratificar esse processo de ensino-aprendizagem. Os resultados demonstraram a pertinência dessa integração entre experiência concreta e leitura literária, evidenciando que o diálogo entre realidade local e obra literária favoreceu a consolidação de uma identidade mais consciente, crítica e culturalmente situada em seus contextos de vida.

A interação com o universo literário possibilitou que os estudantes reconhecessem suas raízes culturais e construíssem uma identidade mais consciente e crítica. Ao transitarem entre os imaginários culturais que permeiam sua vivência comunitária e as novas perspectivas suscitadas pelas leituras, ampliaram sua compreensão acerca de si mesmos e do contexto social em que estão inseridos.

Nesse processo, evidenciou-se que a identidade dos moradores da região está profundamente vinculada à cultura da casa de farinha. Além disso, os textos literários contribuíram para a identificação e para a problematização de desigualdades sociais

historicamente presentes na vida do homem sertanejo e dos trabalhadores rurais, permitindo estabelecer relações com a exploração do trabalho e com a insuficiência de políticas públicas capazes de garantir condições mais dignas de existência (aspectos problematizados nos depoimentos dos alunos no item 3.3 deste trabalho).

Ao analisar o terceiro objetivo, que buscou mostrar como a relação homem/ambiente, evidenciada no contexto das casas de farinha, pode ser problematizada, construída e ressignificada por meio da interação entre saberes locais e textos literários, constatou-se que a experiência pedagógica possibilitou uma compreensão mais aprofundada dessa relação. A vivência na casa de farinha revelou que os trabalhadores dependem da terra não apenas para produzir a farinha — ainda que parte significativa da mandioca seja proveniente de outros estados —, mas também para garantir sua subsistência. Essa constatação pôde ser relacionada à luta dos agricultores locais para manter suas tradições e incentivar práticas voltadas à preservação do meio ambiente.

Tal dimensão tornou-se especialmente evidente na prática adotada pelo proprietário da casa de farinha visitada, que armazena a manipueira em caixas d'água, deixando-a descansar por três dias, a fim de evitar a desertificação do solo. Trata-se de uma atitude sustentável que, além de minimizar impactos ambientais, gera benefícios econômicos, uma vez que o líquido extraído da mandioca é reutilizado como fertilizante e como alimento para o gado.

No que se refere ao quarto objetivo, cujo foco consistiu em descrever de que maneira o diálogo entre a realidade observada na casa de farinha e o ensino de Literatura contribuiu para a ressignificação dos territórios de vida e dos imaginários sociais dos estudantes, verificou-se que também foi alcançado. Os resultados evidenciaram que a literatura se revelou capaz de inspirar os estudantes a assumirem uma postura mais ativa diante de sua própria realidade, fortalecendo sua percepção crítica e ampliando sua compreensão sobre os espaços que habitam e os significados que atribuem a eles.

Desse modo, o diálogo entre experiência concreta e texto literário favoreceu não apenas a ampliação do olhar sobre o mundo circundante, mas também a construção de uma consciência mais sensível às questões sociais e culturais e ambientais que permeiam seus contextos de vida. Tais transformações tornaram-se perceptíveis nos depoimentos dos alunos, que relataram a ampliação de seus horizontes interpretativos e o aguçamento do senso crítico diante de situações antes naturalizadas ou pouco problematizadas.

A análise dos quatro objetivos específicos permitiu constatar que a pesquisa alcançou seus propósitos ao articular realidade local, literatura e metodologia ativa de forma integrada. A compreensão da realidade sociocultural, socioambiental e laboral das casas de farinha

possibilitou reconhecer os saberes e práticas que estruturam a vida da comunidade; o entendimento do diálogo entre essa realidade e o ensino de Literatura evidenciou sua potência como mediação pedagógica na construção da identidade dos estudantes; a problematização da relação homem/ambiente revelou-se caminho para a ampliação da consciência ecológica e social; e, por fim, a ressignificação dos territórios de vida e dos imaginários sociais demonstrou que a literatura, quando vinculada à experiência concreta, transcende o espaço estético e assume função crítica e transformadora. Desse modo, a integração entre saberes locais e textos literários não só favoreceu a construção do conhecimento, mas também contribuiu para a formação de sujeitos mais conscientes de sua identidade cultural, mais sensíveis às questões socioambientais e mais comprometidos com a transformação de sua própria realidade.

Em síntese, a experiência demonstrou que o processo de ensino-aprendizagem se dá de forma significativa quando há diálogo entre os saberes. Nesta perspectiva, observou-se que o contato com a realidade da casa de farinha e da conexão com o universo literário contribuiu para que as informações fossem transformadas em conhecimento e para evidenciar a Literatura como um potencial de transformação social e ambiental. Uma semente que, lançada nos solos das salas de aula do jeito certo, enraíza-se e se torna uma árvore frondosa, capaz de produzir reflexões profundas sobre como conduzir os fazeres e saberes pedagógicos. Esses, por sua vez, incentivam os estudantes a se tornarem cidadãos críticos e transformadores de suas realidades, a partir do pensar reflexivo entre o meio que os cerca, identidade e literatura. Espera-se que este estudo inspire metodologias de ensino inovadoras e eficazes, capazes de fomentar uma relação transdisciplinar entre o ser humano e o ambiente/lugar/território.

É importante salientar que esta pesquisa não se esgota em si mesma, mas antes abre caminhos para novas investigações que possam aprofundar e ampliar os objetos aqui estudados, (literatura, casa de farinha, identidade e cultura). A pesquisadora tem consciência de que os resultados apresentados refletem um contexto específico, o de São Domingos, e que novos estudos podem potencializar e enriquecer essas discussões em outros contextos e realidades. Nesse sentido, acredita-se que as reflexões aqui apresentadas possam servir como ponto de partida para futuras pesquisas que abordem essas temáticas em diferentes perspectivas e contextos, respeitando as peculiaridades de cada região e comunidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGENDA 2030. **Acompanhando o desenvolvimento sustentável** até 2030. Disponível em <<http://www.agenda2030.org.br/acompanhe>> Acesso em: 05.out.2023.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. Mundo do trabalho e Teoria do Valor (as formas de vigência do trabalho material e imaterial): cap. 7, p. 119-134. 7. ed. São Paulo: Boitempo, 2005.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Volume 1. Brasília, 2006<sup>a</sup>.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA. Conceito de literatura: contribuições de Antônio Cândido. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: (<https://cafecomsociologia.com/conceito-de-literatura-contribuicoes-de-antonio-candido>) Acesso em: 05 dez. 2025.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2015.

CARLOS, A. F. A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007

CARNEIRO, Sueli. “Epistemicídio”. In: **Dispositivo de Racialidade. A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023. P. 87-120.

COSTACURTA, Fernanda Féder Paraná. **Educação Ambiental-Como tratar em sala de aula**. Conteúdo produzido para Curso de Extensão. Centro Universitário Internacional UNINTER. Curitiba, PR, dez, 2021-mar, 2022.

BARTOLY, F. **Debates e Perspectivas do Lugar na Geografia**. Universidade Federal Fluminense, 2012. Disponível em: <(academia.edu)>. Acesso em: 15/11/2025 às 18h05.

BERBEL, N. N. “**Problematization**” and **Problem-Based Learning: different words or different ways?** Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 2, n. 2, p. 1-15, 1998.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.

BORDENAVE, J. E. D. **Alguns fatores pedagógicos**. *Revista Interamericana de Educação de Adultos*, v. 3, n. 1-2, PRDE-OEA, 1983. Adaptação de GRANDI, M. T. OPAS, Brasília, 1983.

BORDENAVE, Juan Diaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino aprendizagem**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Porto Alegre: L&PM Pocket, vol. 458, 2025.

DIAS, Reges Sodré da Luz Silva; BRITO, Eliseu Pereira de. Resenha Crítica do Livro "**Por uma Outra Globalização: do Pensamento Único à Consciência Universal**" de Milton Santos. Escritas, Palmas, v. 3, p. 135-137, 2011.

FEITOSA, S. C. S. **Método Paulo Freire: princípios e práticas de uma concepção popular de educação**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. Escritora de Sucesso, 2023. Disponível em: <https://escritoradesucesso.com.br>. Acesso em: 28 dez. 2025.

FONTES, Amando. **Os Corumbas**. 25 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOVERNAMENTO DE SERGIPE. **Programa Sergipe é Aqui realiza sua 44ª edição em São Domingos na próxima sexta-feira**. Disponível em: <https://www.se.gov.br/agencia/noticias/governo/programa-sergipe-e-aqui-realiza-sua-44-edicao-em-sao-domingos-na-proxima-sexta-feira-4-1>) Acesso em: 20 jan. 2026.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993. In Boletim/ CESP v.13 n,16, jul/dez.1993.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Educação Ambiental crítica e formação ecopolítica**. Revista Senti-pensarmos Tierra: educación ambiental y ecología política en clave latinoamericana y del caribe, n. 10, p. 65-73, ago. 2022.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Educação Ambiental crítica e formação ecopolítica**. Revista Senti-pensarmos Tierra: educación ambiental y ecología política en clave latinoamericana y del caribe, v. 10, n. 10, p. 65-73, ago. 2022.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental; sustentabilidade, irracionalidade, complexidade, poder**. Rio de Janeiro: Vozes 2001.

LEFF, Enrique. **Aposta pela vida: imaginação sociológica e imaginários sociais nos territórios ambientais do Sul**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016. cap. 4: Imaginários Sociais e Sustentabilidade da Vida, p. 293-366.

LIBÂNIO, J. C. (2001). **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez Editora.

LOUREIRO, Carlos Frederico. **Complexidade e Dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em Educação Ambiental**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 27, n. 94, p. 131-152, jan./abr. 2006.

LOUREIRO, Carlos Frederico. **Educação Ambiental e Epistemologia Crítica**. Rev. Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental, v. 32, n. 2, p. 159-176, jul./dez. 2015.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Psy II, 1995.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARIGA, J. T. **Educação e meio ambiente**. *Ciências Sociais em Perspectiva*, v. 8, n. 5, p. 139-145, 2006.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. v. 1, 26. ed. p. 211-231. cap. 5: Processo de trabalho e processo de produzir mais-valia.

MELO NETO, J. C. de. **Tecendo a manhã**. In: \_\_. **Obra completa: volume único**. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 345. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira). Disponível em: (<https://www.escritas.org/pt/t/11508/tecendo-a-manha>) Acesso em: 20 jan. 2026.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Meio Ambiente e Formação de Professores**. São Paulo: Cortez, 2023. p. 9-51.

PIAGET, J. (1976). **A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Record. Rio de Janeiro, 1947.

SANTOS Amaury da Silva dos e CURADO, Fernando Fleury. **O uso da manipueira na agricultura ecológica**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia para além dos saberes**. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, n. 78, p. 1-44, out. 2007.

SANTOS, Akiko. **"Pedagogia" ou "Método" de Projetos?** Referências Transdisciplinares. Terceiro Incluído, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 101-123, jul./dez. 2011.

SANTOS, Akiko. **Complementaridade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido**. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 37, jan.-abr. 2008, p. 12-25.

SANTOS, Akiko; SANTOS, Ana Cristina Souza dos. **Da Disciplinaridade à Transdisciplinaridade: obstáculos epistemológicos**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005, Cindes, RJ. Anais... Rio de Janeiro: ANPED, 2005.

SANTOS, Milton (1926-2001). **O lugar e o cotidiano: natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. parte. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1).

TONOZI-REIS, Marília Freitas de Campos e VASCONCELLOS, Hedy Silva Ramos de. A metodologia da Pesquisa-Ação em Educação Ambiental: reflexões teóricas e relatos de Experiência. In **Paradigmas Metodológicos em Educação Ambiental**. PEDRINI, Alexandre de Gusmão e SAITO, Carlos Hiroo. Organizadores. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

## APÊNDICE 01: EXTENSÃO DA PESQUISA

### 1 APRESENTAÇÃO

O saber ambiental surge como uma necessidade de reorganização do sistema produtivo visando à uma dinâmica interdisciplinar da produção do conhecimento que está para além do conhecimento determinado pelo projeto científico da modernidade (Leff, 2001). A perspectiva do autor convida à desconstrução desse saber, a fim de lançar bases para a construção de novos conhecimentos, orientados à “incorporação da subjetividade, da incompletude e da ordem da cultura”. Trata-se de um saber inerente às práticas, aos modos de vida e às formas de relacionamento que se desenvolvem com o meio no qual se está inserido. Tal saber emerge da necessidade de construção de novas formas de conhecimento.

Para Bauman (2008), a cultura é o elemento central para construção de uma identidade e organização social. É um sistema dinâmico que se interliga com várias facetas sociais. Não é apenas um conjunto de práticas, mas é um sistema mutável e repleto de significados que vai se transformando e se inventando. Assim vai se adaptando ao meio e se encaminhando conforme as práticas sociais.

Daí a necessidade de fomentar uma educação ambiental crítica que segundo Carvalho (2004), visa a contribuir para uma mudança de valores e atitudes na formação de um sujeito ecológico, um sujeito capaz de identificar, problematizar e agir em relação às questões socioambientais. O pensamento do autor converge com as bases para construção desse trabalho que se organizou numa dinâmica interdisciplinar convergindo num dialogismo entre professores de Língua Portuguesa, Geografia, Biologia, Educação Física e Química.

De acordo com (Costacurta, 2022, p.14), “a abordagem interdisciplinar permite a interrelação de processos, conhecimento e práticas que vão além dos campos de pesquisa e ensino, possibilitando a colaboração entre diferentes áreas de conhecimento”. Foi a partir desse encontro que houve um despertar de uma ação pedagógica coerente com os autores já citados, entre outros: Loureiro, Costacurta, Tozoni-Reis e Vasconcellos, Bauman e Leff. Isso porque, como reitera João Cabral de Melo Neto “Um galo sozinho, não tece uma manhã”. Ele precisa de outros galos para tornar o amanhecer mais poético, mais radiante e, porque não dizer mais fascinante para dar boas-vindas aos raios de sol que deitam sobre a terra.

## 1.1 Problema/análise de problema

A produção artesanal de farinha de mandioca constitui uma prática tradicional de grande relevância cultural, social e econômica em diversas regiões do Brasil, especialmente no Nordeste. Nesse contexto, o município de São Domingos<sup>16</sup>, localizado no Agreste Sergipano, destaca-se como o maior produtor de farinha do Estado de Sergipe, sendo amplamente reconhecido pela preservação de métodos artesanais da produção da farinha de mandioca, transmitidos entre gerações. Essa atividade não apenas sustenta a economia local, mas também representa um importante patrimônio cultural, associado aos saberes populares, à identidade da comunidade e às formas tradicionais de organização do trabalho rural.

Situada a aproximadamente 76 km da capital Aracaju, São Domingos consolidou-se como referência estadual na produção de farinha de mandioca, destacando-se como um polo agroindustrial de base familiar. As casas de farinha, distribuídas por todo o município, constituem espaços fundamentais na construção dos imaginários sociais da população local, pois é nelas que se estruturam os territórios de vida associados à agricultura de subsistência. Esses espaços desempenham papel central na dinâmica produtiva do município, configurando-se como a principal fonte de renda de muitas famílias, onde tradição, trabalho coletivo e cultura se entrelaçam.

O município tem uma população, segundo dados do IBGE de 2022, estimada em 10.559 pessoas, com uma densidade demográfica de 101,25 hab/km<sup>2</sup>. Além disso, é banhado pelo rio Vaza Barris e sua economia é baseada na agricultura familiar, desenvolvida em pequenas propriedades, com destaque para a produção de farinha de mandioca conforme imagens abaixo.

**Imagem 01:** Cidade de São Domingos - SE



**Fonte:** Governo De Sergipe. Programa Sergipe é aqui realiza sua 44ª edição em São Domingos na próxima sexta-feira. Disponível em ([https://www.se.gov.br/agencia/noticias/governo/programa\\_sergipe\\_e\\_aqui\\_realiza\\_sua\\_44\\_edicao\\_em\\_sao\\_domingos\\_na\\_proxima\\_sexta\\_feira\\_4-1](https://www.se.gov.br/agencia/noticias/governo/programa_sergipe_e_aqui_realiza_sua_44_edicao_em_sao_domingos_na_proxima_sexta_feira_4-1)) Acesso em: 20 jan. 2026.

<sup>16</sup> As informações referentes ao município foram pesquisadas no site Oficial da Prefeitura.

A cidade também conta com uma infraestrutura básica, incluindo serviços de saúde, serviços públicos e escolas. A Pesquisa foi realizada no Centro de Excelência Emeliano Ribeiro, escola pública estadual que oferece ensino presencial em Tempo Integral para alunos do nível Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) em turmas regulares.

A instituição contém uma infraestrutura acessível, incluindo rampas, salas de aula climatizadas, banheiros adaptados, biblioteca, laboratório de informática e ciências. Também conta com um espaço dedicado para o cultivo de uma horta assistida pelos próprios alunos. Ademais, oferece alimentação escolar e acesso à internet de banda larga. O Centro de Excelência Emeliano Ribeiro é uma opção de ensino público de qualidade para os estudantes da região, como se percebe nas imagens seguintes:

**Imagem 02:** Centro de Excelência Emeliano Ribeiro



**Fonte:**([https://www.se.gov.br/agencia/noticias/governo/programa\\_sergipe\\_e\\_aqui\\_realiza\\_sua\\_44\\_edicao\\_em\\_s\\_ao\\_domingos\\_na\\_proxima\\_sexta\\_feira\\_4-1](https://www.se.gov.br/agencia/noticias/governo/programa_sergipe_e_aqui_realiza_sua_44_edicao_em_s_ao_domingos_na_proxima_sexta_feira_4-1)) Acesso em: 20jan. 2026.

Paralelamente, porém, à expressiva produção de farinha, ocorre também a geração de resíduos, com destaque para a manipueira, subproduto líquido do processamento da mandioca. Quando manejada de forma inadequada, a manipueira pode acarretar sérios impactos ambientais, como a degradação do solo, processos de desertificação e o aumento da acidez, comprometendo a sustentabilidade da atividade produtiva e o equilíbrio ambiental local (EMBRAPA, 2009).

Ainda segundo esse Centro de pesquisa, tais problemas reduzem a fertilidade do solo, mitigando a capacidade de sustentar vegetação e afetando a produtividade agrícola, bem como leva à perda de biodiversidade e à formação de áreas áridas, tornando o solo improdutivo. Além disso, a acidez do solo, provocada pelo descarte inadequado, dificulta o crescimento de plantas, ocasiona a contaminação hídrica e potencializa a disponibilidade de metais tóxicos, agravando ainda mais os impactos ao meio ambiente.

Além disso, a toxicidade associada à manipueira representa também riscos à saúde humana e animal, sobretudo quando ocorre a contaminação de águas superficiais e subterrâneas utilizadas para consumo, irrigação ou hidratação. Dessa forma, o descarte inadequado desse resíduo configura um problema ambiental significativo, reforçando a necessidade de práticas adequadas de manejo (a exemplo do conhecimento tradicional do dono da casa de farinha visitada, que deixa a manipueira descansar três dias nas caixas d'água), tratamento e reaproveitamento, a fim de minimizar seus impactos negativos ao meio ambiente (EMBRAPA, 2009).

Conforme a perspectiva ambiental crítica enraizada no saber ambiental, a prática cultural do manejo da manipueira pode ser ressignificada, tendo em vista a quebra de paradigmas para adentrar em um processo que integra “os princípios e valores que animam a ética ecologista, as sabedorias e práticas tradicionais do manejo dos recursos naturais e as ciências e técnicas que servem de suporte às estratégias do desenvolvimento sustentável” (Leff, 2001, p.150). Desta forma, constata-se que a quebra do paradigma consiste em adotar um novo olhar acerca da realidade experienciada (neste caso específico, o uso adequado da manipueira) no que tange à configuração de uma nova racionalidade ambiental no trato das relações sociedade-natureza.

Tendo em vista a problemática ambiental a exemplo da desertificação e da acidez do solo ocasionadas pelo descarte inadequado do resíduo da mandioca, buscou-se sensibilizar seja os agricultores, seja os alunos que participaram da ação pedagógica de quanto o cultivo da mandioca e o manejo adequado da manipueira podem contribuir para alavancar a cultura e o imaginário coletivo, sobretudo, dos trabalhadores rurais que, por décadas, buscam, por meio desse saber fazer, a subsistência de suas famílias.

Daí a importância desta ação pedagógica em comunhão com a abordagem crítica da Educação Ambiental proporcionar o diálogo entre os saberes (Universidades, Unidades Básicas de Ensino e comunidades locais) em prol da construção coletiva de valores, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem como de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (Brasil, 1999). Vê-se que a construção dessa ação coletiva deve ser reiterada, em prol da sustentabilidade das comunidades locais, mesmo que seus imaginários coletivos não tenham sido orientados acerca da inadequação do resíduo da mandioca e o que ele provoca para o solo.

## 1.2 Decisão da Solução

A solução para tal problemática emerge do descarte adequado da manipueira. Ao lançar mão dessa informação, o agricultor pôde tanto viabilizá-lo para alimentação do gado quanto para fertilização do solo. A partir dessa informação, buscou-se por meio de questões pontuais levar o proprietário da casa de farinha à reflexão de quão uma atitude em conformidade com a sustentabilidade pode contribuir tanto para potencializar sua renda, quanto para propagar para outros trabalhadores rurais o quanto sua ação pode gerar sustentabilidade ambiental nos imaginários sociais para, juntos, buscarem em coletividade, mudanças de comportamentos que podem se multiplicar e atingir outras escalas em prol da sustentabilidade da vida.

Ademais, buscou-se contribuir para alavancar a cultura e o imaginário coletivo, sobretudo, dos trabalhadores rurais que almejavam, por meio de seu saber fazer, a subsistência e os meios econômicos que atravessaram o tempo e continuaram garantindo a sustentabilidade de várias gerações. Isso porque a utilização adequada do referido líquido trouxe benefícios ambientais e socioeconômicos que possibilitou aos agricultores a execução de seu trabalho por meio de um fazer que dialogava com uma via de mão dupla, a saber: questões econômicas e o convívio com um ambiente sustentável, tendo em vista o manuseio adequado do líquido para a produção tanto de fertilizantes quanto de inseticidas aparatos advindos da raspagem da mandioca como a farinha (base da economia desse território), a raspa (servia de alimentação para o gado).

Além disso, a ação pedagógica estabeleceu uma correlação direta com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) no que se refere ao ODS 04 – Educação para Todos em Todas as Idades. À luz desse objetivo, no propósito de colaborar para assegurar uma educação inclusiva e equitativa de qualidade, pretendeu-se promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida. Essa premissa estava alicerçada na Organização das Nações Unidas (ONU), seja ao assumir o compromisso de manter a segurança e a paz mundial, seja ao promover os direitos humanos, ou ao auxiliar no desenvolvimento econômico e no progresso social. Logo, a ação possibilitou uma transformação nos imaginários sociais dos trabalhadores das casas de farinha, tendo em vista meios de reutilização do resíduo para promoção da sustentabilidade do território local.

### 1.3 Objetivo Geral

Analisar como é realizado o manejo da manipueira, líquido extraído da mandioca, oriundo dos imaginários sociais nos territórios de vidas das casas de farinha do município de São Domingos/SE.

#### 1.4 Objetivos Específicos

- Fazer um mapeamento das casas de farinhas do município de São Domingos – SE; selecionar uma casa de farinha para realizar a visita técnica com os estudantes da 3ª “C”; do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro no município de São Domingos – SE;
- Realizar uma entrevista com os atores da casa de farinha do município de São Domingos – SE;
- Promover uma roda de conversar a partir do poema *Tecendo a Manhã* de João Cabral de Melo Neto e sua relação com a vida dos trabalhadores rurais das casas de farinha;
- Expor em um mural as poesias, desenhos e HQ elaborados pelos alunos a partir dessa discussão.

#### 1.5 Metas

- Sensibilizar os estudantes participantes de como o manejo adequado da manipueira pode mitigar os impactos ambientais causados por ela;
- Compartilhar esse saber visando à polinização do conhecimento para outros proprietários de casa de farinha por meio de registros fotográficos, poemas e desenhos;
- Alcançar em média 20 alunos para que promovam a discussão com seus pares acerca do manejo adequado da manipueira nas casas de farinha espalhadas pelos diversos povoados localizadas no referido município;
- Exposição em um Mural as poesias e desenhos elaborados pelos alunos.

#### 1.6 Metodologia/Planejamento da Ação

Este plano de ação foi realizado no Centro de Excelência Emeliano Ribeiro, localizado no município de São Domingos/SE, com alunos da 3ª série C e com os trabalhadores que se dedicavam à produção da farinha de mandioca do referido município. A pesquisadora fez uma visita técnica em uma casa de farinha no mês de outubro com o objetivo de conhecer a infraestrutura e as pessoas que exerciam este ofício. Além disso, solicitou autorização ao proprietário para acompanhar os estudantes em um outro momento.

Para a execução da referida ação, foi necessário que a professora-pesquisadora, de posse da Carta de Apresentação, assinada pela Coordenadora Professora Dra. Rosana de Oliveira Santos Batista, do PROFCIAMB - Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais, solicitasse a cessão da referida Instituição de ensino para realização da ação pedagógica.

Além disso, buscou articular o diálogo com o professor André Menezes, Diretor do CEER, com objetivo de que pudesse viabilizar um ônibus para que, na data prevista conforme cronograma, a professora pesquisadora e os alunos pudessem efetivar a visita técnica, para assim, não só apreenderem acerca de como se dava o manejo da produção da farinha de mandioca desde o seu cultivo, distribuição, etapas de fabricação, entre outras questões que diziam respeito à produção da farinha de mandioca, mas também compreenderem como o manejo do resíduo extraído da mandioca podia impactar de forma positiva e/ou negativa o ambiente local.

### 1.7 Tipo de pesquisa

Este plano de ação, insere-se na pesquisa-ação, voltada para a dimensão ambiental crítica, tendo em vista o caráter transformador e emancipatório e a participação coletiva dos sujeitos (corpo discente e trabalhadores da casa de farinha). Tonize-Reis e Vasconcellos (2014), já que buscou conceber conhecimento para aplicação prática direcionada a sanar problemas de caráter específico (Silveira; Gerhardt, 2009).

Neste caso, tratou-se de apreender acerca de como se dava o manejo da produção da farinha de mandioca desde o seu cultivo, distribuição, etapas de fabricação, entre outras questões que diziam respeito à produção da farinha de mandioca, mas também de compreender como o manejo do resíduo extraído da mandioca podia impactar de forma positiva e/ou negativa o ambiente local para, por meio disso, intervir na realidade local.

Quanto aos objetivos, tiveram caráter descritivo/exploratório para sistematizar os dados coletados e, posteriormente, promover a análise dos dados em caráter qualitativo. Em relação às técnicas, deram-se por meio de registros fotográficos, produção de poemas baseados nos “habitus” dos imaginários sociais das casas de farinha, como também desenhos que representaram esses imaginários culturais; além disso, inseriu-se na pesquisa de viés participante, tendo em vista que o pesquisador se envolveu diretamente com o grupo que estava sendo investigado.

**Quadro 01:** Distribuição de Tarefas

<b>Onde?</b>	<b>Quando?</b>	<b>Quem?</b>	<b>Como?</b>
Comunidade escolar e casas de farinha do município de São Domingos/SE.	Outubro	Alunos da terceira série do ensino médio e comunidade externa.	Levar os alunos para visitarem uma casa de farinha que faz o manejo adequado desse material.

Fonte: autoria própria, 2025.

### 1.8 Avaliações Gerais de Cada Etapa

O diálogo entre os saberes é necessário para se trabalhar as questões ambientais na educação tanto nos espaços formais quanto no informais, buscando pela via da interdisciplinaridade mitigar os impactos ambientais, tendo em vista que a sustentabilidade do planeta é um caminho coerente a ser seguido pelo viés da Educação Mariga (2006). Dessa forma, notou-se o quão os problemas ambientais são oriundos, também, do fazer diário e da cultura. O quão as ações e atos individuais e coletivos podem contribuir para o equilíbrio ou desequilíbrio socioambiental.

De acordo com Gonçalves (2008), o homem vai produzindo cultura e manifestando suas subjetividades no saber fazer que se revela na prática cotidiana das raspadoras de mandioca, que assim como o galo tece a manhã, elas, também, acordam pela madrugada para tecer a teia da vida e o sustento de suas famílias nas casas de farinha de onde se extrai o líquido da manipueira, razão de ser desse plano de ação.

A partir dessa reflexão inicial, buscou-se compreender como, nas casas de farinha de São Domingos/SE, era realizado o descarte da manipueira, resíduo resultante do processamento da mandioca. Com base nessa problemática, foi sendo delineado o percurso metodológico e definidas as etapas necessárias à execução do plano de ação, assim estruturado:

a) Preparação: realizou-se a escolha do poema “*Tecendo a manhã*”, de João Cabral de Melo Neto; a definição dos objetivos a serem alcançados; a delimitação do problema a ser analisado; a seleção da turma participante; o agendamento da visita a uma casa de farinha do município; e a solicitação formal, por meio de declaração da UFS, de autorização para a realização da ação.

b) Aula teórica: estabeleceu-se uma analogia entre o poema “*Tecendo a manhã*” e a dinâmica da lida e do trabalho coletivo desenvolvidos nas casas de farinha, promovendo a articulação entre literatura e realidade local.

c) Aula prática: realizou-se a visita à casa de farinha do povoado Mulungu, com os alunos da 3ª C do CEER, ocasião em que se buscou, entre outros aspectos, observar como era realizado o descarte da manipueira.

d) Finalização da ação: promoveu-se uma roda de conversa para discussão das informações obtidas com o proprietário da casa de farinha, seguida da produção de desenhos e poemas acerca da experiência vivenciada, culminando na exposição dos trabalhos em um mural.

Ao abordar o poema “*Tecendo a manhã*”, de João Cabral de Melo Neto, em sala de aula, buscou-se sensibilizar os alunos envolvidos na ação pedagógica acerca da problemática investigada e das possibilidades de mitigação desse impasse por meio da tomada de decisão e da mudança de comportamento.

Nesse contexto, evidenciou-se a importância de os estudantes se reconhecerem como parte integrante da natureza (Costacurta, 2022), compreendendo-se como sujeitos corresponsáveis pelas práticas ambientais desenvolvidas em seu entorno. Assim, tornou-se necessário socializar informações acerca do manuseio adequado da manipueira junto às suas famílias, considerando que grande parte delas era composta por agricultores vinculados à dinâmica produtiva das casas de farinha.

Ao se chegar à casa de farinha, tornou-se evidente a organização do espaço e a presença de um saber ambiental incorporado aos imaginários coletivos que, por meio da prática da raspagem da mandioca, seguiam produzindo cultura e garantindo o sustento de suas famílias.

As mulheres, que teciam cotidianamente a trama de sua sobrevivência, chegavam ainda na madrugada, por volta das 4h, e iniciavam o processo de raspagem da mandioca — matéria-prima que, em grande parte, vem de outras localidades, visto que a produção cultivada no município não é suficiente para atender à demanda. Desse processo, extrai-se a manipueira, resíduo líquido resultante da prensagem da massa.

Aos homens cabem as demais etapas da produção da farinha, quais sejam: a trituração (ou ralagem) da mandioca; o escoamento da massa líquida em prensa apropriada; a desagregação da massa já prensada; e, por fim, o encaminhamento ao forno elétrico, onde é aquecida até atingir o ponto adequado, culminando na obtenção do produto final — a farinha de mandioca.

**Imagem 03:** Registros da Casa de Farinha de São Domingos



**Fonte:** autoria própria, 2024

Por meio dos questionamentos realizados pelos alunos ao dono da casa de farinha, foi perceptível o quanto a tecnologia havia chegado ao campo e contribuído para aumentar a produtividade da feitura da farinha e aumentar a renda, como se percebe na foto 2. Isso porque, antes da chegada da tecnologia, as etapas de ralagem da mandioca, secagem da massa, novamente a ralagem da massa imprensada para ser encaminhada ao forno, última etapa para a realização do processo, eram feitos manualmente. Agora, com exceção da raspagem, nesta casa de farinha, todas as etapas eram realizadas por meio dos aparelhos elétricos (raladeira, prensa, peneira e forno). Neste processo, cabia aos trabalhadores da casa de farinha colocar em prática seu saber ambiental e manusear os aparelhos tecnológicos para produzir a razão de seu sustento, a farinha.

Ao ser questionado acerca do descarte da manipueira, o proprietário afirmou que “estudos mostra que ela era prejudicial ao solo, por isso deixa a manipueira em reservatório por três dias, depois usa como alimento para o gado e como adubo para a terra”. Diante dessa fala, ficou claro que não só a tecnologia havia chegado ao campo, mas também as informações acerca da importância do conhecimento que remetia à sustentabilidade das condições de existência.

Assim, a situação-problema deste plano de ação foi superada, tendo em vista que o “*habitus*” dos imaginários sociais daquele lugar já dialogava com o conhecimento tecnológico (Leff, 2016) em se tratando do descarte adequado da manipueira. Os registros fotográficos a seguir mostram como era feito o armazenamento da manipueira que, segundo o dono da casa de farinha, ao passar três dias nos reservatórios, era utilizada como fertilizante para a terra e para alimentar o gado.

Percebe-se aqui, portanto, o diálogo entre o ser cultural enraizado nas vivências cotidianas de seu saber fazer subjetivo e da tecnologia que havia chegado ao campo. Segundo Antunes (2005), essa interação acontecia porque a máquina não podia extinguir o trabalho

humano (neste caso dos trabalhadores da casa de farinha). Daí essa conexão entre os saberes se entrelaçarem em prol da feitura da farinha de mandioca.

**Imagem 04:** Registro dos Reservatórios da Manipueira Extraída da Mandioca



**Fonte:** autoria própria, 2024.

Verificou-se in loco que o trabalhador rural e proprietário da casa de farinha, ao armazenar a manipueira em caixas d'água, como se pode perceber nos registros fotográficos 3 e 4, respectivamente, estava em conformidade com o propósito que se buscou neste projeto de ação pedagógica: quando salientou que o descarte adequado do resíduo da mandioca potencializava a dinâmica da vida dos imaginários sociais da comunidade local no que tange à sustentabilidade e aos processos econômicos que geravam renda para o sustento de suas famílias.

Foi perceptível como a dinâmica desse lugar (casa de farinha) dialogou com a abordagem de lugar utilizada por Santos (2006) enquanto espaço de trabalho, onde eles recebiam ordens para a execução das tarefas no que tange a feitura da farinha, um lugar onde, de forma espontânea, se comunicavam e trocavam experiências, valores e compartilhavam momentos vividos, bem como um espaço de manifestação da espontaneidade e criatividade.

Além disso, esse lugar também se configurava em um espaço onde os trabalhadores podiam inovar e encontrar soluções para os desafios do trabalho, como por exemplo, encontrar maneiras de melhorar as condições ambientais, como a forma adequada do descarte da manipueira, como poetizou o aluno Y “*Com esse descanso/ O descarte adequado gera vida/ Gera significado/Gera um solo renovado/ Para assim/ A cultura novamente renascer*”. Além disso, podia ser um espaço onde brotavam maneiras de criar novos produtos a partir da mandioca, a exemplo da tapioca, bolos, biscoitos, entre outros.

Ao retornarmos ao Centro de Excelência Emeliano Ribeiro, por meio de roda de conversa com, aproximadamente, 30 alunos que participaram desse projeto, notou-se o quanto foi surpreendente a participação e o engajamento da turma para a construção da atividade

proposta acerca do que presenciaram e das informações obtidas naquele espaço de vivências e de construção de vidas. Dos 30 alunos, 26 participaram ativamente da discussão e elaboração dos trabalhos com os quais construímos um mural.

Entre os trabalhos estão poesias, desenhos, HQ, simbolizando desde a plantação da mandioca, sua chegada a casa de farinha, o processo de produção e a venda do produto. Destaca-se este desenho, representando a casa de farinha visitada, retrato fiel, produzido pela aluna X da 3ªC, seguido de uma poesia referente à feitura da farinha de mandioca que é tecida pelas mãos dos trabalhadores rurais. Ele representa o saber ambiental contido nos imaginários sociais da população de São Domingos/SE.

**Imagem 05:** Representação da casa de Farinha



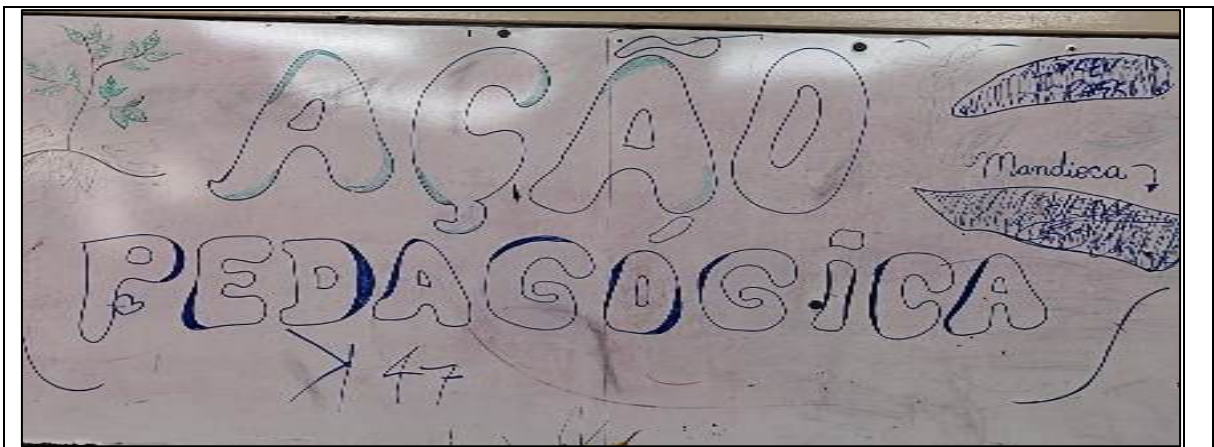
**Fonte:** autoria própria, 2025.

### 1.9 Registros Fotográficos





Fonte: autoria própria, 2024



Fonte: autoria própria, 2025

## **APÊNDICE 02: ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

- 1- Antes da tecnologia ( na época de seus pais e avós), como se dava a prática da produção da farinha? Houve alguma mudança ? qual?
- 2- Quais as etapas de fabricação da farinha?
- 3- E hoje, como esse trabalho contribui para o sustento de sua família?
- 4- Quantas pessoas trabalham neste espaço?
- 5- Qual a forma de pagamento?
- 6- Como se dá a distribuição da mandioca entre as trabalhadeiras?
- 7- Qual o destino dos resíduos (raspa, manipueira)?
- 8- A manipueira é usada como fonte de renda?
- 9- Você tem consciência de que a manipueira pode ser prejudicial ao solo e ao meio ambiente de moso geral?
- 10- Você conhece o potencial da manipueira em aplicação de pesticidas ou até mesmo de geração de energia?
- 11- Vocês utilizam a manipueira para que fins?
- 12- Que horas se inicia o trabalho?
- 13- A mandioca utilizada é cultivada aqui ou vem de outra localidade?
- 14- Como você percebe que a casa de farinha contribui com a comunidade local em termos econômicos e sociais?
- 15- Durante esse tempo, já percebeu se a manipueira provoca algum dano ao solo, qual? O que foi feito para evitar esse dano? Diante da importância das casas de farinha para manter o sustento das famílias que precisam desse trabalho, o que o você tem feito para continuar com essa cultura, diante da chegada da tecnologia ao campo?

## APÊNDICE 03: REGISTROS FOTOGRÁFICOS DO SARAU LITERÁRIO



**SARAU LITERÁRIO 2025:**  
"A arte que Movimenta a vida"



**APRESENTA...**



---

*centrodeexcelenciaemeliano*

**CENTRO DE EXCELENCIA EMELIANO  
RIBEIRO: APRESENTA: SARAU LITERÁRIO  
2025: "A arte que Movimenta a vida"**

*Abertura: Cordel Literário\_Groupo de Dança:*

**FALAS ANUNCIANDO AS APRESENTAÇÕES:**

**TURMAS DAS 1ª SERIES**

**Turma 1ª "A"**  
Explicação da obra: Ana Cecilia  
Teatro: PAGADOR DE PROMESSAS DE DIAS GOMES

**Turma 1ª "B"**  
Poema autoral: Anny Beatriz\_ "AUTO DA COMPADECIDA"  
Explicação da obra: Bianca  
Teatro: O AUTO DA COMPADECIDA

**Turma 1ª "C"**  
Explicação da obra: José Guilherme  
Teatro musical: O BRILHO DAS EMPREGUETES

**TURMAS DAS 2ª SERIES**

**Turma 2ª "A"**  
Obra: "Os Miseráveis"  
Poesia: Ránya\_No meio do Caminho de Carlos Drummond de Andrade

**Monólogo: Kauã**  
Explicação da obra: Karine  
Dramatização: Os Miseráveis  
Grupo de dança: As chiquititas

**Turma 2ª "B"**  
Obra: Feijão de cego (Conto Herança)  
Poesia: Emily Vitória\_ Despedida de Cecilia Meireles  
Monólogo: Mônica  
Explicação da obra: Claudiany  
Dramatização: Herança

**Turma 2ª "C"**  
Obra: Dom Casimiro  
Poesia autoral: Silmara\_ Capita e Betinho  
Biografia: Andréy Neves  
Monólogo: Richardson  
Dramatização: Dom Casimiro de Machado de Assis  
Poema: João Victor\_ O Silêncio de Dom Casimiro

**TURMAS DAS 3ª SERIES**

**Abertura: Grupo de dança: Gabi Melo, Karol e Yasmin Silva**

**Turma 3ª "C"**  
Obra: A Hora da Estrela  
Poema: Kanyla\_ Recenta de Ano Novo  
Monólogo: Itefany\_ Clarice Lispector  
Análise da obra: Márlisson  
Dramatização: A Hora da Estrela

**Turma 3ª "B"**  
Obra: Vidas Secas de Graciliano Ramos  
Poema autoral: Guilherme  
Análise Crítica: Kauã Barbosa

**Monólogo: Márcio**  
Dramatização: Vidas Secas  
Música: Luiz Gonzaga  
Poema autoral: Larisson

**Turma 3ª "D"**  
Obra: O Quinze de Raquel de Queiroz  
Poema: Welaine e Iris\_ "José" de Carlos Drummond de Andrade  
Monólogo: Sarah  
Análise Crítica: Ana Clara  
Música Ana Branca: Maria Clara  
Dramatização: "O Quinze"  
Música Não Pare: Jean Carlos e Maria Clara

**Turma 3ª "A"**  
Poema de João Cabral de Melo Neto: Uma fica só  
Língua Rafaela  
Obra: Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto  
Monólogo: Ryan\_ João Cabral de Melo Neto  
Dramatização: Morte e Vida Severina  
Música: Thamires\_ Terra Seca e nan Asas do senhor

**Organização: Equipe Diretiva do CEER**  
Professores de Línguas do CEER:  
Raquel, Heloisa, Luciana, Everton, Amanda, Cleidinha, Wagner.  
E a todos os professores do CEER que contribuíram direta e indiretamente.

**Idealizadora:**  
Máris Isabel A. de A. Santos

**Agradecemos aos professores organizadores na logística do**  
Cenário: Roque, Antônio, Edson,  
Que DEUS OS ABENÇOE

**Local:**  
*Quadra de Esportes do CEER*  
Data: 30/10/2025  
A PARTIR DAS 15h.





## APÊNDICE 04: ESTADO DA ARTE

TÍTULO/ LIVRO	ARTIGO	AUTOR	OBJETIVO DA ESCOLHA	CONCEITO	RELEVÂNCIA
Acompanha ndo o desenvolvi mento sustentável		Agenda 2030	Colaborar para assegurar uma educação inclusiva e equitativa de qualidade, pretende-se promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida.	A correlação desse projeto ecoa com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) no que se refere ao ODS 04 – Educação para Todos em Todas as Idades.	Contribuição para a fundamentação do projeto no que tange às orientações relacionadas aos problemas ambientais.
O Romance Brasileiro de 30		Adonias Aguiar Filho.	Trazer à tona situações de nossa literatura que contextualizam as várias facetas da identidade nordestina	O país encontra no <i>Romance Brasileiro de 30</i> sua identidade. Isso porque o caráter documentarista funciona como uma espécie de testemunho da realidade	Importante para inteirar a pesquisa no contexto do regionalismo de 30.
Os Corumbas		Amando Fontes	Mostrar o quanto as circunstâncias socioculturais, socioambientais e socioeconômicas contribuem para formação de nossa identidade.	Uma obra que demonstra a dura realidade de uma família que sobrevive às intempéries de um ambiente inóspito, mas busca melhores condições de existência na capital do Estado.	Servirá como base para a realização da pesquisa tendo em vista a ambientação e os territórios onde o enredo acontece.
A Identidade Cultural na pós- modernidad e		Stuart Hall	Identificar o quanto a formação da identidade nordestina está enraizada aos fenômenos socioculturais.	Não nascemos com a identidade pronta e acabada, mas ela é formada e transformada em consonância com as	Necessário para fundamentar a questão raiz da feita desta pesquisa tendo em vista a construção da identidade.

				representações culturais de que fazemos parte.	
Saber Ambiental; sustentabilidade, irracionalidade, complexidade, poder		Henrique Leff	Verificar o movimento a caminho da transformação e da reconstrução humana e social.	Ressignificar e fomentar um novo olhar diante da realidade onde se vive, promovendo uma nova perspectiva de se conceber educação em que a criticidade seja uma tomada de decisão para construção de sujeitos comprometidos com formação de valores e atitudes direcionados à sustentabilidade do planeta.	Fundamental para relacionar as questões socioambientais aos processos de reconstrução social que atravessam as esferas educacionais e existenciais.
Fundamentos de Metodologia Científica.		Maria de Andrade Marconi; Eva Maria Lakatos	Enraizar a pesquisa em princípios acadêmicos e metodológicos.	Encaminha o pesquisador a feitura da pesquisa tendo em vista os conhecimentos científicos e metodológicos.	Relevante para fundamentar e classificar a pesquisa em parâmetros científicos.
Vidas Secas		Graciliano Ramos	Salientar o quanto a identidade do homem sertanejo é relegada à aridez do solo e o quanto essa situação afeta suas relações socioculturais.	A integração entre o meio físico e social, o homem, a linguagem, a ação, a temática e a própria articulação da narrativa vai ao encontro da concepção do sujeito sociológico abordada por Hall (2006) ao afirmar que o	Obra basilar para a realização da referida pesquisa no tocante à construção da identidade nordestina em meio ao ambiente vivido e sua relação com os aspectos socioculturais.

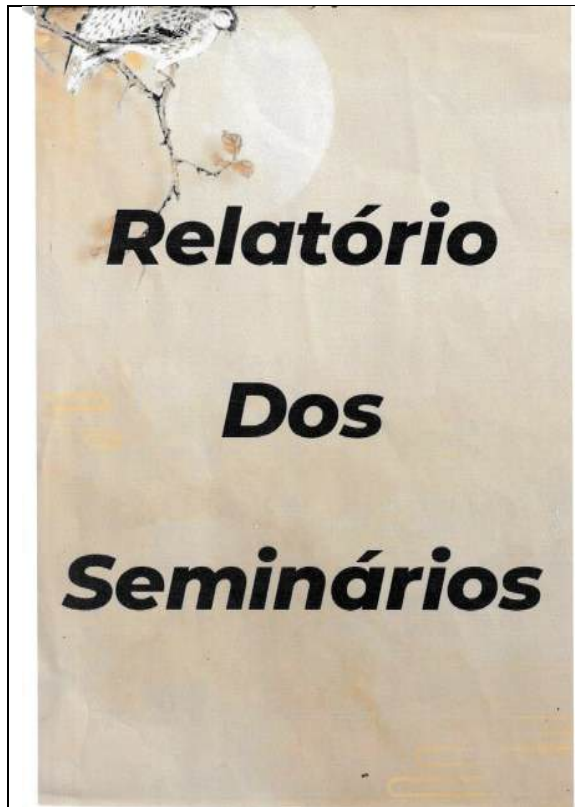
				homem assumi a sua identidade interagindo com o meio em que vive.	
Métodos de pesquisa.		Tatianaer hardt, Engel e Denise Tolfo Silveira	Enraizar a pesquisa em princípios acadêmicos científicos e metodológicos	Meio pelo qual a pesquisa será conduzida à luz da cientificidade.	Importante para a composição científica do método.
	As linguagens do cotidiano como representações do espaço: uma proposta metodológica possível	Salete Kozel.	Mostrar que o universo vivido é palco para construção dos processos comunicacionais.	Na perspectiva bahktiniana, os processos que envolvem o diálogo e a linguagem se fazem e se refazem no contato com o universo vivido e com suas representações culturais.	Fundamental para embasar as questões dialógicas constantes no universo pesquisado.
Ensaio sobre o conceito de cultura		Zygmunt Bauman	Identificar que o conceito de cultura é inerente à construção das relações sociais atravessadas pelas circunstâncias de poder.	A perspectiva de cultura traçada por Bauman (2020), seja em seu caráter hierárquico ao associá-lo à capacidade cognitiva e intelectual; seja em seu caráter diferencial ao relacioná-lo aos diferentes modos de vida dos povos; ou, ao genérico, ao abordar o homem como um ser dotado de habilidades diferentes das dos outros seres.	Relevante para fundamentar e relacionar os processos culturais à construção da identidade que, por vezes, é atravessada pelas relações de poder.
			Mostrar que no processo de construção de	As relações sociais instituídas	Importante para enfatizar que as relações de poder

Os (des) caminhos do meio ambiente		Porto Gonçalves, c. W	nossa história, como o desrespeito pela forma de viver do outro pode culminar no em uma relação social de exploração do homem pelo homem e dele com a natureza.	historicamente são naturalizadas conforme uma ideologia dominante que ao separar o homem da natureza objetiva dominá-la, submetê-la, conformando-a aos interesses estabelecidos, sobretudo, pelo imaginário ocidental.	atravessam a história e mascaram e naturalizam o processo de dominação do homem pelo homem e até do homem com a natureza.
Meio Ambiente e Formação de Professores.		Heloísa Dupas Michel Penteado	Trazer à tona o quanto a transformação social pode acontecer, tendo em vista a construção de ambientes educacionais participativos e engajados com as causas socioambientais.	O trabalho escolar impulsiona a formação de atitudes coletivas respaldadas no respeito à diferença e as decisões de um trabalho conjunto que se reflete a respeito do que já se sabe e vai ao encontro da construção constante do saber. Nessa construção, o professor é o coordenador das ações inerentes aos saberes seja relacionado ao conhecimento científico seja do senso comum ou cultural. Aí também experimenta a dimensão da incompletude,	Importante para evidenciar que o processo educacional centrado na construção de ambientes educacionais onde haja participação coletiva e envolvimento entre corpo docente e discente em prol das questões socioambientais, pode contribuir para uma sociedade melhor.

				tendo em vista que o processo social de construção do saber é eterno inesgotável.	
A ordem do discurso		Michel Foucault	Mostrar como as nuances do discurso se constrói em prol de uma determinada classe social e como esse fator contribui para excluir os que vivem à margem.	As nuances que atravessam o discurso tanto na história quanto nas relações de poder, ver-se, pois, que sua materialização se dá em meio à lucidez de quem tem razão e o devaneio de quem precisa de autorização para se materializá-lo. Isso porque, a vontade da verdade como um dos princípios de sua afirmação enquanto interface dominante, mascara sua funcionalidade de fato: a de excluir.	Importante para analisar como se dá o processo da marginalidade linguística constante na dinâmica das relações de poder no processo da construção da identidade nordestina.
Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia Para além dos saberes		Boaventura de Sousa Santos	Salientar o quanto o poder hegemônico violenta e condena os que estão do outro lado da linha.	O que importa é trazer à tona os vários tipos de saberes, desestabilizar a tradição canônica, a fim de que fique em foga a ecologia dos saberes como uma prática epistemológica que atravessa as linhas abissais, para mergulhar	Relevante para verificar o quanto as relações de poder se dão no seio social e como o conhecimento enaltece os que se encontram do lado favorável e como a ausência dele violenta e subjuga os que estão do outro lado da linha.

				na subjetividade necessária a fim de construir uma sociabilidade que rejeita os critérios abissais.	
Epistemicídio”. In: Dispositivo de Racialidade. A construção do outro como não ser como fundamento do ser		Sueli Carneiro	Verificar o quanto as estruturas sociais oprimem e aniquilam o ser do outro.	As estruturas de poder se mantêm pela imposição das regras sociais com as quais os signatários do contrato social /racial devem concordar.	Importante para fundamentar o quanto a hegemonia ocidental contribui para rechaçar o ser o outro.
Os sete saberes necessários à educação do futuro		Edgar Morin	Identificar o processo das relações humanas no que tange à interação e à construção das relações com seus pares.	o habitar no cosmo pode ser ocasião de comunhão, respeito e compartilhamento de experiências independente das esferas de domínio que se estabeleçam nas relações humanas.	Relevante para fundamentar o quanto a consciência terrena deve estar em voga nos processos relacionais e existenciais.

## APÊNDICE 05: RELATÓRIO DOS SEMINÁRIOS



**VIDA SECA**

**CONTEXTO HISTÓRICO**

Vida Seca- Graciliano Ramos  
Publicado em 1938

Vidas Secas é um profundo retrato para a sociedade brasileira e os problemas sociais. O autor faz uma crítica social, falando das dificuldades da família do romance, que sofre com a miséria e a seca do sertão nordestino. A história do romance se passa em uma época em que nas regiões se tinha muitos coronéis, que eram como poder administrativo. Fala sobre os filhos que eram sem nomes e identidade, e hoje ainda vive isso no país, o que deixa a desejar uma melhora, por já ter passado tanto tempo e não ter sido resolvido, por isso essa crítica que é essencial para esclarecer esses problemas. O personagem Fabiano foi o responsável por suicidar a cachorra Baleia para não passar a doença que ela sofria, para os restantes da família. No romance a cachorra era considerada a mais inteligente de todos por pensar com mais empatia, carinho e a que mais tem amor por cada um deles.

**VIDA SECA**

**VEROSIMILHANÇA**

Verossimilhança:

Verossimilhança é uma ponte com a realidade. O livro fala sobre a miséria e a desigualdade social que é um problema que acontece até os dias de hoje. Fabiano (um dos personagens principais) e Sinhá Vitória era muito ignorante com os seus filhos, esse é um dos problemas que acontecem em nossa realidade, em que os pais privatizam seus filhos de receberem conhecimento e os maltratam, tratando eles como se fossem estranhos. O filho mais novo sonhava em ser vaqueiro como o seu pai e isso acontece até os dias de hoje, pois colocamos muita pressão sobre nós mesmos, isso torna-se um problema pois afeta nossa saúde mental, porque é de fundamental importância termos a noção de que tudo tem o seu tempo.

**VIDA SECA**

**Resumo historico**

- Fabiano é Camila, tinha uma família é cachorra chamada baleia, a família de Fábila se mudou é Baleia logo trouxe um preá para a sua família, logo todos comeram o preá e deixaram apenas os ossos para a pobre da cachorra

Sinhá Vitória sonhava com uma cama de couro, pois só tinha uma cama de palha. O livro "Vidas Secas" se passa no início do século 20 e conta a história de uma família bem humilde com Fabiano e Camila, eles tinham dois filhos "o mais velho" e o "mais novo" e também uma cachorra chamada "baleia" eles moravam na catanga Fabiano logo decidiu se mudar ele é sua família percorre a catanga, quando terminaram a mudança a cadela baleia vai caçar para sua família e trat um preá logo deixando sua família feliz pois a família de Fabiano era bem humilde.

- Na história também se fala muito do nome "Sinhá Vitória" que ao decorrer da obra ela sempre reforça qual é o sonho dele que é uma (cama de couro) dizem que ela citou essa cama bastante pois era seu sonho e apenas possuía uma cama de palha



**VIDA SECA**

**VEROSIMILHANÇA**

Verossimilhança;

Verossimilhança é uma ponte com a realidade. O livro fala sobre a miséria e a desigualdade social que é um problema que acontece até os dias de hoje. Fabiano (um dos personagens principais) e Sinhá Vitória era muito ignorante com os seus filhos, esse é um dos problemas que acontecem em nossa realidade, em que os pais privatizam seus filhos de receberem conhecimento e os maltratam, tratando eles como se fossem estranhos. O filho mais novo sonhava em ser vaqueiro como o seu pai e isso acontece até os dias de hoje, pois colocamos muita pressão sobre nós mesmos, isso torna-se um problema pois afeta nossa saúde mental, porque é de fundamental importância termos a noção de que tudo tem o seu tempo.



**VIDAS SECAS**

**ESCRITOR GRACILIANO RAMOS**

RAMOS

Vidas Secas - Graciliano Ramos

Publicado em 1938  
 "Vidas Secas é um profundo retrato para a sociedade brasileira e os problemas sociais. O autor faz uma crítica social, falando das dificuldades da família em remanesce, que sofre com a miséria e a seca do sertão nordestino. A história do romance se passa em uma época em que os rios secavam e tinha muitos carentes, que eram como poder administrativo. Fala sobre os filhos que eram sem nome e identidade, e hoje ainda vive isso no país, e que deve a melhor, por já ter passado tanto tempo e não ter sido resolvido, por isso essa crítica que é essencial para educar os brasileiros. O personagem Fabiano foi o responsável por suicidar a cachorra Baleia para não passar a fome que ele sofria, para os restantes da família. No romance a cachorra era considerada a mais inteligente de todos por pensar com mais organização, carinho e a que mais tem amor por cada um deles.

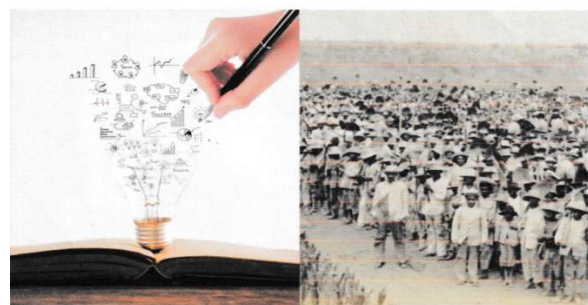


**O QUINZE**

**ANALISE CRITICA**

Análise crítica;

Essa obra expõe assuntos muito pertinentes ainda nos dias atuais, como seca, miséria e machismo. Rachel de Queiroz, reúne as tragédias ocorridas em uma das piores secas que ocorreu no Ceará em 1915. Esse livro é bastante importante pq traz conhecimentos sobre assuntos que pouco se discute.



## O QUINZE RESUMO HISTORICO

Quinze\* detalha a vida de vários personagens afetados pela seca de 1915 no Nordeste brasileiro, oferecendo uma narrativa rica e multifacetada bre a luta pela sobrevivência e a busca por uma vida melhor. O romance é dividido em três núcleos principais que se entrelaçam para pintar um retrato vívido do sertão.

### Chico Bento e família

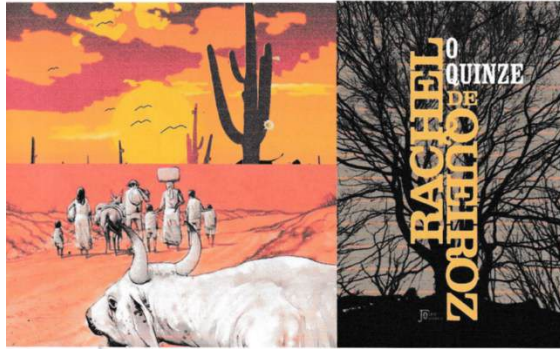
Chico Bento é um lavrador que, diante da seca e da perda de suas plantações e gado, decide levar sua família em uma jornada desesperada para alzeza. A família de Chico Bento enfrenta uma caminhada extenuante, passando por diversas dificuldades como fome, sede e doenças. Eles perdem filha mais nova, Luísa, que morre de fome, ilustrando a tragédia que afeta os sertanejos. A narrativa dessa família expõe a brutalidade da migração e as condições desumanas que enfrentam na busca por segurança e sobrevivência. Eles representam a massa de sertanejos que são obrigados a abandonar suas raízes em busca de uma esperança, mesmo que vaga, de melhores condições de vida.

### Conceição

Conceição é uma jovem professora que mora em Quixadá, no sertão cearense. Ela é idealista e sente uma profunda compaixão pelos sertanejos que vivem com a seca. Ao longo da história, Conceição tenta ajudar os retratados da melhor maneira possível, oferecendo apoio e cuidando dos mais necessitados. Ela é vista como uma figura de esperança e empatia em meio ao desespero. Conceição também vive um dilema pessoal, pois é apaixonada por Vicente, seu primo, mas seus ideais e a vida de sacrifício que escolheu a afastam de um possível relacionamento com ele. Sua narrativa é marcada pela luta interna entre seus sentimentos pessoais e seu compromisso com a causa dos desamparados.

### Vicente

Vicente é um primo de Conceição e um criador de gado que luta para manter sua propriedade e salvar o que resta de seu rebanho durante a seca. Ele é um homem resiliente e determinado a não abandonar sua terra, mesmo enfrentando perdas significativas. Vicente representa a resistência do sertão, apegado à terra e ao modo de vida no sertão. Sua narrativa mostra o lado do sertanejo que não migra, mas luta contra a seca, enfrentando enormes dificuldades para proteger o que construiu. Vicente e Conceição têm uma conexão especial, mas ele se mantém focado em sua luta para salvar seu gado, o que impede um maior envolvimento entre eles.



## O QUINZE CONTEXTO HISTORICO

O quinze esta relacionado a uma das piores secas que o nordeste sofreu no período da república velha no ano de 1915, com duas histórias paralelas que foi a trajetória da família de Chico Bento ale fortaleza, e o flerte entre dos jovens herderos



## O QUINZE VEROSIMILHANÇA

No livro "O quinze" de Rachel de Queiroz há uma verossimilhança ao retratar a imigração que acontece quando Chico Bento e sua família se mudam para o Ceará em busca de uma vida melhor, isso há uma realidade para hoje em dia porque muitas pessoas buscam migrar para outra região em busca de uma vida melhor, sendo em busca de um melhor trabalho. Outro aspecto que vale ressaltar é a seca, fome e a falta de chuva, em muitos lugares ocorre esse problema, um exemplo é o sertão que raramente chove, muita gente passa dificuldade, além da seca, a fome também é muito presente atualmente.



## O QUINZE ESCRITORA

RACHEL DE QUEIROZ

Rachel de Queiroz 1910-2003

Rachel de Queiroz foi uma das mais importantes escritoras brasileiras do século XX. Participante à geração modernista de 1930, também trabalhou como jornalista e foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras.

### Biografia

Nasceu em Fortaleza, Ceará, em 17 de novembro de 1910 e ali viveu até os cinco anos de idade. Mudou-se com a família para o Rio de Janeiro em virtude da terrível seca que assolou o Ceará em 1915. Em 1917, mudou-se para Belém do Pará e, em 1919, retornou para o Ceará, onde fixou residência iniciando sua carreira jornalística escrevendo para o jornal O Ceará quando tinha apenas 17 anos. Aos 19 anos, começou a escrever, em segredo, o romance que a tornaria conhecida como escritora: O Quinze. Com a publicação do livro, em 1930, a autora tornou-se nacionalmente conhecida e ganhou o prêmio da Fundação Graça Aranha.

Em 1937, foi presa pelo governo de Getúlio Vargas acusada de ser comunista. A autora permaneceu presa por dois anos. Décadas depois, Rachel de Queiroz, em 1964, apoiou a ditadura militar brasileira, integrando o Conselho Federal de Cultura e o Diretório Nacional da Arena, partido político de sustentação do regime.

Além do prêmio da Fundação Graça Aranha, a escritora também ganhou diversos outros prêmios, como o Prêmio Jabuti de Literatura Infantil, em 1970, e o Prêmio Camões, a maior honraria dada a escritores de língua portuguesa, em 1983. Rachel de Queiroz faleceu em 2003, no Rio de Janeiro, aos 92 anos de idade, um pouquinho de texto



FIM DO  
RELATÓRIO

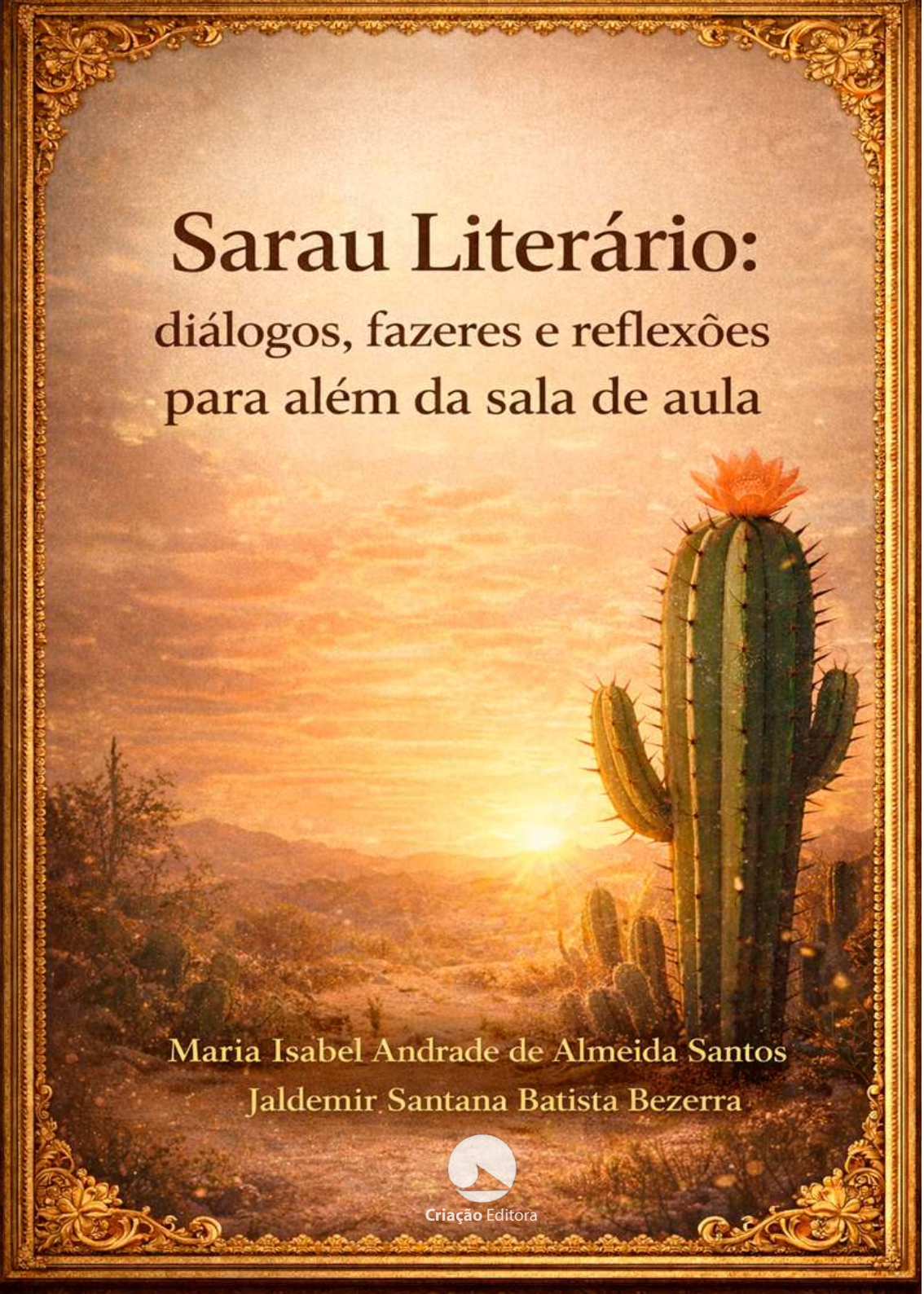
**A resistência é  
para os fortes.**

*Sem ela não passará no  
funil da vida.*



Gracias da filósofa Isahel

**ANEXO 01: PRODUTO DA  
DISSERTAÇÃO**



# Sarau Literário:

diálogos, fazeres e reflexões  
para além da sala de aula

Maria Isabel Andrade de Almeida Santos  
Jaldemir Santana Batista Bezerra



Criação Editora

**SARAU LITERÁRIO**  
diálogos, fazeres e reflexões para além da sala de aula

**AUTORIA**

Maria Isabel Andrade de Almeida Santos  
Jaldemir Santana Batista Bezerra

**ISBN**

978-85-8413-730-5  
[doi.org/10.62665/cried-978-85-8413-730-5](https://doi.org/10.62665/cried-978-85-8413-730-5)

**EDITORA CRIAÇÃO | CONSELHO EDITORIAL**

Ana Maria de Menezes  
Christina Bielinski Ramalho  
Fábio Alves dos Santos  
Jodeylson Islony de Lima Sobrinho  
Jorge Carvalho do Nascimento  
José Afonso do Nascimento  
José Eduardo Franco  
José Rodorval Ramalho  
Justino Alves Lima  
Luiz Eduardo Oliveira  
Martin Hadsell do Nascimento  
Rita de Cácia Santos Souza

Maria Isabel Andrade de Almeida Santos  
Jaldemir Santana Batista Bezerra

Sarau Literário:  
diálogos, fazeres e reflexões  
para além da sala de aula



**Criação** Editora  
Aracaju | 2026

Copyright 2026 by  
Maria Isabel Andrade de Almeida Santos  
Jaldemir Santana Batista Bezerra

Grafia atualizada segundo acordo ortográfico  
da Língua Portuguesa, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico  
Adilma Menezes

Capa  
Os autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)  
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

S237s Santos, Maria Isabel Andrade de Almeida; Bezerra, Jaldemir  
Santana Batista  
Sarau Literário: diálogos, fazeres e reflexões para além  
da sala de aula /Maria Isabel Andrade de Almeida  
Santos e Jaldemir Santana Batista Bezerra. - 1. ed. - Aracaju,  
SE : Criação Editora, 2026.  
100p (Ebook pdf)  
Inclui bibliografia.  
ISBN 978-85-8413-730-5

1. Educação. 2. Experiências - Sala de Aula. 3. Literatura. 4.  
Relatos. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

CDD 371.397  
CDU 371.382

#### ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Educação: jogos educativos, teatro, sarau.
2. Educação: atividades literárias.

# DEDICATÓRIA

A Deus, fonte da Vida, pelo dom de existir, pela perseverança que me sustenta, pela determinação que me move e pela busca incessante de compreender quem sou. Por cultivar em mim o Espírito Santo que pulsa a cada amanhecer, renovando minha fé, minha esperança e minha coragem de continuar.

Aos meus pais, que por meio da labuta diária e da doação silenciosa me enraizaram nos valores que promovem a vida, ensinando-me que dignidade e amor se constroem no chão do cotidiano.

Aos meus irmãos, que, mesmo sem saberem, me ensinam pela beleza e pela profundidade de quem são.

À minha família, meu solo e meu horizonte.

Ao meu esposo, Cloves, revelação do amor constante e paciente, meu maior apoiador em todos os momentos. Mesmo quando as tempestades se anunciaram através dos desafios da saúde, ergueu-se como meu porto seguro, lembrando-me que o amor é abrigo e força.

Aos meus filhos, Melissa e Emanuel, sopro do Espírito Santo no território do meu Ser Gente, razão do meu renascer diário e expressão viva da graça que me habita.

Ao meu amigo Maique Batista, presença generosa e companheira de caminhada.

Ao meu orientador, Jaldemir Batista, sinônimo de escuta sensível, motivação e plenitude de um conhecimento que transita entre existência e transcendência.

Aos professores do PROFCIAMB, representados pela professora Rosana Batista, mulher das subjetividades, cuja sensibilidade e inspiração atravessam estas páginas.

Aos meus colegas de turma, companheiros de jornada, partilhas e descobertas.

Aos meus alunos, razão viva do meu fazer docente, e à equipe do CEER e meus colegas professores, com quem construo, cotidianamente, o diálogo entre saberes e a tessitura do conhecimento.

Com gratidão profunda, dedico este trabalho a todos vocês, que são parte da minha travessia.

# PREFÁCIO

É uma satisfação inenarrável escrever o prefácio desta obra que emerge da interseção entre a literatura e a filosofia do ser entrelaçada nas questões ambientais e o pulsar da vida cotidiana nos embalos das casas de farinha do município de São Domingos - SE.

Os autores, Maria Isabel e Jaldemir Bezerra, convidam-nos a refletir sobre uma educação que ultrapassa os limites físicos da escola e se constrói no diálogo constante com o meio social, cultural e ambiental. Ao aproximar o fazer da sala de aula do cotidiano (aqui simbolizado pelo contato com os trabalhadores das casas de farinha), a obra evidencia que a aprendizagem ganha sentido quando se ancora na vida concreta, nas histórias locais e nos saberes partilhados pela comunidade. Esse pensar converge com as ideias de Paulo Freire ao enfatizar que a educação ganha sentido quando dialoga com a experiência vivida, pois o contato com a realidade oportuniza o despertar da consciência crítica e do vínculo com o lugar que se habita.

A literatura, nestes escritos, assume um papel central para a compreensão de questões socioeconômicas, sociopolíticas, socioambientais e socioculturais. À luz do pensamento de Henrique Leff, as questões ambientais exigem uma compreensão que vai além do uso utilitário da natureza, reconhecendo o ambiente como espaço de vida, cultura e sentido. Nessa perspectiva, a leitura assume um papel formador ao despertar um olhar

sensível sobre o entorno, permitindo que o sujeito perceba as relações profundas entre sociedade, natureza e identidade. Quando o leitor se abre ao diálogo com o território e com as narrativas que o atravessam, ele também se reconecta às suas raízes e à memória de seus antepassados, compreendendo que o cuidado com o ambiente é, ao mesmo tempo, cuidado com a própria história.

As páginas, que se seguem, vêm mostrando como o ato de aprender pode emergir do diálogo entre teoria e experiência ao aproximar os estudantes da rede estadual de seu contexto de vida. Nessa perspectiva, o Sarau Literário e a **Ação Pedagógica** configuraram-se como espaços privilegiados da interdisciplinaridade, pois, reúnem **múltiplas linguagens, experiências e olhares sobre a realidade** como nos lembra Ivani Fazenda. A troca de saberes entre professores, estudantes e comunidade potencializou o fazer pedagógico rompendo com práticas fragmentadas e descontextualizadas em prol de conexões significativas entre teoria e vida.

Ao destacar abordagens teóricas, metodológicas e vivenciais, o livro inspira educadores a reconhecerem que aprender é também sentir, interpretar, criar e pertencer. Desenvolver essa sensibilidade socioambiental à luz do pensamento de Frederico Loureiro, é compreender que coexistir implica respeito às dinâmicas da natureza, valorização dos saberes locais e responsabilidade coletiva pelo cuidado com o meio. É construir uma consciência socioambiental que reconhece a inseparabilidade entre ser humano, cultura e natureza. Em tempos que exigem uma educação contextualizada, crítica e sensível, as práticas aqui apresentadas revelam caminhos possíveis para uma aprendizagem significativa.

A obra está organizada em quatro capítulos. O primeiro intitulado de *“Dimensões Simbólicas do Cotidiano: Um Percurso Etnográfico”* revela uma narrativa de memória e formação em que infância, território, trabalho e leitura se entrelaçam na

construção de uma identidade docente e humana. Ao revisitar a casa de farinha, a roça, a mangueira e as vivências familiares, o texto mostra como os saberes tradicionais, o trabalho coletivo, os vínculos afetivos e o contato com a natureza atuaram como espaços formativos tão potentes quanto a escola. Evidencia também um percurso de superação, no qual a leitura e a educação se tornam caminhos de emancipação e ressignificação da dor, especialmente, diante da perda do pai. Assim, o relato demonstra que pertencimento, cultura e memória não são apenas lembranças, mas fundamentos que moldam valores, sonhos e projetos de vida, transformando experiências simples em alicerces de uma docência sensível, crítica e comprometida com a vida e com o território.

O segundo intitulado como *“O diálogo entre saberes: uma via de transformação de realidades”* vem mostrando uma experiência de educação ambiental e literária que articula escola, território e comunidade, mostrando como o conhecimento pode ser construído de forma contextualizada e transformadora. A visita à casa de farinha e a discussão sobre o manejo da manipueira revelam o diálogo entre saberes científicos e saberes tradicionais, valorizando práticas locais de cuidado com o meio ambiente. Ao integrar literatura, interdisciplinaridade e vivências concretas, a pesquisa desenvolvida promoveu sensibilização socioambiental, sentimento de pertencimento e consciência crítica nos estudantes, que passaram a reconhecer o trabalho das comunidades rurais, seus modos de vida e suas responsabilidades ambientais. As produções dos estudantes demonstram que a aprendizagem extrapolou o conteúdo escolar, tornando-se experiência formativa, emancipatória e coletiva, na qual teoria e prática se unem para formar sujeitos mais conscientes de seu papel social e ambiental.

O terceiro intitulado como *“A importância do trabalho Pedagógico centrado na Leitura-Desdobramentos e Reflexões”* mos-

tra que a leitura literária, quando articulada à realidade vivida dos estudantes, torna-se um caminho de encontro com a própria vida, com a identidade e com o mundo social em que se está inserido. Ao conectar obras literárias às experiências locais (como a dinâmica das casas de farinha e as condições de vida no sertão), o texto evidencia que ler não é apenas decodificar palavras, mas interpretar os signos do mundo, desenvolver sensibilidade, consciência crítica e sentimento de pertencimento.

No quarto intitulado como “*Os Preparativos para o Sarau Literário: “A arte que Movimenta a vida”*” vem evidenciando que o Sarau Literário, organizado de forma planejada e articulado à leitura de obras significativas, tornou-se uma estratégia pedagógica transformadora, capaz de envolver os estudantes ativamente na construção do conhecimento e no desenvolvimento pessoal. Ao conectar literatura, realidade local e vivências dos estudantes (especialmente ligadas ao trabalho no campo e às casas de farinha), a proposta promoveu protagonismo estudantil, diálogo entre saberes, sensibilidade social e reflexão crítica. Os depoimentos revelam superação de medos, fortalecimento da comunicação, ampliação da visão de mundo, valorização das origens e desenvolvimento de empatia e consciência social.

A tessitura materializada nesta obra afirma que ler, é também, interpretar o mundo, reconhecer desigualdades, valorizar identidades e fortalecer vínculos com as próprias raízes culturais. Esse movimento me reportou a uma lembrança do passado quando a autora/professora Maria Isabel estava iniciando o mestrado. No início insegura, por adentrar em espaço interdisciplinar com o propósito de trilhar uma jornada de descobertas.

Lembra-nos Edgar Morin que a reforma do pensamento é algo necessário para sair de uma visão fragmentada do conhecimento para uma compreensão que articule as partes ao todo. Isso não é fácil! Esse percurso exige abertura intelectual, dispo-

sição para o diálogo entre áreas e a superação de fronteiras disciplinares que, muitas vezes, limitam a compreensão da realidade. No entanto, a autora/professora se desafiou e seus registros aqui nesta obra denotam um lindo desabrochar.

Logo, estes escritos **não são** apenas um registro de atividades pedagógicas, mas um testemunho de uma educação que acredita na potência do diálogo entre escola e mundo. Que este prefácio seja um convite à leitura atenta das experiências aqui reunidas e, sobretudo, à construção de fazeres educativos que reconheçam o estudante como sujeito de sua própria formação.

### **Maique dos Santos Bezerra Batista**

*Doutor em Ciência da Propriedade Intelectual - PPGPI/UFS*

*Docente do Programa de Pós-Graduação em Mestrado*

*Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências*

*Ambientais - PROFCIAMB/UFS*

# APRESENTAÇÃO

O livro “*Sarau Literário: diálogos, fazeres e reflexões para além da Sala de Aula*” tem como objetivo salientar o quão é transformador o poder da leitura. Esta obra é um dos Produtos educacionais desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Mestrado profissional em rede nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB), vinculado a Universidade Federal de Sergipe (UFS), localizada em São Cristóvão, como resultado da dissertação da discente Maria Isabel Andrade de Almeida Santos orientada pelo professor doutor Jaldemir Santana Batista Bezerra, para obtenção do título de Mestra em Ensino das Ciências Ambientais. O projeto de pesquisa obteve aprovação do comitê de ética CEP/UFS sob o número 7.936.684, no dia 30 de outubro de 2025.

Busca evidenciar também não só a importância de se trabalhar em conexão com o meio físico e social (neste caso, o contato com os trabalhadores da casa de farinha), com foco na leitura em sala de aula, mostrando como o diálogo com a literatura potencializa a reflexão sobre questões de cunho socioeconômico e sociopolítico. Além disso, a Literatura se mostrou um potencial pedagógico para promover a reflexão acerca das questões ambientais e socioculturais, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com o meio e suas raízes culturais.

O Sarau Literário, evento que inspirou esta obra, promoveu um espaço de diálogo interdisciplinar, onde professores de dife-

rentes áreas do conhecimento se uniram para criar um encontro entre literatura, comunidade e meio ambiente. Essa interface permitiu que as reflexões ultrapassassem as paredes da sala de aula, conectando a realidade local (como a dinâmica das casas de farinha em São Domingos/SE) à sistematização escolar e à Literatura Brasileira Regionalista.

Ao aproximar os alunos do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro à sua realidade e à literatura, o projeto mostrou como a construção do conhecimento se dá de forma integrada, reconhecendo que os tempos atuais exigem uma abordagem mais ampla e contextualizada. Como resultado, os alunos desenvolveram um olhar mais crítico e sensível para o cuidado consigo, com o ambiente e com o cosmo. O livro apresenta abordagens teóricas e metodológicas que destacam a interação com o meio e o uso de metodologias ativas, como:

- Visita técnica à casa de farinha do povoado Mulungu que resultou na construção de um mural de poesia elaborado pelos alunos depois de uma discussão em roda de conversa. Fruto da conexão dialógica entre a realidade dos trabalhadores da casa de farinha e a análise do poema de João Cabral de Melo Neto *“Tecendo Amanhã”*.
- Seminários e mesas redondas: “lugar de encontrar-se com a vida”, “de interpretar os signos do mundo”, espaços de diálogo e compartilhamento de reflexões sobre as leituras e temas de cunho socioculturais, econômicos, políticos e socioambientais que entrelaçam as relações de existências seja do homem sertanejo ou das comunidades rurais.
- Roteiros teatrais e apresentações: alunos elaboraram e apresentaram produções artísticas que conectaram literatura e questões do meio ambiente e comunidade. Neste espaço, os alunos mostraram seu desenvolvimento de

forma integral como preconiza a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Aqui, eles expressaram seus sentimentos e emoções. Lugar da catarse (dançaram, dramatizaram e declamaram poemas tanto de suas próprias autorias, quanto de renomados poetas e poetisas).

- Construção de cenários: os alunos participaram ativamente da criação de cenários para suas apresentações, integrando os fazeres e saberes pedagógicos que envolveram as relações de aprendizagem eficientes e eficazes, já que participaram ativamente desse processo.

Foi elaborado levando em consideração a proposta metodológica qualitativa, centrada na pedagogia de problematização para promover aprendizagem significativa e para incentivar a reflexão crítica sobre a realidade local. As atividades pedagógicas desenvolvidas, como mesa redonda, dramatizações e declamação de poemas, apresentações de monólogos contribuíram para o desenvolvimento de competências e habilidades que dialogam com uma educação centrada no protagonismo estudantil e para a formação de uma sensibilização ambiental e cultural nos estudantes.

No corpo do livro ficou evidente o quanto a interação com o meio físico e social revelou a criatividade dos participantes, resultando em relatos que refletiram na transformação de comportamentos e no senso crítico diante da realidade. Os objetivos específicos propostos foram alcançados, mostrando que o diálogo entre os saberes e sua conexão com a Literatura pode inspirar os alunos a refletirem sobre sua relação com o meio ambiente e a se perceberem como parte integrante do cosmo.

Além disso, a experiência demonstrou que o processo de ensino-aprendizagem se dá de forma significativa quando há diálogo entre os saberes. A conexão entre a realidade da casa de farinha e os textos literários se mostraram capazes de inspirar os

estudantes a se tornarem agentes transformadores de sua realidade, contribuindo para a transformação de seus territórios de vida e imaginários sociais.

Ao reconhecer que esse é o caminho para a construção do ser autopoietico, lançamos mãos de estratégias que se dão em três momentos. No primeiro, buscando uma conexão entre os imaginários sociais dos trabalhadores da casa de farinha e o ensino de Literatura, aproveitamos o ensejo para falar sobre a produção de farinha e sua relação como o poema de João Cabral de Melo Neto "*Tecendo a manhã*". Seguindo o planejamento, buscamos avaliar as obras de nossa Literatura Regionalista que dizem da realidade do homem sertanejo e de sua luta pela sobrevivência, como é retratado em "*Vidas Secas*" de Graciliano Ramos, em "*O Quinze*" de Rachel de Queiroz, em "*Os Corumbas*" de Amando Fontes e em poemas de João Cabral de Melo Neto, entre outras. Essas obras são fundamentais para abordar temas socioambientais e culturais, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e sensíveis às causas ambientais.

No segundo momento, com o objetivo de trazer os alunos para o centro do processo de ensino-aprendizagem, solicitamos que os alunos se organizassem em círculo, buscando envolvê-los por meio da recitação do poema de Carlos Drummond de Andrade "*No meio do Caminho*". Depois disso, seguimos com a discussão em roda de conversa para que houvesse uma melhor interação entre eles e para que os objetivos daquele momento fossem alcançados.

Ao relacionarmos as pedras do meio do caminho com as dificuldades encontradas seja no ambiente escolar ou na realidade cotidiana, tendo em vista que muitos são filhos de agricultores que têm que sair de casa às 04h da manhã para descascar mandioca. Em seguida, apresentamos slides relacionando-os aos aspectos socioculturais e socioambientais e, por fim, apresentamos as obras escolhidas.

No último momento, após a leitura, organizamos rodas de conversa para trocas de experiências e para verificar se os objetivos foram alcançados. Aqui, os alunos mostraram que aprendem e apreendem participando ativamente por meio de teorização, de apresentações de seminários, mesas redondas, elaboração relatórios e construção de conhecimento por meio de elaboração de poesia. Essas atividades promovem reflexão crítica e a formação de uma consciência ambiental e cultural nos estudantes. Por isso, espero que o livro *“Sarau Literário: diálogos, fazeres e reflexões para além da Sala de Aula”* inspire metodologias de ensino inovadoras e eficazes, capazes de fomentar uma relação transdisciplinar entre o ser humano e seu ambiente/lugar/território.



**Maria Isabel Andrade de Almeida Santos**

*Discente de mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB/UFS.*

# SUMÁRIO

	PREFÁCIO	7
	APRESENTAÇÃO	12
	<b>CAPÍTULO I</b>	<b>19</b>
	Dimensões Simbólicas do Cotidiano: Um Percorso Etnográfico	19
Eucasafarinha, Euleitura, Euprofessoradeliteratura		20
Ritmos, Ritos e Raízes: Entre os Imaginários da Sustentabilidade e as Contradições Culturais na Casa de Farinha		36
	<b>CAPÍTULO II</b>	<b>42</b>
	O diálogo entre saberes: uma via de transformação de realidades	42
Vozes que Amanhecem: A Metáfora do Galo em “Tecendo a Manhã”		45

	<b>CAPÍTULO III</b>	<b>62</b>
A importância do trabalho Pedagógico centrado na Leitura - Desdobramentos e Reflexões		<b>62</b>
Leitura: lugar do encontrar-se com a vida - uma realidade experienciada no lugar de encontros		<b>63</b>
Metamorfose e Autopoiese: consequências de um trabalho voltado para o protagonismo estudantil		<b>66</b>
Literatura Regionalista: uma abordagem transdisciplinar para reflexão das questões socioculturais, econômicas e socioambientais reveladoras da identidade		<b>73</b>
	<b>CAPÍTULO IV</b>	<b>77</b>
Os Preparativos para o Sarau Literário: “A arte que Movimenta a vida”		<b>77</b>
Aprendizados e Reflexões durante e Pós-realização do Sarau Literário		<b>81</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>98</b>

# CAPÍTULO I

## Dimensões Simbólicas do Cotidiano: Um Percurso Etnográfico



## EUCASAFARINHA, EULEITURA, EUPROFESSORADELITERATURA

**P**elos idos de minha tenra infância, lembro-me de meu pai, todas as manhãs, chamando-nos — a mim e aos meus irmãos — para juntos, tecermos a teia da vida, ajudando nos trabalhos e nas atividades manuais da feitura da farinha de mandioca.

Tudo começava na roça, que não ficava aos arredores de nossa casa. Localizava-se no povoado Periperi, no município de São Domingos/SE, onde o vento, os pássaros e as árvores frutíferas — jaqueiras, coqueiros e pés de dicuri — dividiam espaço com o plantio da mandioca. A ida até lá configurava-se como um momento de descontração: às vezes íamos de carroça; outras, sobre o lombo de um cavalo. Tudo era muito divertido.

No caminho, os galopes nos levavam às alturas. Parecia que éramos personagens de “Peter Pan”. Respirávamos aventura, inalávamos o ar puro, vislumbrávamos o verde da estrada entre subidas e descidas que precisávamos atravessar até chegar ao tão esperado destino: a malhada do Periperi.

Ao chegarmos, meu pai nos convidava a encher os cestos de mandioca e colocá-los na carroça de burro. Antes, porém, havia o momento do descanso à sombra da jaqueira. Aquela árvore frondosa parecia nos acariciar com seus galhos que quase tocavam o chão, convidando-nos a subir em seu tronco e nos perder entre suas folhagens verdes.

De repente, a voz de meu pai ecoava. Era o chamado para o retorno. O sol já não estava ameno. O calor e a poeira da estrada acompanhavam os passos firmes e a voz imponente de meu pai, que guiava o burro esforçado a transportar toda aquela carga. Ainda assim, ele parecia disposto a enfrentar a longa estrada en-

trecortada por roças paralelas à rodagem de barro avermelhado. Enquanto isso, divertíamos-nos sobre a carroça cheia de mandioca. Tudo era motivo de alegria: o vai-e-vem nos buracos da estrada, as apostas entre meus irmãos sobre se o burro conseguiria subir a ladeira da Taboca ou se precisaríamos descer. Era uma festa.

Por vezes, ouvíamos o estalar da correia de couro no lombo do animal. As mãos de meu pai, marcadas pelo sol e pelo trabalho duro, seguravam aquele instrumento disciplinador. O pobre burro, entre gritos e estalos, parecia reunir forças para continuar a sofrida caminhada. Para nós, era apenas diversão.

Hoje, revisitando essa memória, percebo nossa ingenuidade. Ríamos do galope cansado, do ranger da carroça, dos gritos de meu pai apressando os passos do animal. Do alto da carroça, contemplávamos as áreas verdes que se aproximavam da casa de farinha. A chegada estava próxima.

A subida íngreme. O esforço do burro. A voz tensa de meu pai ecoando. Era como se temesse que o animal não concentrasse forças suficientes para vencer aquela derradeira ladeira antes do destino: a casa de farinha — lugar do meu outrora, de meu primeiro aconchego, de minha tenra realização.

Enfim, a chegada. Para o burro, alívio. Para meus irmãos, desencanto: descer da carroça significava colocar as mãos na massa. Descarregar a mandioca. Prepará-la para sua transformação. Para mim, porém, começava o segundo momento da festa. Depois de armazenadas próximas à porta de entrada — ao lado do banco do motor que as ralaria, em frente ao forno de barro que as transformaria em alimento — as mandiocas tornavam-se minhas companheiras. Testemunhas íntimas de meus desejos.

As memórias permanecem vívidas: o raspar das facas, o carregar dos cestos, a massa escorrendo para a prensa manual. Do lado de fora, voltado para o sol poente, meu pai preparava a lenha que aqueceria o forno.

Eu observava tudo: cada pedaço de pau seco sendo colocado no orifício do forno; a fumaça que surgia de súbito; a chama avermelhada que ganhava vida. O forno à lenha transformava a massa fria em farinha quentinha. À medida que o sol batia na parede de tijolos, tudo reluzia. Um artesanato sagrado se realizava diante de meus olhos.

Esses espaços permanecem vivos em minhas memórias afetivas. Como afirma Yi-Fu Tuan (1977), tornam-se lugares quando as experiências e os valores lhes atribuem significado. A intimidade desses ambientes fez com que minha infância ganhasse cor e permanência. Mas o que mais me entusiasmava era a chegada da carroçada de mandioca, pois reacendia em mim o desejo de vestir-me de professora.

Quase sempre às segundas-feiras à tarde, a casa de farinha transformava-se em minha sala de aula. Estudava pela manhã; à tarde, ensinava às mandiocas. Trazia, às vezes, pedaços de giz – por vezes informando à diretora que eram sobras destinadas ao lixo. Em casa, aprendera que nada se pega do que não é seu, nem mesmo restos. Ainda assim, aquele giz tinha valor inenarrável. Eu o carregava como um troféu.

Mal via a hora de chegar para senti-lo em minhas mãos e vê-lo transformar-se em letras nas paredes rebocadas da casa de farinha. O carvão e o giz logo se desfaziam, mas minha alegria em repetir as lições da professora Aparecida era imensa. Lecionava para as mandiocas. Sim! Para as mandiocas!!! Elas foram testemunhas oculares de um sonho que floresceu.

Meu pai talvez nunca tenha imaginado que aquela menina, aquela casa de farinha e aquelas mandiocas fossem metáforas de uma realidade em transformação. Que aquele chão seria extensão de uma sala de aula. Que um dia essas memórias saltariam da vida para a escrita.

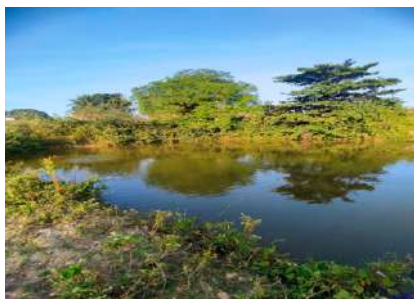
Como as borboletas, que atravessam a metamorfose para garantir a sobrevivência (Almeida, 2012), aquela menina – filha de

pais analfabetos — transformou-se em professora. Hoje, está em uma Universidade Pública Federal, defendendo seu mestrado.

A casa de farinha foi também espaço de escuta. Recordo-me de dona Conceição, pedindo cuidado com a faca. Ouço ainda as conversas das raspadeiras enquanto a mandioca se transformava em massa, depois em farinha. Tudo era artesanal. Tudo me encantava. O espaço ao redor do forno era meu lugar de contemplação. Como as laterais ficavam a quase um metro do chão, eu me sentia nas alturas de minha realização.

Nosso amanhecer começava ali. A casa de farinha era lugar de sonhos. Pequena, mas aconchegante, abrigava o motor, a prensa, o forno, a peneira — instrumentos de transformação. À frente, a estrada que levava a São Domingos; à esquerda, a de Campo do Brito. Ao lado, nossa casa. Entre elas, o quintal das galinhas que anunciavam o amanhecer. À direita, o riacho de água minante, cercado por bananeiras, goiabeiras, pitombeiras e bambus. Para minha imensa alegria, esse espaço, apesar das mudanças, ainda jorra vida. Como se pode constatar por meio das fotos.

**Imagem 01:** Registros do Espaço onde minha infância se fazia abundante



**Fonte:** autoria própria, 2025.

Aquele minante corria em direção a um lago que ficava a poucos metros da nascente. Suas águas eram tão límpidas que podíamos ver nosso próprio reflexo. Convidavam-nos ao mergu-

lho. Sentíamos tão límpida, pura e fria que lavava não apenas o corpo, mas também a alma. Saíamos dali energizados. Era uma festa – embora breve.

Logo, meu pai nos chamava para a lida na casa de farinha: uns colocavam a mandioca para ralar; outros buscavam lenha para acender o fogo do forno que a torraria. Enquanto realizávamos essa dinâmica, as mulheres raspavam a mandioca, imprimindo celeridade ao processo.

Geograficamente, a casa de farinha localizava-se na Gameleira, povoado do município de Campo do Brito/SE, situado a aproximadamente 10 km da sede. Destacava-se pela tranquilidade e pelo ambiente rural típico do interior sergipano. A região era marcada por paisagens naturais em que a vegetação da caatinga se mesclava às áreas de cultivo agrícola – sobretudo, à cultura de subsistência: feijão, milho, amendoim e, é claro, a maniva que dá origem à mandioca.

Essa cultura atravessara gerações. Ir à roça com nosso pai significava participar de algo muito maior do que o simples trabalho agrícola: era integrar-se a um modo de vida. O mundo inteiro parecia caber naquele pequeno espaço onde se alicerçava, silenciosamente, a construção de nossas existências.

Hoje compreendo que aquela formação se dava no contato com uma natureza ainda não capturada pela tecnização de que nos fala Milton Santos (1994). Ali, o tempo obedecia ao ritmo da terra, da colheita e do forno aceso. Aos olhos de meu pai – ainda que ele jamais tivesse nomeado conceitos – cultura era aquilo que se transmitia no gesto, na repetição, no exemplo. Territorialidade era pertencimento vivido.

Seus ensinamentos, vindos de um homem que nunca frequentara os bancos escolares, dialogam, hoje percebo, com o que afirma Zygmunt Bauman (2012) ao reconhecer que a cultura se constitui no encontro entre o humano e o mundo que o circun-

da. Na casa de farinha, esse encontro se materializava na práxis: mãos que raspavam, corpos que carregavam, vozes que ensinavam, olhares que aprendiam.

Assim, aquilo que na infância se apresentava como rotina revela-se, na maturidade reflexiva, como prática cultural estruturante, na qual trabalho, território e afetividade se entrelaçam na constituição de minha identidade docente. O que antes era apenas vivência cotidiana – carregar cestos, observar o forno, escrever com carvão nas paredes – transforma-se, à luz da reflexão, em fundamento de minha formação humana e profissional.

Compreendo, agora, que aquele espaço não era somente lugar de produção de alimento, mas território formativo, onde saberes tradicionais e experiências sensíveis se inscreviam em meu corpo e em minha memória. A casa de farinha configurava-se como extensão da sala de aula e, simultaneamente, como chão primeiro de minha aprendizagem sobre responsabilidade, coletividade, resistência e dignidade do trabalho.

Foi nesse entrelaçamento de fazeres e afetos que se delineou minha identidade: uma professora que reconhece no saber popular não um conhecimento menor, mas uma epistemologia viva, forjada no cotidiano e transmitida na partilha. O que ali se produzia não era apenas farinha – era cultura, era pertencimento, era projeto de vida.

Hoje percebo que minha docência carrega o cheiro da lenha acesa, o calor do forno e a memória das mãos calejadas de meu pai. Ensinar – construir conhecimento – para mim, tornou-se continuidade daquele gesto primeiro: transformar matéria em alimento, experiência em conhecimento, memória em permanência que sobreveio de uma determinação determinada.

**Imagem 02:** Foto do meu pai

Fonte: autoria própria, 2025.

A feitura da farinha se dava sob a coordenação de meu pai e dos trabalhadores que o auxiliavam em todo o processo artesanal. Esse conhecimento, considerado por Almeida (2010) como tradicional, apesar de muitas vezes visto como inferior, mantém-se funcional às populações humanas, pois se ancora nos saberes transmitidos por gerações passadas. Contudo, ainda segundo a autora, o ponto de maturidade e de diálogo que impulsiona a transformação social – seja por meio da ciência, seja pelo conhecimento tradicional – reside na compreensão de que ambos partem de lugares distintos, mas se entrelaçam em um mesmo propósito: servir àqueles que deles necessitam.

Meu pai não era alfabetizado, mas sua sabedoria transcendia o universo letrado. Lembro-me com nitidez de quando pedia minha ajuda para peneirar a farinha recém-saída do forno, numa época em que a tecnologia ainda não alcançara o campo. Essa memória permanece latente em meu ser, pois aquela ação não se configurava apenas como trabalho, mas como um mo-

vimento de transformação em mão dupla: a mandioca, há pouco retirada do solo, tornava-se alimento e sustento de minha família e de tantas outras que trabalhavam na casa de farinha artesanal de meu pai.

Após o processo, a farinha era ensacada e levada para comercialização na feira de Itabaiana — a cerca de 23 km — e também na capital do estado, Aracaju, a pouco mais de 80 km de distância. A produção artesanal atravessava estradas e territórios, conectando o local ao urbano, o tradicional ao mercado.

Foi nesse cenário que cresci.

Além da casa de farinha, elegi outro lugar preferido para minhas leituras: a mangueira que ainda hoje permanece no mesmo lugar — agora robusta, adulta, assim como a garota que fazia de seus galhos espaço de reinvenção. Como afirma Cecília Meireles, “a vida só é possível reinventada”. Mesmo sem saber, ao subir naquela mangueira, parecia transcender os obstáculos que ainda viriam: a partida de meu pai e as vozes que insistiam em afirmar que filho órfão deveria trabalhar para ajudar nas despesas.

Não me intimidei. Não permiti que aquelas vozes me roubassem de mim mesma. Ao subir na mangueira, adentrava seu universo acolhedor. Sentia-me abraçada. Éramos íntimas. Amicíssimas!! Ali, em meio às folhagens, estudava, refletia e aprendia a discernir as vozes externas das convicções internas. Ali se fortalecia o meu ser cultural, como nos provoca pensar Enrique Leff (2016), ao tratar da constituição identitária no entrelaçamento entre sujeito e território.

Era também ali que imaginava ouvir a voz de meu pai dizendo: “Estude para ser gente.” Ser Gente — com letra maiúscula. Esse ideal simbólico tornou-se meu Norte.

Meu pai, homem de aproximadamente 1,80m, pele morena, cabelos castanhos e olhar decidido, foi pai de doze filhos — oito do primeiro casamento e quatro com minha mãe. Trabalhador,

honesto, hospitaleiro, acolhedor. Nossa casa parecia uma pensão. Às quartas-feiras, ele ia a Itabaiana comprar peixe, charque, feto de boi e outros mantimentos para alimentar pessoas vindas de Lagarto/SE – eram pedintes –. Muitos dormiam na casa de farinha; Dudu, uma menina mais ou menos de minha idade, dormia na mesma cama que eu.

Ele me ensinou que não se deve fazer acepção de pessoas e que o amanhã é sempre mistério. Por isso, dizia, devemos ser Gente que cuida de gente. Chamavam-no Jovino do Taboca. Sua humanidade é, para mim, o retrato da transcendência que faz o bem sem esperar retorno. Vivi ao seu lado apenas quatorze anos – mas foram suficientes para que as sementes lançadas em meu coração criassem raízes profundas e se tornassem árvores frondosas.

Sua voz ainda ressoa em minhas memórias. Como sugere Carlos Drummond de Andrade, não pretendo “cantar um mundo caduco, nem um futuro”, mas reiterar o quanto recordar esse tempo é essencial à construção de meu edifício humano.

Ele partiu em uma manhã de sábado.

Parafraçando Drummond, “no meio do caminho tinha uma pedra”. E as pedras vieram: sua voz silenciou, o amanhecer perdeu o brilho, os galos já não teciam a manhã como antes. A dor e a saudade habitaram o edifício do meu coração.

Mas, no fundo, uma esperança me impulsionava: olhar para o alto e buscar forças dentro de mim. Sua voz ecoava: “Nasceu para ser Gente.” Para isso, eu precisaria resignificar a dor. Mais uma vez, Cecília Meireles me acompanhava: “Mas a vida, a vida, a vida só é possível reinventada.” Esse ressoar insistente me ensinou que os desafios não anulam o recomeço; antes, o tornam necessário.

Após sua travessia, subir na mangueira e estudar tornou-se meu ato de resistência. O futuro parecia perigoso – como afirma

João Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*: “Viver é perigoso.” Ainda assim, contemplar a paisagem do alto da mangueira libertava-me das algemas da perda, libertava-me de toda peia.

Naquela manhã meio cinza de 15 de dezembro – o dia de sua eternidade – compreendi que ser Gente é aprender a atravessar a noite escura e reconhecer que a vida renasce nas manhãs que insistem em chegar, iluminadas pelo nascer e renascer do Sol, embaladas por sua voz silenciosa e insistente “acorda para ser Gente!”

**Imagem 03:** Revivendo minhas memórias



Fonte: autoria própria, 2025.

Apesar da ausência física de quem me protegia, de quem me fazia mergulhar para águas mais profundas, a sua voz se transfigurava à época e se transfigura em meus dias em força e alento. Hoje, percebo o quanto sua travessia se presentifica por meio do mergulhar dentro de meu ser cultural e me faz enxergar que a presença física é a mais insignificante das presenças, pois todos os valores que me ensinou representam a abundância e a plenitude da existência humana que se realizam em mim em cada amanhecer.

Por isso, os versos de Drummond, mais uma vez, por meio de seu eu lírico ratificam que devo seguir “de mãos dadas com

o tempo presente e a vida presente”, buscando nas lembranças afetivas todas as experiências que me impulsionam para viver a plenitude que outrora recebera da vida simples e abundante, pois sua ausência tornou-se permanência em forma de princípio, de ética, de direção.

### Euprofessoradeliteratura: entrelinhas da subjetividade



Fonte: autoria própria, 2025

Esses registros evidenciam a paixão pelo fazer pedagógico que transborda as paredes da sala de aula e vai ao encontro do poder transformador da leitura, contribuindo para que professores e alunos se unam, se compreendam e se encantem com o universo sensível da arte.

Isso porque a educação é espaço — ambiente, lugar — de transformação. Entre o objetivo, o subjetivo e o abstrato, o delinear da vida acontece por meio da leitura de mundos, a começar pelo nosso próprio mundo interior. Ler é, antes de tudo, reconhecer-se. Encontrar-se.

Segue, portanto, o poema de minha autoria, “*Euprofessora deliteratura*”, escrito para a abertura do Sarau Literário “*A arte que movimenta a vida*” — expressão viva de uma docência que pulsa para além dos conteúdos e se realiza no encontro. Diante dessas memórias, parafraseio Padre Antônio Vieira ao afirmar que o tempo é senhor da vida: tudo cura, tudo suporta, tudo destrói e tudo realiza. De fato, ele tinha razão.

O tempo, em minha trajetória, tornou-se atemporal. Lá na infância, a mangueira, o ambiente natural, o canto dos pássaros, a brisa leve, a voz de minha mãe a me chamar — tudo, absolutamente tudo, convergiu para que, após tantos janeiros, eu estivesse aqui, sendo ruptura e continuidade. Ruptura de expectativas que tentaram limitar meus horizontes. Continuidade dos valores que me formaram.

Hoje, sou professora de Língua Portuguesa apaixonada por meu ofício. Uma docência que transborda subjetividades e territorialidades de um tempo que não passou — apenas se eternizou nas entrelinhas do meu ser. Ensinar literatura, para mim, é conectar saberes, é prolongar a mangueira, é reacender o forno da casa de farinha, é fazer da palavra alimento que alimenta a alma e, como o forno, aquecer e iluminar e apontar caminhos. Eis o movimentar a vida pela arte. Segue poema revelador desse caminhar.

## CORDEL LITERÁRIO

Estudante caminheiro,  
o caminho se faz caminhando  
Estudar em meio a esse mundão  
Estudar em meio a esse sertão  
Não é tarefa fácil não.

Mas, ouvi dizer que a leitura  
**É o meio pelo qual se interpreta**  
Os Signos do mundo!  
E que no sertão, a leitura  
**É caminho para redenção.**

Estudante caminheiro,  
o caminho se faz caminhando  
Deixe agora que lhe diga  
Que a leitura é o meio  
Para se transformar a vida.

Vamos gritar aos quatro ventos:  
Que a leitura lida  
Traz sentimento, emoção  
E ressuscita a vida...

Estudante caminheiro,  
o caminho se faz caminhando  
A leitura lida  
Transforma ambientes  
Molda espaços  
E dá brilho à vida.

Estudante caminheiro,  
o caminho se faz caminhando  
Seja no sertão ou na cidade  
Mas, como a arte é espetáculo vivo da vida  
Viva o Sarau Literário!  
Lugar da arte e de revelação da vida...

Fonte: autoria própria, 2025

Esses versos reverberam o quanto a leitura transformou meu ser professora, meu ser pessoa humana. Deixe-me ser – inteira, atravessada pelas palavras que me constituíram. Todos os momentos que mantenho vivos em minha memória são sementes lançadas no terreno fértil de minha infância e adolescência, cultivadas por meio das leituras realizadas e do contato sensível com o meio físico que me cercava.

Ler não foi apenas decifrar códigos; foi aprender a interpretar o mundo, a mim mesma e as relações que me atravessavam. Por isso, acredito em um fazer pedagógico que valoriza a leitura, a produção, a expressão e o diálogo com o meio físico e social. O transitar por essas realidades produz sensações, desperta significados e constrói pertencimentos que se eternizam na existência.

**É nesse movimento – entre palavra e mundo, entre experiência e reflexão – que a educação cumpre sua função maior: formar sujeitos capazes de ler a vida e, sobretudo, de reescrevê-la** por meio das experiências entrelaçadas e atravessadas pelos encontros, desencontros, certezas e incertezas.

Para Bartoly (2012), transitar entre o objetivo – a mangueira e o ambiente natural –, o subjetivo – as sensações, memórias e lembranças vinculadas ao espaço geográfico – e o abstrato – os significados atribuídos ao lugar – contribui para que o sujeito organize e ressignifique sua experiência espacial.

Assim se deu comigo. Minha infância estruturou-se nessa perspectiva geográfica em que o ambiente físico e material coexistia com memórias afetivas e subjetividades inscritas no tempo. As cartografias da geografia humanística e da geografia crítica entrelaçaram-se em minha trajetória e, em mim, eternizam-se na localização simbólica de minhas territorialidades.

Aquela menina que ensinava mandiocas, estudava no alto da mangueira e era filha de pais não alfabetizados não se deixou abater pelas vozes que insistiam em dizer que filhos de pais não

letrados deveriam apenas casar, cuidar da casa e ter filhos.

Pois bem... casei, tive filhos, estudei — e aqui estou: fruto da quebra de um paradigma familiar.

Deixei-me ser.

Compreendi que a vida, conforme nossas atitudes e decisões, encarrega-se de reorganizar os lugares e reposicionar os sentidos. Não é fácil. Como afirma João Guimarães Rosa, “é preciso ter coragem”. Exige esforço, resiliência, determinação.

E como nos lembra Carlos Drummond de Andrade, em *Receita de Ano Novo*, “é dentro de você que o Ano Novo cochila e espera desde sempre”. Para mim, o Ano Novo se transfigurava diariamente quando, em meio às realidades contraditórias, eu percebia a necessidade de reorganizar os espaços subjetivos do meu lugar e do meu ser.

Todas as vezes que sentia falta de seu aconchego, esse Ano Novo renascia em mim, metaforicamente, por meio de uma lembrança insistente: “Acorda. Levanta para ser Gente.” E assim a vida foi me ensinando a viver — sentindo a ausência de sua presença física, mas experimentando sua sensibilidade, seu amor, sua compaixão e sua solidariedade como forças intrínsecas que habitam meu existir.

Esses valores se transfiguram na mais infinita leveza que inspira paz. Uma paz que não é ausência de problemas, mas presença de sentido. Uma paz que, como o cacto, floresce mesmo diante dos ventos fortes que sopram do Leste. Meu pai me ensinou que, assim como o cacto, devemos crescer para baixo — fortalecer as raízes — para que possamos sustentar o florescer.

A imagem que segue representa meu florescer em meio à dor da ausência. O cacto tornou-se metáfora de minha resistência: firme na aridez, profundo nas raízes, forte porque cresce para baixo antes de se erguer para o alto.

Imagem 04: florescer em meio à dor da ausência



Fonte: autoria própria, 2025.

## RITMOS, RITOS E RAÍZES: ENTRE OS IMAGINÁRIOS DA SUSTENTABILIDADE E AS CONTRADIÇÕES CULTURAIS NA CASA DE FARINHA

**A**ntes que o sol estenda seus raios dourados sobre as estradas de terra empoeirada, ouvem-se os passos firmes e determinados das raspadeiras de mandioca em direção à casa de farinha. Juntas, testemunham o sol nascente que aquece a vida ao mesmo tempo em que faz cair o orvalho – ainda que tímido – nas folhas das árvores daquele espaço onde a tradição ganha voz.

É um lugar de encontro: múltiplos olhares, rostos, idades e histórias que se unem em torno de um mesmo propósito – produzir farinha de mandioca de forma artesanal e com qualidade. Um espaço onde as mãos se entrelaçam e os trabalhadores seguem, simbolicamente, de mãos dadas para tecer o fio da existência que alimenta gerações e nutre esperanças, como sugere Carlos Drummond de Andrade. Ali, tradição e cultura se materializam nos anseios e desejos de uma comunidade que perpetua, no agora da vida, a dinâmica do cuidado e do amor que se fundem nesse fazer cultural.

Tal perspectiva dialoga com Enrique Leff (2016, p. 340), ao afirmar que “[...] os imaginários são mundos de vida produzidos e instaurados pela vida das pessoas em seu ‘fazer-se o mundo’, um mundo a partir de si e para si, anterior à objetivação do mundo [...]”. Na visão de Ana Fani Alessandri Carlos (2017), o lugar constitui o espaço vivido e sentido, palco das experiências cotidianas onde se entrelaçam a produção da vida e da existência humana.

Assim, a casa de farinha configura-se como espaço de suma importância para a comunidade rural. Neste texto, descrevo minha visita a esse lugar e analiso as práticas socioculturais, so-

cioambientais e socioeconômicas que permeiam sua dinâmica produtiva. Busco, ainda, evidenciar como seus sujeitos se habitam aos processos de modernização que, historicamente, tendem a dissolver marcas do ser cultural e de sua ancestralidade. Contudo, também ressalto que, por meio dos processos coletivos e dos imaginários sociais, emergem força, potencialidade e resistência – que brotam da compreensão de seus modos de vida e de sobrevivência – em prol da reconstrução de mundos sustentáveis e de outras formas de ser e estar no mundo.

O processo de arrancar a mandioca exige força, habilidade e paciência. A raiz é retirada com movimentos cuidadosos, revelando seu tesouro oculto na terra quente. As mãos fortes e calejadas dos trabalhadores, que antes da aurora já preparam o fio da vida com resiliência, agarram a terra em busca da raiz preciosa e silenciosa.

Em geral, esse trabalho é realizado pelos homens, enquanto as mulheres aguardam as companheiras do ofício – as mandiocas – para, na casa de farinha, iniciarem o processo de transformação da raiz bruta em alimento que sustenta a comunidade. Ali, desenham, com gestos precisos, a materialização da existência.

A casa de farinha visitada localiza-se na área rural do povoado Mulungu, a cerca de 2 km do município de São Domingos, em Sergipe. Em seus arredores, a plantação de mandioca já havia sido colhida e transformada em farinha. Além do cultivo da raiz, observou-se a criação de gado e a presença de árvores frutíferas – mangueiras, cajueiros e coqueiros – que compõem a paisagem e conferem vitalidade e alegria ao ambiente de trabalho artesanal. O que contribui para tornar o ambiente vivo e alegre. Seguem registros da casa de farinha.

**Imagem 05:** Registros da visita à casa de farinha



**Fonte:** autoria própria, 2025.

O local é simples e acolhedor. Ali, as histórias – sobretudo as das mulheres – entrelaçam-se ao som constante do motor que transforma as mandiocas em massa macia, úmida e amarelada. O que mais enche os olhos é a harmonia entre seres animados e inanimados: as conversas e gargalhadas humanas dialogam com o ruído

das máquinas que ralam a mandioca e com o giro persistente do forno que, teimosamente, não cessa seu movimento. É uma verdadeira fábrica artesanal onde o tecer do fio da vida se materializa no aroma fresco da farinha quentinha que paira no ar.

A casa de farinha configura-se como espaço de encontro e partilha. Ali se fortalecem laços sociais e culturais, enquanto o trabalho se organiza a partir de saberes tradicionais transmitidos entre gerações. A divisão das tarefas evidencia papéis historicamente definidos: os homens se ocupam do plantio, do transporte e da condução das máquinas; às mulheres cabe o ofício de raspar a mandioca, preservando a tradição artesanal, ainda que, muitas vezes, sem plena consciência dos impactos ambientais e das contradições socioeconômicas que atravessam esse fazer.

Os primeiros raios de sol iluminam as trabalhadeiras enquanto se debruçam sobre as raízes organizadas conforme a lógica do estabelecimento. Cada raspadeira recebe sua porção de mandioca. Enquanto descascam, o gado próximo parece pressentir o alimento que virá das raspas frescas. A cena compõe uma paisagem viva, onde natureza e trabalho se interpenetram.

Durante a visita, acompanhamos o processo produtivo — da raspagem à torrefação — e, em diálogo com o proprietário, percebemos como aspectos socioculturais e socioambientais se fazem presentes na prática cotidiana. Apesar das pressões do desenvolvimento econômico que alcançaram o campo, persiste o desejo de continuar produzindo cultura e sustentando modos de vida.

Nesse contexto, os imaginários sociais emergem como força vital. Conforme aponta Enrique Leff (2016), os imaginários constituem reservatórios de vida e esperança diante da crise ambiental, possibilitando que os sujeitos reinventem seus modos de existir. Não se trata de negar a modernidade, mas de dialogar criticamente com ela, integrando saberes tradicionais e conhecimentos científicos.

A manipueira – líquido extraído da mandioca –, por exemplo, é armazenada por três dias antes de ser utilizada como alimento para o gado ou fertilizante para o solo. Observa-se, nessa prática, a transformação da informação em conhecimento pertinente à vida, conforme propõe Edgar Morin (2003). A sabedoria da experiência dialoga com exigências contemporâneas de responsabilidade ambiental.

Entretanto, a modernização trouxe mudanças significativas. Se antes todo o processo era manual – da retirada da mandioca à torrefação em forno a lenha –, hoje a casa de farinha conta com equipamentos como raladeira, peneiradeira, prensa e forno mecanizado. A tecnologia ampliou a produção e a lucratividade do proprietário, que buscou adaptar-se às exigências do mercado.

Todavia, essa transformação não se distribui de forma igualitária. As mulheres que raspam a mandioca recebem apenas R\$ 1,00 por quilo descascado. Para aumentar a renda, saem de casa antes das quatro horas da manhã. A cena remete ao poema “*Tecendo a manhã*”, de João Cabral de Melo Neto, quando afirma que “um galo sozinho não tece uma manhã”. Assim também essas mulheres, coletivamente, rompem o silêncio da madrugada e anunciam a aurora com o trabalho de suas mãos.

Instala-se, então, uma contradição evidente: enquanto a modernização favorece o proprietário, os trabalhadores continuam vendendo sua força de trabalho sob condições precárias. As relações de produção revelam a permanência da lógica de extração de mais-valor, característica do sistema capitalista, no qual o trabalho transforma-se em mercadoria.

Essa realidade não é nova. Obras como *Os Corumbas* já evidenciavam, no início do século XX, a exploração do proletariado submetido a jornadas exaustivas e condições indignas. A dinâmica observada na casa de farinha atualiza, em outra escala, essa mesma estrutura de subordinação.

Para Carlos Frederico Loureiro (2006), a superação dessas desigualdades exige uma educação ambiental crítica, comprometida com a transformação social e com a ação coletiva. Não basta harmonizar discursos sobre sustentabilidade; é preciso enfrentar as contradições históricas e as relações de poder que naturalizam a exploração.

Ao revisitar esse espaço – cenário de minha infância – percebo que ele é simultaneamente lugar de memória, cultura e tensão social. Ali ecoam os sons da carroça, do motor, do gado, das lendas narradas entre uma tarefa e outra. Fantasia e realidade coexistem, como em *Dom Quixote*: a imaginação embala a vida, mas a materialidade das relações de trabalho impõe seus limites.

A casa de farinha é, portanto, território de resistência e contradição. Nela, tradição e tecnologia se encontram; sustentabilidade e exploração se tensionam; cultura e capital disputam sentidos. É nesse entrelaçamento que os imaginários da sustentabilidade e do bem viver emergem como possibilidade de reconstrução de mundos mais justos.

## **CAPÍTULO II**

**O diálogo entre saberes:  
uma via de transformação  
de realidades**



**T**udo começou em uma manhã ensolarada, quando a professora-pesquisadora, acompanhada dos alunos da 3ª série C e do professor de Física, Antônio, realizou uma visita à casa de farinha do povoado Mulungu, no município de São Domingos/SE. O objetivo era investigar como se dá o descarte da manipueira – líquido extraído da mandioca – e compreender as consequências socioambientais quando esse procedimento não é realizado de forma adequada.

Durante a visita, o proprietário foi questionado pelos alunos acerca do destino dado à manipueira. Em sua resposta, explicou que, em sua casa de farinha, o líquido é armazenado em caixas d'água por três dias, período necessário para reduzir sua acidez. Após esse tempo, é reaproveitado tanto como alimento para o gado quanto como fertilizante para o solo.

Estudos mostram que o descarte da manipueira, quando realizado de forma inadequada, pode causar danos ao solo; por isso, aqui ela fica três dias descansando nas caixas d'água, porque é ácida. Depois disso, serve de alimento para o gado e também como fertilizante. (PROPRIETÁRIO DA CASA DE FARINHA, 2025).

A fala do proprietário evidencia que o saber ambiental não se restringe ao espaço acadêmico. Conforme aponta Enrique Leff (2001), o saber ambiental emerge da prática cotidiana e da experiência concreta dos sujeitos em seus territórios. Nesse sentido, a educação ambiental já estava presente naquele espaço antes

mesmo da chegada da escola – inscrita na vivência, na observação e na responsabilidade com o ambiente.

Percebeu-se que tal conhecimento contribuiu para a sensibilização e conscientização não apenas do proprietário, mas também das pessoas que trabalham naquele ambiente de encontro e produção. Mesmo em meio à simplicidade e à humildade, sua postura revela uma atitude que converge para a transformação humana e social. Trata-se de um espaço onde o saber ambiental brota do fazer farinha da raiz de mandioca – cultura que tece o fio da vida de muitas famílias que dali retiram seu sustento.

A atividade integrou o Projeto de Ação Pedagógica desenvolvido com os alunos do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro e evidenciou o compromisso da escola com as transformações sociais. Ao extrapolar os muros da sala de aula, a educação assume caráter coletivo e emancipatório, promovendo mudanças nos imaginários sociais e nas formas de compreender o mundo.

Acreditamos que educar implica dialogar com os ambientes físico e social, estabelecendo conexões profundas com a realidade. Ao aproximar os estudantes de textos literários e experiências concretas, buscamos potencializar o sentimento de pertença, o respeito ao território e a responsabilidade socioambiental. Tal movimento remete à ideia de Carlos Drummond de Andrade de que ciência e senso comum não são esferas antagônicas, mas dimensões que podem caminhar juntas na construção de um futuro mais equilibrado e justo.

Ressaltamos, portanto, a importância do diálogo entre saberes para o enfrentamento das questões ambientais, tanto nos espaços formais quanto nos informais de educação. Reconhecemos que muitos problemas ambientais são também fruto de práticas culturais naturalizadas em nosso cotidiano. Assim, ações individuais e coletivas podem contribuir tanto para o equilíbrio quanto para o desequilíbrio socioambiental.

Por essa razão, optamos pela interdisciplinaridade como estratégia metodológica, potencializando o processo de ensino-aprendizagem e buscando mitigar impactos ambientais. A sustentabilidade do planeta não se constrói apenas por discursos, mas por práticas concretas, articuladas ao contexto vivido e sustentadas por uma educação crítica e transformadora.

## VOZES QUE AMANHECEM: A METÁFORA DO GALO EM “TECENDO A MANHÃ”

O poema “*Tecendo a Manhã*”, de João Cabral de Melo Neto, afirma que “um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisa de outros galos”. A metáfora presente no poema permite compreender que o amanhecer é fruto de uma construção coletiva.

De modo análogo, os trabalhadores da casa de farinha assemelham-se a esses galos que anunciam a aurora: despertam às quatro horas da manhã para tecer o fio da vida que alimenta suas famílias – muitos de seus filhos, inclusive, estudantes do CEER. Nesse movimento cotidiano, observamos que, sobretudo as mulheres, ao descascarem a raiz da mandioca, percebem aquele espaço não apenas como local de trabalho, mas como lugar de encontro e extensão de suas próprias casas. Seus imaginários sociais, os vínculos estabelecidos com os demais trabalhadores e seus modos de vida encontram-se profundamente atrelados ao desenvolvimento de sua cultura na feitura artesanal da farinha.

A proposta de trabalhar o referido poema em sala de aula teve como objetivo sensibilizar os alunos acerca da problemática do descarte inadequado da manipueira e de seus impactos ambientais, promovendo a reflexão sobre como essa questão pode ser mitigada por meio da tomada de decisão consciente e da mudança de comportamento. Nesse sentido, reforçamos a importância de

nos reconhecemos como parte integrante da natureza, conforme aponta Costacurta (2022), compreendendo que nossas ações cotidianas produzem efeitos concretos no meio em que vivemos.

Dessa forma, entendemos ser necessário estender a discussão sobre o manejo adequado da manipueira às famílias dos discentes, considerando que grande parte delas é composta por agricultores que atuam diretamente nas casas de farinha. A educação ambiental, portanto, ultrapassa o espaço escolar e dialoga com o território vivido.

A análise do poema evidenciou que o processo de sensibilização deve ser construído coletivamente. Nossa intervenção, enquanto observadores e mediadores da realidade, contribuiu para fomentar o debate e para reconhecer que o diálogo entre saberes é essencial, uma vez que a ciência não constitui a única forma legítima de representação do mundo. Como defendemos neste plano de ação, é preciso ampliar as formas de conhecimento, valorizando saberes mais flexíveis e contextualizados, além de desenvolver a capacidade de sentir e perceber as necessidades de nosso “chão”, de nosso lugar.

Em roda de conversa realizada com aproximadamente 30 alunos participantes do projeto, observamos elevado nível de engajamento e participação. Dos 30 estudantes, 26 contribuíram ativamente com discussões e produções que culminaram na construção de um mural coletivo. Entre os trabalhos elaborados, destacaram-se poesias, desenhos e histórias em quadrinhos (HQs), representando desde o plantio da mandioca até sua transformação na casa de farinha e posterior comercialização.

As produções revelaram a potência de uma educação que se pretende emancipatória – aquela que articula teoria e prática, literatura e território, reflexão e ação. A seguir, apresentamos os textos produzidos pelos estudantes, que evidenciam o alcance formativo dessa experiência.


## RELATOS DA AÇÃO PEDAGÓGICA: VOZES DOS ALUNOS - REFLEXÕES E APRENDIZADOS, FRUTOS DO CONTATO COM OS MORADORES DA CASA DE FARINHA

ALUNO: 1

AÇÃO PEDAGÓGICA

**Produzindo o meu, o seu, o nosso Futuro.**

De geração em Geração  
Permanece a Produção  
É das 4 horas da manhã  
Que surge a motivação  
O suor escorrendo no rosto  
Trás a tona o esforço e o gosto.  
Produzindo a farinha.  
Espero o sucesso da família minha  
Com a Produção nas alturas  
Estamos Transportando nossa cultura  
O suor cai do rosto  
Enalticendo nossa bravura.  
A manipueira em seu descanso  
Espera 3 dias Pelo seu Avanço  
Com essa Produção doída  
Temos surgido novas Vidas  
Com esse descanso  
O descarte adequado gera Vida,  
Gera significado  
Gera um solo renovado  
Para assim  
A cultura novamente renascer



**ALUNO: 2****AÇÃO PEDAGÓGICA****A ansiedade é exaltante**

Antes do sol nascer, as raspadeiras  
 já estão a correr, muitas vezes até  
 madrugando para poder ter o que comer  
 O sono tocando uma melodia de se  
 hipnotizar, mesmo assim não podem se  
 deixar levar, guerreiros que lutam contra o  
 frio e o sono, para poder sustentar aqueles  
 pequeninos que ainda não sabem andar.  
 O esforço é o preço que eles tem a pagar  
 para que haja vida e família no lugar.  
 suor é o sabor da angústia do trabalhador,  
 implorando que o sucesso venha e acabe a dor

**ALUNO: 3****AÇÃO PEDAGÓGICA****A Produção de farinha**

Sob o sol escaldante, ergue-se a casa de farinha,  
 Onde a mandioca, valente, se tranforma em vida,  
 O cheiro no ar se espalha, O trabalho cansativo, com  
 a mãos calejadas, a batalha, faz-se a farinha com amor.  
 As Raspadeiras, valentes, saem das suas casa antes do amanhecer  
 para fazer a raspagem, Revelando o tesouro que a terra dá.  
 Cada raspada é um jeito de amor, A tradição passa de mãe pra filha  
 E as raspadeiras são mais ferramentas são simbolos de luta e tantas histórias  
 marcantes.

**ALUNO: 4**

**AÇÃO PEDAGÓGICA**

### **A vida na casa de farinha**

Numa calma madrugada  
 Sem muito alarde  
 O vento aparece  
 Pela madrugada fria e escura  
 As mulheres vão até a casa de farinha  
 Belas risadas ecoam entre amigas e irmãs  
 Celebram a vida com boas conversas e gargalhadas  
 Oh casa de farinha, teu legado é eterno  
 Em cada tonelada brota economia  
 Brota cultura, brota sustento.  
 Assim segue o ciclo, da terra à memória,  
 A casa de farinha é a parte da história.  
 Uma fabrica de valores que nunca se apaga,  
 Onde o simples se torna algo (rasura) inacreditavel.

**ALUNA: 5**

**AÇÃO PEDAGÓGICA**

### **“Amanhecer à luz do dia”**

Ao longo do dia, o céu levantar  
 Como fez-se o mundo egue-se  
 Com ele, os funcionários acorda-se  
 Ao ver a lenha se queimar.  
 As raspadeiras inicia o trabalho  
 As máquinas continua a fazê-lo  
 No final o que sobra é utilizado  
 Para a alimentação e para o solo.

Onde fica um tempo nos reservatórios.  
 Sendo através da união,  
 Indo para outros funcionamentos.  
 A renda vem através dos usos  
 Todos unidos fazendo sua parte,  
 Onde a produção vai aos mercados.  
 Andressa Nascimento

## ALUNO: 6

### AÇÃO PEDAGÓGICA

#### **Uma raspadeira de mandioca sozinha não tece uma farinhada**

Ela precisará sempre de outras raspadeiras

De um que rele a mandioca que coloque-la na prensa

De outro que a leve ao forno que a penere e ou-tro a ensaque.

E se encorpando se tornam produtores

Da doce amada farinha de mandioca

Desde manhã cedo elas geram vidas para as famílias

Geram fonte de renda que gira a economia do município

Oh... coisa boa é a farinha de mandioca.

Da manipueira se gera o fertilizante para o solo

um fortificante para que a outra demanda da mandioca

cresça fortemente gerando em si mais uma fari-nhada

E mais uma fonte de renda para girar a economia do município

São Domingos da farinha de mandioca.

## ALUNO: 7

### AÇÃO PEDAGÓGICA

Desde de quando a mandioca

sai da terra.

É transportada para outros municípios, casas de farinha.

Ela passa por um processo de raspagem logo em seguida é ralada e vai para a

prensa, e cevadeira logo depois vai

ao forno, e depois é vendida para os mercados.

Na madrugada fria elas sai para

trabalhar, raspa, raspa e nada de

acabar, o dianoitese e novamente

pega a esfriar, as mãos calejadas

e elas continuam sem parar e ainda

todas falam que amam trabalhar.

É na luta que vem a glória!

É na mandioca que vem o tustão.

**ALUNO: 8****AÇÃO PEDAGÓGICA****Tecendo o fio da vida**

Na madrugada fria, em silêncio a caminhar,  
As raspadeiras seguem, o dia a preparar.  
Com mãos calejadas, a mandioca a raspar,  
Tecem o amanhecer, sem tempo de parar.  
O brilho do orvalho, a luz antes de raiar,  
Testemunha o esforço, o trabalho a pulsar.  
Cada gesto é um verso, um poema no ar,  
Raspam a raiz, fazem a vida brotar.

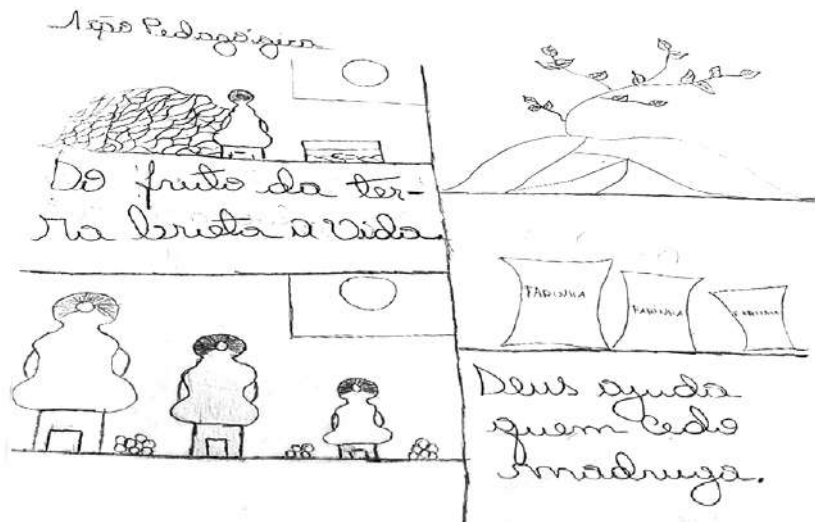
E quando o sol desponta, nasce o alvorecer,  
Nas cestas cheias, o fruto do seu fazer.  
Nas madrugadas, tecem o futuro com fé,  
Raspando mandioca, erguem o dia de pé.  
O vento sussurra entre sombras e chão,  
E elas, de olhos atentos, seguem a missão.  
Mandioca em mãos, com ritmo e suor,  
Criam o sustento, um trabalho maior.

Cada raspada é história, memória a brilhar,  
Ciclos de vida, em silêncio a cantar.  
Com dedos precisos, moldam o porvir,  
Na escuridão da noite, fazem o dia surgir.  
E quando o primeiro raio beija o amanhecer,  
O campo resplandece no brilho de seu fazer.  
São elas, as tecelãs de um novo renascer,  
Que, na raiz e no esforço, fazem o dia crescer



## REGISTROS GRÁFICOS DA PERCEÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE AS CASAS DE FARINHA

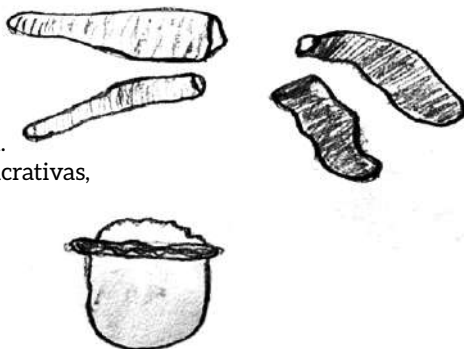
### Aluno 9



### Aluno 10

#### "O ciclo da mandioca"

Em uma simples cova há uma semente, nessa semente a ser plantada gera uma planta, uma planta chamada mandioca. Nela gera diversas atividades lucrativas, como a farinha, tapioca, manípeira e a raspa. Para gerar economia para os proprietários e familiares.

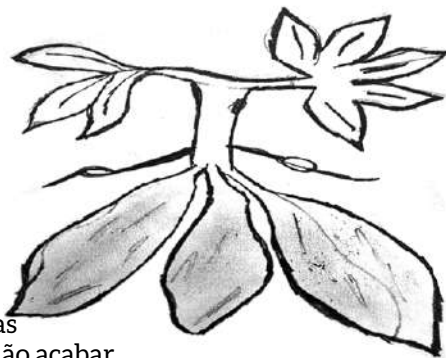


## Aluno 11

Em madrugadas  
 com o galo a cantar  
 As mulheres saem de  
 seu lar para lutar.  
 Vão a casa de farinha  
 Garantir o seu sustento  
 elas raspam, e raspam  
 sem parar.

Enormes, e Enormes fileiras  
 De mandioca, que olham e parece não acabar..

Desde madrugada, até o  
 Amanhecer, batalham para sobreviver.



## Aluno 12



Aluno 13

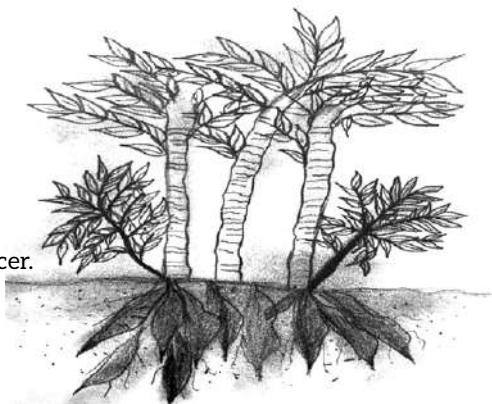
“Sabor da Terra”



Na casa de farinha, a vida é sabor,  
Doce como o Tempo que passa com amor.  
A mandioca dança sob as mãos do  
Trabalhador,  
E cada grão moído traz um pouco de calor.  
Canto das aves e cheiro do chão,  
É festa na roça, é pura emoção.  
Com farinha na mesa a união se faz forte,  
É na casa de farinha que se celebra a sorte.

Aluno 14

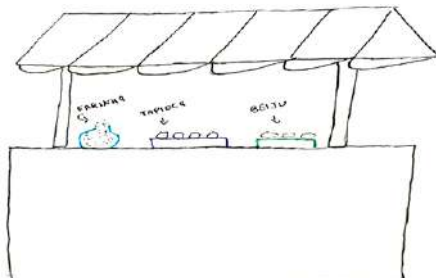
Raiz da vida.  
Na raiz da vida e  
da mandioca  
planejo o sustento  
familiar  
Para que meu filho  
tenha um futuro  
E uma mãe  
para se orgulhar  
Acordo todos os dias antes do sol nascer.  
para trabalhar e sustento ter.  
Na farinha encontro  
renda de um suor salgado.  
Pois não tive estudo e  
o trabalho se tornou pesado.



## Aluno 15

# AÇÃO PEDAGÓGICA

Cultura viva



Na terra verde, onde o sol brilha,  
 Cresce a mandioca, tão habilidosa.  
 Com raízes profundas, forte e resiliente,  
 Alimento precioso, para todos presentes.  
 Homem do campo, com mãos calejadas,  
 Cultiva com carinho, essa planta abençoada.  
 Na tapioca, no tucupi, no beiju.  
 A mandioca é amor, em cada unidade.  
 No Nordeste, seu berço verdadeiro,  
 É cultura viva, em cada canto  
 Fonte de vida, em cada comunidade  
 A mandioca, nosso tesouro nacional

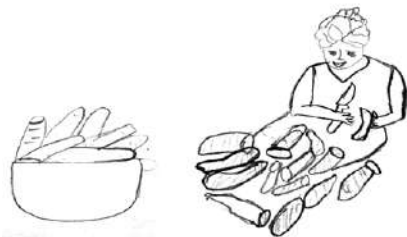


## Aluno 16



Na floresta tropical,  
 onde o sol brilha forte,  
 Há uma lenda antiga,  
 Da mandioca, a fonte.  
 Ela cresce no solo fértil,  
 E nutre o povo indígena,  
 Com sua raiz doce e vital,  
 E seu poder medicinal.  
 A mandioca é um tesouro,  
 uma dádiva da terra,  
 E na lenda da mandioca,  
 Ela é venerada com fervor.

### Aluno 17



Das mãos, do dono, um carinho  
profundo,  
Te arranca da terra, dá vida  
ao mundo.  
Raspando a mandioca, o labor  
se inicia,  
Em cada movimento, a herança.  
se cria.

Cultura enraizada, a essência preservada,  
Às mulheres do campo, a alma é dedicada

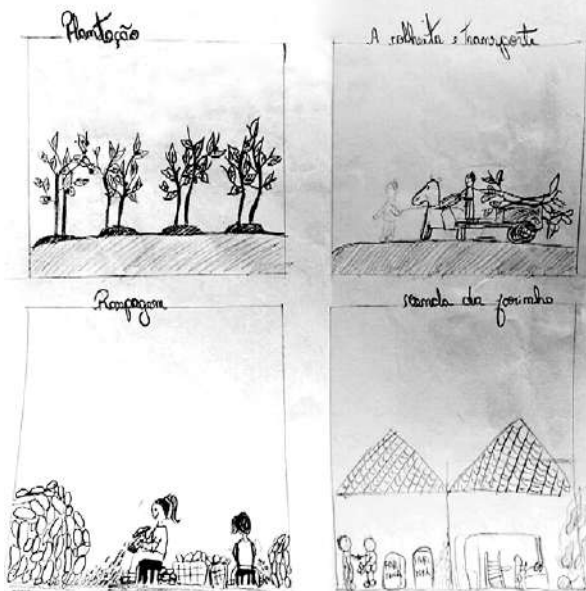
### Aluno 18

Farinha de mandioca, pão do chão sagrado  
do labor da terra, o fruto esperado nos  
campos, Do fruto da terra brota o sustento  
da nossa cidade, entre mãos calejadas, começa a transformar.  
Transformam vidas, transformam madrugadas  
em dias de trabalho, de onde vem nossa eco-  
nomia, assim como um galo tece o amanhã  
mulheres buscam assim tecer.

Tecer assim o sustento de seus filhos  
que buscam estudar para assim orgulho dar.



## Aluno 19



## Aluno 20

## A cultura que desponta das casas de farinha

O trabalho começa cedo,  
 Antes do sol nascer no céu.  
 O fogo na fornalha aceso,  
 A mandioca cai no chão cruel.  
 A farinha nasce devagar.  
 Não é mágica, é mão calejada.  
 Dia após dia, sem descansar,  
 A vida dura é batalhada.  
 O rapaz cuida da prensa,  
 E as mulheres são poesia.  
 Mesmo com seu rosto suado,  
 O trabalho levam com alegria.  
 O sol finalmente se recolhe,  
 Então o trabalho está finalizado  
 Mas tudo começa de novo,  
 Quando no outro dia ouvirem  
 o galo cantar.



Aluno 21

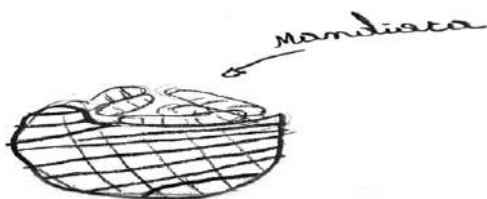
## AÇÃO PEDAGÓGICA

Do fruto da terra brota a economia.  
do fruto da terra surge a esperança.  
Surge a esperança e força de von  
tade.  
farinha de cada dia  
farinha que mata a fome  
farinha que traz o sustento de muitos.

Aluno 22



## Aluno 23



Na casa de farinha, o cheiro é encanto,  
 Mandioca na brasa, o trabalho é um canto.  
 A roda gira firme, a vida a fluir,  
 com mãos calejadas, se ensina a existir.  
 O sol se levanta, a canoa à beira,  
 O riso da gente, alegria verdadeira.  
 Farinha que brota da terra molhada,  
 é historia e memoria, raiz consagrada.

## Aluno 24



Do fruto da terra brota o sustento de muita familia.  
 Cresce a economia do municipio pois ela cresce no solo e doa a vida.  
 muitas pessoas trabalham em roça

plantando a mandioca as vezes chovendo  
 ou até mesmo no sol quente mais não  
 param pois tem que levar o sustento  
 para casa, outros acordam entre 3 e  
 4 horas da madrugada para ir para  
 casa de farinha.

Portanto, com o Projeto de Ação Pedagógica que desenvolvemos na casa de farinha do povoado Mulungu, em São Domingos/SE, foi perceptível que a educação ambiental de cunho emancipatório e transformador ocasiona mudanças tanto individuais quanto coletivas (alunos, proprietário e trabalhadores da casa de farinha), já que está comprometida com as transformações sociais (descarte adequado da manipueira). Afinal, nossas ações possuem um caráter coletivo que visa à emancipação no que tange à mudança de vida, à transformação das realidades e, por que não dizer, dos imaginários sociais das comunidades.

Percebemos, aqui, uma educação que busca a libertação da alienação historicamente estabelecida – seja ela individual ou coletiva –, uma educação “livre de toda peia”. Entendemos que a centralidade dessa prática inovadora reside no empenho em trabalhar seja as questões objetivas (a produção da farinha) ou as subjetivas (o tecer do fio da vida e a construção de memórias). Buscamos, assim, a ação e a reflexão sobre as questões que atravessem não só o modo como nos organizamos em sociedade, mas também os aspectos históricos, econômicos e socioambientais, pois acreditamos que é por meio da educação que os sujeitos podem se transformar e modificar o mundo que os cerca.

**Imagem 01:** Registros da Ação Pedagógica





Fonte: autoria própria, 2025

## **CAPÍTULO III**

**A importância do  
trabalho Pedagógico  
centrado na Leitura -  
Desdobramentos  
e Reflexões**



## LEITURA: LUGAR DO ENCONTRAR-SE COM A VIDA- UMA REALIDADE EXPERIENCIADA NO LUGAR DE ENCONTROS

“**L**er é se encontrar com a vida” (Cereja, 2005, p. 8). Essa passagem, grafada na obra *Ensino de Literatura* (uma proposta dialógica para o trabalho com a literatura), revela-nos o verdadeiro significado da leitura: o encontro com a vida em seus diversos aspectos atemporais. Dentro dessa perspectiva, compreendemos que a leitura das experiências de vida – e aqui nos referimos à realidade das casas de farinha – e sua conexão com textos literários trazem à luz a reflexão acerca dos fatores socio-culturais, socioeconômicos, sociopolíticos e socioambientais que estão imbricados nos contextos e intertextos das obras da literatura brasileira, seja em prosa ou em verso.

Interpretar. Compreender. Aprender e apreender. Fatores que se coadunam com o que afirma Lajolo (1993, p. 2): “ler é também interpretar os signos do mundo.” Interpretá-los a partir das experiências de quem se é, tendo como ponto de partida aspectos que estão conectados às ações embebidas das experiências cotidianas que constroem a vida. Essa dinâmica ocorre tanto no encontro com a realidade tocada, vivida e construída desde o amanhecer nas casas de farinha, quanto na construção de quem se é por meio do processo de ensino-aprendizagem, o qual nos aponta caminhos no desenrolar das facetas que constituem a condição humana no espaço escolar.

Por isso, ao discutirmos leitura e educação, refletimos acerca da construção do conhecimento pertinente que valoriza o contexto, o global, o multidimensional e o complexo (Morin, 2003). Ainda segundo esse pensamento, ao fomentarmos essa construção, levamos em consideração que o conhecimento não apenas

reflete a realidade, mas se dá em meio à compreensão da complexidade que a era planetária impõe à educação do século XXI, à integração do indivíduo/sociedade/espécie e à capacidade de reconhecermos que a unidade e a diversidade são elementos constitutivos da nossa condição humana.

Ao reconhecermos essa condição, entendemos que a educação contemporânea reclama uma postura que dialogue com a perspectiva de que o conhecimento retira as “cegueiras” do educando. Buscamos, assim, levá-lo a compreender, relacionar e a refletir sobre diversas situações-problema de seu contexto (realidade experienciada na casa de farinha de seu lugar), bem como instigá-lo a questionar o próprio conhecimento, a valorizar as experiências de vida e a dialogar com as tessituras sociais por meio do diálogo entre os saberes (Morin, 2003).

Fomentar essa prática é buscar envolver o corpo discente na travessia do processo de ensino-aprendizagem; é dar-lhe voz e vez; é proporcionar uma aprendizagem significativa. Isso acontece à medida que participa dessa dinâmica fazendo uma conexão entre o que é experienciado na realidade cotidiana (casas de farinha) e o contato com o universo literário trabalhado no ambiente escolar (seja em poesia ou prosa). Esse transitar pelo conhecimento tradicional (senso comum) e o científico (sistematização do sistema educacional), faz-nos considerar que o saber ambiental presente nos sujeitos faz parte e se integra com o meio físico e social (Leff, 2001).

A construção do conhecimento, a partir da conexão entre os saberes, desemboca no princípio da transdisciplinaridade. Ao estimularmos essa dinâmica, amparados por Piaget (1976), possibilitamos ao aprendente o diálogo com o método interativo. Trata-se de uma dinâmica que presenciamos junto ao corpo discente do CEER quando estiveram em contato com os trabalhadores da casa de farinha; ali, na interação com o meio, os alunos construí-

ram conhecimento ao elaborarem poemas belíssimos. Por meio desse contato, os discentes tornam-se protagonistas do processo, já que a interação com a realidade concreta modifica, amplia, cria e recria, constrói e reconstrói, incorporando novos significados à aprendizagem.

Essa construção, quando alicerçada na literatura (pela análise de poesias baseadas na observação da realidade local), permitiu-nos realizar a travessia da disciplinaridade à transdisciplinaridade, à medida que a aprendizagem se tornou pertinente para o aluno. A conexão com o meio trouxe à tona as subjetividades e o potencial criador dos participantes da pesquisa. Assim, as experiências aguçam a sensibilidade, e novos significados emergem dessa sintonia estabelecida com a realidade tocada, sentida e experienciada no lugar de encontros: a casa de farinha.

Tocamos essa realidade por meio da Ação Pedagógica que realizamos no Centro de Excelência Emeliano Ribeiro, em São Domingos/SE, onde os alunos analisaram aspectos socioculturais, socioeconômicos e socioambientais. A visita *in loco* à casa de farinha do povoado Mulungu, proporcionou o contato direto com o ambiente e o diálogo com os imaginários sociais locais. A partir dessa interação, reconstruíram conhecimento ao produzirem poesias sobre a dinâmica da produção de farinha, inspirando-se no poema “*Tecendo a manhã*,”<sup>1</sup> de João Cabral de Melo Neto.

---

<sup>1</sup> O poema “*Tecendo a manhã*” de João Cabral de Melo Neto, neste contexto, é utilizado metaforicamente para simbolizar que assim como um galo sozinho não anuncia a entrada dos raios do Sol que rasga o véu do tempo trazendo energia e esperança de um novo dia, também, os trabalhadores da casa de farinha não produzem cultura de forma isolada. Para a produção da farinha que se dá de forma artesanal, eles se dão as mãos desde o momento que a mandioca é retirada do solo, o transporte, a raspagem, a moagem, a secagem e, por fim, até o momento que é levada ao forno para se transformar em alimento.

Eis a construção do conhecimento e o “encontrar-se com a vida.” Aqui, os estudantes relacionaram o trabalho de seus familiares com vários aspectos imbricados nas obras literárias apresentadas. Assim como os galos anunciam a chegada da manhã, percebemos que os trabalhadores da casa de farinha fazem despontar a “raiz da vida” pela via da mandioca cuidadosamente descascada. Dessa dinâmica desponta a metamorfose e a construção do ser autopoietico na explosão do protagonismo estudantil.

### **METAMORFOSE E AUTOPOIESE: CONSEQUÊNCIAS DE UM TRABALHO VOLTADO PARA O PROTAGONISMO ESTUDANTIL**

O trabalho pedagógico desenvolvido a partir da apresentação de seminários, peças teatrais, dança, elaboração de poesias, pelos próprios alunos, declamação e construção de cenários, fizeram com que o corpo discente não apenas aprendesse, mas também apreendesse de forma pertinente. Entendemos que essa interação entre o meio físico e as leituras os conduziram à construção do conhecimento significativo (Cereja, 2005), contribuindo para que participantes da pesquisa se transformassem em seres autopoieticos – verdadeiros protagonistas do processo de construção e desconstrução de realidades.

Ressaltamos esse aspecto dialógico amparados em Cereja (2005), quando o autor reitera que o leitor deve ser considerado um agente ativo no processo de leitura e de interpretação do texto, levando em conta a realidade social e cultural. Por esse motivo, defendemos que o ensino de Literatura deve partir desse diálogo para refletir e estabelecer conexões entre as questões que integram sociedade e meio ambiente (compreendido aqui como a realidade local).

À luz do pensamento de Akiko (2008), essa postura educacional é uma busca da contemporaneidade, a qual reclama uma nova conduta pedagógica capaz de resgatar o “elo perdido,” ocasionado pela fragmentação do conhecimento. Daí a importância de construirmos essa “religação” por meio da participação ativa dos alunos e do diálogo entre os saberes, promovendo a “ecologia da ação.” Nesse contexto, percebemos que a realidade da casa de farinha – espaço fundamental da cultura local – nos ofereceu uma oportunidade única para que os alunos explorassem temas ambientais e socioculturais de forma prática e significativa, em constante diálogo com a literatura regionalista, que representa ricamente a cultura e a relação com a terra.

A identidade se constrói seja no contato com as experiências ou na interação com o outro de forma dinâmica e contínua (Bauman, 2012). Consideramos que o autor tem razão; por isso, o trabalho pedagógico que se desenvolve a partir dessa interface prima por uma construção flexível. Aqui, o aluno permite-se ser, revelando seus sentimentos e emoções à medida que produz conhecimento sendo quem é, conforme percebemos nesta narrativa:

Minhas experiências com o Sarau literário foram marcadas por descobertas, emoções e trocas de conhecimento[...] Ao apresentar minha leitura, senti que não estava apenas compartilhando palavras, mas transmitindo sentimentos e interpretações construídas ao longo do processo. Ouvir as apresentações dos colegas também me proporcionou novas perspectivas, mostrando como cada leitor transforma o texto de maneira única. O sarau se tornou, para mim, um espaço de expressão, liberdade e fortalecimento do hábito de ler. Foi vivência enriquecida que contribuiu para o meu crescimento pessoal e literário (ALUNO C, 3ºD, 2025).

A percepção desse aluno revela uma construção cultural e identitária que se dá, paulatinamente, no contato com seus pares. Esse aspecto da aprendizagem dialoga com a autopoiese, isto é, o processo de aprendizagem valida-se a partir da conexão entre o que já se sabe e o novo que se apresenta. Resultado da conexão vivenciada pelo estudante e seu entorno. O que contribuiu para a valorização e o reconhecimento do educando diante da realidade que o cerca. O trecho a seguir reitera essa dinâmica:

[...], A partir da leitura de obras como *Vidas secas*, nos proporcionou experiências, com a metodologia da mesa Redonda, de vida durante esse ano letivo, a principal obra que fez eu como um aluno, que tinha que acordar às 2:00 da madrugada para trabalhar, foi *vidas secas*, com Fabiano, um homem bruto fruto de múltiplas experiências negativas, uma vida que percorre a fome a fraqueza de uma região. Essa miséria material, além da simbólica[...] (ALUNO D, 3ºB, 2025).

Conforme esse depoimento, observamos o quanto a narrativa de *Vidas Secas* se assemelha a muitas realidades Nordeste afora, inclusive no interior do estado de Sergipe, no município de São Domingos/SE. Ao relatar que desperta às 02h para o trabalho, o discente reconhece a conexão entre a realidade sentida e a trama da obra, a qual o permitiu mergulhar em si mesmo e identificar que, à semelhança de Fabiano — protagonista da obra-prima de Graciliano Ramos —, muitos de seus familiares buscam em outras regiões melhores condições de existência, visto que em seu município escasseiam as oportunidades. De acordo com essa percepção, migrar, apresenta-se, muitas vezes, como a única solução:

Essa procura por uma vida melhor que ocorre, ainda nos dias atuais, familiares que viajam para outros estados em busca de melhores condições de moradia e trabalho, já que

a nossa Região, São Domingos, uma pequena cidade que não possui grandes oportunidades de emprego, a única opção é a mudança de estado da mesma forma que fabiano e sua família...](ALUNO D, 3ªB, 2025).

Tal percepção coaduna-se com a dinâmica que desenvolvemos em sala de aula durante as apresentações dos seminários e as discussões em mesas-redondas. Naquelas ocasiões, com o intuito de instigar os discentes, lançamos mão das reflexões de Lajolo, para quem “ler é interpretar os signos do mundo”, e de Cereja, que reitera ser a leitura um “encontrar-se com a vida”. Naquele momento, por meio de debates, buscamos auscultar o âmago de seus imaginários culturais e conduzi-los à reflexão – no sentido de trazer à tona as realidades presentes nas obras literárias estudadas e conectá-las às suas próprias vivências.

Dessa forma, visamos proporcionar que os alunos pudessem se encontrar, se reconhecer e relacionar as narrativas das leituras realizadas com o seu cotidiano sociocultural e socioeconômico. Além disso, trabalhamos para que as realidades tocadas, sentidas fossem associadas às suas experiências, por intermédio das leituras e dos debates, e para que se transformassem em memórias profundas e duradouras. As passagens seguintes demonstram que alcançamos esse objetivo:

Antes do livro *Vidas Secas*, eu enxergava a realidade do sertão apenas como um tema distante, algo que eu conhecia superficialmente pelos livros escolares...]Depois de *Vidas Secas*, passei a ser mais sensível às questões sociais e a refletir mais sobre empatia. O livro não apenas ampliou meu conhecimento literário, mas também me fez crescer como pessoa, despertando em mim um olhar mais humano, crítico e consciente da realidade ao meu redor...]Por meio das mesas redonadas e da culminância do Sarau Li-

terário passei a valorizar mais a minha vida, porque tenho coisas em minha vida que os personagens de *Vidas Secas* não tinham (ALUNO E, 3ºD, 2025).

Ou ainda:

Após a mesa redonda e o seminário, onde se reuníamos para fazer apresentações sobre as obras, a professora comentava como tinha sido as apresentações, além de um diálogo que nós fazia refletir e repensar a nossa vida como estudantes e pessoas. Essa experiência que será inesquecível, uma memória que ficara eternizada, pois cada momento, cada segundo em que nos empenhávamos mais e mais para aprendermos, e algo que será levado para a vida inteira, agradeço a ela por todas essas oportunidades incríveis de leitura que nunca esquecerei. (ALUNO D, 3ªB, 2025).

Esses depoimentos reiteram o que afirma o renomado educador Paulo Freire (2023), ao trazer à tona a discussão de que a leitura não é apenas um instrumento de libertação, mas também um meio pelo qual a compreensão crítica se dá a partir do contexto no qual estamos inseridos. Tal processo promove a reflexão e o desenvolvimento da consciência crítica para transformarmos nossa realidade por meio de nossos modos de agir e de pensar. Consideramos esses pontos como aspectos positivos que ratificam a construção de um conhecimento que tem como centralidade o diálogo entre os saberes e a busca incessante pela tríade ação-reflexão-ação, a qual nos possibilita a travessia da disciplinaridade à transdisciplinaridade.

Com os poemas a seguir, demonstramos o quanto a leitura possui o poder de elevar o potencial criador do educando, o quão importante o é possibilitar a reflexão e a criticidade pela via de um trabalho pedagógico que prima pela transformação/

construção do ser. Observamos que essa construção revela o viés centralizador do processo de ensino-aprendizagem que defendemos: romper com a prática da fragmentação do conhecimento que modela o modo de pensar dos sujeitos (Akiko, 2008). A seguir, dois poemas construídos pelos alunos, por meio dessa dinâmica, revelam o quanto é gratificante colher os frutos de uma metodologia que prima pela busca incessante de uma educação de cunho libertador e transformador. Vejamos:

Aluno 1	Aluno 2
<p style="text-align: center;"><b>vidas secas em mim</b></p> <p>vidas secas reinou dentro de mim E sempre reinará, Pois o que aconteceu com eles No sertão sempre ocorrerá.</p> <p>Em um sertão seco, sempre sem água e sempre com sede Tipo um oceano sem fim, tipo uma casa sem parede. Eles só queriam conseguir vencer, e alcançar a meta</p> <p>Que era sair daquela situação severa. Era tão judiados que não tinham nem cama para dormir E nem uma comida para comer para passar as suas fomes. Ai meu deus que triste vida ruim, eram tão coitados que não souberam ser feliz</p> <p>Era uma familia muito pobre que não comia nada A sorte era uma cachorra que sempre ajudava.</p> <p>Por isso não reclamo do que eu tenho E nunca vou reclamar Pois o que eu tenho hoje todos eles queriam conquistar.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Vida Seca</b></p> <p>Caminhava nesse velho sertão, sem rumo, nem direção, fugia da seca, da miséria, e da cruel escravidão.</p> <p>O gado morria de sede, a lavoura não dava um grão, o chão rachava de fome, e eu só via desolação.</p> <p>Decidi pegar minha família e seguir por esse mundo, passei por vários lugares, sofri tanta humilhação.</p> <p>Diziam que eu era ignorante, que não tinha educação, mas quem vive da enxada tem doutorado na aflição.</p> <p>Minha fé já não existia, em Deus pensei que não cria, “Ele não olha pra gente, mulher”, era o que eu sempre dizia.</p> <p>Mas ela, firme, ajoelhava, rezava por mim todo dia, e eu calado me perguntava: até quando essa vida seca eu teria?</p>

Consideramos que esses poemas sugerem ser a literatura um prisma poderoso para promover a reflexão acerca das subjetividades e emoções que permeiam o processo de construção do conhecimento em seus diversos aspectos. Mediante essa realidade, notamos que a atividade pedagógica que envolveu o corpo discente – por meio da leitura, da apresentação de seminários e das discussões em mesas-redondas – contribuiu para que os alunos se tornassem protagonistas do processo de ensino-aprendizagem. Assim, buscamos romper com a “educação bancária”, buscamos transformar olhares, jeitos de viver e de estar no mundo.

Percebemos essas realidades no modo como os participantes da pesquisa conseguiram identificar, nas personagens do livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, sentimentos como a angústia, a dor e a aflição. Notamos tal fato em versos como: “*Minha fé já não existia*” (Aluno 2). Já em relação ao Aluno 1, observamos sua percepção de que o animal de estimação era como um membro da família; o estudante percebeu que a cachorra socorria os familiares quando não tinham o que comer: “*A sorte era uma cachorra que sempre ajudava*”. Para além dessa constatação, entendemos que este último conseguiu relacionar os aspectos socioeconômicos presentes na obra, ao notar que não deveria reclamar da vida, pois as personagens analisadas almejavam ter o que ele possui. “*Por isso não reclamo do que eu tenho/ E nunca vou reclamar/ Pois o que eu tenho hoje todos eles queriam conquistar.*” Essa percepção é parte da análise crítica, a partir da realidade de quem se é.

Daí a importância de criarmos um currículo que reflita a realidade local, que promova a valorização da cultura e de suas raízes e que contribua para a formação integral do educando. Nesse processo de aprendizagem, não damos ênfase ao mero acúmulo de informações, mas à capacidade que o corpo discente demonstra de dialogar com os saberes e lançar mão do conheci-

mento que lhe é significativo. Iniciamos, assim, um processo que pode nos levar à travessia da disciplinaridade para a transdisciplinaridade.

## LITERATURA REGIONALISTA: UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR PARA REFLEXÃO DAS QUESTÕES SOCIOCULTURAIS, ECONÔMICAS E SOCIOAMBIENTAIS REVELADORAS DA IDENTIDADE

**A**nalisar a unidade e a complexidade humana de acordo com os vários conhecimentos dispersos nas ciências humanas, nas ciências sociais e na literatura que, por sua vez, reflete a diversidade das relações em que o jovem está inserido, carece de coragem para atravessar, para desconstruir os pilares enraizados na fragmentação e para se enveredar pelos descaminhos da incerteza. Essa dinâmica nos leva rumo à aventura proporcionada pelas narrativas dos imaginários sociais de nossas comunidades (o despertar às 04h da manhã) e, ir ao encontro das tramas de grandes obras literárias, que trazem em seu bojo os contextos históricos, culturais e o modo como se dão as relações humanas (Morin, 2003).

Por meio dessa abordagem, compreendemos que a literatura busca auscultar as realidades políticas discriminatórias, como em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; as de exploração da força de trabalho, como em *Os Corumbas*, de Amando Fontes; as de injustiça, como em *Os Miseráveis*, de Victor Hugo; as de introspecção e intimismo, como em *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector; as de desigualdade social, como em *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto; as de sobrevivência em meio aos desmandos governamentais, como em *O Quinze*, de Rachel de Queiroz; e

as de poder, como em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, em que a luta pela sobrevivência é permeada pela opressão política e pelas situações climáticas oriundas ora do sol, ora da chuva.

Nessas obras, mesmo em meio aos sofrimentos advindos de cada realidade e de cada contexto histórico, social, político e econômico, percebemos que o entusiasmo pela vida brotava das crenças por melhores condições de existência, tendo em vista a condição planetária que cercava as personagens. Notamos que das páginas da literatura brotam poesias que ressignificam as vidas. As prosas são oriundas das poesias que compõem a complexidade e a incompletude de trajetórias que representam muitas outras, seja no sertão baiano, cearense, pernambucano, sergipano ou alagoano; seja em um país como a França, ou, ainda, em uma cidade como o Rio de Janeiro.

Entendemos que as obras literárias refletem os contextos históricos, culturais e o modo como se dão as relações humanas em contato com seus imaginários sociais. Para Morin (2003), o ser humano faz parte de uma tríade indissociável: indivíduo-sociedade-espécie. Assim, o indivíduo faz parte da sociedade e a sociedade está no indivíduo, tendo em vista que os elementos culturais o acompanham em suas atitudes e expressões. Evidenciamos tal interface na reflexão de um aluno participante da pesquisa que, ao se embeber do universo literário, ampliou seus horizontes e criou conexões com a realidade observada em seu contexto.

É o que se percebe nestas estrofes<sup>2</sup>:

[...]

---

<sup>2</sup> Estrofes do poema "*Tecendo o fio da Vida*." Fruto da experiência de um aluno participante da Ação Pedagógica. Nessa ocasião, a interação com o meio, a observação da realidade, levou-o à construção desses belíssimos versos.

Cada raspada é história, memória, a brilhar  
 ciclos de vida, em silêncio a cantar.  
 com dedos precisos, mudam por vir,  
 na escuridão da noite, fazem um dia surgir

E quando o primeiro raio beijo amanhecer,  
 o campo resplandece no brilho de seu fazer.  
 São elas, as tecelãs de um novo renascer,  
 que, na luz e no esforço, fazem o dia crescer  
 (Aluno X da 3ª “C” do CEER)

Dos versos dessa poesia, além de observarmos a luta pela sobrevivência – permeada pela resiliência e pela determinação das mulheres trabalhadoras das casas de farinha que, ainda na madrugada fria, tecem o fio da vida para sustentar suas famílias – refletimos também acerca da pertinência do conhecimento nas tessituras do processo de transdisciplinaridade.

Entendemos essa interface como uma via que visa à criação de uma nova ciência capaz de dialogar com múltiplos processos materiais e imateriais, bem como com saberes subjugados de diferentes escalas e níveis, tendo em vista a complexidade do ambiente enquanto “processos de ressignificação do real, geradores de novas identidades em torno do saber” (Leff, 2011). Sob essa ótica, notamos que os alunos criam, aprendem e refletem sobre suas experiências, podendo transformar a forma como se veem e como se relacionam com o mundo ao seu redor.

Destes versos – “*elas, de olhos atentos seguem a missão / mandioca em mãos, com ritmo e suor / criam o sustento, um trabalho maior*” –, notamos o quanto o aluno captou a relação das raspadeiras de mandioca com seu contexto histórico, social, político e econômico. Assim, evidencia-se a relação indivíduo/sociedade/espécie, significando que, no convívio social, a construção das relações sociais fundamenta-se na dinâmica de um depender do outro.

Por essa interface dialógica (realidade local e leitura), percebe-se que, das páginas da literatura, surgem poesias que ressignificam vidas, revelando a conexão entre saberes e apontando para uma educação capaz de se conectar com a complexidade e a transdisciplinaridade.

Essa perspectiva exige que o conhecimento seja construído a partir de princípios transdisciplinares, superando o viés da disciplinaridade fragmentada. Ao refletirmos sobre as circunstâncias poéticas que se universalizam, reconhecemos que a identidade humana se forma na integração do todo (Morin, 2003), celebrando a diversidade ao mesmo tempo em que promovemos a unidade e a compreensão mútua, criando ambientes de aprendizagem inclusivos e acolhedores para todos, conforme os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Nessa dinâmica, o aluno é levado a pensar suas ações, a criar estratégias para realizá-las, a interpretar e a interagir com outros alunos que têm pontos de vista diferentes do seu, organizando e expressando seu aprendizado; enfim, percebemos o corpo discen-te como protagonista de seu próprio conhecimento. Ele aprende em contato com as realidades interiores e exteriores ao exercer sua autonomia de ser autopoietico e ao compreender que sua condição humana é atravessada pela complexidade da existência terrena. Por isso, notamos o despertar para o cuidado consigo, com o ambiente e com o cosmo, dentro da perspectiva do vai-e-vem da vida, sempre em movimento, como as ondas do mar.

# CAPÍTULO IV

Os Preparativos  
para o Sarau Literário:  
“A arte que  
Movimenta a vida”



**D**urante o ano letivo, organizamos o Sarau Literário, paulatinamente, com o objetivo de promover a participação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. A jornada começou com a declamação do poema “*No Meio do Caminho*”<sup>1</sup> de Carlos Drummond de Andrade, ocasião em que buscamos conectar a realidade dos agricultores do município com a vivência dos pais dos alunos, tendo em vista que a maioria deles trabalha no campo e vive da feitura da farinha de forma artesanal. A partir dessa discussão, promovemos debates em formato de mesa-redonda, nos quais realizamos a apresentação de obras da literatura regionalista (poesia e prosa). Nesse momento, fizemos a apresentação das obras literárias, bem como a sugestão da divisão dos grupos de estudo, reiterando a relevância da teorização e a importância da leitura e sua conexão com a vida cotidiana para a construção significativa do conhecimento.

Foi a partir dessa dinâmica que desenvolvemos os preparativos para o Sarau Literário, buscando enaltecer a criatividade dos educandos a partir de suas vivências e experiências com o mundo ao seu redor, por meio da conexão com o universo literário apresentado. As apresentações de seminários, os debates nas mesas-redondas, a visita técnica à casa de farinha, a confecção de cenários, as apresentações teatrais, declamações de poesias,

---

<sup>1</sup> O eu lírico desse poema traz em seu bojo a reflexão de que no meio do caminho há pedras. Esse caminho se configura em uma metáfora que traz a pedra simbolizando os problemas e os percalços pelos quais passamos nesse caminho rumo às conquistas. Por isso, é preciso retirá-las do meio do caminho e construir castelos de realizações. (grifo da pesquisadora)

apresentações de dança e interpretações de monólogos foram ocasiões importantes para a culminância desse trabalho. Presenciamos um momento ímpar, revelador do poder transformador que a educação tem na vida do ser humano.

Dessa forma, fomos construindo aprendizagem “a exemplo do processo de tecelagem,” conforme abordam as teorias. Entendemos que cada aluno pode tecer, construir e reconstruir conhecimentos, ao tempo em que articula e integra sua realidade em diálogo com as diversas leituras, para tornar o processo de aprendizagem mais eficiente e eficaz (AKIKO, 2005).

Reconceitualizar, pois, o conhecimento, é preciso, por meio de concepções que se contradizem ou enriquecem o senso comum. Por isso, entendemos que essa reconceitualização reclama a incorporação dos princípios que dialogam com a transdisciplinaridade, como o holográfico (que religa as partes ao todo); o da complementaridade entre os opostos (que articula os pares binários); o da Incerteza (em que a certeza da vida se fundamenta na lógica contrária à da ciência); e o princípio da Autopoiese (pelo qual o ser humano aprende em contato com suas experiências internas e externas).

Para elucidar essa dinâmica, apresentamos algumas fotos comprobatórias desse processo de ensino-aprendizagem que vivenciamos na preparação para a realização do referido evento.





Fonte: autoria propria, 2025

Transformar a informação em conhecimento (PENTEADO, 2023). Eis a dinâmica de uma travessia pelo mundo do aprendizado que ultrapassa os muros da escola e promove o diálogo com outras áreas do saber. Nesse processo, o fazer pedagógico conduz o aluno a ser ativo, participativo e reflexivo.

Fomentarmos essa percepção, contribuiu não só para ressignificar seus mundos e se enxergar como parte de um território/lugar que pode ser transformado, mas também para pensar sobre a relação do homem com a natureza. Daí a possibilidade de se compreender que as atitudes e ações de cada um são fundamentais para promover o cuidado consigo, com as pessoas e com seu derredor, buscando, pela via do diálogo entre os saberes, da construção e desconstrução do conhecimento, o equilíbrio ambiental que transita entre aprendizados e reflexões dos fazeres pedagógicos.

## APRENDIZADOS E REFLEXÕES DURANTE E PÓS-REALIZAÇÃO DO SARAU LITERÁRIO

No decorrer do trabalho que realizamos com as obras literárias, os alunos do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro tiveram a oportunidade de refletir sobre as realidades dos trabalhadores da casa de farinha do município, sobretudo, do povoado Mulungu, bem como sobre os aspectos socioculturais, socioeconômicos, sociopolíticos e socioambientais apresentados nas obras de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Amando Fontes e João Cabral de Melo Neto, entre outros, relacionando-os com suas vivências. A seguir, apresentamos 29 depoimentos que ilustram as impressões e aprendizados desses alunos, durante e após a realização do Sarau Literário.

### Aluno 1

Como foi citado, “instrumento” de transformação: uma polissemia da palavra instrumento, que nos leva a pensar que a literatura é um instrumento, ou seja, tem várias formas e diferentes maneiras de se tocar e ouvir. A literatura, quando se trata de “meio de transformação” (além), também é um espaço de reflexão e de ressignificação de vivências. Por meio dela, é possível compreender diferentes perspectivas e culturas, promovendo a empatia e o respeito pelo outro. A literatura nos conecta com emoções profundas e nos permite enxergar a realidade sob novos ângulos, ajudando-nos a questionar padrões e a construir uma visão crítica do mundo.

A literatura é mais que uma forma de arte: é uma ponte entre o coletivo e o individual, o real e o imaginário. É um convite para pensar, sentir e agir com maior consciência e sensibilidade.

### Aluno 2

A partir do meu contato com a leitura, meu jeito de pensar e agir mudou completamente, principalmente depois da minha leitura do livro ‘Os Corumbas’, pois após essa leitura, pensei que tenho tudo nas mãos, mas não sou grato, porque no livro mostra a busca incessante pelo básico para viver, a busca pelos direitos. Depois deste livro eu comecei a ser mais grato por tudo que tenho, não mudei apenas depois desta leitura mas também mudei depois da minha leitura do “Diário de Anne Frank” e outros livros. A literatura pode mudar vidas, qualquer livro que lemos se nos aprofundarmos na leitura certamente mudará nossa perspectiva da vida como foi do de pensar, agir e como mudou tudo em mim. Outro ponto que mudou meu jeito de agir e pensar foi o sarau literário, pois encarnamos os personagens do livro “Os corumbas”, assim o meu aprendizado foi completamente diferente, pois vivi como um dos personagens na hora da apresentação, eu aprendi não só lendo, mas encenando e falando.

### Aluno 3

Oii! min chamo [...] a leitura sempre teve um papel importante na minha vida, pois através dela descobri novos mundos, aprendi coisas que não conhecia e desenvolvi a capacidade de compreender melhor as pessoas e as situações ao meu redor. No começo, ler era apenas uma obrigação escolar, mas aos poucos se tornou um hábito prazeroso. Cada livro que eu pegava trazia uma sensação diferente: algumas histórias despertavam minha curiosidade, outras ainda me faziam refletir sobre temas que eu nunca tinha parado para pensar.

#### Aluno 4

Com as leituras, entendi que devemos valorizar o que somos e não negar as nossas origens. Devemos ser gratos e não reclamar das coisas que temos, nem todas as pessoas tem as mesmas condições e pra algumas pessoas o que não é “nada” pra outras pode ser tudo.

A desigualdade social é muito presente na maioria das histórias dos livros, nem todas as pessoas tem as mesmas condições.

#### Aluno 5

A leitura me proporcionou uma nova visão de como enxergar o mundo de outras formas, os livros “O Triste fim de Policarpo Quaresma”, “morte e vida severina” e outros feitos me deram uma vasta experiência de como o mundo é visto de várias formas por diversas pessoas, o fato por Policarpo como o nordeste é retratado como um lugar “seco e sem vida por alguns autores, mais isso é um grande equívoco pois em outros livros que falam a realidade sobre o nordeste que não são críticos e sim elogios sobre a beleza e cultura nordestina, belezas inigualáveis e únicos do sertão brasileiro. Os debates com colegas de turma sobre os livros lidos, percebi que agiam de formas diferentes do que retratavam no livro, pois muitos não liam e só falavam da boca pra fora e falavam coisas sem sentido. Só tenho a agradecer a professora Maria Isabel por me proporcionar a leitura desses maravilhosos livros.

#### Aluno 6

A leitura me proporcionou uma nova visão de como enxergar o mundo de outras formas, os livros “O Triste fim de Policarpo Quaresma”, “morte e vida severina” e outros feitos me deram uma vasta experiência de como o mundo é visto de várias formas por diversas pessoas, o fato por Policarpo como o nordeste é retratado como um lugar “seco e sem vida por alguns autores, mais isso é um grande equívoco pois em outros livros que falam a realidade sobre o nordeste que não são críticos e sim elogios sobre a beleza e cultura nordestina, belezas inigualáveis e únicos do sertão brasileiro. Os debates com colegas de turma sobre os livros lidos, percebi que agiam de formas diferentes do que retratavam no livro, pois muitos não liam e só falavam da boca pra fora e falavam coisas sem sentido. Só tenho a agradecer a professora Maria Isabel por me proporcionar a leitura desses maravilhosos livros.

### Aluno 7

Os livros podem acalmar, inspirar, confortar e até ajudar a lidar com situações difíceis.

Um livro que retrata a vida nordestina *Vidas secas* é uma das obras mais importantes do modernismo brasileiro, o romance retrata a vida dura de uma família de retirantes que enfrenta a miséria provocada pela seca no nordeste. Esse livro em si que nós podemos fazer o que quiser a partir da leitura e isso a partir da experiência de seminário sarau e o que mim ensinou mais ainda com essa experiência de leitura.

E todos alunos sempre tiveram o incentivo de isabel e isso mim motivou mais ainda para apresentar o seminário foi uma experiência única.

A partir do seminário nos podemos apresentar em uma faculdade sem medo e isso podemos prova com essa aula e com o sarau.

### Aluno 8

Para eu Josefa Gardênia a leitura pode ser uma experiência transformadora e enriquecedora, especialmente quando se trata de obras literárias que tocam o sagrado. A leitura (leitura) de obras literárias que adotam temas espirituais ou religiosos pode criar uma sensação de conexão com algo maior do que nós mesmos. A leitura para mim foi algo muito transformador, pois conseguir entender coisas que antes da leitura não entendia. Ela também cria uma sensação de comunidade e compartilhamento com outros leitores, permitindo discutir e refletir sobre as obras e seus temas. A leitura tem ajudado ver um mundo de uma perspectiva diferente e a crescer como pessoa.

### Aluno 9

Na minha perspectiva o sarau Literário me fez ampliar a minha visão sobre algumas relações sociais. Em algumas obras eu me identifiquei, assim me fez refletir sobre a minha vida, e de como devemos valorizar as pequenas coisas da vida. umas das minhas obras favoritas, é a *Gançá de Graça Aranha*, onde dois personagens milkau e lenty buscavam a terra prometida, na visão deles era um local onde eles realmente iriam viver felizes, tendo a vida ideal, mas na obra tem uma conexão com a denuncia, a desigualdade social e economica, apresentado injustiças e sofrimento.

Portanto, na pratica eu tive o contato direto com os livros e coma leitura em si, a execução da metodologia da Professora Isabel foi crucial para meu desenvolvimento intelectual, onde coloquei em pratica a minha escrita, a comunicação gerei conhecimento e compartilhei com os demais colegas, me esforcei mais para poder se preparar para as apresentar a peça de [rasura] teatro, sempre estudando para os seminários e mesas de debater coletivo, executada mapas mentais, pesquisas e copias de conteudo.

Eu evoluir muito pois deixei a preguiça de lado para poder estudar foi muito esforço e planejamento. mas valeu a pena...

fazendo-se uma ponte com a realidade com a obras os corumbas de Amando Fonte, onde as pessoas lutando diariamente com a sua rotina trabalhista, onde enfrentarão a desigualdade e invisibilidade, onde o trabalho não é remunerado. Ligado a minha realidade dos trabalhadores da minha cidade onde a principal fonte de renda é o trabalho em casas de farinha, já que é um trabalho informal e de mão de obra barata, eles trabalho pesado e não recebem um valor financeiro alto, assim sendo invisibilizados.

### Aluno 10

Meu nome é [...], estudei no Centro de Excelência Emeliano Ribeiro, onde tive o privilégio de conhecer [...] a professora mais dedicada da área de Linguagem que já tive. Agradeço muito a ela por todo conhecimento adquirido nesse decorrer de tempo. Através da leitura do livro “O Quinze” percebe que a leitura e muito mais que simplesmente ler, como muitos fazem, só passar o olho. Com esse romance o Quinze de Rachel de Queiroz eu pude ver o quanto a educação pode transformar vidas. Na ponte com a realidade (Parte da aula que fiz na apresentação do seminário), me deparei com situações que eu mesma passo. No romance os personagens vivem invisibilizados por falta de conhecimento de oportunidades de educação e de condições. Um dos fatos que me deparei foi quando precisei de um comprovante de residência e eu não tinha porque minha energia era gato, ligando direto do poste, e nisso a moça olhou pra mim e falou a seguinte frase: “mulher como é que você mora em um lugar e não tem comprovante de residência? Isso não existe, não vai ter como marcar o exame sem o comprovante, tente arrumar algum”. naquele momento me senti inferior a todos que estavam ali ao meu redor. Sofri muitas negligências em minha vida e só fui perceber isso através de leitura e de conhecimento adquirido ao decorrer do meu ensino médio da educação, literatura e do conhecimento.

O conhecimento me transformou completamente. Hoje olho o mundo e os livros com outros olhos não só a leitura do romance o quinze mas também de outras obras e poemas. no decorrer do tempo, todas essas obras e poemas contribuíram para que minha visão do mundo, das pessoas e da realidade ficasse mais clara, o quanto a leitura, escrita e o conhecimento abrem e me aprofundam mais em tudo que eu vejo e faço. Hoje, através da educação e do conhecimento me tornei outra pessoa, minha vida e rotina mudou completamente para melhor

### Aluno 11

Eu, [...] interpretei Fabiano na obra “Vidas secas”, a oportunidade de mostrar o meu gosto por essa obra foi o que precisava para enxergar a vida de outros olhos, logo eu que nunca dei valor ao pouco que tinha comecei a ver as histórias que não só a minha mãe mas também a minha avó me falavam, histórias essas que Graças a “Vidas secas” e “Macunaíma” me fizeram dar valor ao pouco.

No sarau pude demonstrar a minha visão e enxergar o que é literatura brasileira. A história de quem vive do pouco não é sobre pobreza e sim sobre pessoas e famílias que lutam todos os dias por um futuro melhor.

Hoje me orgulho da minha mãe e da minha avó que mesmo comendo água e farinha no almoço não desistiram tenho-as como exemplo.

Por isso, agradeço as aulas da professora Isabel que nos apresentou a mesa redonda e me ajudou a ter essa visão de valorização da minha história (rasura) por meio da literatura.

### Aluno 12

A leitura é uma das ferramentas mais simples e, ao mesmo tempo, mais poderosas que existem. A leitura me ajuda de tantas maneiras que às vezes nem percebo o quanto ela faz diferença no meu dia a dia. Cada livro, cada texto me apresenta algo novo. Isso aparece principalmente na minha comunicação: quanto mais eu leio, mais fácil fica de falar, escrever e organizar minhas ideias.

Ler aumenta meu vocabulário e me mostra formas diferentes de construir frases. Também percebo que fico mais atenta aos detalhes e consigo interpretar melhor situações e sentimentos tanto os meus quanto dos outros.

Além disso, a leitura amplia minha visão de mundo. Ela me faz conhecer realidades diferentes, aprender coisas novas e desenvolver um pensamento mais crítico. E isso me ajuda em tudo: nos estudos, nas decisões que preciso tomar, no jeito de lidar com problemas e até na forma como me relaciono com as pessoas.

No fim, a leitura se tornou uma aliada. Ela não melhora só a minha comunicação, melhora também quem eu sou e quem estou me tornando. É como se, a cada página, eu crescesse um pouco mais

**Aluno 13**

Minhas experiências com a leitura na culminância do sarau literário foram marcadas por descobertas, emoções e trocas de conhecimento. Ao apresentar minha leitura, senti que não estava apenas compartilhando palavras, mas transmitindo sentimentos e interpretações construídas ao longo do processo. Ouvir as apresentações dos colegas também me proporcionou novas perspectivas, mostrando como cada leitor transforma o texto de maneira única. O Sarau se tornou, para mim, um espaço de expressão, liberdade e fortalecimento do hábito de ler. Foi vivência enriquecedora que contribuiu para o meu crescimento pessoal e literário.

**Aluno 14**

Depois do sarau eu comecei a valorizar a leitura mudou a minha vida, aprendi a superar meu medo. O último seminário num ensino valoriza a minha cidade meu estudo porque sem estudo nós não somos e nada. A minha primeira experiência no seminário foi como uma tempestade de ansiedade e insegurança pensando que eu não conseguia falar mais no último passei uma semana estudando e chorando pedi força a Deus e consegui falar apresentei superei todos os seminários e eu amei a experiência de apresentar o estudo é vida.

**Aluno 15**

[...]A partir da leitura de obras como, Vidas Secas, nos proporciona a experiência, com a metodologia da mesa redonda, de vida durante este ano letivo. A principal obra que fez em eu como um aluno, que tinha que acordar às 2:00 da madrugada para trabalhar, foi Vidas Secas, com Fabiano um homem bruto fruto de múltiplas experiências negativas, uma vida que percorre a fome e a fraqueza de uma região. Essa miséria material, além da simbólica, essa procura por uma vida melhor que ocorre, ainda nos dias atuais, famílias que viajam para outros estados em busca de melhores condições de moradia e trabalho, já que a nossa região, São Domingos, uma pequena cidade que não possui grandes oportunidades de emprego, a única opção é a mudança de estado da mesma forma que Fabiano e sua família fazem. Após a mesa redonda, e o seminário, onde se reuníamos para fazer apresentações sobre as obras, a professora comentava como tinha sido as apresentações, além de um diálogo que nos fazia refletir e repensar a nossa vida como estudantes e pessoas. Essa experiência que será inesquecível, uma memória que ficará eternizada, pois cada momento, cada segundo em que nos empenhamos mais e mais para aprendermos, é algo que será levado para a vida inteira, agradeço a ela por todas essas oportunidades incríveis de leitura que nunca esquecerei.

### Aluno 16

Na minha perspectiva, o sarau literário, a mesa redonda e o seminário elaborados pela professora[...] são projetos de grande importância e influência para a comunidade escolar, pois possibilita aos alunos uma aprendizagem interativa. Através dos livros e dos personagens de obras renomadas da literatura nordestina, ampliamos nossos conhecimentos, fortalecendo o raciocínio e ajudando a compreender melhor o mundo.

Neste ano letivo, a professora Isabel nos apresentou diversos livros, os quais me fizeram refletir sobre a minha vida e sobre os problemas socioeconômicos, socioculturais, sociopolíticos e socioambientais. Em especial, O Quinze me fez refletir muito. Rachel de Queiroz mostrou fortemente a dura realidade do povo sertanejo, e com essa obra eu desenvolvi uma compaixão maior pelo próximo e passei a valorizar ainda mais os meus pais, a comunidade local e as minhas raízes.

No contexto do município de São Domingos, é encontrada uma grande quantidade de casas de farinha, onde muitos trabalham para garantir o sustento do dia. Esse ambiente de luta e resistência me fez lembrar outra obra estudada: Os Corumbas, de Amando Fontes, que retrata uma família pobre enfrentando dificuldades e exploração. A obra reforça a importância de valorizarmos essas pessoas, suas histórias, seu trabalho e suas lutas, reconhecendo a força da cultura nordestina e o impacto social que ela carrega.

A culminância do sarau literário mostrou como a leitura ampliou minha visão de mundo e fortaleceu meu senso crítico. Foi uma experiência marcante que reafirmou a importância da literatura na minha vida.

### Aluno 17

Ao ler, reler e entender o poema, percebi a linda e reflexiva mensagem presente nele. Em cada verso, Cecília transmite de forma melancólica o fato do tempo transformar diversos aspectos de nossas vidas. Isso em “retrato” já em “ou isto ou aquilo”, ela fala sobre como as escolhas fazem parte de toda a nossa vida, todos os dias, desde a infância. Assim ao mergulhar nessas duas lindas obras, consegui me ver nelas, elas me atraíram diante do quanto eu estava me identificando com o que Cecília apresentava nesses poemas. Eu associei o fato de o tempo transformar e termos que fazer escolhas, consegui trazer para minha realidade, pois passei por um momento em que quase entrei em depressão, esse momento se deu a partir de mudanças, o tempo transformou coisas em minha vida que exigiram que eu fizesse a escolha mais difícil que eu já tive que fazer. Dessa forma, vi que a leitura me trouxe conforto diante dessa situação, pois vi algo que eu passei sendo falado de forma ampla, acolhedora e poética. Então, pode-se afirmar com toda a certeza do mundo: a leitura muda vidas, ela transforma ambientes, pensamentos, pessoas, e a partir dela o mundo inteiro pode ser transformado

**Aluno 18**

Após a leitura dessa obra, apresentamos nesse evento, uma dramatização de Vidas Secas. Diante de tudo isso, é nítido que essa obra transformou, tanto o meu quanto o pensamento de outras pessoas, essa obra aumentou a empatia, pois visualizamos a fome, a seca, a injustiça e a miséria que a família enfrenta. A obra também me fez enxergar a realidade de algumas regiões do Brasil, principalmente no Sertão Nordestino. Vidas Secas mostra uma realidade dura: falta de água, falta de oportunidades, violência social. A obra supracitada também gera consciência social, pois podemos entender que existem diversas classes sociais e que nem todos possuem as mesmas oportunidades. Nesse sentido, a leitura dessa obra me proporcionou uma melhoria no que eu entendia de Sertão e na perspectiva social. Após a realização do Sarau Literário, percebi que grande maioria dos alunos se sentiram realizados e envolvidos na obra, conseguimos, através tanto da leitura quanto da dramatização, adquirir conhecimento e permitir que isso nos transformasse. Diante da perspectiva da coletividade, de que um galo sozinho não tece uma manhã, das ações e do trabalho realizado nas casas de farinha, pode-se observar que essa coletividade está presente também em sala de aula. Cada aluno contribui lado a lado com o professor para realizar algo, nos seminários todo mundo se ajudou, teorizaram juntos e compartilhando conhecimento. No Sarau, todos contribuíram para o sucesso da peça: uns ficaram com o cenário, outros com o figurino, alguns atuaram e todas essas ações coletivas contribuíram para esse grande evento literário.

**Aluno 19**

Eu [...]tive uma experiência transformadora para mim. Antes do livro Vidas Secas, eu enxergava a realidade do sertão apenas como um tema distante, algo que eu conhecia superficialmente pelos livros escolares. Mas, ao acompanhar a trajetória de Fabiano, Sinhá Vitória e seus filhos, passei a compreender de forma muito mais profunda o peso da seca, da fome e da falta de oportunidade que marca a vida de tantas pessoas. Depois de Vidas Secas, passei a ser mais sensível às questões sociais e a refletir mais sobre empatia. O livro não apenas ampliou meu conhecimento literário, mas também me fez crescer como pessoa, despertando em mim um olhar mais humano, crítico e consciente da realidade ao meu redor. A leitura mudou minha visão de mundo, através da leitura e através da literatura eu tive acesso a um mundo inacessível de outra forma. Por meio das mesas redondas e da Culminância do Sarau Literário passei a valorizar mais a minha vida, por que tenho coisas em minha vida que os personagens de Vidas Secas não tinham.

### Aluno 20

Primeiramente, eu concordo com esses argumentos, que a leitura pode mudar vidas, comportamentos, A leitura do Soneto de fidelidade, mudou meu pensamento, eu era uma pessoa mais resguardada fechada, tanto com amigos como com familiares, aquele soneto me ensinou que nós temos que viver cada momento como se fosse o último, ou seja não deixar para amanhã o que podemos fazer hoje e na apresentação do sarau “morte e vida severina”, teve uma mudança na minha vida fez com que eu valorizar mais o trabalho coletivo, ver que pra tudo precisamos de outras pessoas e o Teatro, eu já tinha feito diversas apresentações, mais em todas eu ficava nervosa, mas essa foi diferente eu tava mais leve, mais tranquila, de início eu não queria participar, porque mesmo que eu tenha o dom de apresentação, eu não gosto de me expor muito, mas mesmo assim eu fui não só por mim, eu fiz esse esforço para ajuda a sala e a professora que estava administrando a nossa sala, mas valeu muito a pena tive muitas mudanças com pessoa então eu falo a literatura a leitura muda vidas comportamentos, o jeito de pensar e de agir

### Aluno 21

O poema “Relógio” descreve o tempo e a vida através da metáfora de caixas de vidro que contém uma “palpitação” semelhante a um pássaro enjaulado. Essas caixas podem ser relógios de parede ou de pulso, e representam a regularidade mecânica do tempo, contrastando a precisão e a monotonia do tic-tac com a vitalidade da natureza. O tempo as vezes é retratado como algo ruim, como se fosse um inimigo, mas a única coisa que é ruim, são as pessoas gastando seu tempo com situações que não lhe favorecem, algo que não te leva pra frente de tudo. As pessoas são suas próprias gaiolas, que não conseguem sair de seus vícios, qualquer mania que vá atrasar seu desenvolvimento pessoal, e considerado um vício negativo, por exemplo as crianças de hoje em dia que se importam mais com o celular, em vez de aproveitar sua infância de maneira correta. Essa leitura me fez refletir sobre limites em certos vícios, como em questão ao meu pai que tinha sofrido um leve infarto isso me fez sentir que o tempo gasto no celular, poderia ser colocado em ligação com o meu pai. O tempo não avisa de certo as consequências da vida e sim as próprias pessoas.

### Aluno 22

#### A leitura transforma vidas”

A leitura mudou após ler o livro *Vidas secas* que retrata uma vida fraca, sem acesso a educação, falta de investimento. Sinhá Vitória não tinha uma cama e era seu sonho ter... Isso faz com que nós se colocamos no lugar dela e valorizarmos nossas raízes e tudo que temos. A leitura é uma forma de sair da zona de conforto e vê o mundo de uma forma melhor. O Sarau, seminário e a mesa redonda me fizeram evoluir como pessoa e com minha comunicação com outras pessoas, além disso é uma troca de conhecimento fundamental para os alunos, e uma preparação para faculdade e pra vida. Com eles pude me aprofundar mais no meu conhecimento e debater com os meus colegas. Esse projeto de Maria Isabel é excepcional para os alunos.

### Aluno 23

Conforme a experiência que tive nesse ano, por meio da literatura e da mesa redonda, pude conhecer obras como “Canoa”, “O Quinze”, “Os Sertões” e “Vidas Secas”, além de poemas de Carlos Drummond de Andrade, como por exemplo: “No meio do Caminho”, “Para sempre” e, em particular, “Ausência”. Eu queria dizer a verdade: não sou daquelas pessoas que tem paixão pela leitura, mas, pelo menos eu pude escutá-la pelos meus colegas e me aprofundar nelas durante a nossa mesa redonda, mesmo que não tenha sido muito.

Para dizer que foi bom para mim.

Assim, eu pude ver as condições passadas e as mensagens que os autores tinham que passar para a sociedade na época, mesmo que as vezes tivessem que ser bem escondidas para não terem problemas com quem exercia o poder, ou talvez para nos dar uma lição de vida real. No meio do caminho haveria uma pedra, ou melhor dizendo, uma história triste ou qual-quer obstáculo, mas sempre se deve ter algo a ensinar sobre a vida. Como às vezes ela pode ser cruel, ou pode ser suave como uma pince-lada de Van Gogh. Bem, acho que você não contava isso não é mesmo?

Mas devo continuar, pois ainda tem os filmes: “Cronicamente Inviável” e “Macunaíma”. Eu não tenho muito para falar desses dois porque eu nunca fui tão atento a detalhes de filmes assim. Um parece mais um documentário que expõe a violência a desonestidade e a contradição da sociedade brasileira e racismo, o outro tem o nosso “herói sem caráter” se destacando, mostrando as qualidades do povo brasileiro e, também, os seus defeitos.

Agora falando sobre o que mais me deixou angustiado

Mas que no fim deu tudo certo. O evento do Sarau Literário é a arte que movimenta a vida, onde a nossa apresentação foi sobre “O Quin-ze” de Rachel de Queiroz, foi uma surpresa e uma responsabilidade ao mesmo tempo. Mesmo a gente, como aluno, às vezes sem ânimo para decorar falas, gestos ou planejar o cenário e o figurino. Para mim o figurino foi fácil, pois eu não era personagem, mas estava no cenário. Foi agonizante porque muita gente não se envolvia, a não ser que o pessoal da atuação chamasse a atenção para ajudar. No começo eu fiquei perdida, mas depois fui pegando o jeito com o pessoal. No final deu tudo certo e mos-tramos a nossa mesa redonda, além de coisas novas como “O Auto da Compadecida”.

Fiquei muito feliz e grato por participar de tudo isso, apesar da tristeza e da alegria que ocorreu durante o ano. Espero que muitos tenham essas experiências. Às vezes o gosto de aprendi-zado prova o contrário: é uma experiência muito boa que amplia o conhecimento. Por isso, peço desculpas por qualquer falha que eu tenha da-do, seja pequena ou grande.

#### Aluno 24

Esta reflexão é fruto da análise dos livros em que já li. A leitura nos ajuda a nos reconhecer como seres humanos, reconhecer a nossa condição humana, a construção com a identidade e a nossa relação com o meio. A obra *vidas secas* escrita Por Graciliano Ramos, Por ser uma obra de denúncia, destaca muito a resistência e a Perseverança dos personagens diante das adversidades. Além disso, me fez enquanto leitora valorizar pequenos momentos de felicidade e me levou a reflexões humanas e sociais, reforçando a idéia de que precisamos de uma sociedade mais justa e solidária para com todos. A leitura pode sim mudar vidas. Ela abre novos horizontes e muda totalmente a vida de quem aprecia. Também pode inspirar consciência crítica, empatia e cidadania ativa.

#### Aluno 25

Sou uma pessoa muito vergonhosa mas o sarau me ajudou bastante a lidar com a minha vergonha consegui apresentar e dei o meu melhor apesar de sentir muita vergonha acredito que o sarau é isso é sair da zona de conforto é encorajar e enfrentar os seus desafios

**Aluno 26**

Minhas experiências bom de começo não foi tão de boas porque eu não gostava muito de ler achava chato. quando tinha seminário eu odiava Além de que não gostar eu tinha muita vergonha hoje nem tanto. mas o que me fez querer ler mais foi o último poema que eu li que Isabel passou que se chama “uma faca só lamina aquele poema me chamou atenção eu li refletir nunca pensei que eu iria gostar bastante daquele poema. ali eu percebi que não é ruim de ler o quanto eu pensava a leitura pode nos levar além. O sarau sempre sendo legal divertido uma coisa que e todo final de ano muitos falam que o sarau e chato. mais e momento único de ta lá ou de participar.

**Aluno 27**

Como dizia a Professora [...], “Rapadura é doce, mais não é mole não”. Nesses anos do ensino médio do 1º e 2º anos nenhum professor nos despertou a curiosidade na leitura. Pois não passava nenhum livro. Quando chegou no 3º ano Isabel a passar os vários livros despertando curiosidade passando seminários, peças e conhecimento, aprendi bastante principalmente em mergulhar e aprofundar na leitura do livro e aprendi a falar melhor, perder o medo de apresentações. Sim! ela pega muito no pé mas é por amor e ensinar que na vida sempre temos que aprender ouvindo e escrevendo. Consegui ler os livros de forma diferente com outra visão mais ampla e despertar minhas curiosidades e com sede de aprendizado.

**Aluno 28**

Eu aprendi que com o sarau algumas coisas eu posso levar pra minha vida e também antes eu não conseguia apresenta sarau com todo o apoio e confiança da professora [...] eu consegui apresentar o sarau e o seminário mais eu fiz o que eu consegui apresenta estudei até tarde pra consegui um belo resultado e não desaponta a professora isabel que mesmo eu não sendo aquele aluno estudioso ela sempre acreditou que eu era capas de apresenta o seminário e oque eu levo de aprendizado e que eu não posso para de acredita na minha pessoa e depois do sarau eu aprendi que agente tem que acredita em si mesmo no sarau eu pude arruma o telão ajudei na fazenda e isso é gratificante pra mim.

### Aluno 29

Apreendi muito depois que o sarau, aprende que tudo é um momento de ajudar o próximo, além de não ter muito conhecimento que nem sempre a vida é como a gente deseja e sim como queremos conquistar ela.

Do jeito mais legal vivemos ela a vida pensando sempre no que a nos queremos conquistar isso que a leitura traz em mim mi ajudou bastante depois do sarau aprendi bastante que nem sempre queremos algo que não conseguimos o sarau é muito importante para ensinar sobre a vida de cada um de incentiva a viver algo sempre novo por isso o sarau do “quinze” mim ensinou sobre a vida, mim ensinou a aproveitar mais a vida que temos tudo e não conseguimos aproveitar e sobre o sarau e muito aprendizado porque ela fala muito sobre nos e sobre nossa realidade de vida e sobre aproveitar cada momento que o sarau trouxe cada mão ajudadoras que o sarau sempre é pra ajuda e a leitura também é pra ajuda pra quem quer ler ela com foco e determinação.

Entendemos que esses depoimentos revelam as mais profundas subjetividades que brotaram do deixar-se ser dos participantes da pesquisa durante e após a realização do Sarau Literário. Observamos como as narrativas elucidaram os mais diversos modos de conceber a aprendizagem e como os alunos conseguiram superar seus medos, aprendendo a ser, a fazer e a viver juntos.

Constatamos, nos registros fotográficos da realização do Sarau Literário, essa realidade de superação, envolvimento e revelação de competências e habilidades a saber, Responsabilidade/cidadania, comunicação, empatia/cooperação, repertório cultural, conhecimento, autoconhecimento e projeto de vida (MEC, 2018). Essas competências são essenciais para formar cidadãos críticos, autônomos e participativos, capazes de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Em cada desdobramento do evento, foi visível o poder libertador do diálogo entre os saberes e do encontro fascinante com o universo literário. Veja-se:





A partir desses registros, percebemos o quanto o contato com o meio físico e social levou os participantes da pesquisa à construção do conhecimento pertinente e significativo. Notamos o reverberar das habilidades e competências das linguagens em suas diversas faces (interpretação, dança, encenação), o que os levou a trazer à tona sentimentos e emoções, a entrar em catarse.

Entre o real e o imaginário, eles colocaram as mãos na massa, deixaram-se levar e se libertar de todos os medos e situações de aprisionamento do corpo e da alma, sentindo o ambiente e evocando as emoções mais íntimas de seu ser. O que proporcionou o encontro com as narrativas das vidas experienciadas na raiz da existência humana, sentida no labor da hora que já não se

quer ficção, mas um encontro ardente com a realidade criativa e criadora, a exemplo das narrativas e das tramas sentidas e testadas por Sancho Pança e seu mestre Dom Quixote de La Mancha.

De fato, a leitura é um instrumento de libertação, do encontro com a vida, do reconhecimento e da valorização de quem se é, e de transformação de realidades. A partir dela, podemos tomar consciência das questões adversas nas quais estamos inseridos para transformá-las, tendo como ponto de partida o acesso à educação como um ato político que tem como primazia a valorização do processo de ensino-aprendizagem com foco no protagonismo do educando (Freire, 2005).

Reiteramos, pois, que o trabalho pedagógico que tem como foco o diálogo entre os saberes (observação da realidade dos trabalhadores das casas de farinha e o ensino de literatura – poesia ou prosa) potencializa a dinâmica da construção, desconstrução e reconceitualização do conhecimento, trazendo à tona a valorização de suas raízes e o reconhecimento de suas identidades, para assim, compreender que os aspectos integrativos de sua realidade local e seu diálogo com a literatura favorecem, para além da análise de quem se é, o cuidado consigo, com seu redor e com o cosmo.

Desta feita, assim como a abundância das águas de março, o processo de ensino-aprendizagem explode em formas, ritmos e movimentos diferenciados, conforme as habilidades de cada aluno nesta longa e fascinante viagem pelo mundo em construção de quem se é. Eis a dinâmica de uma educação que se pretende livre de toda peia.

# REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2018. p. 467-491 (Linguagens e suas tecnologias).

CEREJA, William Roberto. **Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. Escritora de Sucesso, 2023. Disponível em: <https://escritoradesucesso.com.br>. Acesso em: 28 dez. 2025.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993. In Boletim/ CESP v.13 n.16, jul./dez.1993.

LEFF, Enrique. **Aposta pela vida: imaginação sociológica e imaginários sociais nos territórios ambientais do Sul**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016. cap. 4: Imaginários Sociais e Sustentabilidade da Vida, p. 293-366.

LOUREIRO, Carlos Frederico. **Complexidade e Dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em Educação Ambiental**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 27, n. 94, p. 131-152, jan./abr. 2006.

LOUREIRO, Carlos Frederico. **Educação Ambiental e Epistemologia Crítica**. Rev. Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental, v. 32, n. 2, p. 159-176, jul./dez. 2015.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Psy II, 1995.

MELO NETO, J. C. de. **Tecendo a manhã**. In: \_\_. **Obra completa: volume único**. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 345. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira). Disponível em: (<https://www.escritas.org/pt/t/11508/tecendo-a-manha>) Acesso em: 20 jan. 2026.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Meio Ambiente e Formação de Professores**. São Paulo: Cortez, 2023. p. 9-51.

PIAGET, J. (1976). **A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Record. Rio de Janeiro, 1947.

SANTOS, Akiko. **Complementaridade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido**. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 37, jan.-abr. 2008, p. 12-25.

SANTOS, Akiko; SANTOS, Ana Cristina Souza dos. **Da Disciplinaridade à Transdisciplinaridade: obstáculos epistemológicos**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005, Cindes, RJ. Anais... Rio de Janeiro: ANPED, 2005.

Caro leitor,

As páginas deste livro dialogam com os saberes do cotidiano, com a experiência enraizada no chão sentido da labuta diária da casa de farinha e com sua conexão com a literatura regionalista, cuja sensibilidade nos envolve e nos convida a mergulhar em águas mais profundas da vida — essa vida que não se cansa de viver intensamente, mesmo quando o seu tecer revela a luta constante por dias melhores.

Nesse percurso, emerge também o trabalho pedagógico que busca romper com a fragmentação do conhecimento, indo ao encontro da inter e da transdisciplinaridade como caminhos possíveis para compreender a complexidade da existência. Um fazer educativo que reconhece que os saberes não caminham isolados, mas se entrelaçam, se atravessam e se completam na construção do Ser e do Aprender.

Entre a realidade ambiental e a ficção que representa a vida, enraizadas em sua complexidade, os encontros se fazem e se refazem no desenrolar da existência, revelando que o diálogo entre os saberes nasce do chão vivido, assim como a raiz da mandioca, para revelar a memória, a palavra, a cultura e a esperança.



## **ANEXO 02: PARECER DO CEP**

CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS APLICADAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SERGIPE -  
UFS/HUMANIDADES



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A LITERATURA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO PARA REFLETIR AS QUESTÕES AMBIENTAIS

**Pesquisador:** MARIA ISABEL ANDRADE DE ALMEIDA SANTOS

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 91536225.6.0000.0383

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Sergipe

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 7.936.684

**Apresentação do Projeto:**

A literatura é um recurso pedagógico valioso para abordar situações complexas, como as questões ambientais. Diante da relevância de formar cidadãos conscientes e comprometidos com o outro, com o cosmo e com a realidade que os cerca, este trabalho traz em seu bojo a seguinte questão problema: Como os estudantes do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro reconhecerão suas identidades com valorização de suas raízes a partir do ensino de Literatura? Para cogitar acerca dessa questão, buscar-se-á analisar como o ensino de Literatura contribui para refletir acerca das questões ambientais dos estudantes do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro, localizado no município de São Domingos/SE. Faz-se necessário, para tal, os objetivos específicos, a saber: Verificar como a Literatura pode influenciar os alunos do referido município no cuidado consigo, com o ambiente e com o cosmo; Identificar como se dá a construção da identidade desses alunos em meio aos aspectos socioculturais e socioambientais, tendo em vista os imaginários sociais e a interação com o universo literário; Mostrar o quão a relação homem/ambiente pode ser construída e reconstruída por meio da interação, da integração e da conexão entre os saberes; e Descrever como a Literatura pode contribuir para transformar os territórios de vida dos imaginários sociais desses estudantes. Este estudo utiliza uma abordagem metodológica qualitativa, centrada no método ativo com

**Endereço:** Av. Marechal Rondon, s/n, Jardim Rosa Elze

**Bairro:** Jardim Rosa Elze

**CEP:** 49.100-000

**UF:** SE

**Município:** SAO CRISTOVAO

**Telefone:** (79)3194-7057

**E-mail:** cepchs@academico.ufs.br

CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS APLICADAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SERGIPE -  
UFS/HUMANIDADES



Continuação do Parecer: 7.936.684

foco na pedagogia de problematização que prima pela eficácia do processo de ensino-aprendizagem. Para esse intuito, far-se-á não só uma análise de conteúdo de obras literárias pelos discentes da referida instituição, mas também uma observação da realidade dos trabalhadores das casas de farinha do município em questão. Ademais, refletir-se-á acerca do fazer pedagógico centrado nas leituras de obras literárias regionalistas (poesia e prosa), por meio das quais a pesquisadora buscará incentivar o corpo discente a mergulhar no universo literário por meio de dramatizações, declamação de poesia de sua própria autoria, dança, monólogo e apresentação de seminário, buscando com isso, uma aprendizagem eficiente em que os educandos possam ser agentes transformadores de sua realidade. Espera-se que este estudo contribua para uma melhor compreensão de como o ensino de literatura pode ser utilizado quer como subsídios para a elaboração de estratégias de ensino mais eficazes, quer como instrumento pedagógico para análise das questões socioambientais.

**Objetivo da Pesquisa:**

Analisar como o ensino de Literatura contribui para refletir acerca das questões ambientais dos estudantes do Centro de Excelência Emeliano Ribeiro, localizado no município de São Domingos/SE. Faz-se necessário, para tal, os objetivos específicos, a saber: Verificar como a Literatura pode influenciar os/as estudantes do referido município no cuidado consigo, com o ambiente e com o cosmo; Identificar como se dá a construção da identidade desses/as estudantes em meio aos aspectos socioculturais e socioambientais, tendo em vista os imaginários sociais e a interação com o universo literário; Mostrar o quão a relação humano/ambiente pode ser construída e reconstruída por meio da interação, da integração e da conexão entre os saberes; e Descrever como a Literatura pode contribuir para transformar os territórios de vida dos imaginários sociais desses/as estudantes.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Segundo a CONEP não há pesquisas sem risco. Por isso, os alunos partícipes da feitura deste trabalho poderão se sentir cansados, bem como constrangidos à medida que o pesquisador solicitar que eles interajam com o universo pesquisado salientando suas percepções ou ainda quando estiverem sendo filmados ou fotografados.

No tocante aos benefícios, pensar um trabalho pedagógico direcionado a práticas de leituras, contribui para que o corpo discente tenha acesso a uma educação centrada no conhecimento pertinente. Essa dinâmica pode potencializar seu sentimento de pertença e de valorização de

**Endereço:** Av. Marechal Rondon, s/n, Jardim Rosa Elze

**Bairro:** Jardim Rosa Elze

**CEP:** 49.100-000

**UF:** SE

**Município:** SAO CRISTOVAO

**Telefone:** (79)3194-7057

**E-mail:** cepchs@academico.ufs.br

CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS APLICADAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SERGIPE -  
UFS/HUMANIDADES



Continuação do Parecer: 7.936.684

sua cultura e de suas raízes.

Contudo, omitir esse contato com a leitura e com o universo literário pode contribuir para que o alunado não disponha desse caráter de criticidade advindo das práticas de leitura que o lance para a reflexão, para o reconhecimento e a valorização de seu eu, para, a partir daí, respeitar o seu entorno e transformá-lo. Além disso, a pesquisa que será realizada na casa de farinha oportunizará uma nova postura em relação ao trato com o meio onde está inserido.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Esta pesquisa adotará uma abordagem metodológica baseada no método ativo, que combina ação e pesquisa para resolver problemas práticos. Seu enfoque será fundamentado nas teorias de John Dewey (1938), Kurt Lewin (1946) e Freire (1970) que defendem a importância da experiência e da ação na construção do conhecimento. Para tal, buscar-se-á fundamentá-la nos alicerces da Metodologia da Problematização, que tem como base o Método do Arco de Charles Manguerez (Barbel, 1998), cujo esquema fora apresentado por Bordenave em 1982. A Metodologia está estruturada em cinco partes, a saber: Observação da Realidade; Postos-chave; Teorização; Hipóteses de Solução; e Aplicação à Realidade.

Os dados serão coletados através de:

- a) Diário de bordo: os registros das intervenções serão organizados no Centro de Excelência Emeliano Ribeiro/SE, no período de julho a dezembro do corrente ano. Neste diário, os registros, serão feitos por meio de fotos, roteiros e ensaios das dramatizações decorrentes das obras *¿Vidas Secas¿* de Graciliano Ramos, *¿Os Corumbas¿* de Amando Fontes, entre outras. Durante o processo em que os agentes da pesquisa estiverem desenvolvendo as dramatizações, faz-se necessário o registro das apresentações. Essas ações serão filmadas para que suas cartografias existenciais sejam ressignificadas por meio do imbricamento com as leituras, o que culminará em um vídeo objetivando a realização de um documentário.
- b) Grupos focais: a fim de coletar dados sobre as percepções e opiniões dos participantes acerca dos postos-chave que serão identificados nos grupos de estudo.
- c) Entrevista semiestruturada *¿* para angariar informações que evidenciem as percepções dos sujeitos da pesquisa acerca das leituras realizadas e dos trabalhos desenvolvidos, a partir

**Endereço:** Av. Marechal Rondon, s/n, Jardim Rosa Elze

**Bairro:** Jardim Rosa Elze

**CEP:** 49.100-000

**UF:** SE

**Município:** SAO CRISTOVAO

**Telefone:** (79)3194-7057

**E-mail:** cepchs@academico.ufs.br

CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS APLICADAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SERGIPE -  
UFS/HUMANIDADES



Continuação do Parecer: 7.936.684

delas, serão necessárias algumas palavras-chave que nortearão a referida entrevista:

- 1) Concepção de ambiente sertanejo
- 2) Entendimento do sertão/ sertanejo.
- 3) Relação com o sertão.
- 4) Condições de vida dos sertanejos.
- 5) Como o sertanejo é visto na mídia.
- 6) Modos de vida do sertanejo.
- 7) Personagens e linguagens.
- 8) Aspectos socioculturais e socioeconômicos no sertão.
- 9) Valores da cultura sertaneja.
- 10) Identidade regional/ preconceito
- 11) Condições de existência.
- 12) Sentimento de pertença.

Pensar um trabalho pedagógico direcionado a práticas de leituras, contribui para que o corpo discente tenha acesso a uma educação centrada no conhecimento pertinente, Morin (2003), exige do professor uma reflexão acerca do olhar crítico voltado para realidade que cerca o corpo discente em todas as suas tessituras existenciais e como essa dinâmica pode potencializar seu sentimento de pertença e de valorização de sua cultura e de suas raízes.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A pesquisadora apresenta todos os termos obrigatórios não sendo observados óbices éticos.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não foram observados óbices éticos no referido protocolo de pesquisa.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Projeto Detalhado	Projeto_Brouchura.doc	29/07/2025	MARIA ISABEL	Aceito

**Endereço:** Av. Marechal Rondon, s/n, Jardim Rosa Elze

**Bairro:** Jardim Rosa Elze

**CEP:** 49.100-000

**UF:** SE

**Município:** SAO CRISTOVAO

**Telefone:** (79)3194-7057

**E-mail:** cepchs@academico.ufs.br

CIÊNCIAS HUMANAS E  
SOCIAIS APLICADAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SERGIPE -  
UFS/HUMANIDADES



Continuação do Parecer: 7.936.684

/ Brochura Investigador	Projeto_Brouchura.doc	12:11:14	ANDRADE DE ALMEIDA SANTOS	Aceito
Outros	TERMO_DE_AUTORIZA_O_PARA_USO_DE_IMAGEM_E_DEPOIMENTO.docx	23/04/2025 20:30:45	MARIA ISABEL ANDRADE DE ALMEIDA SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	modelo_TCLE_UFS.doc	23/04/2025 20:25:13	MARIA ISABEL ANDRADE DE ALMEIDA SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_De_Rosto.pdf	23/04/2025 20:11:49	MARIA ISABEL ANDRADE DE ALMEIDA SANTOS	Aceito
Outros	Termo_TCUD_.pdf	23/04/2025 20:02:59	MARIA ISABEL ANDRADE DE ALMEIDA SANTOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_de_confidencialidade_assinado.pdf	23/04/2025 20:01:31	MARIA ISABEL ANDRADE DE ALMEIDA SANTOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_Infraestrutura.pdf	23/04/2025 20:00:36	MARIA ISABEL ANDRADE DE ALMEIDA SANTOS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO CRISTOVAO, 30 de Outubro de 2025

---

**Assinado por:**  
**ELAINE MARIA SANTOS**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Marechal Rondon, s/n, Jardim Rosa Elze

**Bairro:** Jardim Rosa Elze

**CEP:** 49.100-000

**UF:** SE

**Município:** SAO CRISTOVAO

**Telefone:** (79)3194-7057

**E-mail:** cepchs@academico.ufs.br